

O Clã das Freiras Assassinas LIVRO I

PERDÃO O MORTAL

A história de Ismae

ROBIN LAFEVERS



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

O Clã das Freiras Assassinas LIVRO I

PERDÃO MORTAL

A história de Ismae

ROBIN LAFEVERS



Sumário

Capa
Rosto
Dramatis Personae
Capítulo Um
Capítulo Dois
Capítulo Três
Capítulo Quatro
Capítulo Cinco
Capítulo Seis
Capítulo Sete
Capítulo Oito
Capítulo Nove
Capítulo Dez
Capítulo Onze
Capítulo Doze
Capítulo Treze
Capítulo Catorze
Capítulo Quinze
Capítulo Dezesseis
Capítulo Dezesete
Capítulo Dezoito
Capítulo Dezenove
Capítulo Vinte
Capítulo Vinte e Um
Capítulo Vinte e Dois
Capítulo Vinte e Três
Capítulo Vinte e Quatro
Capítulo Vinte e Cinco
Capítulo Vinte e Seis
Capítulo Vinte e Sete
Capítulo Vinte e Oito
Capítulo Vinte e Nove
Capítulo Trinta
Capítulo Trinta e Um

Capítulo Trinta e Dois
Capítulo Trinta e Três
Capítulo Trinta e Quatro
Capítulo Trinta e Cinco
Capítulo Trinta e Seis
Capítulo Trinta e Sete
Capítulo Trinta e Oito
Capítulo Trinta e Nove
Capítulo Quarenta
Capítulo Quarenta e Um
Capítulo Quarenta e Dois
Capítulo Quarenta e Três
Capítulo Quarenta e Quatro
Capítulo Quarenta e Cinco
Capítulo Quarenta e Seis
Capítulo Quarenta e Sete
Capítulo Quarenta e Oito
Capítulo Quarenta e Nove
Capítulo Cinquenta
Capítulo Cinquenta e Um
Capítulo Cinquenta e Dois
Capítulo Cinquenta e Três
Capítulo Cinquenta e Quatro
Não perca! Em breve o segundo livro da série
Créditos



PERDÃO MORTAL

ROBIN LA FEVERS

TRADUÇÃO EDMUNDO BARREIROS





EDIÇÃO: Flavia Lago

EDITORA-ASSISTENTE: Raquel Nakasone

PREPARAÇÃO: Isadora Prospero

REVISÃO: Leonardo Ortiz e Luciane Helena Gomide

CAPA: © 2012 Richard Jenkins

DIAGRAMAÇÃO: Ana Solt

TÍTULO ORIGINAL: *Grave Mercy*

© 2012 by Robin LaFevers. Publicado com a autorização
da Rights People, Londres.

© 2014 Vergara & Riba Editoras S/A
vreditoras.com.br

Todos os direitos reservados. Proibidos, dentro dos limites estabelecidos pela lei,
a reprodução total ou parcial desta obra, o armazenamento ou a transmissão
por meios eletrônicos ou mecânicos, fotocópias ou qualquer outra forma
de cessão da mesma, sem prévia autorização escrita das editoras.

Rua Cel. Lisboa, 989 | Vila Mariana

CEP 04020-041 | São Paulo | SP

Tel. | Fax: (+55 11) 4612-2866

editoras@vreditoras.com.br

1ª edição, 2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

LaFevers, Robin

Perdão mortal [livro eletrônico] / Robin LaFevers ; tradução Edmundo Barreiros. -- São Paulo : Vergara &
Riba Editoras 2015. -- (O clã das freiras assassinas)

1,5 Mb ; ePUB

Título original: *Grave mercy*.

ISBN 978-85-7683-914-9

1. Ficção juvenil I. Título. II. Série.

15-06206

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Para Mark,
o primeiro a me mostrar
como é o verdadeiro amor



DRAMATIS PERSONAE

Ismae Rienne
O pai de Ismae
Guillo, o criador de porcos
A curandeira

No convento

Etienne de Froissard, a abadessa
Irmã Thomine, instrutora de artes marciais
Annith, uma noviça
Irmã Serafina, mestra dos venenos e curandeira do convento
Sybella, uma noviça
Irmã Widona, mestra dos estúbulos
Irmã Beatriz, instrutora em artes femininas
Irmã Eonette, historiadora e arquivista do convento
Irmã Arnette, mestra das armas
Irmã Claude, irmã encarregada do aviário
Irmã Vereda, a anciã vidente
Jean Runnion, traidor da Bretanha e primeira morte de Ismae
Martel, espião francês e segunda morte de Ismae

O conselho privado

Visconde Maurice Crunard, chanceler da Bretanha
Madame Françoise Dinan, governanta da duquesa
Marechal Jean Rieux, marechal da Bretanha e tutor da duquesa
Capitão Dunois, capitão do exército bretão

A corte e a nobreza bretãs

Anne, duquesa da Bretanha, condessa de Nantes, Monfort e Richmond
Isabeau, irmã mais nova de Anne
Duque Francisco ii (falecido)
Barão Lombart, um nobre bretão
Gavriel Duval, um nobre bretão
Benebic de Waroch, Fera de Waroch e cavaleiro do reino
Raoul de Lornay, um cavaleiro do reino
Barão Geffoy, um nobre bretão
Lady Katherine Geffoy, sua esposa
Madame Antoinette Hivern, amante do falecido duque Francisco ii
François Avaugour, um cavaleiro do reino
Alain d'Albret, um nobre bretão com grandes domínios na França e um dos pretendentes de Anne, duquesa da Bretanha
Charles viii, rei da França
Anne de Beaujeu, regente da França

Norbert Gisors, embaixador da regente francesa

Fedric, duque de Nemours, um dos pretendentes de Anne, duquesa da Bretanha

Maximiliano da Áustria, o Sacro Imperador Romano, um dos pretendentes de Anne

Capítulo Um

Bretanha, 1485

Eu tinha uma grande mancha vermelha que ia do ombro esquerdo até o quadril direito, uma trilha deixada pelo veneno que minha mãe usou para tentar me expelir de seu útero. Segundo a curandeira, não foi milagre eu ter sobrevivido, mas um sinal de que tinha sido gerada pelo próprio Deus da Morte.

Disseram-me que meu pai teve um acesso de fúria e chegou a agredir minha mãe enquanto ela ainda estava fraca e sangrando no leito em que nasci. Até que a curandeira disse que, se minha mãe tivesse se deitado com o Deus da Morte, com certeza Ele não ficaria parado sem fazer nada enquanto meu pai batia nela.

Arrisquei olhar para meu futuro marido, Guillo, e me perguntei se meu pai tinha lhe contado sobre minha linhagem. Imaginei que não, pois quem pagaria três moedas de prata pelo que eu era? Além disso, Guillo parecia plácido demais para conhecer minha natureza verdadeira. Se meu pai o enganou, isso não era um bom augúrio para nossa união. O fato de nos casarmos na cabana de Guillo e não em uma igreja me deixava ainda mais desconfortável.

Senti sobre mim o peso do olhar de meu pai e virei-me para ele. O triunfo em seus olhos me assustou, pois, se ele havia triunfado, então eu sem dúvida tinha perdido, de algum modo que ainda não entendia. Mesmo assim, sorri, tentando convencê-lo de que estava feliz, pois nada o aborrecia tanto quanto minha felicidade.

Mas se eu conseguia mentir para meu pai com facilidade, era mais difícil mentir para mim mesma. Tinha medo, muito medo daquele homem a quem passaria a pertencer. Olhei para suas mãos grandes e largas. Assim como meu pai, ele tinha terra seca sob as unhas e sujeira nas dobras da pele. Será que as semelhanças terminavam ali? Ou ele também usaria aquelas mãos como porrete?

É um novo começo, lembrei a mim mesma, e, apesar de todos os meus medos, não consegui apagar uma pequena centelha de esperança. Guillo me desejava o suficiente para pagar três moedas de prata. Eu acreditava que, onde havia desejo, devia haver espaço para bondade. Talvez. Era a única coisa que impedia meus joelhos de

baterem e minhas mãos de tremerem. Isso e o padre que foi realizar a cerimônia, pois, apesar de não passar de um padre itinerante, o olhar furtivo que me lançou por cima de seu livro de orações me fez acreditar que sabia o que e quem eu era.

Ele murmurou as palavras finais da cerimônia. Olhei fixamente para o rosário de cânhamo com nove contas de couro que demonstravam que ele era um seguidor dos modos antigos. Mesmo enquanto envolvia o rosário em torno de nossas mãos e dava as bênçãos de Deus e dos nove santos antigos sobre nossa união, eu mantive os olhos baixos, com medo de ver a presunção no olhar de meu pai ou o que o rosto de meu marido pudesse revelar.

Quando terminou, o padre foi embora, seus pés sujos em sandálias de couro cru batendo ruidosamente contra o chão. Ele não ficou nem tempo suficiente para beber uma caneca à nossa união. Nem meu pai. E, antes que a poeira levantada pela partida de sua carroça tivesse assentado, meu novo marido me deu um tapa no traseiro e grunhiu na direção do quarto no andar de cima.

Apertei os punhos para ocultar um tremor e me dirigi à escada, que não aparentava firmeza. Enquanto Guillo se fortificava com uma última caneca de cerveja, subi para o quarto e para a cama que agora dividiria com ele. Sentia muita falta de minha mãe. Apesar de ter medo de mim, ela sem dúvida teria me dado um conselho de mulher em minha noite de núpcias. Mas tanto ela como minha irmã tinham fugido há muito tempo, uma caindo de volta nos braços da morte, a outra caindo nos braços de um ferreiro ambulante.

Eu sabia, é claro, o que acontecia entre um homem e uma mulher. Nossa cabana era pequena, e meu pai, barulhento. Houve muitas noites em que movimentos urgentes acompanhados de gemidos encheram nossa tenda escura. No dia seguinte, meu pai sempre parecia menos mal-humorado, e minha mãe, mais ainda. Tentei me convencer de que, por mais desagradável que fosse o leito nupcial, com certeza não podia ser pior que o temperamento cruel e os punhos fortes de meu pai.

O quarto era um lugar fechado e embolorado, que cheirava como se os postigos grosseiros na parede dos fundos nunca tivessem sido abertos. Havia um colchão de palha sobre uma cama de madeira e corda. Fora isso, apenas alguns ganchos para pendurar roupas e um baú simples ao pé da cama.

Sentei na beira do baú e esperei. Não demorou muito. Um rangido pesado da escada me avisou que Guillo estava a caminho. Minha boca secou e meu estômago azedou. Fiquei de pé para não lhe dar a vantagem da altura.

Quando ele chegou ao quarto, finalmente me obriguei a olhar para seu rosto. Seus olhos suínos se estreitaram enquanto examinavam meu

corpo, indo do topo da minha cabeça a meus tornozelos, depois de volta até meus seios. A insistência de meu pai em apertar bem os laços do vestido funcionou, pois Guillo quase não conseguia olhar para mais nada. Ele gesticulou com a caneca na direção do meu corpete, espirrando cerveja para os lados, derramando-a no chão.

– Tire. – O desejo deixava sua voz rouca.

Olhei fixamente para a parede atrás dele. Meus dedos tremiam quando os levei até os laços. Mas não rápido o suficiente. Nunca rápido o suficiente. Ele deu três passos gigantes em minha direção e me bateu forte no rosto.

– Agora! – gritou, enquanto minha cabeça era jogada para trás.

Senti bile em minha garganta e tive medo de passar mal. Então seria daquele jeito entre nós. Por isso ele tinha se disposto a pagar três moedas.

Finalmente desamarrei o vestido, tirei o corpete e fiquei parada na frente dele só de saia e combinação. O ar rançoso, que momentos antes era quente, agora parecia gelado contra minha pele.

– A saia – ele latiu, arfando.

Abri os laços e saí de dentro da saia. Quando virei para botá-la sobre o baú, Guillo me agarrou. Ele era surpreendentemente rápido para alguém tão grande e estúpido, mas fui mais rápida, pois tinha anos de prática em fugir dos acessos de cólera de meu pai.

Desviei e escapei de suas mãos, deixando-o furioso. Na verdade, não pensei para onde poderia fugir, desejava apenas adiar um pouco mais o inevitável.

A caneca meio vazia acertou a parede atrás de mim com um estrondo e fez chover cerveja dentro do quarto. Ele gritou e se lançou em minha direção, mas algo dentro de mim não ia – não *podia* – facilitar aquilo para ele. Saltei e saí de seu alcance.

Mas não era longe o bastante. Senti um puxão, depois ouvi o som de tecido rasgando quando ele dilacerou minha *chemise* fina e puída.

O silêncio encheu o quarto, um silêncio de surpresa tão denso que até a respiração arfante dele parou. Senti seus olhos esquadriharem minhas costas, absorverem as cicatrizes e marcas vermelhas deixadas pelo veneno. Olhei para trás e vi que seu rosto ficou branco como queijo fresco. Os olhos estavam arregalados. Quando nossos olhares se cruzaram, ele soube – *soube* – que tinha sido enganado. Ele gritou, uma nota longa e profunda de ira que continha partes iguais de fúria e medo.

Então sua mão bruta acertou meu crânio e me fez cair de joelhos. A dor da esperança perdida era pior que seus punhos e botas.

Quando a raiva de Guillo passou, ele se abaixou e me agarrou pelo cabelo.

– Vou achar um padre de verdade desta vez. Ele vai queimar ou

afogar você. Talvez os dois. – Ele me arrastou escada abaixo. Meus joelhos doeram ao bater em cada degrau. Ele continuou a me arrastar pela cozinha, depois me enfiou em uma pequena despensa subterrânea e a trancou.

Ferida e possivelmente quebrada, deitei no chão com o rosto machucado encostado contra a terra fria. Foi impossível conter um sorriso.

Consegui evitar o destino que meu pai planejava para mim. Sem dúvida era eu quem tinha vencido, não ele.



O som da tranca se abrindo me despertou. Sentei rapidamente e puxei sobre mim os restos rasgados de minha combinação. Quando a porta abriu, me surpreendi ao ver o padre itinerante, o mesmo homem inexpressivo que abençoara nosso casamento havia apenas algumas horas. Guillo não estava com ele, e qualquer momento que não contivesse meu pai nem Guillo era um momento feliz.

O padre olhou para trás, depois gesticulou para que eu o seguisse.

Fiquei de pé e a despensa girou. Eu me apoiei na parede e esperei que a sensação passasse. O padre gesticulou outra vez, com mais urgência.

– Não temos muito tempo antes que ele volte.

Suas palavras acalmaram minha mente como nada mais conseguiria. Se ele estava agindo sem o conhecimento de Guillo, então com toda a certeza estava me ajudando.

– Estou indo. – Eu me afastei da parede, passei cuidadosamente por cima de uma saca de cebolas e segui o padre pela cozinha. Estava escuro. A única luz vinha das brasas acumuladas na lareira. Eu devia ter me perguntado como o padre tinha me achado, por que ele estava me ajudando, mas não me importei. Só conseguia pensar que ele não era Guillo nem meu pai. O resto não interessava.

Ele me conduziu até a porta dos fundos e, em um dia cheio de surpresas, tive outra ao reconhecer a velha curandeira de nosso vilarejo parada ali perto. Se não precisasse me concentrar tanto em botar um pé na frente do outro, teria perguntado a ela o que estava fazendo ali, mas tudo o que consegui foi me manter ereta e evitar cair de cara na terra.

Quando saí para a noite, soltei um suspiro de alívio. Estava bem escuro, e a escuridão sempre foi minha amiga. Uma carroça aguardava nas proximidades. Tocando-me o mínimo possível, o padre itinerante me ajudou a subir na traseira antes de dar a volta até o assento do cocheiro e se acomodar. Ele virou-se para trás e olhou para mim, depois desviou o rosto, como se tivesse sido queimado.

– Tem um cobertor aí atrás – ele murmurou enquanto conduzia o

pangaré na direção da rua calçada com pedras. – Cubra-se.

A madeira sólida da carroça fazia uma pressão dolorosa contra meus ossos machucados, e o cobertor fino coçava e fedia a asno. Mesmo assim, desejei que eles tivessem outro para que pudesse deitar em cima.

– Aonde estão me levando?

– Para o barco.

Um barco significava água, e atravessar águas significava estar longe do alcance de meu pai, de Guillo e da Igreja.

– Aonde esse barco vai me levar? – perguntei, mas o padre não disse nada. Fui tomada pela exaustão. Não tinha forças para arrancar respostas dele, como se fossem raras bagas silvestres de um arbusto espinhento. Deitei na carroça e me entreguei ao ritmo sacolejante do cavalo.



Assim começou minha viagem através da Bretanha. Fui contrabandeada como carga proibida, escondida em meio a nabos e feno na traseira de carroças, despertada por vozes furtivas e mãos desajeitadas enquanto era passada de padre itinerante para curandeira, em uma corrente oculta de pessoas que viviam de acordo com os santos antigos e estavam determinadas a me manter longe da Igreja. Os padres itinerantes, com seus movimentos estranhos e túnicas emboloradas e rançosas, eram bem simpáticos, mas seus dedos não eram treinados em delicadezas nem em compaixão. Eu gostava mais das curandeiras. Suas mãos ásperas e rachadas eram tão gentis quanto lâ de cordeiro, e o cheiro pungente de centenas de ervas diferentes se agarrava a elas como uma sombra perfumada. De vez em quando, elas me davam uma tintura de papoula para meus ferimentos, enquanto os padres me davam simplesmente sua simpatia, alguns até de má vontade.

Quando acordei na que calculava ser a quinta noite de minha jornada, senti o cheiro salgado do mar e me lembrei da promessa do barco. Sentei-me com dificuldade, satisfeita ao ver que meus ferimentos doíam menos e minhas costelas não queimavam. Estávamos passando por uma pequena aldeia de pescadores. Apertei o cobertor ao meu redor para me proteger do frio e me perguntei o que aconteceria em seguida.

No limite do vilarejo havia uma igreja de pedra. O padre itinerante conduziu a carroça em sua direção, e fiquei aliviada ao ver na porta a âncora sagrada de Saint Mer, uma das santas antigas. O padre puxou as rédeas, e o cavalo parou.

– Saia.

Não soube se era cansaço ou desprezo o que ouvi em sua voz, mas,

de qualquer modo, minha jornada estava quase no fim, por isso o ignorei e saí da carroça, sem esquecer o cobertor, agarrado firme ao meu redor, para não ofender seu recato.

Depois de prender o cavalo, ele me conduziu na direção da praia, onde um barco solitário aguardava. O vasto oceano negro como tinta se estendia tão distante quanto podiam ver meus olhos, fazendo o barco parecer muito pequeno.

Havia um velho marinheiro sentado na proa com as costas curvadas. De seu pescoço pendia uma concha esbranquiçada como osso, identificando-o como um fiel de Saint Mer. Eu me perguntei o que ele achava de ser despertado no meio da noite para levar dois estranhos para o meio do mar escuro.

Os olhos azul-claros do marinheiro me examinaram. Ele balançou a cabeça.

– Subam. Não temos a noite inteira. – Ele me estendeu um remo, que agarrei para me equilibrar quando entrei no barco.

O barquinho embicou e balançou por um instante, e fiquei com medo de que fosse me jogar na água gelada. Já aprumado, o padre embarcou, fazendo o casco afundar ainda mais.

O velho marinheiro soltou um resmungo, depois encaixou o remo em sua posição e começou a remar.

Chegamos à pequena ilha quando o amanhecer começava a tingir de rosa o horizonte, a leste. Ela parecia estéril sob aquelas primeiras luzes mortíferas. Ao nos aproximarmos, vi um menir erguido ao lado de uma igreja, e percebi que tínhamos chegado a um antigo lugar de culto.

O cascalho fez barulho sob o barco quando o velho marinheiro o imbicou na praia. Ele apontou com a cabeça a fortaleza de pedra.

– Saíam. A abadessa de Saint Mortain está esperando vocês.

Saint Mortain? O santo padroeiro da morte. Fui tomada por um tremor de desconforto. Olhei para o padre, que desviou o rosto, como se olhar para mim fosse uma tentação mortal grande demais.

Agarrada ao cobertor, saí desajeitadamente do barco e pisei nas águas rasas. Dividida entre gratidão e desconfiança, fiz uma leve reverência, com cuidado para deixar o cobertor deslizar do ombro por um breve segundo.

Foi o suficiente. Satisfeita com a expressão de susto do padre e com o estalar de língua do velho marinheiro, virei-me e chapinhei pela água fria na direção da praia. Na verdade, nunca tinha mostrado sequer um tornozelo antes, mas estava irritada por ser tratada como uma sedutora quando só me sentia ferida e alquebrada.

Quando cheguei à faixa de grama que crescia entre as rochas, olhei para trás na direção do barco, mas ele já estava no mar. Virei e tomei o caminho do convento, ansiosa para ver o que aqueles que

veneravam a Morte queriam de mim.

Capítulo Dois

Dois antigos menires marcavam a entrada do convento. As galinhas no pátio estavam começando a se agitar, e naquele instante ciscavam a terra em busca de seu café da manhã. À minha aproximação, cacarejaram e bateram as asas para longe.

Parei na porta. Queria encontrar um canto e dormir até clarear a cabeça, mas o marinho disse que a abadessa estava me esperando e, apesar de não saber muito sobre abadessas, desconfiei que elas não gostavam de esperar.

Meu coração acelerou enlouquecido quando ergui a mão e bati. A porta pesada se abriu imediatamente e revelou uma mulher baixa e inexpressiva coberta de negro dos pés à cabeça. Sem uma dizer uma palavra, ela gesticulou para que eu entrasse.

Eu a segui através de um salão com poucos móveis, depois por um corredor igualmente austero que levava ao coração do convento. Minha guia bateu uma vez em uma porta fechada.

– Entre – ordenou uma voz.

Minha guia abriu a porta e me conduziu para dentro. A mobília era simples, mas sólida, e as primeiras luzes da manhã entravam pela janela que dava para o leste. Meus olhos foram imediatamente atraídos para a mulher sentada à mesa grande no centro do aposento. Ela usava um hábito e uma touca pretos, e seu rosto pálido era de uma beleza impressionante.

Sem levantar os olhos, ela me apontou uma das cadeiras. Meus passos ecoaram suavemente em todo aquele espaço quando me aproximei de sua mesa. Apertei o cobertor ao meu redor, depois sentei.

A abadessa ergueu a cabeça do trabalho, e me vi encarando um par de olhos tão frios e azuis quanto o mar.

– Ismae Rienne.

Levei um susto, surpresa por ela saber meu nome.

– Sabe por que está aqui, filha?

Não sabia que resposta ela procurava, mas fui tomada por um desejo súbito de obter sua aprovação.

– Porque desagradei meu novo marido?

– Desagradou? – A abadessa deu um leve riso de escárnio, o que me fez gostar ainda mais dela. – Pelo que eu soube, ele praticamente molhou as ceroulas de medo de você.

Senti uma vergonha familiar subir pelo rosto e baixei os olhos para o colo.

– A culpa não está em você, filha. – Ela disse isso com tamanha gentileza que tive vontade de chorar. Jamais derramara uma lágrima, nem durante todas as surras de meu pai nem com a brutalidade de Guillo, mas algumas palavras daquela mulher quase me fizeram chorar como um bebê.

– Então, conte-me – disse ela, puxando para perto pena e tinteiro. – Você conhece as circunstâncias de seu nascimento?

Arrisquei olhar para seu rosto, mas ela estava concentrada no que escrevia em um pergaminho.

– Só sei que minha mãe não queria minha gravidez. Ela foi a uma curandeira em busca de veneno, na esperança de me expulsar do seu útero.

– E, mesmo assim, você sobreviveu. – Ela ergueu os olhos. As palavras foram ditas em voz baixa, mas tiveram o poder de um grito na imobilidade do aposento.

Encontrei o olhar firme da abadessa.

– E, mesmo assim, eu sobrevivi.

– Você tem alguma ideia do que isso significa?

– Quer dizer, além de ter que passar a vida nas sombras, me esquivando de pancadas e me mantendo fora de vista para não provocar um medo exagerado nos outros?

– Sim, além disso. – A voz dela era seca como osso. Ela se debruçou, os olhos iluminados com algum propósito. – Eles não afirmaram, Ismae, que você foi concebida pela própria Morte?

Fiz que sim, desconfiada.

– Muito bem, então. Depois de muitas provações, agora você está aqui.

– Provações? – perguntei. – É isso que foi minha vida? Uma série de provações pelas quais eu tinha de passar?

– Você vem até nós bem temperada, minha filha, e não é de minha natureza sentir piedade por isso. A lâmina bem temperada é a mais forte.

– E quem exatamente somos *nós*? – Meu corpo inteiro ficou imóvel, à espera de sua resposta.

– Você encontrou refúgio no convento de St. Mortain. Mortain, na verdade, é mais velho que qualquer santo, mais velho até que Cristo.

– Um dos deuses antigos que hoje chamamos de santos – murmurei.

– Isso, um dos deuses antigos. Um do qual a Igreja não conseguiu se livrar. Por isso, nós O chamamos de santo. Mas, se estivermos a Seu

serviço, Ele não se importa com qual nome Lhe damos.

– Como se serve à Morte? Devo passar a vida recolhendo corpos numa carroça de cadáveres?

A madre superiora não piscou.

– Nós realizamos o desejo de Mortain quando Ele quer alterar a trama do tecido da vida por algum propósito.

Olhei para ela confusa, sem entender o que tecelagem tinha a ver com Mortain. Ela deu um suspiro e se afastou da mesa.

– Talvez seja hora de um refresco.

Quis implorar a ela que me contasse mais sobre o que significava ser filha da Morte, mas desconfiei de que aquela mulher não tinha muita paciência com gente ignorante, por isso segurei a língua.

Ela pegou uma jarra de vinho e duas taças de cristal de um armário atrás da mesa. Serviu o vinho nas taças e me entregou uma. O cristal lapidado era mais delicado que qualquer coisa que eu já vira antes, e o segurei com cuidado, temendo que se estilhaçasse em minhas mãos.

– Aqui no convento, é nosso trabalho treinar aquelas geradas pelo Deus da Morte. Nós as ensinamos a desempenhar seus deveres com rapidez e eficiência. Normalmente, vemos que Ele deu a Suas filhas alguma habilidade ou arte especial. Habilidades que vão ajudar vocês a realizar Sua obra.

Sua obra. As palavras estavam cheias de possibilidades. Tomei um gole de vinho para me recompor. Era doce e fresco em minha língua.

– Posso adivinhar algumas coisas sobre você? – perguntou a madre superiora. Assenti, e ela prosseguiu. – Você nunca sofre de malária, nem de resfriados, nem do fluxo. Toda praga a deixa intocada, não é verdade?

Senti meus olhos se arregalarem com seu conhecimento preciso.

– Como a senhora sabe disso?

Ela sorriu.

– E sei que você pode sobreviver a surras violentas e se curar em dias. Você também tem sonhos prevendo a morte?

– Não. – Sacudi a cabeça, lamentando decepcioná-la. – Mas às vezes posso dizer quando as pessoas vão morrer.

Ela inclinou a cabeça para o lado.

– Continue.

Olhei para baixo e examinei o vinho na taça.

– Às vezes posso vê-las desaparecendo. Como uma chama se apagando. E, certa vez, vi uma marca. No ferreiro. Ele tinha uma leve mancha negra na testa, em forma de ferradura. Três dias depois, ele morreu.

Ela se debruçou em sua cadeira, agora interessada.

– Como ele morreu?

– Levou um coice de um cavalo, na cabeça, enquanto trabalhava.

– Ah. – Um sorriso satisfeito surgiu nos cantos de sua boca. – Mortain lhe deu dons poderosos. – Ela apanhou a pena e fez uma anotação no pergaminho à sua frente. Gotículas de transpiração começaram a surgir em minha testa, e tomei outro gole de vinho para me recompor. Era difícil revelar segredos antigos.

– Então – disse ela, tornando a olhar para mim. – Você está bem equipada para nosso serviço.

– Que é?

– Nós matamos pessoas. – As palavras da madre superiora caíram como rochas no silêncio do aposento, tão chocantes que meu corpo ficou dormente. Ouvi o estilhaçar do cristal quando minha taça atingiu o chão.

A abadessa ignorou o cristal.

– Claro, muitos morrem sem nossa ajuda. Entretanto, há aqueles que merecem morrer, mas ainda não encontraram os meios de fazê-lo. Por ordens de Mortain, nós os ajudamos em sua jornada.

– Eles precisam mesmo de nossa ajuda?

Uma expressão de raiva surgiu no rosto da abadessa pela primeira vez. Reconheci a vontade de ferro que antes havia sentido apenas vagamente.

– Quem é você para dizer do que o Deus da Morte precisa ou não precisa? Mortain é um deus antigo e não tem nenhum desejo de ser esquecido e desaparecer deste mundo. Por esse motivo Ele interfere nos assuntos dos homens. – Ela me encarou por mais um segundo, então a tensão a deixou, como uma onda voltando para o mar. – O que você sabe sobre os deuses antigos? – perguntou.

– Só que eles eram os nove deuses da Bretanha, mas agora os chamamos de santos. E que devemos fazer uma oferenda ou oração para eles de vez em quando se não quisermos ofendê-los ou ser vítimas de sua ira.

– Você está perto – disse a abadessa, recostando-se na cadeira. – Mas isso não é tudo. Os deuses antigos não são homens nem deuses, mas algo no meio. Eles eram os primeiros habitantes de nossa terra, enviados para fazer a vontade de Deus neste mundo novo que Ele havia criado...

“No início, a relação entre os deuses e os homens era diferente. Os deuses nos tratavam de forma parecida com a que tratamos o gado ou carneiros. Mas logo aprendemos a honrá-los com orações e oferendas, que nos levou à harmonia. Até a Igreja, em seus primórdios, não se opunha a que honrássemos os deuses antigos, apesar de termos aprendido, então, a chamá-los de santos. Mas ultimamente isso tem mudado. Assim como a França engoliu a maioria dos reinos e ducados menores para obter para si todo o poder deles, este último papa deseja extinguir qualquer resquício das tradições antigas, querendo todas as

orações e oferendas para sua própria Igreja.

“Por isso, cada vez mais pessoas estão abandonando as práticas e tradições antigas em honra aos deuses da Bretanha. Mas nem todas. Algumas ainda levantam a voz em oração e fazem suas oferendas. Não fossem a devoção e as súplicas, os deuses antigos desapareceriam deste mundo. Sem dúvida você entende por que Mortain não gostaria disso. Ele se alimenta de nossa crença e devoção, assim como nós nos alimentamos de pão e carne e passaríamos fome sem eles.

“Por isso, é nosso trabalho acreditar e servir. Se decidir ficar aqui e fazer os votos, você vai jurar servir a Mortain de qualquer maneira que Ele pedir. Em todas as coisas. De todos os modos. Nós realizamos o Seu desejo. Você entende?”

– Isso não é assassinato?

– Não. Você não pode esperar que uma rainha lave as próprias roupas ou amarre o próprio vestido. Ela tem suas damas de companhia para isso. E é a mesma coisa conosco: nós servimos como damas de companhia de Mortain. Quando guiadas por Sua vontade, matar é um sacramento.

Então ela se debruçou, como se estivesse ansiosa para me tentar com o que Mortain oferecia.

– Se decidir ficar, você será treinada em Suas artes. Vai aprender mais maneiras de matar um homem do que imaginou ser possível. Vamos treiná-la a ser furtiva e astuta e desenvolver todo tipo de habilidade que assegure que nenhum homem jamais volte a ser uma ameaça para você.

Pensei em meu pai e em Guillo. Pensei em todos na aldeia que se esforçavam tanto para tornar minha vida infeliz. Os meninos que me atiravam pedras. Os velhos que cuspiam e me encaravam com terror nos olhos, como se esperassem que eu roubasse a alma de seus corpos velhos e enrugados. Os homens mais novos que apalpavam minhas saias em cantos escuros, supondo corretamente que meu pai não se importava com minha segurança ou reputação. Não seria nenhum sofrimento matar pessoas como eles. Senti-me como um gato que tinha sido jogado de uma grande altura só para cair de pé.

Como se captasse meus pensamentos, a abadessa tornou a falar:

– Sabe, não serão todos como eles.

Ergui os olhos, surpresa, e ela continuou:

– Os que Mortain vai lhe mandar matar. Eles não serão todos como o criador de porcos.

Meus ouvidos estavam surdos a seus alertas. Tinha certeza de que todos os homens eram assim, e eu mataria todos, satisfeita.

Mas ela insistiu, para se assegurar de que eu tinha entendido totalmente:

– Ele vai exigir sacrifícios, mas não é seu papel questionar. Apenas

servir com amor e obediência. – Uma leve emoção passou rapidamente por seu rosto, a lembrança de alguma dor sobre a qual eu podia apenas especular. – Essa é a natureza de nosso serviço – disse ela. – Fé inquestionável. Você é capaz disso?

– E se eu disser que não?

– Aí você será levada para longe daqui e será entregue a um homem bom e gentil que precise de uma esposa.

Avaliei a opção, que não era nenhuma opção. Ser removida do mundo dos homens e treinada para matá-los, ou ser entregue a um deles como uma ovelha.

– Se a senhora acha que estou apta a servir, madre superiora, farei isso de boa vontade.

Ela sorriu e se recostou em sua cadeira.

– Ah, você está apta a servir. Já passou pelo primeiro teste.

Alguma coisa em seu sorriso fez que eu me sentisse desconfortável.

– Passei?

A abadessa inclinou a cabeça na direção da taça estilhaçada no chão.

– Seu vinho continha veneno. Um gole teria matado um homem duas vezes maior que você. Você experimentou um leve desconforto, mais nada.

Fiquei em silêncio, chocada com a facilidade com que ela confessou ter me envenenado, e me lembrei da sensação quente e atordoante que sentira antes.

– Agora, venha. – A abadessa levantou, foi até a porta e a abriu. – Annith vai prepará-la. Bem-vinda ao convento.

Capítulo Três

Quando saí da sala da madre superiora, havia uma garota um pouco mais nova que eu à espera. Assim como a abadessa, ela era extremamente bonita, com olhos da cor do mar revolto e mechas de cabelo claro escapando da touca. Senti-me desmazelada e esfarrapada, como se minha presença fosse um sacrilégio em um convento cheio de beleza. Mas a garota sorriu para mim e entrelaçou meu braço no dela, como se fôssemos amigas desde o berço.

– Sou Annith – disse ela. – Vou levar você até a enfermaria.

Por mais que quisesse ir com ela, por mais que quisesse abraçar aquela vida disposta à minha frente, hesitei. Havia algo que precisava entender primeiro.

– Espere.

Annith inclinou a cabeça para o lado.

– O que foi?

– Se eu não tivesse passado no teste, ela teria me deixado morrer envenenada? – Um tremor atravessou meus ombros quando percebi como estive perto de encontrar a Morte, cara a cara.

O rosto de Annith relaxou ao compreender.

– Claro que não! A abadessa teria pegado uma pedra de bezoar para neutralizar o veneno ou pedido uma tintura de amaranto para revivê-la. Agora venha. – Ela puxou meu braço com delicadeza, e parecia tão confiante e calma que afastou o que me restava de dúvida.

Nossos passos ecoavam suavemente nas paredes de pedra enquanto Annith me conduzia por um corredor. Portas se enfileiravam dos dois lados, e me perguntei que segredos aqueles aposentos guardavam, e quando eu teria permissão de descobri-los.

Annith parou quando chegamos a um cômodo comprido com paredes brancas e limpas e uma fileira de camas. Ar fresco entrava pela janela, e ouvi o barulho de ondas quebrando sobre a orla rochosa abaixo. Uma freira com hábito azul muito escuro trabalhava em uma mesa com almofariz. Quando chegamos, ela interrompeu cuidadosamente o que estava fazendo e se virou para nos cumprimentar.

Ela era de meia-idade, e sua touca negra não valorizava sua pele

azeitonada. Combinava, entretanto, com o leve buço sobre o lábio superior. Fiquei aliviada por ela não ser bonita como as outras. Pelo menos, eu não seria a mais feia ali.

– A madre superiora mandou outra paciente? – O tom ávido na voz da freira não me pareceu apropriado.

– Sim, irmã Serafina – disse Annith. – Ela levou uma surra feia, tem muitos machucados. Talvez costelas quebradas e danos nos órgãos internos.

Olhei para Annith com respeito renovado. Como ela descobriu tudo aquilo? Será que tinha ouvido atrás da porta? Ao olhar para seu rosto jovem e delicado, achei difícil imaginá-la fazendo algo tão traiçoeiro.

A freira limpou a mão em uma toalha de linho e foi até uma cômoda simples pegar um frasco de vidro. Não era tão elegante quanto a taça de cristal, mas era igualmente frágil. Mesmo assim, ela o colocou em minhas mãos e me conduziu até um biombo de madeira no canto do aposento.

– Urine aí dentro, por favor.

Encarei o frasco de modo estúpido. A freira olhou para Annith.

– Você acha que a audição dela foi afetada?

– Não, irmã. – O rosto de Annith era grave, a imagem do respeito obediente, mas tive certeza de ouvir uma leve centelha de humor em sua voz.

A irmã Serafina virou-se de novo para mim.

– Mije – disse ela, um pouco mais alto para o caso de Annith estar enganada sobre minha audição. – Preciso que você mije nesse frasco para eu ver se você tem algum ferimento interno.

Fiquei mortificada com esse pedido, mas Annith me deu um cutucão de incentivo. Corri até a privacidade do biombo e encontrei um penico. Levantei as saias, me posicionei e rezei para acertar o frasco.

A freira tornou a falar. A voz dela era baixa, mas minha audição se tornou aguçada após anos prestando atenção aos humores de meu pai.

– A madre superiora a testou?

– Testou – disse Annith. – Com o vinho.

– Louvado seja Mortain! – Ela pareceu realmente agradecida, e não consegui imaginar por quê. Quando saí de trás do biombo, havia uma expressão de júbilo em seu rosto sem graça. Ao pegar o frasco, seus olhos brilharam de admiração, como se tivesse acabado de descobrir que eu não era um cavalo de arado, mas uma égua de sangue nobre. – Annith vai instalar você em uma das camas enquanto preparo uma infusão de ervas para acelerar sua cura. – Ela ainda estava sorrindo quando se virou para sua mesa de trabalho.

– Por aqui. – Senti a mão delicada de Annith em meu ombro enquanto ela me conduzia para uma das camas. Estava coberta com

lençóis brancos e limpos, e fiquei com medo de maculá-la. – Tire as roupas – ordenou Annith. – Vou pegar uma combinação limpa pra você.

Lembrei-me da ordem de obediência da madre superiora, mas percebi que não conseguiria fazer o que ela pedia. Da mesma maneira que a poeira do meu vestido esfarrapado macularia os lençóis, tinha certeza de que a visão de minha horrível cicatriz macularia a imagem que Annith tinha de mim. Eu a conhecia havia poucos minutos, mas já estava com medo de perder sua afeição.

Ela voltou para meu lado com uma combinação que tinha o cheiro limpo e pronunciado de lavanda. Quando me viu ainda vestida, sua expressão suavizou.

– Precisa de ajuda?

– Não. – Envolvi os braços em torno de mim mesma. – É só que... eu... tenho cicatrizes feias, e não quero ofender...

– Bobagem – disse ela, e deu um tapinha em meu braço. – Aqui no convento de St. Mortain, todas temos cicatrizes. – Quando se virou para me dar um momento de privacidade, não consegui não me perguntar como seriam as cicatrizes dela.

Tirei minha combinação velha e rasgada, certa de ainda poder sentir o fedor de porcos nas partes que tinham sido tocadas por Guillo.

– A Maldição da Matrona, não foi?

Estremeci com a voz de Serafina. Desesperada para me cobrir, puxei a combinação nova por cima da cabeça tão depressa que fiquei tonta. Esperei que a sensação passasse antes de me virar para a freira.

– Perdão?

Ela apontou para minhas costas.

– O que sua mãe usou, filha. Quando você estava no útero dela.

– Não sei o nome do veneno da curandeira.

– Eu sei. – Seus olhos estavam cheios de compaixão. – Só a Maldição da Matrona deixaria uma cicatriz dessas. Agora, vá para a cama.

Annith se aproximou quando subi na cama, então se debruçou sobre mim e ajeitou as minhas cobertas. Quando terminou, a irmã Serafina me deu uma tigela pequena com um líquido fedorento, jurando que faria eu me sentir melhor. Bebi a infusão, que tinha gosto de frutas silvestres podres e feno velho, e devolvi o recipiente. A sensação de ter alguém cuidando de mim era nova, e não sabia dizer se gostava dela ou não.

Annith se instalou no banco ao lado da minha cama, depois olhou para trás para se assegurar de que a freira tinha voltado para sua mesa de trabalho.

– Pode não dar para perceber – disse ela em voz baixa –, mas a irmã Serafina está muito feliz com sua chegada. Além dela, ninguém

mais aqui é imune aos efeitos do veneno, e ela mal consegue manter o fornecimento para o convento. É muito provável que uma de suas primeiras tarefas quando estiver curada seja ajudá-la em sua oficina.

– Com venenos? – perguntei, sem saber ao certo se havia entendido direito.

Annith assentiu, e olhei outra vez para a freira, que estava novamente ocupada. Minha cabeça ainda estava cheia de perguntas, mas, quando virei para fazer uma delas, percebi que a cama ao lado da janela mais distante estava ocupada.

No início, fiquei satisfeita – satisfeita em saber que não era a única a quem eles deviam dar atenção. Depois vi que os pulsos da garota estavam amarrados à cama.

Meu peito foi tomado pelo pânico, forte, quente. Deve ter ficado claro em meu rosto, porque Annith se virou e seguiu meu olhar.

– É só pra que ela não se machuque – apressou-se em explicar. – Ela foi trazida pra cá há três noites, gritando e se debatendo. Foram necessárias quatro freiras para segurá-la.

Meus olhos foram novamente atraídos para a garota.

– Ela é louca?

– Talvez. Com certeza os que a trouxeram para cá achavam que sim.

– Ela passou pelo mesmo teste que eu?

– Ela ainda não está bem o suficiente para ser testada, mas vai ser assim que melhorar.

Quando tornei a olhar para a garota, vi que seus olhos estavam abertos e que ela nos encarava. Lentamente, ela sorriu. Foi ainda mais perturbador que seus punhos amarrados.

Capítulo Quatro

Acordei algum tempo depois com uma mão acariciando meu cabelo. O toque era delicado e reconfortante, e fiquei maravilhada com a sensação de um toque que não machucava. Com certeza a infusão tinha funcionado.

– Pobre criança – lamentou uma voz baixa e rouca. Como estava semiadormecida, levei um instante para perceber que a voz não era de Annith, nem mesmo da irmã Serafina. Então fiquei totalmente desperta. A cama distante estava vazia, com as amarras dos pulsos pendendo soltas até o chão.

– Pobre criança – a garota ajoelhada ao meu lado tornou a murmurar, e meu peito se encheu de medo.

– Quem é você? – sussurrei.

Ela se debruçou mais perto.

– Sua irmã – respondeu em outro sussurro. Suas palavras eliminaram os últimos vestígios de sono. Seu cabelo negro como a noite era um emaranhado selvagem que caía sobre seus ombros e costas. A luz suave do luar revelou um hematoma no alto de sua bochecha e um corte em seu lábio. Eu me perguntei se ela tinha recebido aquilo das freiras ou se já estava assim quando chegou.

– Você quer dizer que também foi gerada por Saint Mortain?

Ela deu uma risada baixa, um som aterrorizante que fez minha pele ficar toda arrepiada.

– Não, quero dizer que fomos geradas pelo próprio diabo. É o que diz o senhor meu pai.

Era exatamente o que os moradores do vilarejo haviam dito de mim por toda a minha vida, mas achei que as palavras não soavam mais verdadeiras. A revelação da madre superiora havia alterado profundamente algo em meu interior, despertando uma esperança que permanecera adormecida e oculta por todos aqueles anos. De repente, tive muita vontade de convencer a garota de que ela estava errada, assim como a madre superiora tinha me convencido. Eu me sentei, em vez de ficar deitada. As mãos dela caíram de meu cabelo.

– O senhor seu pai está errado. – Meu sussurro foi tão violento que arranhou minha garganta. – Nós fomos geradas por Mortain.

Escolhidas por Ele para fazer Sua vontade. Seu pai, a Igreja, todos eles mentiram. – Enquanto olhava para seu rosto abatido e amedrontado, fiquei desesperada para convencê-la, para fazer aquela pequena chama de promessa em meu peito se acender no dela.

Uma centelha de interesse reluziu em seus olhos, então foi rapidamente interrompida. Ela apontou a cabeça na direção da porta.

– Estão fazendo as rondas. Até logo. – Ela pulou de pé, depois sobre a cama ao meu lado, e foi saltando pela fileira de leitos.

– Pare! – exclamou a irmã Serafina da porta. O tom de comando congelou o sangue em minhas veias, mas a garota nem sequer hesitou. Ela saltava com a graça de uma jovem gazela, dirigindo-se para a janela aberta, quase com um brilho alegre no olhar.

Duas outras freiras surgiram atrás da irmã Serafina, concentradas na garota que fugia.

– Pare, Sybella! – exclamou a mais alta delas. Sua voz era baixa e musical, reconfortante como eu imaginava que deveria ser uma carícia de mãe. A garota misteriosa hesitou, como se aquela voz tivesse algum poder sobre ela. Com esforço, ela saltou para a cama seguinte, mas seus movimentos estavam mais lentos e desajeitados.

– Se você ficar – prosseguiu a voz agradável –, vamos descobrir um meio de lhe devolver sua vida.

A garota virou, com os olhos queimando de raiva.

– Mentira! – Ela saltou as três últimas camas e chegou à janela. Sem saber por quê, eu estava com medo dela. Tinha certeza de que, se saísse por aquela janela, sua loucura iria consumi-la como uma chama, sem deixar nada além de cinzas amargas.

– Espere! – juntei minha voz às outras. Ela parou, e as freiras ficaram imóveis. Todas prendiam a respiração. – Você não quer aprender as artes de Mortain? – perguntei. – Não quer matar aqueles que fizeram isso com você? – Não sei por que tinha tanta certeza de que alguém havia provocado aquela insanidade nela, mas tinha.

Ela ficou tanto tempo em silêncio que temi que não fosse responder, mas então disse:

– Do que você está falando?

– Ela ainda não conversou com a abadessa – disse a freira com voz musical. – Estava muito descontrolada quando chegou aqui.

– Posso contar a ela? Se isso segurá-la aqui?

As freiras se entreolharam numa conversa sem palavras para avaliar as opções. Finalmente, uma delas assentiu. Eu me virei para a garota.

– Você está tão ansiosa assim para voltar de onde você veio? Para o senhor seu pai?

Na escuridão do dormitório, as sombras em seu rosto pareceram se aprofundar.

– Não – murmurou. – Mas não vou ser mantida prisioneira por um bando cacarejante de mulheres intrometidas que ficam me apalpando e examinando.

Olhei desconfortavelmente para as freiras, mas elas permaneceram impassíveis diante da avaliação.

– Elas têm boas intenções – garanti a Sybella.

O riso baixo que ela deu foi tão cheio de desprezo que quase azedou o ar entre nós.

– Boas intenções são apenas mentiras que os fracos contam para si mesmos. Eu não vou ficar enjaulada.

Mas para onde mais ela iria?

– Elas prometeram me ensinar sobre venenos – eu disse, torcendo para não criar problemas para Annith por revelar isso. – E outros modos de matar um homem. – Eu compartilhei o que a abadessa me contara, suas palavras ainda nítidas em minha mente. – Elas vão nos treinar para sermos discretas e astutas, e nos dar tamanhas habilidades que nenhum homem jamais será uma ameaça outra vez.

Sybella virou para mim com um brilho de interesse nos olhos, mas aquilo era tudo o que eu sabia da nova vida que me foi prometida. Olhei desesperada para as freiras.

Annith entrou com facilidade na minha deixa.

– Elas vão te ensinar sobre todo tipo de arma – disse ela, dando alguns passos à frente. – Vão te ensinar como usar uma faca e um punhal, como atirar uma flecha e sacar uma espada.

– Isso é mentira – disse Sybella. – Ninguém ensinaria habilidades tão mortais a uma mulher. – Vi o quanto ela queria acreditar.

– Não é mentira – jurou Annith.

Estava funcionando. Com os olhos em Annith, Sybella desceu da cama.

– Me conte mais – exigiu.

– Vão te ensinar a acariciar a garganta de um homem com um garrote de modo que, quando ele esperar seus lábios macios, vai sentir a mordida mortífera do fio de metal.

Em seguida, a irmã Serafina falou:

– Vamos ensinar você a fazer venenos. – Sua voz era delicada como ondas calmantes. – Venenos que apertam as entranhas de um homem e espremem sua vida até que ela escorra em um balde de excrementos. Venenos que fazem parar o coração ou extraem os humores do corpo. Tinturas para congelar o sangue até que ele não possa mais se mover pelas veias. Vamos mostrar a você venenos sutis que levam dias para derrubar um homem, e outros que matam em segundos. E isso só pra começar.

Houve uma longa pausa. Prendemos a respiração, nos perguntando qual seria a decisão de Sybella. Quando ela falou, sua voz estava tão

fraca que tive de me debruçar para ouvi-la.

– Existe algum veneno que faz o membro de um homem murchar e cair? – perguntou.

Quando a irmã Serafina respondeu, sua voz estava cheia de uma determinação terrível que me fez amá-la.

– Nós vamos criar um, você e eu. Agora venha. Volte para a cama e mais tarde falaremos sobre tudo isso, e mais.

Sybella nos examinou por um longo momento, depois deu de ombros, como se ficar ali não fizesse nenhuma diferença para ela. Mas não nos deixamos enganar. Ela caminhou até parar ao lado do meu leito.

– Chegue pra lá – ordenou.

Surpresa, olhei para a irmã Serafina, que indicou para eu fazer o que quisesse. Olhei de volta para Sybella. Nosso controle sobre ela era muito frágil, eu não podia dizer não. Além disso, a cama do convento era melhor que qualquer colchão de palha em que eu já havia dormido, e era quase larga o suficiente para duas. Abri espaço para Sybella, e ela rastejou por baixo das cobertas para deitar ao meu lado. Quando estávamos lado a lado na cama estreita, as freiras tentaram nos fazer dormir com vozes delicadas, cantando sua canção de morte e escuridão.



Quando acordei, a luz dourada e pálida do sol penetrava no quarto. Sentei, surpresa por me ver sozinha. Não apenas Sybella tinha desaparecido, mas não havia nenhuma freira em atividade à mesa de trabalho nem mexendo nas camas.

Enquanto eu me perguntava o que fazer, Annith surgiu, alegre e adorável como a própria manhã. Ela sorriu ao ver que eu estava acordada e pôs a bandeja que trazia sobre a mesa de trabalho.

– Como está se sentindo? – perguntou.

Flexionei os braços e os dedos dos pés e levantei os ombros contra o linho macio da combinação.

– Bem – respondi, surpresa por ser verdade. A tisana curativa da irmã Serafina era mesmo milagrosa.

– Gostaria de tomar o desjejum?

Percebi que estava faminta.

– Sim – disse, e ela trouxe a bandeja para mim. Entregou-me uma caneca de cerveja e um pão recém-saído dos fornos do convento. Havia até um pote de queijo de cabra. Passei o queijo no pão e dei minha primeira mordida. Era a refeição mais gostosa que eu já havia comido. Minha fome, que ficou adormecida durante toda a viagem através do reino, despertou naquele instante, e devorei o desjejum em questão de segundos. Annith me olhava preocupada.

– Você quer mais?

Quase disse sim, pois tinha aprendido a nunca recusar comida, então percebi que já estava cheia.

– Não – disse, satisfeita, quando me lembrei de acrescentar: – Obrigada.

Annith sorriu e se sentou em um banco ao lado da minha cama. Enquanto ela alisava o hábito em seus joelhos, tive vontade de perguntar sobre Sybella, mas fiquei com medo. Medo do que podia ter acontecido com ela durante a noite. Senti uma pontada de culpa por meu próprio sono tranquilo.

– Quando estiver disposta – disse Annith –, vá encontrar a irmã Serafina em sua oficina de venenos.

Venenos. A palavra me fez afastar as cobertas e pôr os pés no chão.

– Estou pronta.

Annith franziu o cenho de preocupação.

– Tem certeza? Você só está aqui há pouco tempo.

– Mas tive cinco dias para me recuperar dos ferimentos durante a viagem, e a tisana e o desjejum ajudaram bastante. – Estava com tanta fome daquele trabalho que me haviam prometido quanto de pão. – Adoraria começar agora, se for permitido.

– É claro! Descansar ou trabalhar, a escolha é sua. – Annith foi buscar um hábito para mim na cômoda. Era um hábito cinza, como o dela, e, enquanto eu o passava pela cabeça, senti que estava entrando naquela vida nova que me fora oferecida.

Annith me ajudou a pentear o cabelo, com dedos gentis mesmo em meio a todos os emaranhados. Quando fiquei apresentável, ela me levou para fora do dormitório por um labirinto confuso de corredores. Então abriu uma porta grossa e saímos. Pisquei contra o sol forte, depois corri para segui-la. Ela me conduziu na direção do vento que soprava, até uma pequena cabana de pedra.

– Não posso entrar – explicou –, pois não tenho o seu dom. Mas você pode. A boa irmã está esperando você.

– Está?

Os olhos de Annith cintilaram.

– Ela desconfiava que você fosse querer começar imediatamente. – Então Annith se despediu de mim e pegou o caminho de volta para o convento. Sozinha, eu bati à porta.

– Quem é? – perguntou uma voz.

– É Ismae – disse eu, perguntando-me se precisava dar mais explicações, pois não tinha certeza se ela sabia meu nome.

– Entre! – disse a voz com alegria.

Abri a porta e entrei.

As moças em minha aldeia falavam sobre se apaixonar por um homem à primeira vista. Isso sempre pareceu pura tolice para mim...

até que entrei na oficina da irmã Serafina. Era diferente de tudo o que eu já tinha visto, cheia de objetos e cheiros estranhos, e me apaixonei perdidamente.

O teto era alto, e o local tinha muitas janelas. Havia dois pequenos fornos de barro no chão. Diante da lareira pendia uma série de chaleiras de tamanhos variados, desde uma grande o suficiente para cozinhar um bode inteiro até uma tão pequena que podia pertencer ao povo mágico das histórias contadas ao pé da lareira. Uma grande prensa de madeira ocupava todo um canto do aposento. Havia recipientes e globos de vidro frágeis ao lado de potes de barro e frascos de prata. Mas a coisa mais impressionante na cabana ficava sozinha sobre uma das mesas de trabalho: uma massa emaranhada de recipientes de vidro e tubos de cobre. Duas chamas queimavam embaixo daquilo, e a coisa toda sibilava, borbulhava e fumegava como uma víbora grande e mortal se preparando para atacar.

– Meu alambique – disse a irmã Serafina com orgulho. – Eu o uso para ferver e reduzir substâncias a sua essência, removendo toda a matéria supérflua até que não reste nada além do veneno. – Ela gesticulou para que eu me aproximasse da bancada, e fui avidamente me abaixando sob um emaranhado de raízes que tinham sido penduradas para secar nos caibros do teto. Uma combinação estranha e pungente de cheiros alcançou meu nariz – notas aromáticas e terrosas combinadas com uma doçura excessiva, enjoativa, com um forte odor acre subjacente.

Havia uma tigela cheia de sementes negras e enrugadas, e uma pilha de outras vermelhas e reluzentes sobre a mesa. Vagens grandes e redondas, do tamanho de contas de um rosário, estavam espalhadas ao lado de bulbos ressecados que pareciam um órgão masculino. Aquilo me fez lembrar da pergunta de Sybella na noite anterior.

A irmã Serafina me examinou com atenção.

– Como está se sentindo?

La dizer que mal sentia mais meus ferimentos, quando percebi que ela queria saber como eu estava me sentindo em meio a todos aqueles venenos.

– Bem – disse. Para minha surpresa, eu estava sorrindo.

– Então vamos começar. – Ela empurrou para minha frente uma tigela com vagens verdes e redondas. Eram bolotas disformes cobertas com espinhos macios e flexíveis. Ela pegou uma pequena faca pontuda.

– Corte-as para abri-las e extrair as sementes, assim. – Com um movimento rápido da lâmina, ela abriu uma das vagens, e três sementes peludas foram cuspidas. Ela apanhou uma e a ergueu para me mostrar. – Uma dessas pode deixar um homem tão doente a ponto de ele ter vontade de morrer. Três matam. – Em seguida, ela me

entregou a faca, pôs a semente de volta na mesa e retornou para sua destilaria.

O cabo da faca era liso e bem equilibrado, uma coisa linda, mas a vagem das sementes era dura e fibrosa, e minha mão não tinha a mesma habilidade que a da freira. Levou muito tempo até a ponta da minha faca perfurar a casca e rompê-la. Ergui os olhos e vi a irmã Serafina me observando. Não consegui evitar um sorriso de vitória.

Ela me respondeu com um sorriso largo, então voltou ao seu trabalho; e eu, ao meu.



Naquela noite, fui jantar no refeitório com as outras. Era um grande salão de pedra com portas em arco e mesas de madeira compridas. Vi que havia menos de uma dúzia de garotas no total. Com treze e catorze anos, Annith e eu parecíamos ser as mais velhas. A mais nova não aparentava ter mais de cinco, apesar de Annith me assegurar de que elas não aprenderiam nada sobre as artes da morte até ficarem mais velhas. Todas as garotas tinham uma boa dose de beleza. Talvez Mortain gerasse apenas filhas atraentes.

– Há ainda mais de nós – contou-me Annith. – Temos mais meia dúzia de iniciadas, mas elas estão todas viajando, realizando os desígnios de Mortain.

Oito freiras entraram em fila e seguiram para uma mesa grande em cima de uma plataforma. Enquanto comíamos nosso jantar, Annith me falou das freiras que eu ainda não tinha conhecido. Havia a mestra dos cavalos e a mestra das armas e a mestra das artes marciais, assim como uma freira idosa cujo único dever era cuidar dos corvos no viveiro. Outra freira era encarregada de ensinar história e política. A última, uma mulher que devia ter sido bonita quando jovem, mas agora me lembrava uma pavo, nos instruía em modos cortesês e dança.

– E – acrescentou Annith, com olhos brilhantes e o rosto corado – artes femininas.

Virei e a encarei, surpresa.

– Artes femininas? Por que precisamos de instruções sobre isso? – Torci para que o pequeno tremor de pânico que senti não transparecesse em minha voz.

Ela deu de ombros.

– Para conseguirmos nos aproximar de nossas vítimas. De que outro modo podemos saber se eles têm uma marca? Além disso, todos os nossos talentos e habilidades devem ser bem cultivados para podermos servir Mortain por completo. – Parecia uma lição que ela tinha sido obrigada a decorar.

– Então essas são todas? – perguntei.

– E há a irmã Vereda, que não é só velha, mas também cega. Ela nunca come no refeitório, fica sempre em seus aposentos. É nossa profetisa e só fala conosco quando tem uma visão.

Senti alguém me observando. Virei a cabeça e vi os olhos azuis e frios da madre superiora sobre mim. Quando nossos olhares se cruzaram, ela ergueu a taça, em um gesto íntimo de boas-vindas. Fui tomada pela imensidão daquilo tudo e fiquei zozza com minha inesperada boa sorte. Aquela era minha nova vida. Meu novo lar. Rezei por isso desde que tinha idade suficiente para formar palavras. Fui tomada por uma profunda gratidão. *Vou aproveitar ao máximo essa chance que recebi*, jurei, e ergui minha taça em resposta.

Capítulo Cinco

Uma semana se passou até eu tornar a ver Sybella. Nem Annith foi capaz de descobrir o que tinham feito para acalmá-la.

Ela apareceu entre nós pela primeira vez na hora do jantar. O refeitório mergulhou em silêncio quando a irmã Widona, uma freira com voz melodiosa e talento para domar os cavalos do convento, apareceu à porta com Sybella a seu lado.

Quando a freira a deixou para se juntar às outras irmãs na mesa principal, Sybella ficou um longo momento parada olhando para a nossa mesa, com orgulho e desprezo. As meninas mais novas estavam impressionadas demais para fazer qualquer coisa além de encará-la, mas Annith chegou para o lado no banco e abriu espaço para ela. Sybella a ignorou e, em vez disso, sentou ao meu lado. Fiquei estranhamente desconfortável com isso. Annith tinha sido muito boa para mim, e odiei vê-la rejeitada desse jeito. No entanto... havia alguma coisa naquela nova garota. Senti uma alegria sombria por ela ter escolhido sentar ao meu lado. Baixei os olhos para o meu prato, de modo que Annith não visse meu prazer secreto.

Sybella estava mais magra que da última vez que eu a vira, mas seus olhos estavam menos selvagens, e as sombras em seu rosto tinham quase sumido. Sua arrogância, porém, permanecia intocada. Ela sentou no banco com as costas eretas, e não olhou nem para esquerda nem para direita.

Provando ser uma santa, Annith estendeu mais uma vez a mão da amizade, perguntando:

– Posso lhe servir um pouco de ensopado?

Sybella olhou com desdém para a comida diante de nós.

– Não como lavagem de porcos.

Suas palavras foram tão chocantes como um tapa na cara de Annith. O rosto dela ficou rosa.

– Garanto a você que nós também não. Sente aí e passe fome, não me importo. – Foi a primeira vez que vi Annith ser provocada até perder a calma.

Sybella fez exatamente isto: ficou sentada encarando a parede enquanto o resto de nós comia o jantar. Aquilo teve um severo efeito

reductor no apetite de todos, exceto no meu. Após comer apenas nabos por anos – nabos velhos e podres, ainda por cima –, eu sempre estava com fome.

Após alguns minutos daquilo, a irmã Widona levantou da mesa principal, foi até o caldeirão de ensopado pendurado na lareira e serviu uma porção. Ela a levou até nossa mesa e a pôs diante de Sybella.

– Coma – ordenou. Sybella ergueu os olhos, e a força de seus olhares se confrontando era quase audível.

Como Sybella não fez nenhum movimento na direção da tigela, a irmã se debruçou e falou com delicadeza no ouvido da garota:

– Coma ou vou enfiar isso garganta abaixo.

Suas palavras me chocaram, pois não conseguia imaginar aquelas freiras gentis fazendo uma coisa tão brutal, mas a ameaça funcionou. Sybella, olhando com expressão teimosa para a freira, começou a enfiar colheradas de ensopado na boca. Satisfeita, a freira voltou para a plataforma.



E assim começou nosso treinamento no convento, e tudo o que as freiras tinham prometido a Sybella e a mim veio a se realizar naquela primeira noite. Estudamos o corpo humano tão minuciosamente quanto os médicos faziam nas grandes universidades, examinando desenhos de anatomia que nos faziam corar. Mas, apesar da vergonha, aprendemos onde se ocultavam as partes mais fracas do corpo. Aprendemos como a pele se ligava ao músculo, e o músculo aos tendões, e os tendões aos ossos, e também as melhores maneiras de cortar essas conexões.

Nós nos tornamos bem versadas em todas as maneiras de luta: com as mãos e os pés, com os cotovelos, até com os dentes. Fomos treinadas em todas as armas imagináveis: facas, punhais e garrotes. Praticamos o arremesso de *rondelles*, pequenos discos com as bordas afiadas como navalhas, até acertarmos nossos alvos com precisão. Atirávamos com arcos curtos e arcos longos – se conseguíssemos puxá-los. Se não, éramos obrigadas a fortalecer os braços até sermos capazes. Bestas também eram parte de nosso treinamento, pois eram extremamente precisas para atacar de alguma distância.

Onde eu realmente me destaquei foi na oficina de poções com a irmã Serafina: aprendi sobre molhos, cozimentos, prensagens e destilações, a natureza das substâncias mortais e a melhor maneira de extrair delas seu veneno e combiná-lo para obter o efeito desejado.

Mas, claro, nem todas as lições eram tão interessantes. Havia períodos longos e entediantes estudando história e política e decorando as famílias nobres da Bretanha. Também estudamos as

casas reais francesas, pois, segundo as freiras, a França era a maior ameaça à independência de nosso país, especialmente desde que nosso duque havia se juntado com outros grandes senhores em uma tentativa de depor a regente francesa. A tentativa não ficou impune, e as hostilidades tornaram a eclodir entre nossos países.

As noviças também deviam aprender a se vestir com roupas elegantes e a circular sem tropeçar. Praticamos sorrisos misteriosos e nos tornamos mestras do olhar sedutor, observando discretamente com olhos cheios de promessas. Essas lições em especial faziam eu me sentir tão ridícula que costumava ter acessos de riso e ser expulsa da sala envergonhada.

Apenas eu tinha lições extras entre as garotas mais velhas. Como eu era novata no convento e não vinha de berço nobre, não sabia ler nem escrever, habilidades que as freiras me asseguraram ser necessárias para servir Mortain, pois de que outra forma eu leria as receitas da irmã Serafina ou as instruções me dizendo quem matar? Sozinha, eu passava muitas horas frustrantes no *scriptorium* praticando escrita repetidas vezes.

As freiras eram instrutoras rigorosas, mas também bondosas, e raramente erguiam a voz ou nos faziam passar vergonha. Talvez soubessem que nos tratar bem nos fazia querer agradá-las ainda mais, ou talvez desconfiassem de que já tínhamos passado muita vergonha na vida.

A irmã Serafina disse que me adaptei à minha nova vida como um peixe dentro da água. Com o passar da estação, meus pesadelos ficaram mais raros, e me vi pensando cada vez menos no domínio dos homens além dos muros do convento. Na verdade, era como se o mundo inteiro tivesse deixado de existir.

Capítulo Seis

Três anos depois

Novembro é conhecido como o mês do sangue, a época do ano em que os animais são abatidos para o inverno. Foi muito apropriado, pensei, que minha primeira missão surgisse naquele momento.

Sem querer anunciar minha presença ao cavalaricho, conduzi meu cavalo até um grupo de árvores logo além da taberna, então desmontei. Cobri-me bem com a capa contra o vento frio que vinha do mar, e dei para Noturne uma cenoura afanada das cozinhas do convento.

– Eu já volto – murmurei ao ouvido dele.

Afastei-me do cavalo e tomei o caminho para a taberna através de árvores e sombras. Sentia a antecipação borbulhar em meu corpo, tão forte que precisei me controlar para não correr até a porta e abri-la de repente. Sybella tinha sido enviada em sua primeira missão quase um ano atrás, e eu estava desesperada, sem saber se jamais receberia uma também. Pelo menos, estava em melhor situação que Annith, que ainda esperava. Eu tinha certeza de que ela receberia uma missão antes de mim.

Deixei a inquietação de lado e me concentrei na tarefa a minha frente. Aquele era um verdadeiro teste de tudo o que eu havia aprendido no convento. Eu devia estar pronta para qualquer coisa e sabia que estava sendo avaliada.

Quando cheguei à porta, parei e ouvi um murmúrio de vozes misturado ao bater de pratos e copos do outro lado. A taberna estava fazendo bons negócios naquela noite, com os homens chegando mais cedo dos campos e os pescadores voltando com o produto do dia. Bom. Era mais fácil passar despercebida em uma multidão. Entrei discretamente. Como era tarde, os homens já haviam bebido muitas canecas e estavam muito mais interessados no jogo de dados diante do fogo ou em chamar a atenção de alguma criada do que em mim.

O ambiente era mal iluminado, o que servia bem a meus objetivos. Mantive-me perto das sombras junto das paredes, como me haviam ensinado, e fui até a escada que levava ao segundo andar, onde eram alugados quartos para a noite.

Primeira porta à direita, dissera a irmã Vereda.

Estava tão concentrada em chegar à escada e em seguir as instruções que não vi o brutamontes que tinha se levantado de seu banco até esbarrar nele.

– Opa! – ele exclamou, segurando-me pelo braço para que eu não caísse. – Encontrei um bocado saboroso pro jantar.

Um capuz envolvia toda a sua cabeça, ocultando seu rosto nas sombras, e ele tinha um chapéu de palha pendurado nas costas, o que o identificava como um lavrador. Senti um tremeluzir de irritação no peito. Estava ansiosa para experimentar minhas asas. Ia dizer a ele que saísse de meu caminho, então lembrei que ele podia ser parte do teste armado para mim pela abadessa. Abaixei os olhos.

– Estão à minha espera lá em cima.

Funcionou bem demais, pois senti seu olhar ficar mais ardoroso. Interessado. Em vez de sair do caminho, ele se aproximou, fazendo-me recuar contra a parede. Meu coração batia freneticamente por ter sido encurralada daquele jeito, mas forcei minha mente a se acalmar, lembrando que ele provavelmente não passava de um camponês que nada significava para mim. Empurrei o peito do brutamontes, que era duro como ferro devido aos dias que passava empurrando o arado nos campos.

– Vou ter muitos problemas se me atrasar. – Fiz questão de inserir um tremor em minha voz, para que ele achasse que eu estava com medo.

Após um longo momento, ele se afastou.

– Venha correndo de volta pro Hervé aqui quando terminar, hein? – ele sussurrou em meu ouvido. Então desceu a mão grande e ávida e me deu um tapa na bunda e, sendo um teste ou não, tive de me segurar para não estripá-lo ali mesmo. Com os olhos baixos para que ele não pudesse ver minha fúria, assenti e segui apressada meu caminho enquanto ele voltava para seu banco.

No alto da escada, uma serviçal se esforçava para carregar uma bandeja pesada. Quando cheguei ao topo, ela estava parada diante de uma porta. A primeira porta à direita.

A porta de Jean Runnion.

Use as ferramentas e oportunidades que Mortain puser à sua frente. Essa era uma das primeiras lições que aprendíamos no convento.

– Isso é para monsieur Runnion? – perguntei em voz alta.

Assustada, ela virou a cabeça.

– É. Ele pediu que servissem seu jantar no quarto.

Uma precaução inteligente. Ele tinha boas razões para ficar escondido. A memória dos bretões era muito duradoura em relação a traidores, e não perdoávamos com facilidade. Eu me apressei na direção dela.

– Eu levo a bandeja pra ele – ofereci. – Ele está muito mal-humorado esta noite.

A criada ficou desconfiada e franziu a testa para mim.

– Como você sabe disso?

Dei um sorriso frio para ela.

– Porque o homem dele me alertou sobre isso quando foi me buscar para a noite.

Uma expressão de desprezo se formou no rosto dela. Fiquei dividida entre orgulho por ela achar que minha invenção era possível e irritação por ela acreditar que eu era uma meretriz. Era exatamente como a irmã Beatriz dizia: as pessoas escutam e veem o que esperam escutar e ver. Mas, por mais que tivéssemos sido treinadas para tirar proveito disso, não significava que eu gostasse da situação.

A criada empurrou a bandeja em minhas mãos, e tive de segurá-la rapidamente para que não caísse.

Com um último farfalhar de suas saias, ela desceu as escadas ruidosamente, deixando-me sozinha, com apenas uma porta grossa de carvalho entre mim e minha primeira missão.

De repente, três anos de lições tomaram minha mente de uma vez, batendo umas nas outras como um bando de pombos assustados. Lembrei-me de que não havia nada a temer. Tinha misturado o veneno com as próprias mãos. Acrescentei uma toxina de ação lenta, escolhida especialmente para que eu estivesse longe quando o traidor morresse, dando-me tempo suficiente para escapar caso algo saísse errado. Para todos os outros, pareceria apenas um sono profundo provocado por muito vinho.

Nada daria errado, disse a mim mesma. Equilibrei a bandeja em uma das mãos e bati na porta.

– Seu jantar, monsieur.

– *Entrez* – disse uma voz abafada.

Abri a porta, equilibrando a bandeja para conseguir fechá-la às minhas costas. Runnion nem ergueu os olhos. Estava estirado em uma cadeira diante do fogo, bebendo uma taça de vinho. A seu lado, havia uma jarra.

– Pode deixar na mesa – ele instruiu.

Os anos não haviam sido generosos com ele. Seu rosto tinha rugas profundas, e seu cabelo era comprido e grisalho. Na verdade, ele quase parecia doente, como se sua consciência culpada houvesse devorado sua alma.

Se fosse isso, sem dúvida eu estava prestes a lhe fazer um favor. Eu deixei a bandeja.

– Monsieur gostaria que eu enchesse sua taça antes de sair? – perguntei.

– Sim. Depois vá – ordenou. O modo como me dispensou me deixou

ainda mais feliz, pois ele não daria ordens a mais ninguém depois daquela noite.

Quando me dirigi à sua cadeira, ergui a mão até a rede delicada que cobria meu cabelo e tirei uma das pérolas. Abaixei-me para pegar a jarra de vinho e parei brevemente para olhar para seu rosto. Havia uma grande mancha escura em torno de seus lábios, como se Mortain tivesse apertado o polegar sobre o negrume de sua alma e o esfregado sobre sua boca para dizer: *Aqui, é assim que ele vai morrer.*

Encorajada, joguei a pérola no vinho, girei a jarra duas vezes, peguei a taça de Runnion e a enchi, entregando-a.

Runnion deu um gole, e mais outro. Enquanto eu observava, ele tirou os olhos da taça e me olhou de cara feia.

– Onde está a outra garota?

Fiquei mais tempo do que deveria.

– Ela estava ocupada lá embaixo e me pediu para vir.

Enquanto seus olhos baços se dirigiram para minha capa de viagem, comecei a me dirigir para a porta. Queria estar longe dali antes que sua mente encharcada de vinho começasse a tirar qualquer conclusão.

– Espere – ele chamou, e congelei. Meu coração batia descontroladamente em meu peito. – Deixe a jarra – ordenou.

Olhei para baixo e vi que ainda estava com a jarra de vinho na mão. Descuidada!

– Mas é claro, monsieur – disse, pondo a jarra no chão ao lado dele. Arrisquei lhe dar mais um olhar discreto, mas ele já tinha se virado para o fogo.

À porta, fiz uma última pausa, esperando que ele tomasse outro gole do vinho, depois mais um. Eu me benzi e fiz uma reverência com a cabeça, recomendando a alma do traidor aos cuidados de Mortain. Estava prestes a abrir a porta quando ela se abriu de repente. Havia uma forma grande parada ali, delineada pelas luzes das tochas no corredor. Seu capuz ainda estava puxado sobre o rosto, mas reconheci a figura robusta de Hervé.

Merde! Ele não podia ter esperado até eu descer?

Afastei-me da porta e olhei para trás para avaliar a distância até a janela. Hervé acompanhou meu olhar e soltou um palavrão ao ver Runnion, que parecia desmaiado em um estupor provocado pelo vinho. Enquanto Hervé corria para o lado de Runnion, aproveitei a oportunidade que me foi dada por Mortain e escapei pela janela.



Era uma longa cavalcada até o convento, mas minha sensação de triunfo me mantinha aquecida. Queria gritar para os céus que tinha servido bem a meu Deus e a meu convento, mas a irmã Serafina me

disse muitas vezes que o orgulho era um pecado, então não fiz isso.

Além do mais, assustaria meu cavalo. Inclinei-me e dei um tapinha no pescoço de Noturne, só para o caso de minha emoção o estar deixando ansioso.

O único detalhe amargo em meu triunfo foi o camponês brutamonte que subiu para o quarto. Parte de mim desejava ter ficado e lutado com ele, testado minhas habilidades contra as suas, pois sem dúvida ele não seria páreo para alguém como eu. Tínhamos permissão de matar em legítima defesa, estivesse o adversário marcado ou não, e eu poderia ter me vingado de sua apalpada demasiadamente familiar.

Entretanto, como todo o objetivo daquela missão era demonstrar minha obediência, julguei ter tomado a decisão certa ao ir embora.

A emoção do sucesso ainda vibrava em minhas veias quando alcancei o barqueiro, o mesmo que havia me levado a remo até o convento no dia em que lá cheguei. Naquela noite, ele pegou Noturne e mandou o filho, que era quase tão velho quanto ele, levar o cavalo de volta aos estábulos. Quando subi no barco que estava à minha espera, ele afastou os olhos de mim, com medo de que, se me encarassem por tempo demais, pudesse descobrir o que eu tinha feito.

Não podia esperar para depositar meu sucesso aos pés da madre superiora. Queria provar que ela estava certa ao me receber, que havia tomado uma decisão sábia quando me ofereceu um lar. Queria que ela visse que eu tinha passado em seu teste.

O fato de ter sido escolhida antes de Annith me enchia de alegria, apesar de ficar triste por ela. Mas talvez a abadessa tivesse visto alguma habilidade ou centelha especial em mim, algo que me fizesse brilhar mais que Annith e as outras.

O barco fez barulho ao raspar nas pedras da praia, e desci, fazendo o possível para manter meu belo vestido longe das ondas.

– Obrigada – disse. Acenei para o barqueiro para me despedir, mas ele já estava remando de volta para o mar.

Ansiosa para levar meu relatório para a abadessa, corri na direção do convento. Quando passei pelos menires, beijei a ponta dos dedos e os toquei contra a superfície fria, em uma rápida oração de agradecimento a Mortain por guiar minha mão.

O sol mal havia começado a nascer, mas as galinhas já estavam em sua ciscada matinal. A madre superiora também acordava bem cedo, e estava sentada em sua escrivaninha. Eu bati na porta aberta.

Ela ergueu os olhos dos documentos que examinava.

– Você voltou.

– Sim, madre superiora.

Ela largou a carta fechada que estava segurando e me deu toda sua atenção.

– Tudo correu bem?

Eu me esforcei para não demonstrar orgulho.

– Muito bem. Foi exatamente como a senhora e a irmã Vereda disseram. A marca do traidor estava nítida, e o veneno já estava começando a fazer efeito quando saí.

– Bom. – Ela assentiu, satisfeita. – Você retornou em segurança até nós antes que alguém soubesse que ele está morto. Uma primeira morte fácil e limpa, como deve ser. Ninguém viu você?

– Ninguém, exceto pela criada, que pensou exatamente o que a irmã Beatriz nos disse que pensaria. – Hesitei, decepcionada por Hervé ter maculado minha primeira missão, mas sabendo que não podia arriscar omiti-lo de meu relatório, caso ele fosse parte do teste. – E um camponês que tentou me atrasar. Acho que estava em busca de um encontro sexual.

O canto de sua boca se curvou para cima em diversão.

– Acredito que você tenha sido capaz de se livrar dele.

– Mas é claro, madre superiora.

Os olhos dela se estreitaram.

– Você o matou?

– Não! Ele não era meu alvo, nem tinha marca.

– Bom. – Ela pareceu satisfeita com meu relato. – Quer descansar por algumas horas antes de se juntar às outras?

– Não, obrigada. – Estava entusiasmada demais para sequer pensar em dormir.

Ela sorriu, como se soubesse muito bem por que eu não conseguiria descansar.

– Muito bem. Depois que se trocar, apresente-se à irmã Thomine no pátio. Deixe suas roupas na cama, e a irmã Beatriz logo vai buscá-las.

– Ela acenou com a cabeça para me dispensar, em seguida rompeu o lacre da carta à sua frente. Antes que eu saísse para o corredor, ela me chamou: – Ismae?

– Sim, madre superiora?

– Seu segundo teste ocorrerá em breve – disse ela, sem tirar os olhos da correspondência. – Este não vai ser tão fácil.

Não soube dizer se suas palavras eram uma promessa ou uma ameaça, por isso as entendi como ambas. No alojamento, troquei rapidamente de roupa e deixei meus trajes elegantes sobre a cama. Enquanto amarrava meu simples hábito cinza, olhei pela janela. A irmã Thomine estava treinando as outras em técnicas de defesa. Ótimo, pois eu precisava descarregar um pouco daquela animação reprimida. Corri para me juntar a elas.

Quatro das garotas mais novas estavam lutando entre si, e a irmã Thomine fazia dupla com Annith. Quando me viu, acenou para que eu me aproximasse, satisfeita por passar a tarefa para outra pessoa.

Annith era extremamente habilidosa naquela arte.

Quando ela se afastou, fiz uma reverência formal para Annith. Ela devolveu a reverência, em seguida assumiu sua posição. Quando fiz o mesmo, tive de me segurar para não rir. Se o camponês da taverna pudesse me ver ali...

Então Annith avançou sobre mim em um movimento veloz de seus músculos graciosos e seus membros magros, evitou minha defesa e agarrou meu pescoço com os braços.

– Como foi? – sussurrou.

– Perfeito. – Levantei os braços e os empurrei para fora, rompendo sua pegada. – Tão perfeito como a seda mais fina da irmã Beatriz.

Annith se esquivou para o lado, depois agarrou meu braço e o torceu às minhas costas.

– Não houve dificuldades?

Cerrei os dentes de dor.

– Nenhuma. Só um olhar atravessado de uma criada e uma apalpadela de um brutamontes bêbado, mas foi tudo. Eu até vi a marca de Mortain – sussurrei.

– Mas você ainda não recebeu as Lágrimas de Mortain! – disse ela, relaxando a pegada.

– Eu sei. – Tentei evitar o excesso de orgulho na voz, mas ele transpareceu assim mesmo. Para distraí-la, dei um passo brusco para trás que a desequilibrou, depois girei e saí de sua pegada, que se soltara, e não parei até estar atrás dela com o braço direito apertado em volta de seu pescoço. – Mas não se preocupe. Tenho certeza de que logo vai ser sua vez.

– Meninas! – chamou a irmã Thomine. – Chega de conversa, a menos que o plano seja matar suas vítimas de tanto falar.

Annith ergueu a mão e beliscou um ponto na base de meu pulso, que ficou dormente, e ela se livrou de meus braços. Tentei segurá-la com uma das mãos, mas ela era escorregadia como uma enguia, e se esquivou outra vez.

– Ainda sem notícias de Sybella? – perguntei enquanto agitava a mão para me livrar da dormência.

Annith saltou para trás de mim. Como o cordel de um chicote, um de seus braços envolveu meu pescoço.

– Nenhuma das irmãs diz uma palavra. E, se a madre superiora fala dela, é só quando estou dormindo e não posso ouvir por trás da porta. É como se Sybella tivesse deixado de existir – disse ela antes de tentar me estrangular.

Abaixei o queixo para bloquear seu golpe.

– Tenho certeza de que ela vai ficar bem. – Minhas palavras soaram roucas e distorcidas com os braços dela em minha garganta. – Afinal, esta é a terceira missão dela.

Annith resmungou, e soube que seus pensamentos tinham voltado para sua preocupação familiar: por que outras tinham sido escolhidas e ela não? Ela agarrou meu braço, girou na minha frente, depois alavancou meu corpo por cima do ombro. Voei pelo ar por um breve instante. Caí dolorosamente de costas, o que expulsou o ar de meus pulmões, e tentei respirar como um peixe fora d'água.

– Quarta – disse Annith, baixando os olhos para mim. – É a *quarta* missão dela.

Capítulo Sete

– Cuidado! – repreendeu a irmã Serafina. – Não deixe ferver, ou vai se transformar em resina e será inútil.

– Sim, irmã. – Mantive os olhos no pequeno frasco que segurava sobre a chama. Bolhas minúsculas tinham começado a se formar nas paredes do vidro, mas não estava fervendo. Ainda não.

– Excelente – disse ela, logo atrás de mim. – Agora ponha aqui para esfriar.

Com pinças de ferro, ergui o vidro e o pus sobre uma pedra para esfriar. Estávamos preparando uma remessa nova de Murmúrio da Noite. No estado volátil em que estava, mataria qualquer um que respirasse seus vapores, fazendo os pulmões endurecerem e ficarem quebradiços como vidro.

Qualquer um, menos a irmã Serafina e eu. Nós éramos imunes.

– Quando esfriar – disse ela –, vamos botá-lo nessa vela de cera, e então... – Uma batida na porta a interrompeu. – Não entre! – ela exclamou, alarmada.

– Não vou. – É Annith, que sabe muito bem que não deve entrar. – A madre superiora quer ver Ismae em seu gabinete. Agora.

A convocação fez meu coração palpitar. A única vez que tinha sido chamada a seu gabinete desde que chegara foi para receber notícias de uma missão. Sem esperar que a freira me liberasse, corri até a pia de pedra, onde comecei a esfregar os últimos traços de veneno das mãos.

A irmã Serafina soltou um suspiro de irritação.

– Como a santa madre espera que eu forneça todos os nossos venenos sozinha é certamente um dos grandes mistérios de Mortain.

Virei o rosto para ela.

– Achei que ela fosse mandar Annith desta vez...

A irmã Serafina me lançou um olhar severo e penetrante.

– A madre superiora tem suas razões. Agora vá. Não a faça esperar.

Fui, fazendo uma reverência para não contrariá-la ainda mais. Ela achava que não tinha me dito nada, mas foi o contrário. Agora eu sabia que havia um motivo real para Annith não ter sido enviada em missão. E, se a irmã Serafina sabia o que era, sem dúvida eu e Annith também podíamos descobrir.

A caminho do gabinete da madre superiora, ajeitei minha touca e limpei um pouco a poeira do hábito. Parei na porta, respirei fundo, me recompus e então bati.

– Entre.

Quando entrei no gabinete, a visão de um homem sentado ali foi tão chocante quanto o estrondo de um trovão na sala silenciosa. O cabelo dele era branco, assim como sua barba bem aparada. Uma corrente grossa de ouro com um pingente encrustado de pedras piscou para mim da gola de pelo de sua grossa túnica brocada.

– Entre, Ismae – disse a abadessa. – Gostaria que você conhecesse o chanceler Crunard. Ele é um dos patronos de nosso convento, e é a ligação entre nós e o mundo exterior.

Ele também era de uma das famílias mais antigas e nobres da Bretanha e herói das últimas quatro guerras. Tinha lutado por muito tempo e com muita coragem por nossa independência. Todos os seus filhos tinham morrido combatendo os franceses. Eu me curvei em uma reverência respeitosa.

– Bom dia, meu senhor.

Ele assentiu brevemente em cumprimento. Seus olhos não revelavam nada de seus pensamentos.

– Temos outra missão para você – disse a madre superiora, e fui tomada por uma enorme sensação de triunfo por ter mais uma oportunidade de provar meu valor.

A abadessa se recostou em sua cadeira e cruzou os braços.

– O que a irmã Eonette contou a você sobre nossa situação política?

– Ela fez a pergunta de modo despreocupado, mas, com a madre superiora, tudo era um teste. Ela não se importaria com quantas lições da irmã Eonette eu perdi porque a irmã Serafina precisou de minha ajuda, ou porque eu fiquei presa no *scriptorium* me esforçando com minhas letras.

Cruzei as mãos educadamente à minha frente e disse:

– Nosso amado duque Francisco morreu há quase dois meses, após sofrer inúmeros aborrecimentos com a regente francesa. Ele e os outros nobres lutaram muito para impedir que a França ampliasse sua autoridade, mas foram derrotados. Devido a essa derrota, nosso duque foi forçado a aceitar o Tratado de Verger, cujos termos são favoráveis aos franceses e tornam difícil para nosso país manter sua independência.

A abadessa pareceu satisfeita e olhou de relance para o chanceler, como se quisesse dizer: *Viu?* Ele acenou, depois ergueu as sobrancelhas de modo inquisidor. Quando ela assentiu, ele falou, o ronco profundo de sua voz soando estranho naquele lugar onde eu tinha ouvido apenas mulheres:

– E sobre nossa jovem duquesa? O que você sabe sobre ela?

Fiquei irrequieta, desconfortável com aquele homem estranho me fazendo perguntas.

– Sei que a mão dela foi prometida em casamento para metade dos príncipes da Europa, e que ela jurou manter a independência de nosso país. – Não consegui evitar uma pontada de simpatia por nossa pobre duquesa. – Ela foi vendida pela maior oferta, por mais que seja nobre de nascimento.

Os olhos do chanceler se arregalaram de surpresa, e ele lançou um olhar intrigado para a abadessa.

– É isso que vocês ensinam a elas?

– Não com essas palavras, lorde chanceler, mas o senhor deve entender que todas aquelas atraídas para a obra de Mortain, devido a suas próprias naturezas, não têm amor pela vida de casada nem por casamentos forçados ou arranjados. Na verdade, muitas se juntaram a nosso convento para escapar exatamente dessas coisas. – Os olhos azuis e frios da abadessa confrontaram os olhos castanhos e cansados do chanceler, e algumas coisas não ditas se passaram entre eles. O chanceler Crunard desviou o olhar primeiro, e a abadessa se voltou para mim.

– Temos motivos para acreditar que os franceses estão enviando um espião para se encontrar com o barão Lombart, em uma tentativa de comprar sua lealdade. O porto controlado por Lombart será estratégico se houver guerra outra vez entre nossos países. Queremos que você intercepte esse contato antes que ele se encontre com Lombart. Não podemos nos dar ao luxo de perder outro de nossos nobres para os franceses.

Meu coração acelerou com essa nova tarefa. Era muito mais complexa que a missão na taberna, um verdadeiro teste de tudo o que havia aprendido, e eu estava ansiosa.

– Você vai acompanhar o chanceler Crunard como sua amante até a cabana de caça de Lombart em Point-Croix, esta noite – disse a abadessa. Dei outra olhada no chanceler. Ele era tão velho; com certeza todos perceberiam a fraude. No mínimo, pensariam que eu era filha dele. – Agora – prosseguiu a abadessa –, há muita coisa para preparar... Ah! Elas chegaram – disse ela ao ouvir uma batida na porta.

Sem esperar por um convite, a irmã Arnette e a irmã Beatriz entraram na sala.

– Vá com as irmãs, elas vão providenciar o que você precisa para esta noite. Quando terminarem, vão levá-la para a irmã Vereda. Ela já viu isso, Ismae, e vai lhe contar tudo o que você precisa saber. Depois, você vai se encontrar com sir Crunard no pátio.

– Sim, madre superiora. – Eu me curvei em outra reverência. Enquanto saía da sala atrás das duas freiras, me esforçava para conter

minha animação.

– Vamos primeiro para a armaria – anunciou a irmã Arnette, no corredor.

A irmã Beatriz protestou.

– Acho que devíamos vesti-la primeiro. Como você vai saber o que ela pode levar se não vir seu vestido?

– É verdade – concordou a irmã Arnette, mas o suspiro que deixou escapar me fez pensar que ela não tinha muito mais amor pelas artes femininas da irmã Beatriz que eu.

Mesmo assim, quando chegamos ao aposento interno da irmã Beatriz, fiquei boquiaberta. Era a primeira vez que entrava ali, e havia vestidos de todos os tipos pendurados em cabides ou dobrados em pilhas: seda sobre veludo, veludo sobre brocado, todas as cores imagináveis. Os olhos da irmã Beatriz já estavam procurando por algo em meio às roupas finas.

– Ah, esse pode funcionar. – Ela puxou um vestido de veludo marrom de uma pilha. O corpete verde era bordado a ouro, e eu nunca tinha visto nada tão elegante. Ela o ergueu para mim, apertou os olhos, depois sacudiu a cabeça.

– Ele a deixa lívida. – Não tinha certeza do que “lívida” significava, mas era um vestido muito bonito, e meus olhos o seguiram desejosos quando ela o jogou para o lado.

Em seguida, ela ergueu um vestido de brocado vermelho forte. Não gostando da exuberância da cor, resmunguei:

– Por que não pintam um sinal no meu rosto logo?

– Você acha que aparecer toda de preto como um corvo entre pavões vai chamar menos atenção? – perguntou ela.

– Não, irmã.

Ela pareceu satisfeita por eu ter compreendido seu argumento e começou a tirar dezenas de vestidos dos cabides. Mas eram grandes ou curtos demais, ou ela não gostava da cor. Ou eu não gostava. Finalmente, ela pegou um vestido de veludo vinho e o ergueu. Ela e a irmã Arnette se entreolharam.

– É perfeito para ela, não?

– Só que está faltando o espartilho – observei.

A irmã Beatriz ignorou minha preocupação.

– O corpete tem um corte baixo, no estilo veneziano, para exibir melhor seus charmes femininos.

A irmã Arnette estudou o vestido, tamborilando os dedos no queixo enquanto pensava.

– Posso trabalhar com ele – disse ela por fim, e fiquei preocupada. Não tinha certeza se *eu* poderia trabalhar com ele. Ou *dentro* dele, como seria o caso.

Mas a discussão estava encerrada. Irmã Beatriz me empurrou o

vestido.

– Experimente para vermos se cabe. – Ela me conduziu para trás de um biombo no canto dos fundos. Eu segurava o vestido como se fosse um bebê recém-nascido, com medo de que meus dedos arrebatassem o tecido fino.

Atrás do biombo, eu rapidamente tirei o hábito.

– Aqui. – A irmã Beatriz pôs uma peça delicada de linho em cima do biombo. – Você vai precisar de uma combinação mais fina por baixo dele.

Desconfortavelmente consciente das duas mulheres mais velhas do outro lado do biombo, tirei minha *chemise* velha, tremendo em minha nudez. Fiquei aliviada quando vesti a combinação nova, depois entrei rapidamente na elegante saia de veludo e amarrei as fitas na cintura. Enfie os braços nas mangas justas e fiquei maravilhada ao ver como se encaixavam perfeitamente, como se tivessem sido feitas para mim.

Quando vesti o corpete sobre os ombros, vi que a irmã Beatriz tinha razão. Ele cobria, sim, meus seios, mas só o mínimo. Sempre soube que em certas ocasiões teria de me passar por uma mulher nobre, mas odiava me vestir como uma rameira.

– Acho que isso não vai funcionar – exclamei, envergonhada demais para sair de trás do biombo.

Então a irmã Beatriz surgiu, afastou meus dedos atrapalhados e amarrou a peça ela mesma.

– Está perfeito. Vai chamar a atenção de todos os homens, de modo que nenhum vai reparar no que suas mãos estiverem fazendo. Agora vamos para a armaria. Aqui estão seus sapatos e a capa. Vou arrumar seu cabelo quando a irmã Arnette terminar com você.

Apesar de a armaria não chegar aos pés da sala de vestidos da irmã Beatriz, eu a preferia, sem dúvida. Na verdade, era uma das minhas salas favoritas no convento. Além de facas e punhais de todo tamanho e tipo, havia *rondelles* afiadas como navalhas, usadas para matar a distância. Bestas de todos os tamanhos estavam penduradas nas vigas, e fileiras de dardos se alinhavam em bandejas. Cabos de garrote estavam enrolados em ganchos, assim como uma série de correias de couro e bainhas para esconder armas em nosso corpo. Um aroma metálico pronunciado pairava no ar e se misturava com o cheiro da gordura de ganso usada para polir as lâminas.

A irmã Arnette me tomou pela mão e me conduziu até uma parede coberta com facas alinhadas. Ela deu uma olhada rápida em minhas mangas justas.

– Nunca vamos conseguir botar lâminas por baixo disso. Aqui. – Ela me jogou uma bainha de tornozelo. Quando me abaixei para prendê-la, meus charmes femininos quase saltaram de meu corpete. *Merde*.

Quando a bainha estava presa a meu tornozelo, recebi um punhal

fino encrustado de joias. Quase o deixei cair, surpresa.

– É tão bonito.

– É a última moda em Veneza. Mas *esta* vai ser sua principal arma esta noite.

Ela surgiu com uma pulseira ricamente trabalhada, que parecia um fio grosso banhado a ouro e enrolado várias vezes. Ela pegou uma extremidade e a puxou, desenrolando-a para revelar um arame mortal.

– Você só precisa pôr as mãos no pescoço dele para um abraço. Se agir rápido o suficiente, ele nem vai saber o que está acontecendo até ser tarde demais. Se necessário, pode até fazer isso em um canto escuro de um salão cheio.

Ela tornou a enrolar o bracelete e o entregou para mim. Eu o pus no pulso.

A irmã Beatriz me estudava, pensativa.

– Talvez eu devesse deixar seu peito mais corado com ocre vermelho.

– Irmã! – Eu estava verdadeiramente chocada. Annith havia me alertado sobre o lado cortês de irmã Beatriz, mas eu tinha perdido muitas de suas aulas para conhecer esse aspecto dela.

– Não seja irritante. – Ela afastou meu aborrecimento com um aceno da mão e se virou para a irmã Arnette. – Se ela levantar os braços desse jeito... – a freira idosa levantou os braços, como se estivesse abraçando o pescoço de alguém – ...o corpete dela vai se abrir. Como as mulheres venezianas passam ruge nos mamilos, devemos fazer o mesmo, não acha? Para tornar o disfarce completo?

A irmã Arnette me deu um sorriso simpático.

– Acho que, se ele vislumbrar os mamilos, não vai se importar se estão com ruge ou não. Estará morto em segundos.



Foi a irmã Arnette quem me levou ao santuário interno do convento, onde residia a irmã Vereda, e fiquei contente, pois estava cansada da irmã Beatriz. À porta da profetisa, a freira me deu um tapinha no braço.

– Boa sorte – disse ela, e não soube se estava se referindo à missão daquela noite ou à minha visita à freira idosa. A irmã Arnette foi embora, e me virei para a porta. Antes mesmo que eu batesse, uma voz chamou:

– Entre.

Entrei nos aposentos da profetisa, que eram escuros e quentes como um útero. Um braseiro emitia um brilho vermelho suave. A irmã Vereda não tinha necessidade de luz, mas suas juntas envelhecidas gostavam de calor. Espiei na escuridão para tentar vê-la melhor. Ela inclinou para o lado a cabeça coberta com um véu e me examinou

com seus olhos cegos. Era uma sensação desagradável.

– Aproxime-se – disse ela.

Fui tateando pelo aposento escuro. As saias pesadas às quais não estava acostumada me atrapalhavam tanto quanto a falta de luz.

– A madre superiora diz que a senhora Viu minha missão esta noite e pode me dar instruções para que meu ataque seja certo.

– Ataque certo? Esse é o desejo de seu coração?

– É claro! Mortain e Seu convento me tiraram de uma despenha no porão e me deram uma vida mais gloriosa do que eu jamais poderia imaginar. Vou pagar essa dívida de todas as formas possíveis.

Ela me encarou em silêncio. Seus olhos leitosos eram enervantes.

– Lembre-se de que a verdadeira fé nunca vem sem angústia.

Antes que eu pudesse responder, ela enfiou a mão em uma bolsinha em seu pulso e tirou um punhado de alguma coisa – pareciam ossos pequenos e um emaranhado de penas – e o jogou no braseiro.

As chamas ganharam vida, e um aroma acre encheu o local. A irmã Arnette olhou fixamente para o pequeno fogo, como se lesse as chamas vermelho-douradas refletidas em seus olhos cegos.

– Vinte passos, depois uma escada. Pequeno para um homem, magro, parece uma raposa. Sua bota está coberta com a poeira de Amboise, e um rubi vermelho que lhe foi dado pela regente francesa brilha em sua orelha. O nome dele é Martel. Foi ele quem Mortain marcou. – As chamas brilharam e se extinguíram repentinamente, e os olhos da irmã Vereda retornam a seu branco leitoso.

Sem saber como responder, fiz uma reverência.

– Sim, irmã. A vontade de Mortain será feita.

Em seguida, ela pegou uma caixinha da prateleira sob o braseiro. Seus olhos podiam ser cegos, mas seus dedos eram hábeis e ágeis, e ela abriu o pequeno estojo de couro e tirou dele uma garrafa pesada. Era de um negro profundo, a superfície polida refletia pequenas centelhas de luz das brasas, de modo que ela parecia segurar um pedaço do céu noturno cheio de estrelas.

– Apesar de você não ser uma iniciada completa, a madre superiora diz que você deve receber as Lágrimas de Mortain. Ajoelhe-se – ordenou ela, removendo a tampa do vidro.

Sem tirar os olhos da ponta afiada da tampa, eu me ajoelhei a seus pés.

– Pela graça de Mortain, eu lhe dou a Visão, para que você possa ver o desejo Dele e agir de acordo. Você promete obedecer o santo e agir apenas quando Ele ordenar?

– Prometo.

Ela mergulhou a ponta da tampa no conteúdo do vidro, depois tateou delicadamente à procura de meu rosto.

– Abra bem os olhos, filha.

Apesar de estar morrendo de medo daquela varinha afiada, fiz o que a irmã ordenou. Ela se moveu decididamente em direção a meus olhos. Uma única gota pesada pendia da extremidade pontuda, e orei para que sua mão fosse firme.

Senti um toque quente, depois minha visão se turvou, e todas as cores e luzes no aposento se misturaram. Meus olhos ficaram cada vez mais quentes, até que temi que fossem irromper em chamas. Por um instante, fiquei com medo de que ela tivesse me cegado, mas a sensação passou, assim como a visão turva, e pude enxergar novamente. Parecia-me que tudo agora estava de algum modo mais brilhante, que todas as bordas estavam mais pronunciadas, como se o mesmo branco leitoso que nublava o olhar da irmã Vereda tivesse sido retirado dos meus próprios olhos.

Mas não era apenas a minha visão que estava diferente. Minha pele também tinha mudado, e senti o ar quase sólido contra meus braços e meu rosto. Estava consciente da irmã Vereda de um modo que nunca estivera antes. Eu podia *senti-la*, sentir a centelha de vida que brilhava com tanta força em seu interior.

– Essas Lágrimas de Mortain são um dom para nós que servimos a Ele – ela explicou enquanto devolvia o frasco à sua caixa. – Permitem que experimentemos vida e morte como Ele. Agora vá – disse a irmã Vereda. – E que Mortain a proteja em Seu abraço sombrio e guie suas mãos com as Dele.

Capítulo Oito

O chanceler Crunard dissera que aquele castelo não passava de um chalé de caça, mas, a meus olhos, acostumados a uma cabana com telhado de palha e mais tarde ao mundo austero do convento, ele era um palácio. A única coisa que os nobres pareciam estar caçando eram uns aos outros, fosse em busca de fofocas picantes ou relações furtivas por trás das tapeçarias.

O chanceler me deu um tapinha no braço.

– Relaxe, minha querida – disse ele. – Senão, eles vão me perguntar por que minha amante está tão mal-humorada. – Seu sorriso irônico me fez corar. Lindamente, espero.

– Perdão, senhor. – Aquilo tinha parecido uma ideia completamente implausível quando a abadessa a explicou pela primeira vez. Pensei que ninguém acreditaria que eu estava com o chanceler Crunard *daquele* modo. Mas a verdade era que havia muitos casais assim por todo o salão, senhores e nobres mais velhos exibindo moças jovens nos braços do mesmo modo que exibiam plumas vistosas em seus chapéus ou punhais cravejados na cintura.

Nosso anfitrião, o barão Lombart, se aproximou, e Crunard nos apresentou. Lombart era gordo e velho, e me lembrou um javali que costumava se esconder na mata perto de minha casa. Murmurei algum cumprimento educado e me perguntei se meu garrote novo seria capaz atravessar a grossura de seu pescoço.

Desconfiei que Crunard tinha adivinhado o rumo de meus pensamentos, pois ele apontou com a cabeça na direção da multidão.

– Divirta-se um pouco, querida. O barão e eu temos negócios a discutir.

Era minha deixa, e fui tomada por alegria ao ser liberada. Fiquei feliz em deixar o fluxo dos nobres me levar até o canto do salão, para poder escapar para minha tarefa.

Enquanto me dirigia à porta, senti olhares curiosos sobre mim. Percebi que um olhar em especial durou tempo demais, por isso parei e fingi conversar com dois cavalheiros próximos. Um deles parou de falar e virou os olhos saltados para mim. Dei a ele um olhar de desprezo e segui meu caminho.

Quando alcancei a porta, não havia ninguém me observando, então saí do salão. O corredor era fresco e escuro em comparação com a luz do grande aposento. Fiquei satisfeita em me afastar do cheiro de tantos corpos e perfumes. Conteí vinte passos e não me surpreendi ao encontrar uma escadaria larga e curva, exatamente como previra a irmã Vereda.

Quando alcancei a primeira porta no alto da escada, me recolhi em mim mesma, como me ensinaram, deixando tudo ao meu redor ficar imóvel, então projetei meus sentidos para o interior do aposento do outro lado. As Lágrimas de Mortain tinham feito bem seu trabalho, pois tive certeza de não haver qualquer centelha de vida queimando por trás daquela porta.

O aposento seguinte estava tão frio e vazio quanto o primeiro, mas, quando parei diante do terceiro, senti um leve fio de vida, quente e pulsante.

A antecipação fervilhava por meu corpo, e tive de me segurar para não pular para dentro brandindo o punhal. Em vez disso, levei a mão ao coração para me acalmar e rapidamente repassei as instruções da irmã Beatriz. Aquela seria a parte difícil, fazer o papel de sedutora.

Respirei fundo uma última vez, forcei um sorriso de antecipação excitada no rosto e abri a porta pesada de madeira.

– Jean-Paul? – murmurei para o interior do aposento, tropeçando de leve, como se tivesse bebido vinho demais. – É você?

Martel, parado junto à janela, virou-se para olhar para mim. Ele era exatamente como a irmã Vereda descrevera, não muito mais alto que eu, com cabelo castanho-avermelhado como uma raposa. Cambaleei em sua direção, e mal tive tempo de registrar sua expressão fechada e alarmada antes que se afastasse da janela e me segurasse pelos ombros.

– O que você está fazendo aqui? – Ele me sacudiu com força, e deixei meu corpo inerte, como se mal conseguisse ficar de pé sozinha.

– Estou procurando por Jean-Paul. E o senhor... – dei um tapinha de leve em seu peito – ...não é ele.

Fiz um biquinho e rezei para que não parecesse um peixe fogado. Estava perto o suficiente para ver o rubi que ele usava na orelha esquerda.

Quando baixou os olhos para meu corpete, o idiota relaxou. Homens são mesmo tão bobos que não conseguem resistir a duas esferas de carne? Martel olhou para a porta às nossas costas e passou a língua nos lábios.

– Talvez, depois de resolver meus negócios, eu possa ajudar a senhorita – sugeriu. Seus olhos desviaram outra vez para meu corpete, e o punhal em meu tornozelo clamava por minhas mãos cerradas. *Ainda não, digo a mim mesma. Ainda não.*

– Essa é uma oferta muito simpática. – Deixei que meus olhos subissem e descessem por seu corpo, como se estivesse avaliando seus atrativos. Na verdade, estava à procura da marca. Sua testa estava limpa, assim como os lábios. Senti um princípio de dúvida, mas sorri, como se estivesse encantada. – Mas Jean-Paul... – disse, suspirando novamente. Inclinei a cabeça, reflexiva. – Bem, como você diz, ele não está aqui. Talvez o senhor sirva. – *Como se eu fosse uma égua no cio*, pensei, enojada. *E qualquer garanhão sirva.*

Martel se aproximou. Engoli a aversão que se formava em minha garganta e joguei os braços em torno de seu pescoço. Ali! Exatamente onde sua camisa encontrava a linha de seu queixo, uma sombra negra marcava sua pele. Ele viu uma centelha de interesse se acender em meus olhos, e os dele se aqueceram de desejo. Apertei meu corpo ainda mais contra o dele, e Martel tornou a umedecer os lábios.

– Assim que eu terminar... talvez possa esperar no aposento ao lado?

– O prazer é meu, milorde – disse. Ele acariciou minha orelha para selar nosso acordo. Enquanto fingia brincar com os cabelos em sua nuca, tirei o bracelete do pulso. No momento em que suas carícias começavam a se mover perigosamente para baixo, puxei o arame oculto. Antes que ele soubesse o que estava acontecendo, enrolei o garrote em torno de seu pescoço, escapei de seu abraço, me movi para suas costas e puxei com força, um movimento que havia praticado centenas de vezes com Annith.

Ele levou as mãos ao pescoço, tentando arrancar o arame de prata. Os sons que fazia eram feios e desesperados, e me encheram de dúvidas. Então lembrei que aquele homem estava traindo meu país, minha duquesa, e apertei mais, pedindo força a Mortain.

Ele me concedeu. Após uma luta rápida, porém determinada, Martel relaxou contra mim. Antes que ele morresse, levei os lábios até seus ouvidos.

– Nós castigamos aqueles que traem nosso país. – Minhas palavras foram tão delicadas e ternas quanto as carícias de uma amante, e Martel estremeceu quando foi levado pela morte.

Relaxeí meu aperto e um calor denso se ergueu de seu corpo e se esfregou contra mim, como um gato roçando nas pernas do dono. Imagens encheram minha mente: um bando de carneiros, uma carta lacrada, um grande anel de sinete de ouro, meus próprios seios. O calor girou brevemente em meu interior, depois se dissipou com um farfalhar súbito, deixando-me fria e trêmula.

O que, em nome de Mortain, foi aquilo?

A alma dele.

As palavras surgiram espontaneamente. Quase como se tivessem sido ditas por outra pessoa. Deus, talvez?

Por que ninguém no convento tinha me avisado daquilo? Seria uma das glórias de Mortain de que a irmã Vereda tinha falado? Ou seria outra coisa? Pois eu não conseguia decidir se havia sido violada de alguma forma ou recebido um dom sagrado.

Mas não tinha tempo para reflexões. Deixei de lado meus questionamentos e segurei o corpo do homem, tentando equilibrá-lo enquanto desenrolava o garrote de seu pescoço. Eu o limpei no gibão dele, depois recolhi o arame de volta à pulseira. Com as duas mãos livres, empurrei o corpo até a janela e olhei para o pátio abaixo, rezando para que a carroça que o chanceler Crunard prometera estivesse ali.

Estava.

Segurei o traidor pela gola e comecei a difícil tarefa de empurrar seu corpo pela janela.

Para um homem pequeno, ele era surpreendentemente pesado. Lutei com seu peso morto, tentando manobrá-lo para o beiral da janela. Após um último esforço que me deixou sem fôlego, o corpo sem vida despencou. Houve um momento de silêncio, em seguida um baque surdo quando o corpo acertou a carroça. Espiei para fora a tempo de ver o cocheiro erguer as rédeas e tocar os cavalos adiante.

Não sabia para onde ele levaria o corpo ou o que faria para mantê-lo escondido, mas essa não era minha tarefa.

Corada e trêmula após o contato com a alma de Martel, quis sentar em uma das cadeiras para me recompor. Ou cair de joelhos e rezar por compreensão. Mas precisava voltar para Crunard para que pudéssemos ir embora.

Afastei-me da parede e segui na direção da porta, então ouvi um passo no corredor. Tarde demais! Alguém estava chegando. Talvez o barão Lombart, na esperança de se encontrar com Martel?

Tentei pensar. Será que eu devia seduzi-lo ou matá-lo? Claro que preferiria matá-lo, mas não podia, a menos que ele tentasse me matar ou eu visse a marca.

O trinco da porta se ergueu, e recuei alguns passos, agarrando os braços e encolhendo os ombros, já mergulhando no papel que devia interpretar. Novamente meu corpo foi tomado por uma antecipação fervilhante. Ou talvez fosse pânico.

Quando a porta abriu, exclamei:

– Jean-Paul? Por que demorou tanto? Eu tinha quase desistido de... ah, você não é Jean-Paul – disse, num tom acusador.

– Não – ele respondeu, entrando e fechando a porta. – Não sou, mas talvez possa ajudá-la – ofereceu.

Na verdade, ele não era Jean-Paul, nem o barão Lombart. Aquele homem era muito mais alto que o barão e, enquanto Lombart era encorpado, ele era todo flexível. Sua elegante capa marrom estava

presa pela folha de carvalho prateada de Saint Camulos, o padroeiro das batalhas e dos soldados. Por baixo, ele vestia um gibão preto sem enfeites, elegante em sua simplicidade. Ele avançou, e comecei a me sentir encurralada. Com medo do que seus olhos cinza e penetrantes veriam em meu rosto, cruzei os braços para erguer os seios de modo provocante.

– Como você não é Jean-Paul, não acho que possa me ajudar. – Mesmo enquanto eu falava, meus olhos examinavam seu rosto, seu pescoço, rezando pela marca que me permitiria despachá-lo. Mas não havia nenhuma. Ou nenhuma que eu conseguisse ver.

– Mas eu estou aqui, e ele não. – Os olhos do homem, escuros e agitados como nuvens de tempestade, passearam por meu corpo, mas não havia qualquer ardor neles. Seu olhar atento me descartou e foi até a janela.

Dei um passo à frente para distraí-lo.

– Ah, mas não quero ser falsa com Jean-Paul, meu senhor, mesmo que seus encantos sejam muitos. – Na verdade, mais que charmoso, ele era perigoso, e eu teria dito qualquer coisa para desviar sua atenção daquela janela.

Como se estivesse lendo meus pensamentos, ele foi até ela e olhou para fora. Prendi a respiração. *Doce Mortain, por favor, que a carroça já tenha deixado o pátio!*

O olhar do homem voltou rapidamente para mim, e ele foi direto ao ponto.

– Você me magoa, *demoiselle*. Tenho certeza de que poderia fazê-la esquecer completamente Jean-Paul.

Ainda interpretando a sedutora coquete, inclinei a cabeça para o lado, mas havia algo errado. Ele estava dizendo as palavras certas, mas seus olhos não combinavam com o tom de flerte. Em meu interior soou uma nota profunda de alerta.

– M-mas eu não quero me esquecer dele – disse, como se estivesse insultada.

Ele deu três passos gigantes em minha direção, e toda sua postura mudou quando agarrou meus ombros.

– Chega de jogos. Quem é você? O que está fazendo aqui?

Relaxe o corpo, como se estivesse fraca e assustada.

– Eu poderia lhe perguntar a mesma coisa. Quem é você e o que está fazendo aqui?

– Gavriel Duval. E, se você está procurando um encontro romântico, eu posso satisfazê-la. – Ele me puxou para mais perto, de modo que senti o calor de seu corpo, quente e com um leve cheiro de alguma especiaria. – Mas não acho que é isso que você está procurando.

Ele sabia! Podia ver no fundo de seus olhos. De algum modo, ele

sabia o que eu era e o que estava fazendo ali.

Entrei em pânico e comecei a balbuciar.

– Sinto muito, milorde, mas estou esperando Jean-Paul. Vou deixá-lo em paz e irei embora. – Com um giro rápido e sutil de meu corpo, escapei de seu aperto de ferro. Foi meio desajeitado, mas me libertei e fugi na direção da porta.

Quando cheguei ao corredor, corri até as escadas. Desci dois degraus de cada vez, depois fiz uma pausa para me recompor. Olhei para trás, mas não havia sinal de Gavriel Duval. Ajeitei o vestido e aprumei os ombros antes de entrar no grande salão. Ao me ver, Crunard se livrou de uma conversa e abriu caminho em meio à multidão até chegar a meu lado. Ele ergueu uma sobrancelha.

– Tudo está resolvido a contento?

– Ficaré quando estivermos longe daqui – eu disse.

Enquanto ele me acompanhava até a porta, senti um par de olhos perfurando minha nuca. Sabia que, se me virasse, eles seriam da cor de nuvens de tempestade.

Capítulo Nove

No convento, a madre superiora me lançou um olhar penetrante, debruçando-se.

– Tem certeza de que ele disse Duval?

– Sim, madre superiora. Foi esse o nome que ele deu. Mas será que não era falso? Ele também usava uma folha de carvalho prateada de Saint Camulos – acrescentei, caso isso pudesse ajudar de alguma forma.

A abadessa olhou para Crunard, que assentiu com relutância.

– Duval serve, de fato, a Saint Camulos, como a maioria dos cavaleiros e soldados.

– Mesmo assim – disse ela –, seria muito fácil obter um broche como esse para completar o engodo.

Crunard se remexeu na cadeira.

– Mas se *fosse* Duval... – ele disse.

– Poderia haver outras razões para ele estar lá – observou a abadessa.

– Poderia – concordou Crunard a contragosto. – Mas também é possível que tenhamos apanhado um peixe muito grande.

A abadessa virou seu penetrante olhar azul de volta para mim.

– Como ele reagiu ao encontrá-la no quarto?

– Ele supôs que eu estivesse lá para algum tipo de encontro amoroso, e no início tentou flertar comigo. Depois ficou com raiva. – Eu queria afastar os olhos, temendo que ela pudesse ver exatamente como eu tinha interpretado mal o meu papel, mas tentar evitá-la só a faria prestar mais atenção.

– Conte-me tudo o que ele disse. Tudo.

Então repeti a conversa para ela palavra por palavra. Quando terminei, ela olhou para Crunard, que deu de ombros.

– Isso pode não significar nada, ou pode significar tudo. Não posso mais garantir que conheço todos os inimigos da duquesa. Eles se escondem bem demais em meio a seus aliados.

– Mas Duval... – disse a abadessa sacudindo a cabeça. Ela se recostou em sua cadeira e fechou os olhos. Eu não sabia dizer se estava pensando ou rezando. Possivelmente os dois. Enquanto os olhos

dela estavam fechados, respirei fundo e desejei estar em minha cama. Os deveres daquela noite tinham sido empolgantes, mas também exaustivos. O fato de Duval ter descoberto meu disfarce me deixou abalada. Eu achava que tinha pouca coisa mais para aprender, mas aquela noite provou que estava errada. Jurei prestar mais atenção nas lições da irmã Beatriz sobre as artes femininas. Talvez Annith e eu pudéssemos até praticar uma com a outra.

– Então – disse a madre superiora ao despertar de seu devaneio –, é isto que vamos fazer. Os convidados do barão Lombart vão passar a semana lá. O chanceler Crunard estava voltando para a corte, mas mudou de ideia, não é, chanceler?

Ele assentiu, em seguida estendeu as mãos.

– Infelizmente meu cavalo ficou manco.

A abadessa sorriu.

– Por isso, é claro que ele vai voltar para o chalé de caça de Lombart com sua jovem convidada. E você – seus olhos me prenderam em minha cadeira – vai voltar com ele e achar um meio de se encontrar outra vez com Duval. De preferência, sozinhos. Com sorte, você pode convencê-lo a entrar em um jogo de sedução com você, ter um caso amoroso ou algo assim...

– Mas, santa madre...

O rosto dela ficou frio e distante.

– Você jurou ou não jurou usar todas as habilidades que possui a serviço de Mortain?

– É claro, mas...

– Não tem nenhum *mas*. Suas artes femininas fazem parte de seu arsenal tanto quanto seu punhal ou seus adorados venenos. Duval deve ser observado. Você mesma entendeu a necessidade disso. Quanto mais íntima ficar dele, mais você vai descobrir. Talvez até consiga extrair verdades dele durante uma conversa de amantes.

Eu estava certa de que era tão incapaz de extrair segredos do sombrio e raivoso Duval quanto de convencer a abadessa a dançar uma *gavotte* nas ruas de Nantes, mas não disse nada. Eu já tivera um desempenho muito ruim naquela noite e temia que, se discutisse, ela pudesse pensar que eu não era mais capaz de servir ao convento. Então um pensamento me ocorreu.

– Por que simplesmente não o eliminamos agora e evitamos o risco de uma vez?

– Você viu a marca de Mortain nele?

Hesitei, depois respondi a verdade.

– Não. Mas a de Martel estava quase escondida por sua gola. Talvez a de Duval também esteja.

Ela sorriu e, tarde demais, vi que tinha caído em sua armadilha.

– Mais um motivo para ficar íntima dele, não?

Não conseguia imaginar por que Mortain insistia em ocultar essas marcas, forçando-me a brincar de esconde-esconde.

– Ismae – disse ela, novamente séria. – Duval é um dos conselheiros de maior confiança da duquesa. É fundamental que saibamos de que lado ele está.

– Ele tem a atenção e confiança dela de um modo que poucos outros têm – explicou Crunard.

– E, se estiver nos traindo, em pouco tempo vai sentir o castigo de Mortain. – A expressão da abadessa era sombria. – Talvez até mesmo por suas mãos...

Ela foi interrompida por passos do outro lado da porta. A abadessa só teve tempo de franzir a testa antes que a porta se abrisse de repente. Minha respiração quase parou, e senti um grande nó na garganta quando o próprio Duval apareceu.

Annith estava logo atrás dele.

– Sinto muito, madre superiora. Eu disse a ele que a senhora tinha dado ordens para não ser incomodada, mas ele não quis escutar. – Ela lançou um olhar acusador para o intruso.

– Sim, posso ver isso – disse a abadessa. Ela me lançou um rápido olhar inquisidor. Quando assenti, indicando ter sido ele quem eu vira no chalé de Lombart, ela se virou para o homem com raiva à sua frente.

– Bem, Duval, entre. Não fique parado aí na porta.

Duval entrou na sala, e quase me encolhi diante de seu olhar furioso. O homem estava perto de cuspir fogo.

– Abadessa, chanceler Crunard. – Ele fez um aceno superficial com a cabeça para os dois. Sua raiva ocupava todos os espaços vazios na sala. – Temos algumas coisas para discutir.

A abadessa ergueu uma sobrancelha.

– É mesmo?

– Sim. Uma delas, a incompetência de sua noviça. – Achei que ele pôs uma ênfase desnecessária na palavra *noviça*. – É a segunda vez que ela – ele apontou o dedo em minha direção – interferiu em meu trabalho. O convento não pode continuar enviando agentes que destroem fontes valiosas de informação.

– Duas vezes? – desafiei, pois eu só o havia visto uma vez.

– A taberna. – Diante de minha expressão inalterada, ele encolheu os ombros e me olhou com desejo. – Venha correndo de volta para o Hervé quando terminar, hein?

O brutamontes! Ele era o brutamontes na taberna. A lembrança me fez cerrar os punhos.

A madre superiora falou, sua voz fria atraindo a atenção dele.

– O convento sempre agiu sozinho na realização dos desígnios de Mortain. O senhor está sugerindo que precisamos de sua permissão? –

O tom de voz dela indicava que ele não devia sugerir nada do gênero.

Ele cruzou os braços.

– Estou sugerindo apenas que as senhoras dediquem alguma reflexão sobre suas ações. Pela segunda vez agora, vocês chegaram antes de mim. E enquanto vocês e seu santo estão interessados em fazer justiça, eu estou interessado em informações que possam guiar nosso país para fora do buraco em que se encontra.

– O senhor queria interrogá-los. – O tom inexpressivo da madre superiora não revelava se ela sentia remorso por ter atrapalhado os planos dele.

Duval assentiu.

– Tenho certeza de que, com o incentivo certo, eles poderiam ter nos levado ao mestre titereiro que está orquestrando os fios.

Crunard se inclinou para a frente em sua cadeira, repentinamente alerta.

– Mas certamente eles foram mandados pela regente francesa, não?

– Talvez – disse Duval, hesitante. – Mas ela está trabalhando com alguém na corte, e eu gostaria de saber quem.

Crunard estende as mãos de forma convidativa.

– O senhor poderia compartilhar suas suspeitas conosco?

– Neste momento, não. – Duval falou baixo, mas sua recusa foi chocante mesmo assim.

Crunard se recuperou primeiro.

– Sem dúvida o senhor não está sugerindo que nós não somos de confiança...

– Não sugiro tal coisa, mas não seria sábio revelar qualquer suspeita sem provas suficientes. Infelizmente – ele me lançou outro olhar raivoso – alguém insiste em destruir minhas provas.

Com os lábios cerrados em reflexão, a abadessa cruzou os braços dentro das mangas.

– Como sugere que resolvamos isso? Devemos nos consultar com o senhor sempre que o santo nos mandar agir?

Duval passou a mão pelo cabelo e se virou para a janela.

– Não necessariamente. Mas precisamos encontrar um jeito melhor para coordenar nossos esforços. Devido às ações de sua noviça, a duquesa perdeu uma fonte valiosa.

Senti como se tivesse levado um tapa.

– *Pode* ter perdido – corrigi baixinho.

Ele me olhou com surpresa.

– O que você disse?

Eu me curvava de boa vontade para meu Deus e minha abadessa, mas de jeito nenhum me curvaria para aquele homem. Ergui a cabeça e enfrentei seu olhar.

– Eu disse *pode* ter perdido. Não é certo que aqueles homens tinham

alguma informação vital.

Duval caminhou rápido em minha direção, chegando tão perto que precisei inclinar a cabeça para trás para ver sua expressão carrancuda. Ele pôs as mãos nos braços de minha cadeira, aprisionando-me.

– Nunca vamos saber, não é? – ele disse com delicadeza e escárnio. Estava tão perto de mim que senti suas palavras se movendo por minha pele.

– Duval! – A voz forte da madre superiora rompeu nosso silêncio tenso. – Pare de intimidar minha noviça.

Ele enrubescou e se afastou de minha cadeira.

– Eu não estava intimidada – murmurei baixinho.

Ele me olhou com raiva, mas não disse nada. Um leve tremor surgiu na base de seu queixo. Ele apelou para o chanceler Crunard.

– Diga a elas. Diga a elas como o equilíbrio está delicado. Como cada pequena informação tem o poder de alterar esse equilíbrio.

– Ele não precisa me dizer – disse bruscamente a abadessa.

Crunard estendeu as mãos.

– Então o senhor sabe que é verdade. Os abutres estão mais ousados. A regente da França proibiu que Anne seja coroada duquesa. É o desejo de nossos inimigos colocá-la sob proteção da França para que eles possam exigir para si mesmos a Bretanha. Eles também exigem o direito de determinar com quem ela vai se casar.

Duval começou a andar de um lado para o outro.

– Há espíões por toda parte. Não temos como saber quem são todos eles. Os franceses montaram um séquito permanente dentro de nossa corte, o que preocupa algumas nações fronteiriças.

– Sem falar – acrescentou Crunard – que a presença deles torna impossível coroar a duquesa sem que a França tome conhecimento. E até que ponhamos a coroa na cabeça dela diante do povo e da Igreja, estamos vulneráveis.

Não consegui evitar uma pontada de simpatia pela pobre duquesa.

– Mas deve haver um modo de sair dessa situação, não?

Eu tinha dirigido a pergunta à abadessa, mas foi Duval quem respondeu:

– Criarei um com minhas próprias mãos, se necessário – disse ele. – Juro que a verei coroada duquesa, e casada em segurança. Mas, para conseguir isso, precisarei de informações contra nossos inimigos.

A sala ficou tão silenciosa que temi que eles ouvissem as batidas de meu coração. O juramento de Duval me comoveu, e o fato de ele o ter feito sobre solo sagrado provava que era ou muito corajoso ou muito tolo.

Por fim, a abadessa falou:

– Vou acatar sua grande experiência na área de obtenção de informações – disse ela.

Ao ouvir essas palavras, Duval relaxou um pouco. Tolo. O olhar que ela lançou para ele foi um que nós no convento tínhamos aprendido a temer, e eu, de minha parte, não gostei nem um pouco do brilho em seus olhos.

– Sua preocupação com nosso país é admirável, e é verdade que poucos são tão dedicados quanto o senhor. – Os elogios dela aumentaram ainda mais a ilusão de segurança dele. – E – prosseguiu ela – sei que o senhor está tão ansioso para nos ajudar quanto estamos para ajudar o senhor.

Duval franziu o cenho, e seu rosto se encheu de rugas, como se tentasse se lembrar de ter expressado algo assim. Meu coração inchou de orgulho ao ver como a madre superiora o estava encurralando perfeitamente. Ela olhou para o chanceler Crunard, que assentiu de leve.

– Ficaremos felizes em trabalhar com o senhor. E, para que possamos fazer isso com maior facilidade, Ismae vai residir com o senhor pelas próximas semanas.

O choque de suas palavras me deixou completamente sem ar, o que foi a única coisa que me impediu de gritar *Não!*

Duval me lançou um olhar horrorizado, como se aquilo de algum modo tivesse sido obra minha. Ele abriu a boca para protestar, mas a abadessa falou antes.

– Precisamos de alguém na corte. Não gosto de ficar tão distante quando há tantos problemas em torno de nossa duquesa. Posando como sua amante, Ismae terá acesso a todas as pessoas e informações das quais o convento precisa. Mais importante, ela estará em posição de agir quando necessário. E – ela abriu um sorriso beatífico para ele – será possível coordenar nossas respectivas tarefas.

Tive que admirar a armadilha bem armada que ela construiu em torno dele. Eu teria admirado ainda mais se não tivesse sido a isca.

– Mas, madre superiora... – tentei dizer, mas ela me silenciou com um olhar.

Duval, porém, não devia a ela a mesma obediência cega.

– A senhora está louca – ele disse apenas, e a expressão da madre endureceu. – Não vou fazer uma coisa dessas. Não tenho tempo de bancar a ama-seca de uma de suas noviças.

– Então vamos perder a chance de coordenar nossos esforços – disse ela, sua atitude totalmente fria e distante.

– A senhora está me chantageando – disse Duval, aborrecido.

– Não, apenas concordando com a cooperação que o senhor mesmo solicitou. – Pronto. Ele tinha caído e estava bem preso na armadilha, e sabia disso.

Quando ele soltou um suspiro de resignação, eu soube que ela tinha ganhado.

– Não vou fingir que ela é minha amante. Vamos dizer que é minha prima. – A farpa atingiu seu alvo. Será que eu era tão repugnante?

A abadessa parecia incrédula.

– E quem vai acreditar no senhor? Sua família e suas ligações são conhecidas bem demais para que isso funcione.

– Além disso – acrescentou sir Crunard –, ninguém deixaria uma donzela solteira a seus cuidados sem membros femininos da família para lhe fazer companhia. É muito mais verossímil que o senhor tenha simplesmente arranjado uma amante.

Limpei a garganta, e a abadessa ergueu uma sobrancelha, dando-me permissão para falar.

– Eu não poderia me instalar nas cozinhas? Ou como uma criada?

Ela fez um aceno com a mão, descartando minhas sugestões.

– Nesse caso, você não teria acesso à corte, que é todo o objetivo do plano.

– Exceto – observou Duval – pelo fato de que não sou conhecido por manter amantes. Sem falar que, se eu o fizesse, sem dúvida não teria uma mais verde que uma maçã de inverno.

Cerrei os dentes ao ouvir isso. Não era *tão* rústica.

A madre superiora se encostou na cadeira e soltou um murmúrio de reprovação.

– O senhor exagera, milorde. Ismae foi bem treinada em todas as coisas, entre elas como agir como amante de um homem.

Sem dúvida aquele não era um bom momento para confessar que tinha faltado à maioria das lições da irmã Beatriz.

– Mas, mais importante – continuou Duval –, do jeito que as coisas estão na corte, não posso garantir a proteção dela.

– Não preciso de proteção – eu disse, ofendida pela sugestão.

– Não, ela não precisa – concordou a abadessa. – Ela precisa apenas de oportunidade para agir.

– Você deixaria decisões de vida ou morte nas mãos de uma noviça?

– É claro que não – respondeu com aspereza a madre superiora. – Deixamos tais decisões nas mãos de Mortain. – Ela se virou para mim.

– Você vai partir com Duval em uma hora. Vá preparar uma mala pequena para levar com você. Vamos mandar o resto de suas coisas para a residência dele em Guérande. Pode ir agora.

Tonta pela velocidade com que meu mundo tinha sido virado de cabeça para baixo, eu hesitei, tentando pensar em um último argumento que pudesse usar. Eu tinha entrado para o convento para escapar do mundo dos homens, não para ser deixada à mercê de um.

A abadessa se debruçou sobre sua escrivaninha.

– Você esqueceu seus votos de obediência total e inquestionável em todas as coisas? – perguntou ela em voz baixa. – Você não passa de

uma noviça. Ainda tem muito a provar antes de fazer seus votos finais.

Engoli um último protesto e fui para o quarto arrumar minhas coisas.

Capítulo Dez

Antes que terminasse de arrumar minha bolsa, ouvi uma batida na porta. Quando a madre superiora entrou, fiquei muda de surpresa. Ela nunca tinha visitado meus aposentos antes.

Ela fechou a porta às suas costas, seus olhos iluminados por uma chama fria e azul.

– Você vê como isso se alinha de forma conveniente com nossos planos, não vê?

Era verdade. Duval dera a ela uma abertura para levar a cabo o subterfúgio que estava planejando minutos antes de ele irromper em seu escritório.

– É o que a senhora queria, madre superiora.

– É o que Mortain quer, filha – disse ela, ríspida. – Do contrário, não teria sido arranjado de modo tão fácil. Lembre-se disso, Ismae. Mesmo que Duval não seja culpado de nada além de mau humor e maus modos, esse esquema vai nos servir bem, pois há muitas pessoas na corte que devemos observar. Eu poderei saber com quem Duval passa seu tempo, quem são seus aliados, que correspondências envia e recebe. Fique atenta a qualquer coisa sobre a regente francesa. Seja honesta com ele sempre que possível. Vai ser o modo mais rápido de conquistar sua confiança. Não sou muito afeita a coincidências e gostaria de compreender melhor por que ele estava naquele quarto. Ele tem acesso total à duquesa, e sua completa confiança também. Quero ter certeza de que está servindo os interesses dela.

– São esses interesses que servimos, madre superiora? Servir a duquesa é servir a Mortain? Não quero ser impertinente – apressei-me a acrescentar. – Eu realmente não entendo.

A expressão dela relaxou.

– Claro que é o mesmo, filha. Todo dia milhares de bretões imploram a nossos deuses que os mantenham em segurança dos franceses e que preservem a força de nossa duquesa. Pode ter certeza de que os franceses não rezam para os nossos deuses. Tampouco vão honrar os santos antigos como fazemos se tiverem sucesso em conquistar nossa terra. A França está muito alinhada com o papa atual, que gostaria de ver todas as formas de culto que não a sua

própria eliminadas do mundo. É claro que Mortain não deseja isso.

Ela ergueu a mão das dobras de seu hábito e então vi que carregava algo envolto em couro macio e envelhecido.

– Você só realizou duas mortes, não três, mas está perto de completar seu treinamento. Essa missão é seu teste final. Se passar por ele, só vai precisar dizer seus votos para tornar-se totalmente comprometida com este convento.

Surpresa por ela ainda ter alguma dúvida a esse respeito, olhei em seus olhos, à espera de que ela visse a verdade de minhas palavras.

– Eu já sou totalmente comprometida, madre santíssima.

– Eu sei. E é por isso que estou lhe dando um dos punhais do próprio Mortain.

Pisquei, surpresa. Nunca tinha ouvido falar de tal punhal antes.

– Só as iniciadas completas os portam e, como você vai agir como tal, gostaria de vê-la armada de modo adequado com uma *misericorde*.

– Ela desembalhou o couro e revelou um punhal antigo com um cabo feito de chifre de veado com acabamento em prata. A lâmina tinha um palmo de extensão e estava desgastada pelo tempo.

– Essa faca possui uma magia antiga, um dos maiores dons de Mortain – disse ela, estendendo-a para mim. Quando a tomei em minha mão, estava quente.

– Em um homem vivo – ela continuou –, a *misericorde* só precisa perfurar a pele para libertar a alma do corpo. Como o punhal foi criado pelo próprio Mortain, apenas um corte ou arranhão manda a alma da pessoa para ele, com rapidez e eficiência. Ela foi feita como uma arma de misericórdia, uma maneira de invocar a morte e libertar a alma de dias sofridos, passados em reflexão sobre seus próprios pecados e delitos.

Impressionada com o poder daquele presente, eu o enfiei pela fenda em meu vestido e o preendi em minha cintura. Seu peso era reconfortante contra a minha perna. Aquela conversa sobre almas também me lembrou de Martel.

– Madre superiora, quando a alma de Martel deixou seu corpo, eu a senti passar por dentro de mim. Isso é... normal?

A abadessa me encarou por um longo momento, depois franziu levemente o cenho.

– Mas é claro. Foi seu primeiro encontro com uma alma, não foi? – Quando assenti, ela prosseguiu. – O encontro, sem dúvida, foi poderoso e inesperado, pois não é pouca coisa experimentar uma alma em toda a sua riqueza. – Ela estendeu o braço e levou a mão ao meu rosto, como uma mãe faria com seu bebê. – Você chegou a nós como um monte de argila, e nós a moldamos em um instrumento da Morte. Duval é o arco com o qual vamos lançá-la sobre nossos inimigos comuns. Agora vá, e nos deixe orgulhosas. Não nos envergonhe com

dúvidas ou hesitação.

E, de fato, eu me enchi de remorso diante de suas palavras. Não passava de uma ferramenta do convento para ser usada quando necessário. Quem era eu para questionar aquelas que haviam me tirado do chão da despenha?

Eu era uma criada de Mortain. Caminhava em Sua sombra escura e fazia Sua vontade. Servi-Lo era meu único objetivo na vida, e tinha deixado minha irritação afastar esse dever de minha mente. Isso não aconteceria novamente.



Em vez de seguir direto para o pátio, fiz um desvio rápido para ver Annith. Sybella não teve tempo de se despedir, e eu não faria Annith sofrer isso uma segunda vez.

Ela estava no viveiro dos corvos, ajudando a velha irmã Claude. Assustou-se quando me aproximei, e seus olhos se arregalaram quando percebeu minha capa e bolsa de viagem. Ela comprimiu os lábios e virou o rosto.

Caminhei por entre excrementos de aves até onde ela estava relacrando um pequeno pergaminho com cera de abelha. Senti-me culpada por ter sido escolhida antes dela mais uma vez. Procurei aliviar o clima.

– A irmã Claude vai pegar você – brinquei.

Annith manteve-se focada em ocultar os sinais de que andara espionando.

– Nesse caso, direi que foi para isso que elas me treinaram.

– É verdade.

O silêncio se prolongou entre nós enquanto ela terminava sua tarefa. Quando falou, foi com dificuldade e amargura.

– Você vai sair outra vez?

Eu não tinha outra resposta para lhe oferecer além da verdade.

– Vou passar um tempo vivendo junto com o visconde Duval.

A cabeça dela se ergueu abruptamente. Seu interesse foi capturado, apesar da decepção.

– Aquele que entrou na sala da madre superiora esta manhã?

Assenti. Não havia vozes no pátio, por isso contei rapidamente a Annith sobre os acontecimentos da noite anterior e o que havia se passado no gabinete da abadessa. Quando terminei, ela jogou a mensagem novamente lacrada sobre a mesa, aborrecida.

– Deveria ser eu – disse ela, com raiva contida.

– Eu sei. Só consigo pensar que a abadessa deve ter algo realmente especial reservado para você.

– É porque eu fracassei na lição com o cadáver.

Foi a única das lições do convento em que Annith não tinha

conseguido se sobressair: quando tivemos que treinar nossas habilidades em cadáveres. Sybella e eu tínhamos nosso passado para nos dar forças para a tarefa, mas Annith não.

– Você hesitou, não fracassou – disse eu. – E, no fim, acabou fazendo. A irmã Arnette disse que você passou. Não pode ser isso. Talvez seja simplesmente porque você é mais jovem.

– Sou apenas um ano mais nova que você e Sybella. E Sybella tinha a minha idade quando a mandaram em missão pela primeira vez. – Ela olhou para mim, rejeitando minhas palavras de conforto. – Será que eles sabem a quantas aulas você faltou?

– A irmã Serafina precisava de ajuda na oficina!

– Mesmo assim – ela resmungou. – Sou melhor em dança e sedução, sem falar que venço você sete a cada dez vezes em nossos treinos.

Suas palavras me lembraram de minhas próprias preocupações. A missão não consistia apenas em entrar rápida e discretamente, depois sair sem ser notada. Seria uma farsa prolongada diante de pessoas que perceberiam com facilidade um impostor.

– Tenho certeza de que ela sabe disso – eu disse, e torci para que fosse verdade.

Sua expressão arrogante desmoronou.

– Se não é o cadáver, então não faz sentido – murmurou, e senti seu desespero como se fosse meu.

– Você já perguntou à abadessa? – Eu nunca correria tamanho risco, mas Annith ficava muito mais à vontade com a madre superiora que eu.

– E fazer com que ela questione minha fé e dedicação a Mortain? – escarneceu. – Acho que não.

Ouvi uma voz masculina no pátio, lembrando-me de meus deveres naquele momento.

– Preciso ir. Por favor, não vamos nos despedir com raiva.

Ela se aproximou e me envolveu em seus braços.

– Não estou com raiva de você.

Eu a abracei de volta, perguntando-me quanto tempo levaria até que tornasse a vê-la.

– Quem sabe em breve você não se junta a mim na corte? – sugeri.

– Vou rezar por isso toda noite.

Olhei para o pergaminho lacrado sobre a mesa diante dela.

– Nenhuma notícia de Sybella?

– Nenhuma. – Então ela abriu um sorriso. – Talvez você descubra algo sobre ela na corte.

– Se descobrir, mando notícias. – Nós nos abraçamos uma última vez antes que eu saísse apressada do aviário.



Agarrei a pequena bolsa com minhas coisas e segui na direção da praia onde Duval me aguardava, sua capa marrom vergastando suas botas devido ao vento forte. Ele não parecia mais feliz do que eu com aquele arranjo, mas, em minha opinião, era tudo culpa dele.

Quando ele pôs a mão em meu cotovelo para me ajudar a subir no barco, toda a determinação sagrada em que eu me envolvera desapareceu, e puxei o braço, quase derrubando nós dois na água.

– Não seja idiota – resmungou ele.

Mas eu estava no barco e ele não estava mais me tocando, por isso me considerei vitoriosa em nossa interação.

Eu me acomodei em uma das traves e olhei para o sol que reluzia na água azul. Diverti-me imaginando se Duval sabia nadar, e se eu usaria testá-lo.

– Isso não é culpa minha, *demoiselle* – disse ele. – Por isso pode guardar seu mau humor para a abadessa.

– Com toda a certeza é culpa sua. Se o senhor não tivesse decidido criticar a obra do convento, eu não estaria aqui agora. – Não era completamente verdade, pois, mesmo antes que ele surgisse no gabinete da abadessa, ela estava tramando me botar outra vez no caminho de Duval. Mas ele não precisava saber disso.

Ele ficou em silêncio por algum tempo. Os únicos sons eram a esteira da água contra o barco e o ranger dos remos. Enquanto ele remava, não pude evitar estudá-lo, aquele homem em cujas mãos agora estava meu destino. Seus olhos pensativos eram cinza-claros como um céu de inverno. Seu queixo estava coberto por uma barba de alguns dias, o que destacava ainda mais sua boca firme e bem formada. A palavra *amante* ecoou em minha mente, e estremeci. Fui tomada por um mau pressentimento. Ele não era Guillo, lembrei a mim mesma. Na verdade, ele não podia ser mais diferente daquele criador de porcos.

Duval foi o primeiro a romper o silêncio, e considerei isso mais uma pequena vitória.

– Martel disse alguma coisa antes de morrer? Uma confissão, talvez?

– Uma confissão? – Deixei transparecer em minha voz um toque de desprezo. – Nós somos servas da Morte, milorde, não confessoras.

Ele deu de ombros, com partes iguais de irritação e embaraço.

– Não alego saber o que seus mistérios envolvem. De qualquer modo, Martel disse alguma palavra quando olhou para seu rosto e viu a morte se aproximar?

Como as últimas palavras de Martel tinham sido de sedução, nem um atizador de ferro em brasa poderia arrancá-las de mim.

– Ele não disse nada de importante.

– Tem certeza? Talvez não tenha parecido nada para você, mas terá

significado para mim. Conte-me suas palavras exatas.

Merde, o homem era persistente. Ou estava preocupado que o traidor tivesse dito seu nome? Se fosse isso, não lhe daria a satisfação de dizer sim ou não.

– Ele só falou sobre encontrar alguém, foi tudo. E, afinal, como foi mesmo que você chegou àquele aposento naquele exato instante? – perguntei com delicadeza.

Sua mandíbula se contraiu.

– Está sugerindo o que eu acho que está sugerindo?

Encolho os ombros.

Ele parou de remar e se debruçou, aproximando o rosto do meu.

– Servi meu país de mais maneiras que você pode imaginar, e ainda o sirvo. Nunca duvide disso. – Suas palavras foram brucas e afiadas, com a intenção de acabar com minhas dúvidas de uma vez por todas. Mas, mesmo tendo uma aura de verdade, um traidor de seu calibre saberia mentir muito bem.

Duval começou a tirar a capa, ainda olhando para mim. Por um instante, senti uma pontada de pânico, e me perguntei o que ele estava fazendo. Mas ele estava apenas com calor por remar, e jogou o traje para mim.

– Tente não deixar que molhe – disse ele.

Tomei a lã grossa e macia em minhas mãos sem pensar. Um brilho prateado atraiu minha atenção, e passei o dedo pela folha de carvalho presa à capa. As antigas famílias nobres da Bretanha sempre haviam dedicado pelo menos um de seus filhos ao santo padroeiro dos soldados e batalhas. Recordei as tapeçarias enormes que cobriam as paredes dos aposentos da irmã Eonette, sobre as quais as irmãs de Mortain registraram as árvores genealógicas de todos os nobres bretões através dos séculos em fios reluzentes de seda. Não me lembrava de ver o nome Duval bordado lá. Seria um nome de família? Ou o nome de seus domínios? Pela primeira vez, eu me perguntei quem exatamente era ele, além de um favorito da duquesa que havia levantado as suspeitas da abadessa e do chanceler.

Enquanto remava, seu peito se apertava contra o veludo elegante do gibão. Os músculos de seus braços se contraíam e se estendiam com cada remada, e pensei que, mesmo com todo o treinamento que o convento me dera, ele poderia facilmente me vencer em um combate.

Sem gostar do rumo desses pensamentos, virei meus olhos para o mar, certa de ter sido enviada para uma versão especial do inferno.

Capítulo Onze

O velho marinheiro estava na praia esperando para nos puxar para a terra. Duval saltou, depois estendeu a mão para mim. Eu olhei para ele desconfiada.

Ele ergueu uma sobrancelha sardônica.

– Minha capa?

Envergonhada, eu a entreguei e pulei do barco, ignorando a barra do meu vestido, que se arrastou pela água. Ele jogou a capa sobre os ombros, depois saiu andando na direção dos estábulos.

– Só tenho um cavalo, pois não estava contando com companhia. Você prefere montar na frente ou atrás?

As duas opções eram inaceitáveis para mim.

– O convento mantém um estábulo no continente para missões – informei a ele. – Vou usar um dos seus cavalos.

– Excelente. Assim conseguiremos chegar em menos tempo.

Eu me virei para o marinheiro.

– Pode encilhar Noturne, por favor? – A abadessa e eu não tínhamos discutido aquilo especificamente, mas sem dúvida ela não esperava que eu fosse montada na garupa de Duval por todo o caminho até Guérande. E, mesmo que esperasse, ela não estava ali para me contradizer.

O marinheiro assentiu e saiu para buscar os cavalos. Pude sentir Duval me estudando, o que fez minha pele coçar. Após um instante, ele sacudiu a cabeça, como se não conseguisse acreditar na armadilha que tinha sido armada para ele.

– Eles vão achar que eu sou um tolo apaixonado.

Dei de ombros e mantive a atenção fixa nos estábulos, torcendo para que o velho marinheiro voltasse com nossos cavalos o mais rápido possível.

– Se a carapuça serviu, milorde...

Ele bufou.

– Sou muitas coisas, mas apaixonado por você não é uma delas.

Antes que eu pudesse me transformar em um incômodo ainda maior, o velho marinheiro surgiu conduzindo nossos dois cavalos, e nos ocupamos com os preparativos da viagem.

Sob o olhar crítico de Duval, fiquei toda atrapalhada, e demorei mais do que devia para prender minha bolsa atrás da sela. Quando finalmente terminei, conduzi Noturne até o apoio para montar e, com a ajuda do velho marinheiro, subi na sela. Duval já estava montado em seu cavalo e esperando.

– Pronto? – Ele não se deu ao trabalho de ocultar sua impaciência.

– Sim. – Antes que eu terminasse de dizer a palavra, Duval estalou as rédeas e sua montaria partiu.

Lançando um olhar carrancudo para as costas dele, levei a mão à bolsinha em minha cintura, peguei uma pitada de sal e a joguei no chão – uma oferenda a Saint Cissonius, padroeiro das encruzilhadas e dos viajantes. Só então incitei Noturne a segui-lo.

Duval reduziu a velocidade de seu cavalo o suficiente para que eu o alcançasse.

– Você já esteve na corte antes? – ele perguntou. – Há alguma chance de ser reconhecida por alguém?

– Não.

– Não? Você nem sabe quem está residindo na corte. Como pode ter tanta certeza de que ninguém lá vai reconhecê-la? Se for reconhecida, isso vai estragar nossos planos.

Incomodada por ele me achar tão estúpida, joguei minha origem simples em sua cara, como um desafio.

– Ninguém vai me reconhecer, milorde, porque não passo da filha de um plantador de nabos. O senhor pode ficar tranquilo, pois ninguém na residência de Nantes terá me visto antes.

– Guérande – corrigiu ele. – A corte de Anne se mudou para Guérande para escapar da peste em Nantes.

– Mesmo assim, não vou ser reconhecida.

Ele me lançou um olhar pelo canto do olho.

– Achei que você era filha da Morte.

– Eu sou – disse entre dentes cerrados. – Mas fui criada como filha de um fazendeiro. Passei os primeiros catorze anos de vida com terra sob as unhas. Ela provavelmente foi absorvida por meu sangue.

Ele tornou a bufar, mas eu não soube dizer se por zombaria ou descrença.

– Parece-me – disse – que ser gerada por um dos santos antigos coloca sua linhagem em uma classe própria, uma classe tão intocável pela nobreza quanto a nobreza pelos plantadores de nabos. Agora vamos, temos de chegar a Quimper antes do anoitecer. – Para se assegurar de que tivera a última palavra, ele bateu com os calcanhares no cavalo e partiu em galope.

Levei algum tempo para alcançá-lo.



Cavalgamos o dia inteiro. Nos campos recém-limpos, havia feixes de trigo pendurados em uma cruz, implorando pela bênção de Dea Matrona sobre a colheita. O gado pastava por perto, banquetecendo-se com os restolhos no chão, uma última engordada antes do abate. Na verdade, o abate de animais para o inverno já havia começado, e eu podia sentir o cheiro de sangue no ar.

Havia algumas cabanas de pedra espalhadas pela região, baixas e teimosas diante da natureza selvagem invasiva. Na maioria das portas tinha sido pregada uma moeda de prata polida, numa tentativa de desencorajar Mortain de lançar Seu olhar sobre aqueles lares, já que se acreditava que ele faria todo o possível para evitar o próprio reflexo. Os que eram pobres demais para pagar por essa pequena proteção penduravam galhos de nogueira, na esperança de que Ele os confundisse com os ossos verdadeiros que tinha ido recolher.

A estrada estava vazia, exceto por um punhado de viajantes seguindo para o mercado em alguma aldeia próxima. Eles levavam fardos nas costas ou empurravam carrinhos. Todos eles se afastavam quando ouviam nossos cavalos se aproximando.

Havia tão pouco para observar que não pude impedir meus pensamentos de voltarem a Duval.

Estava aflitivamente consciente dele cavalcando à minha frente, sólido, autoritário, raivoso. Não importava para onde desviasse minha mente ou meu olhar, eles sempre o encontravam.

Amante. A palavra sussurrava dentro de mim, provocando, instigando, rindo. O fato de ter de posar como tal era quase mais do que eu podia suportar. E ter de fazer isso diante de metade da corte bretã era ridículo. Rezava para que um mensageiro do convento chegasse a galope em nosso encalço para me dizer que tinha sido uma brincadeira cruel, e que Annith iria em meu lugar. Mas tudo o que podia ouvir era o gotejar da névoa densa sobre as folhas em decomposição no chão da floresta, o rangido de nossas selas e o tilintar suave dos arreios.

Perto do meio da tarde, chegamos a uma pequena floresta. A densidade das árvores nos obrigou a reduzir a velocidade, para que os cavalos pudessem escolher com cuidado o caminho através dos galhos e arbustos. Estava frio sob o dossel de folhas. Eu me envolvi mais na capa, mas isso não me aqueceu nem um pouco.

Não era esse tipo de frio.

A morte estava por perto. Eu a senti nos ossos, do mesmo modo que as juntas latejantes de um velho marinheiro o alertavam sobre uma tempestade iminente.

– O que foi? – A voz de Duval rompeu a mortalha de silêncio. Ele percebeu minha distração e levou a mão ao cabo da espada. – Você ouviu alguma coisa?

– Não, mas há alguma coisa morta por perto.

Ele ergueu as sobranceiras e freou o cavalo.

– Morta? Um homem? Uma mulher?

Dei de ombros. Aquilo nunca tinha acontecido comigo antes, e minha própria ignorância me frustrou.

– Pelo que sei, pode ser um veado.

– Onde?

– Naquela direção. – Apontei para o lado da estrada, através de uma leve abertura entre as árvores.

Duval assentiu, então virou o cavalo naquela direção e gesticulou para que eu fosse na frente. Surpresa por ele ter dado tanta importância a um pressentimento meu, segui em frente e me deixei conduzir pelo meu sentido de morte.

As árvores ali estavam mais próximas. Seus galhos macios e delicados acenavam acima de nós como belas penas verdes. A sensação ficou mais forte quando passamos por um menir antigo, sua superfície colorida por líquen e musgo e corroída pelo tempo. A cova recém-escavada estava bem escondida por galhos mortos e folhas espalhadas, mas eu teria encontrado o caminho até ela de olhos vendados.

– Martel – anunciei, certa de quem estava enterrado ali.

Comecei a desmontar, e imediatamente Duval chegou a meu lado para ajudar. Ele estendeu os braços para cima e pôs as mãos em minha cintura. Contive uma expressão de surpresa quando o calor de suas mãos atravessou suas luvas e meu vestido até minha pele, afastando uma pequena porção do frio provocado pela morte. Ele me ergueu da sela e, assim que meus pés tocaram o solo, desvencilhei-me dele. Assumi uma expressão concentrada, como se ele não tivesse me tocado com a maior intimidade que já havia sido tocada na vida, e segui na direção do túmulo.

– Deve ser onde os homens de Crunard enterraram Martel – eu disse.

Duval me seguiu e olhou fixamente para a terra recém-revirada, como se pudesse fazer os segredos de Martel emanarem do chão somente com sua força de vontade.

– No campo de batalha, dizem que a alma de um homem ainda paira por três dias após a morte. É verdade?

– É. – Um plano já estava tomando forma em minha cabeça, uma ideia que poderia remediar um dos erros dos quais eu era acusada.

– Seria bom se você pudesse falar com as almas dos homens – ele murmurou.

Olhei abruptamente para ele. Será que tinha roubado aquele exato pensamento da minha mente?

Ele me encarou, surpreso.

– Você *pode* falar com almas? – perguntou, como se as palavras estivessem escritas claramente em meu rosto.

Não gostei de ele ter me lido tão bem, mas fiquei ansiosa para usar aquela nova habilidade e lhe mostrar que não era tão verde nem inútil quanto ele parecia pensar.

– Posso.

– Pode se comunicar com a de Martel?

Apesar de estar planejando fazer exatamente aquilo, sua pergunta me fez hesitar.

– Os homens estão sujeitos a seu exame mesmo após a morte?

Ele teve a delicadeza de parecer encabulado.

– Não é meu desejo desrespeitar os mortos, nem pediria a você para quebrar algum de seus votos. Mas, se quero encontrar um jeito de tirar nossa duquesa dessa situação, preciso usar todas as ferramentas à minha disposição.

Até almas. Até eu mesma.

– Vou tentar, mas ele está morto há mais de um dia, e estou acostumada a lidar com almas recentes.

– Obrigado. – A gratidão mudou seu rosto, suavizando as rugas pronunciadas e fazendo com que ele parecesse mais jovem do que eu havia pensado. Ele se afastou a uma distância respeitosa, e eu me ajoelhei e baixei a cabeça.

Na verdade, nunca tinha feito aquilo, e não tinha ideia de como proceder. Só sabia que era obrigada a tentar. Estava ávida por compreender o que tinha sentido com a alma de Martel na véspera. Teria sido meramente a riqueza da experiência, como disse a abadessa? Ou será que a alma dele realmente compartilhou seus últimos sentimentos e pensamentos comigo? Queria entender totalmente todos os dons concedidos por Mortain. Além disso, se Duval fosse um traidor, como a abadessa e o chanceler Crunard desconfiavam, talvez a alma de Martel me revelasse isso.

Fechei os olhos e respirei fundo. Pensei no fino véu que separava os vivos e os mortos, em como ele era tênue, e extremamente frágil. Depois de tê-lo visualizado com firmeza em minha mente, procurei uma abertura, uma fenda, qualquer fresta que me permitisse afastá-lo. Pronto. Um pequeno canto surgiu. Eu o alcancei com a mente e, com delicadeza, retirei a barreira existente entre a vida e a morte.

A alma atormentada de Martel estava bem do outro lado. Uma enorme onda de frio se quebrou sobre mim. Faminta por vida, a alma correu em minha direção. Ela rolou contra meu calor, como um porco tentando se cobrir de lama. Estava feliz em me ver, até satisfeita. Então, de repente, não estava mais.

Ela me reconheceu. Soube que tinha sido minha mão que a separara de seu corpo terreno. Ficou agitada e se contorceu contra

mim, tentando escapar de minha vontade. Mas não cedi. Aquele não era nenhum morto inocente a quem eu devia graça e piedade, mas um traidor que sem dúvida mereceu a punição que Mortain achou apropriado ministrar-lhe.

As imagens e os pensamentos contidos pela alma tinham começado a se desintegrar. Não havia nada além de fragmentos, nada que eu pudesse identificar como uma memória verdadeira. Insisti com minha mente, desejando que a alma e a suas memórias se recompusessem. *Para quem você trabalhava?*

Houve um turbilhão de raiva, um redemoinho de gelo. Vi o roxo e o amarelo da coroa francesa, uma flor-de-lis nítida no peito de um criado. Satisfeita com meu sucesso, tentei novamente. *Com quem você ia entrar em contato?*

Houve um breve vislumbre de barcos, então a imagem desapareceu, partida em mil pedaços quando a alma de Martel se agitou. Agora ela tentava impor sua vontade sobre mim, mas o poder que ela tinha sobre a vida não era nada em comparação com o poder que eu tinha sobre a morte. Afastei de mim o frio congelante da alma de Martel e abaixei a barreira, de modo que ficasse novamente sólida entre nós.

Quando abri os olhos, estava tremendo. Estava com tanto frio que não conseguia nem sentir os raios de sol. Duval chegou ao meu lado, segurou-me pelos cotovelos e me ergueu.

– Você está bem? – Seu rosto estava vincado de preocupação, e não consegui fazer meus dentes pararem de bater para o assegurar disso.

Ele tirou a capa de lã dos ombros e me envolveu com ela. O calor de seu corpo ainda estava grudado ao tecido macio, fechei os olhos e deixei que meu corpo o sorvesse.

– Seu rosto está tão pálido que, sinceramente, você parece estar morta também.

Ele apertou a capa ao meu redor, segurou minha mão – como seus dedos eram quentes! – e me arrastou até uma faixa maior de sol. E eu ainda tremia. Duval pôs as mãos em meus braços e esfregou para cima e para baixo, tentando devolver a eles algum calor.

Estava abalada demais até para respirar. Meus braços formigavam como se tivessem dormido por muito tempo e estivessem despertando naquele momento. HorrORIZADA, eu me afastei.

– Estou quente agora – disse, com voz firme. Evitei seus olhos, temendo que ele visse a confusão nos meus. Era de esperar que ele fosse bom em agir com galanteio. Sua bondade comigo não significava nada. Ele também era bom com seu cavalo. Na verdade, seu cavalheirismo podia ser um plano para me dar uma falsa sensação de confiança e segurança.

– Eu nunca teria pedido isso a você se soubesse...

Eu o interrompi.

– Estou bem.

Seus olhos examinaram meu rosto para ver se eu estava dizendo a verdade. Tentei desviar sua atenção para longe de mim.

– Ele não conseguiu me dizer nada – eu disse.

– O quê? – Duval estava claramente perplexo.

Quase ri ao ver como meu desconforto tinha varrido por completo o objetivo de sua mente.

– Martel me contou muito pouco.

– Pouco é melhor que nada – disse Duval, lembrando. – Continue.

Meu raciocínio ainda estava lento após o encontro com a alma e tentei decidir quanto contar a ele. Ocupei-me em remover sua capa de meus ombros.

– Imagens. Fragmentos. Nada que faça muito sentido. – Fiz uma pausa. Eu queria guardar para mim cada detalhe, ganhar qualquer vantagem, mas as instruções da madre superiora ainda ecoavam em meus ouvidos.

– Havia uma frota de barcos...

– Barcos! Descreva-os para mim.

Quando fiz isso, ele praguejou e começou a andar de um lado para o outro na pequena clareira.

– A frota francesa.

Era exatamente o que a abadessa e Crunard temiam. Martel estava tentando encontrar um porto para os franceses, para que eles pudessem lançar seus ataques.

– Você está bem o suficiente para montar? – perguntou Duval. – Essa notícia acrescenta alguma urgência a nossa jornada.

Em resposta, virei e me dirigi para meu cavalo.

Capítulo Doze

Chegamos a Quimper pouco antes do anoitecer. As fogueiras nos campos iluminaram o fim do caminho enquanto os lavradores locais celebravam Martinmas. Quando entramos na cidade, Duval nos conduziu a uma pequena estalagem, onde o estalajadeiro nos cobriu de atenções como se Duval fosse um convidado de honra. Então, pratos de coelho cozido em gordura e canecas de vinho quente aromatizado com especiarias foram colocados na nossa frente, e finalmente o estalajadeiro se retirou para as cozinhas. Mergulhamos com avidez em nossa refeição. Na verdade, Duval não falou muito depois de meu encontro com a alma de Martel, mas eu quase conseguia ouvir as engrenagens de sua mente girando de modo bem parecido com uma pedra de amolar, esmerilhando fragmentos de informação até que conseguissem se encaixar em algum padrão que só ele identificava.

Eu gostei de todo aquele silêncio, pois estava mais cansada que nunca, e meu traseiro estava dolorido após o dia exaustivo de cavalgada.

Quando terminamos nossa refeição, o estalajadeiro retornou e nos conduziu por uma escada estreita até os quartos no andar de cima. Meu quarto ficava ao lado do de Duval, mas, após uma busca rápida, não encontrei nenhuma porta que os ligasse, por isso relaxei um pouco. Mesmo assim, demorou mais do que deveria para eu pegar no sono. Podia sentir Duval do outro lado da parede grossa, a chama de sua alma brilhante e firme, e tão diferente da alma das irmãs com quem eu havia compartilhado minhas noites pelos últimos três anos.



Na manhã seguinte, antes do nascer do sol, estávamos na estrada. Quando deixamos a cidade, apressamos o ritmo e não paramos até o meio-dia. Na verdade, pensei que Duval cavalgaria sem parar com prazer, mas os cavalos precisavam de descanso. Assim como eu. Entretanto, eu o deixaria pensar que estava ajudando os cavalos, não a mim.

Enquanto ele cuidava dos animais, estiquei as pernas e tentei alongar os músculos enrijecidos das minhas costas. Depois que nossas montarias beberam água e pararam para descansar, Duval remexeu em seu alforje e tirou dele um pacote pequeno. Ele o enfiou embaixo do braço e foi até mim na pequena faixa de luz do sol que eu havia encontrado.

Irritava-me estar penosamente consciente de todo movimento que ele fazia, desde remover a capa do ombro até retirar as luvas de couro. Suas mãos me fascinavam, e lembrei da sensação delas em minha cintura, esfregando meus braços. Forcei-me a olhar para o outro lado.

Sem ter ideia do turbilhão em meu interior, Duval desfez o embrulho, que se revelou um pedaço de queijo duro. Ele o partiu ao meio, em seguida estendeu uma metade para mim.

– Coma.

Com um murmúrio de agradecimento, peguei o queijo, odiando que agora dependia dele para me alimentar, assim como dependera de meu pai e tinha achado que dependeria de Guillo. Fui tomada por um desejo infantil de jogar o queijo em cima dele e me recusar a comer. Mas não era mais criança, e tinha uma responsabilidade com meu convento, meu santo e minha duquesa. Dei uma mordida no queijo e jurei arranjar minhas próprias provisões na estalagem seguinte.

A clareira estava em silêncio, exceto pelo borbulhar suave do riacho onde os cavalos haviam bebido. O silêncio parecia denso e estranho para mim, mas qualquer tentativa de puxar conversa parecia igualmente desconfortável. Enquanto me perguntava se ele também estava sentindo aquilo, dei uma olhadela em sua direção e fiquei horrorizada ao ver que ele estava me observando. Ambos afastamos os olhares, mas, apesar de eu não estar mais olhando para ele, meu corpo inteiro ficou ciente de sua proximidade, do calor leve que emanava de seu corpo no ar úmido do outono, do cheiro de couro e de algum sabão com o qual ele tinha se lavado naquela manhã. Odiei ter consciência dele daquela maneira, e examinei meu coração, tentando descobrir onde tinha escondido o ressentimento e a desconfiança que sentia por ele.

– O que você queria com Runnion na taverna? – A pergunta saltou de meus lábios de maneira nada natural e nada sutil.

Sua testa se franziu em reflexão, como se ele estivesse avaliando um dilema espinhoso. Quando finalmente falou, foi só para fazer sua própria pergunta.

– O que você sabe do homem que matou lá?

Pisquei, surpresa.

– Não é minha função saber algo sobre aqueles que mato. Eu simplesmente cumpro as ordens de Mortain.

– E isso não a incomoda? Não saber quem nem por quê?

Incomodava, mas a pergunta fez com que eu me sentisse ignorante por não saber mais, por não *querer* saber mais.

– Não espero que o senhor entenda o dever e a obediência exigidos daquelas que servem Mortain – respondi, meu tom afetado e ríspido.

– Como o convento decide quem matar? – ele insistiu.

Estudei atentamente seu rosto, mas não consegui dizer se ele estava interrogando o convento, ou apenas a mim.

– Sem dúvida, isso é assunto do convento, milorde, não seu.

– Se vou apadrinhá-la na corte, não vou ser mantido no escuro, servindo apenas para remover corpos e inventar explicações.

Empinei o nariz, irritada, pois em minha mente esse era exatamente o papel que eu tinha designado para ele.

– A abadessa se comunica comigo por cartas e, às vezes, o santo deixa seus desígnios bem claros para mim, diretamente.

– Como? – Sua pergunta foi clara e urgente. Ele estava ávido para entender aquele enigma.

Dei de ombros e tentei recuperar o controle da conversa.

– O que isso tem a ver com Runnion?

Ele ficou um longo minuto em silêncio, tão longo que achei que não ia responder. Quando fez isso, desejei que não tivesse respondido.

– Não preocupa você o fato de não entender nada sobre como elas tomam as decisões? E se cometerem um erro?

– Um erro? – Minha face ficou afogueada com a sugestão. – Não vejo como, milorde, já que a mão delas é guiada pelo próprio santo. Na verdade, sugerir uma coisa dessas cheira a blasfêmia para mim.

– Não é do santo que desconfio, *demoiselle*, só dos humanos que interpretam Seus desejos. Em minha experiência, os humanos são todos muito falíveis. – Ele ficou brevemente em silêncio outra vez, mas suas palavras seguintes fizeram o que eu havia comido se revirar em meu estômago. – Runnion estava trabalhando para a duquesa.

– Não! Ele era um traidor. Eu mesma vi a marca nele.

Duval virou a cabeça bruscamente para me encarar, seus olhos brilhando de interesse.

– A marca do traidor, *demoiselle*? Como ela se parece?

Enquanto eu me recuperava daquela revelação, percebi como ele tinha espertamente me levado a divulgar mais do que eu pretendia.

– Isso é algo que não posso compartilhar com o senhor.

– Lembro-me de sua abadessa falando sobre cooperação.

– Em questões mundanas, sim, mas ela não disse nada sobre trair a santidade de nossos rituais. – Olhei para a folha prateada em sua capa.

– Você compartilharia comigo os ritos de Saint Camulos?

Ele ignorou a pergunta, pois sabia que eu estava certa.

– A definição de *cooperação* de sua abadessa é bem diferente da

minha – murmurou. – Considere o seguinte. Runnion tinha traído o duque há três anos, durante a Guerra Louca, mas acabou se arrependendo. Na verdade, ele queria compensar sua traição. Foi assim que veio trabalhar para nós, como um modo de voltar às boas graças deste país.

Senti como se tivesse sido transformada em pedra por uma das flechas de Saint Arduinna.

– Você está mentindo.

– Não, não estou. – Ele me olhou direto nos olhos, e o que vi ali parecia perturbadoramente com a verdade. – Talvez, *demoiselle*, seu santo seja mais complexo do que o convento quer que você acredite. Agora vamos, acho que os cavalos já descansaram o suficiente.

Capítulo Treze

A revelação de Duval sobre Runnion me atormentou pelo resto da tarde. Se Runnion era realmente inocente, por que o convento tinha me enviado para matá-lo? Será que não sabiam de seu trabalho para a duquesa? Ou sabiam de algo que Duval não sabia? E se Runnion estava a serviço da duquesa, por que ele carregava a marca? Por que Mortain não removeu aquela mancha da alma do homem?

Temí que a resposta estivesse em minhas ações. Será que, ao eliminá-lo, eu não tinha roubado suas chances de obter perdão?

Expulsei o pensamento perturbador da cabeça. Mortain era onisciente. Sem dúvida, teria visto a intenção do homem e o poupado se achasse que Runnion fosse merecedor.

Ainda estava em conflito com a questão de Runnion quando Duval nos dirigiu para uma ponte maciça de rochas. A cidade era pequena e estava cheia de gente, mas Duval parecia saber aonde estava indo e nos conduziu pelas ruas de pedras até chegarmos a uma estalagem.

Desmontamos, e o cavaliário chegou para levar nossos cavalos. Duval lhe deu instruções para cuidar dos animais, depois me ofereceu seu braço. Quando o tomei, perguntei-me que tolo havia decretado que as mulheres não podiam andar desacompanhadas. Lá dentro, o estalajadeiro veio apressado nos cumprimentar, e Duval lhe informou do que necessitávamos para a noite. O homem mandou alguém levar nossas coisas para os quartos, depois nos conduziu até o salão principal da estalagem, onde estavam servindo o jantar.

O salão era um aposento grande, maior até que o refeitório do convento. Apesar do tamanho, um teto baixo e vigas de madeira escura faziam com que parecesse pequeno e apertado. A lareira estava acesa, e o salão cheirava a fumaça, vinho jovem e carne assada.

Escolhemos uma mesa de canto, o mais distante possível dos outros comensais. Corri na frente para pegar o assento que me dava a visão mais clara da porta. Os lábios de Duval se curvaram num sorriso.

Uma criada deixou um jarro de vinho e duas taças na mesa, depois foi embora. Eu nem o deixei saciar sua sede antes de lançar minha pergunta.

– Se Runnion estava trabalhando para a duquesa, o que estava

fazendo na taberna? – Eu sabia que o convento não podia ter cometido um erro. Havia algum outro elemento em jogo ali, e eu estava determinada a descobrir qual era.

Duval ergueu a taça e deu um gole demorado antes de responder.

– Ele estava me trazendo informações sobre se a Inglaterra iria enviar tropas para ajudar em nossa luta contra os franceses.

Senti como se Annith tivesse me acertado um chute na barriga. Eu queria acusá-lo de mentir outra vez, mas seus olhos estavam firmes, e não havia nenhum dos sinais de falsidade que eu tinha sido ensinada a procurar. Além disso, sua resposta fazia sentido. A duquesa tinha sido prometida ao príncipe herdeiro da Inglaterra, antes que ele desaparecesse da torre.

– Se esse é o caso, então não posso acreditar que a abadessa soubesse que ele estava ajudando o senhor.

Duval deu de ombros.

– Eu gostaria de acreditar que ela não tem conhecimento do verdadeiro propósito de Runnion. A alternativa é extremamente perturbadora.

– Suas suspeitas não têm fundamento – retruquei. Peguei minha taça e bebi metade dela, como se o vinho pudesse lavar de minha boca o gosto ruim de sua desconfiança.

Quando larguei a taça, Duval se debruçou sobre a mesa.

– Agora que demonstrei boa-fé e respondi suas perguntas, gostaria que você respondesse uma das minhas. Quero saber mais sobre essas marcas e como elas funcionam.

– Sinto muito, mas não posso compartilhar essas coisas com o senhor.

Ele se recostou, e seus olhos ficaram frios e duros como o céu de inverno.

– Isso é uma pena, *demoiselle*. Pois, enquanto eu não souber mais sobre como o convento toma suas decisões, terei de vê-lo, assim como você, com desconfiança.

Dei a ele um sorriso falso e rígido.

– Parece que nós dois estamos unidos pelo dever.

A criada chegou naquele momento, rompendo nosso impasse. Ela serviu pães frescos e crocantes, um capão assado, duas tigelas de ensopado, nabos e cebolas cozidos e um pedaço de queijo. Famintos pelo longo dia de cavalgada, nos concentramos em nossa refeição.

Depois que as piores pontadas de fome tinham sido aplacadas, arrisquei outra pergunta.

– E em relação a Martel? Também afirma que ele trabalhava para o senhor?

– Estaria você me pedindo mais informações, *demoiselle*? Depois de se recusar a me dar sequer um fragmento em retorno?

Pareceu justo quando ele colocou daquela maneira. Suavizei minha voz para ele pensar que eu tinha me arrependido, mas claro que não estava arrependida.

– Vou dividir o que sei com o senhor, mas não posso revelar os segredos de nossa ordem.

Ele virou o rosto, retesando um pequeno músculo do queixo. Ele ficou um bom tempo em silêncio, depois olhou de volta para mim.

– Muito bem. Vou contar a você sobre Martel, mas só com a intenção de lhe mostrar que você deve conter sua mão até ter reunido todos os fatos. Martel não trabalhava para nós. Mas acredito que ele poderia ter sido convencido a me contar quem na corte está trabalhando para a regente francesa.

Bebi um gole de vinho para ocultar meu aborrecimento.

– Já está sentindo uma pontada na consciência? – perguntou Duval.

– Não – menti.

Uma sombra assomou perto da porta e tirou minha atenção de Duval. O maior homem que eu já tinha visto entrou no aposento. Meia cabeça mais alto que Duval, ele estava coberto com sujeira de viagem e cansado da estrada, e parecia um ogro que tinha escapado de um conto de fadas. Seu rosto tinha a textura embrutecida de marcas de varíola; seu nariz, quebrado pelo menos duas vezes, era uma massa disforme. Seu cabelo estava raspado bem rente à cabeça, e seus olhos eram vincados em um franzir permanente, como se ele os apertasse o tempo inteiro.

O olhar férreo do homem percorreu o aposento e parou em Duval. Seus olhos se estreitaram ainda mais, e ele caminhou com determinação em nossa direção. Todos os músculos de meu corpo se tensionaram, e minha mão deslizou até o punhal em minha cintura. Duval percebeu o movimento. Seus olhos se arregalaram de surpresa, e ele olhou para trás.

Então ficou de pé em um instante e se dirigiu para o estranho em uma investida determinada. Eles trombaram um no outro com a força de dois troncos colidindo. Levei um momento para perceber que seus golpes eram cumprimentos bem-humorados, e não tentativas de derrubar um ao outro. Dei um suspiro lento e tirei a mão da faca.

Quando eles terminaram de se socar, percebi um pequeno amontoado de cavaleiros e aprendizes parados na porta e apontando para o estranho. Duval gesticulou com a cabeça na direção deles, e o homem gigante revirou os olhos com bom humor antes de se voltar e cumprimentá-los. Eles sorriram e conversaram animadamente até o estalajadeiro os enxotar de volta a seus afazeres.

Duval, então, arrastou o estranho até nossa mesa. O homem não melhorou após uma inspeção mais atenta. Seus olhos azul-claros impressionavam em seu rosto marcado, e me lembraram de um lobo.

Na verdade, ele devia ser o homem mais feio que eu já tinha visto.

– Ismae – disse Duval –, esse é sir Benebic de Waroch, também conhecido como Fera. Fera, esta é a *demoiselle* Rienne.

Meus olhos se arregalaram de surpresa, pois mesmo no convento tínhamos ouvido histórias sobre a Fera de Waroch, sua crueldade e valor em batalha, e sua extrema indiferença pela própria vida, que fazia com que alguns pensassem que ele era louco.

– Meus cumprimentos, milorde.

A Fera de Waroch tomou minha mão e a ergueu com um aperto delicado, depois fez uma reverência cortês. Suas boas maneiras me surpreenderam, pois não combinavam com seu rosto. Quando falou, sua voz era baixa e ribombava como um trovão distante.

– É uma honra conhecê-la, milady.

– Não tenho berço nobre – murmurei constrangida.

– Toda mulher que Fera conhece é uma dama para ele – explicou Duval.

Fera se aprumou e soltou minha mão.

– Só aquelas que não fogem de mim apavoradas – disse ele com um sorriso. Sua intenção era soar casual, mas parecia mais que estava exibindo os dentes antes de um ataque. Gostei de ele não ter se desculpado por sua aparência, mas tê-la reconhecido abertamente, como um desafio. Era uma abordagem que eu admirava, e me afeiçoei imediatamente a ele.

Claro, o número de franceses que ele matara na última guerra não atrapalhava sua causa nem um pouco. Durante a Guerra Louca, foi sua bravura que inflamou a imaginação e o coração dos camponeses e os motivou a pegar quaisquer armas que pudessem encontrar – ancinhos, machados, pás, foices – para expulsar os franceses do país. Não fosse pela inspiração da Fera e a ajuda dos camponeses, os franceses talvez ainda estivessem ali.

– Sente-se, sente-se. – Duval acomodou Fera no banco e sentou-se ao lado dele. – Não esperava que você voltasse tão rápido. Nem esperava encontrá-lo aqui.

Os olhares dos dois se cruzaram, e eles trocaram uma mensagem silenciosa.

– Viajamos rápido – disse Fera, depois gesticulou para o estalajadeiro pedindo outra taça. O homem não se continha de satisfação por atender aquela lenda viva em sua estalagem.

– Nós? De Lornay está com você? – perguntou Duval.

– Está. Ele perdeu na moeda e está cuidando dos cavalos.

– Aquele seria De Lornay? – perguntei, olhando fixamente para o homem que acabara de entrar no aposento. Ele também era alto, apesar de estar mais próximo da altura de Duval que da enorme estatura da Fera, e também estava usando roupas de couro de

montaria com marcas de viagem, mas qualquer semelhança terminava aí. Ele era talvez o homem mais bonito que eu já vi: com seus traços harmoniosos e elegantes, parecia um arcanjo caído do céu. Quando chegou à nossa mesa, tinha um pequeno exército de jovens criadas em seu rastro, ansiosas para fazer suas vontades. Enojada, desviei os olhos e tomei um gole de vinho.

Duval se levantou para cumprimentá-lo, e senti Fera me observando.

– Não liga para a beleza de De Lornay, *demoiselle*? – perguntou ele. Franzi o nariz.

– Em geral, não me impressiono com homens bonitos, milorde.

Ele deu uma enorme gargalhada e ergueu o copo para brindar com o meu.

– Sabia que íamos nos dar bem – disse ele antes de esvaziar sua taça. Sentindo-me à vontade com suas palavras, fiz o mesmo.

Quando Duval me apresentou a De Lornay, ele não fez qualquer tentativa de beijar minha mão nem me chamou de milady. Na verdade, praticamente me ignorou. Fera se inclinou para perto de mim outra vez.

– Não dê atenção às maneiras desse cavaleiro de Amourna.

Olhei atentamente para De Lornay para ver como ele reagiria àquela provocação, pois chamar um verdadeiro cavaleiro de qualquer outra coisa que não garantem parecia um insulto grave. Mas De Lornay apenas lançou um olhar irritado para Fera e se sentou. O estalajadeiro chegou e pôs outro jarro de vinho e mais taças na mesa, depois enxotou as criadas de olhos vidrados e nos deixou com nosso jantar.

De Lornay pegou o jarro.

– Runnion encontrou você?

Duval lançou um olhar mal-humorado em minha direção.

– Não. Ele sofreu um acidente infeliz antes que pudéssemos conversar.

De Lornay parou de encher sua taça no meio.

– Verdade?

Duval assentiu, e eu olhei fixamente para meu jantar, fazendo o possível para parecer incapaz de provocar um acidente infeliz. Lembrei a mim mesma de que não tinha feito nada errado, só permitido que Mortain guiasse minha mão.

– O que aconteceu com ele? – perguntou De Lornay.

Duval evitou a pergunta e mudou de assunto.

– Estou mais interessado em saber por que vocês estão aqui. Pensei que tivessem negócios em Brest quando voltassem.

De Lornay e Fera se entreolharam.

– O barão não estava lá. Ele está a caminho de Guérande para a

Assembleia dos Estados – explicou Fera. – Assim como nós.

– O quê? – disse Duval. Foi a primeira vez que eu o vi confuso.

Fera franziu o cenho.

– Você não queria que nós fôssemos? Acharmos que precisaria de nosso apoio.

– Não estava sabendo da convocação de uma Assembleia dos Estados! A duquesa não planejava reunir todos os barões até poder apresentar a eles uma solução firme para esta crise. Vocês têm certeza?

– Temos. A mensagem chegou a Brest assim que nosso barco atracou. Ela trazia o selo do conselho privado.

Duval tomou um gole enorme de vinho, como se estivesse se fortificando.

– O que significa que alguém no conselho ignorou os desejos da duquesa e convocou a reunião por conta própria. – A mesa ficou em silêncio diante daquela sugestão horrenda.

– Ela não pode ter mudado de ideia? – Não consegui evitar a pergunta.

Duval olhou para mim como se tivesse esquecido que eu estava ali.

– Não – disse ele com delicadeza.

De Lornay virou-se para me estudar.

– Você escolheu uma boa hora para começar um romance – disse para Duval.

– A *demoiselle* Rienne é minha prima, não minha amante – disse ele.

– E, como tal, espero que vocês estendam a ela toda a cortesia. – Não havia como não perceber o aviso em sua voz, e não pude evitar um leve sentimento de gratidão.

As sobranceiras impressionantes de De Lornay se ergueram em descrença.

– Prima?

– Prima – resmungou Duval. – Eu vou apresentá-la à corte.

De Lornay deu um assovio.

– Com que propósito, além de provocar fofocas e especulações no meio de a toda a corte?

Duval sorriu, exibindo um vislumbre rápido de seus dentes brancos.

– Isso já não é razão suficiente? Entretanto – prosseguiu Duval –, sua notícia muda tudo. É melhor nos recolhermos para pegar a estrada com as primeiras luzes. – Ele levantou e olhou para mim.

Levei um momento para perceber que o jantar tinha terminado e que eu estava sendo dispensada. Ele estendeu o braço, caso eu não tivesse entendido o que dissera.

Estreitei os olhos para ele. Será que ele realmente pensava que eu não entendia seu plano? Achava que eu ficaria sentada em meu quarto enquanto ele conversava sobre reinos e traidores com seus amigos?

Bem, se era tão estúpido assim, que pensasse que eu faria exatamente o que ele desejava.

Dei um sorriso terno para ele.

– É claro, milorde. – Levantei e dei boa-noite para os outros. Enquanto Duval me acompanhava para fora do aposento, assumi uma expressão dócil e plácida. Quando chegamos ao meu quarto, ele me deu um boa-

-noite educado e foi embora. Fechei a porta e me encostei nela, ouvindo. Quando tive certeza de que ele não estava mais lá, abri a porta outra vez e espiei o corredor. Estava vazio.

Silenciosa como uma sombra, saí de meu quarto e me apressei para encontrar a escada dos criados.

Capítulo Catorze

Desci pela escada estreita e passei por uma antecâmara pequena e apertada até chegar a uma porta grossa. As cozinhas, sem dúvida. Era tarde e, se o santo estivesse comigo, a maioria dos trabalhadores teria terminado as tarefas da noite. Empurrei e abri a porta, com uma desculpa na ponta da língua. Mas havia apenas dois garotos lá dentro, no canto da área de lavar louça, esfregando panelas quase tão altas quanto eles.

Dei uma piscadela, depois levei o indicador aos lábios e ofereci a eles duas moedas de cobre. Seus olhos brilharam diante daquela generosidade inesperada. Eles pegaram as moedas com dedos vermelhos e esfolados e assentiram, aceitando nosso trato. Após comprar a lealdade deles, segui até a porta que me levaria aos segredos de Duval.

A porta dava para outro corredor curto entre as cozinhas e o salão de refeições. Perfeito. Entrei no corredor e me escondi entre as sombras, e segui lentamente junto à parede, na direção da sala de jantar.

Duval estava voltando para seu lugar à mesa. Fera olhou para ele e fez uma careta.

– Chama a atenção daquela garota e pede mais vinho, por favor? Ela está muito impressionada com meu rosto bonito para atender a meu chamado, e o lorde dândi aqui não quer fazer isso.

– Provavelmente porque ela vai tentar segui-lo até seu quarto – murmurou Duval.

Ignorando a provocação de Duval, De Lornay se debruçou sobre a mesa.

– Você vai mesmo exibir essa garota diante de toda a corte? Sua linhagem, Duval, é muito conhecida para tal engodo funcionar.

Duval desdenhou daquilo.

– Eu estou esperando que eles escutem *prima* e pensem *amante*.

– Eles pensariam, se fosse qualquer pessoa que não você – zombou De Lornay. – Você podia muito bem ser um monge, com tão poucas mulheres que leva para a cama.

Fera inclinou a cabeça para o lado.

– O que está acontecendo de verdade? Sua amante é a política, e não uma garota rústica do campo, por mais charmosa que seja.

Eu corei no escuro, feliz por não haver ninguém ali para ver.

– E nisso está o problema – disse Duval. – Ninguém vai acreditar em nós, como eu tanto me esforcei para explicar à abadessa de St. Mortain.

Meus membros ficaram rígidos com o choque quando ele expôs minha verdadeira identidade para os outros. Ele devia tê-los em consideração ainda maior do que eu imaginava. Ou ter menos consideração por minha vida.

Fera olhou boquiaberto para ele.

– Aquela menina é do convento de St. Mortain?

Duval fez uma careta para o interior de sua taça.

– Uma das servas da Morte, meu amigo.

Fera deu um assovio.

– Ela foi enviada para acabar com você?

– Ela diz que não, assim como sua abadessa. Mas a garota é quase tão confiável quanto a regente francesa, por isso tenho minhas dúvidas.

Talvez ele não fosse tão tolo quanto eu pensava.

Duval tornou a encher sua taça e contou a história de como caiu na armadilha da madre superiora. Quando terminou, Fera jogou sua cabeça grande e feia para trás e riu, assustando ainda mais a criada que os servia.

Duval olhou carrancudo para o que restava em sua taça.

– Não é engraçado.

– Ah, mas é sim – disse De Lornay. – O mestre de mais conspirações do que os amantes de uma puta foi pego direitinho na conspiração de outra pessoa.

Duval aguardou pacientemente que as risadas dos amigos terminassem. Na verdade, estava lidando com aquilo muito melhor que eu lidaria. Àquela altura, eu já teria batido nos dois.

– Se vocês já terminaram... – disse ele.

– Desculpe – murmurou Fera, esfregando os olhos com um punho maciço. – O que você vai fazer?

– Mentir do modo mais convincente possível e rezar para que ela não mate alguém importante.

Essa resposta mal-humorada fez Fera começar a rir de novo até que Duval lhe desse um chute para que calasse a boca.

– Você está assustando os outros fregueses – murmurou. – Agora, contem-me que notícias vocês trazem da Inglaterra, já que não consegui ouvi-las de Runnion.

– É verdade que Runnion não encontrou você? O que aconteceu com ele? – perguntou De Lornay.

Duval apontou a cabeça para o alto na direção do teto e de meu quarto.

Os olhos da Fera se arregalaram.

– *Ela?* Mas eu achei que o convento servisse à Bretanha...

– E serve, ou pelo menos eu acredito que sim. Mas houve um problema em nossas comunicações, e é por isso que eles botaram esta jovem noviça verde comigo.

De Lornay se debruçou, com o rosto enrubescido de curiosidade.

– Você já a levou para a cama?

O rosto da Fera assumiu uma expressão extasiada.

– Dizem que deitar com uma serva da Morte é o fim mais doce que se pode ter.

– Dizem, é? – Duval pareceu momentaneamente surpreso. O que não era nada em comparação ao que eu senti diante dessa declaração. Ninguém no convento tinha mencionado isso para mim.

De Lornay balançou a cabeça.

– Isso não passa de boato – disse ele com grande autoridade.

Os outros dois viraram para ele.

Ele deu de ombros.

– Não percebi que ela era do convento até a manhã seguinte, quando o comandante corrupto foi encontrado morto.

Apesar de não ser de minha conta, me perguntei com quem ele tinha deitado. Sybella? Ou uma das iniciadas mais velhas?

– Basta. – Duval ergueu a mão. – Quero suas notícias do rei inglês.

O rosto da Fera ficou sombrio.

– Ele não quis falar conosco pessoalmente – disse ele.

– Ou pelo menos foi isso o que disse seu chanceler – acrescentou De Lornay. – Não conseguimos descobrir o que aconteceu.

– De qualquer modo, os canais oficiais foram fechados para nós.

– E os canais extraoficiais?

– Ah, foi onde descobrimos muita coisa, e a maioria contraditória. – Houve um longo momento de silêncio, então Fera falou: – O rei inglês está considerando uma oferta da regente francesa. Ela vai pagar a ele uma pensão anual se ele não interferir na invasão francesa da Bretanha.

Duval deu um soco na mesa, assustando todos nós.

– Mesmo depois de toda a ajuda que lhe demos em sua luta pela coroa?

Fera assentiu.

– Mesmo assim.

– Há algumas boas notícias – disse De Lornay.

– Elas têm de ser muito boas para compensar isso – resmungou Duval.

– Bem, uma delas é que a regente francesa está relutante em pagar

as cinquenta mil coroas que o rei está pedindo. Mas mais importante: o rei inglês deixou claro que interromperia as negociações e nos forneceria ajuda se nós lhe déssemos as quatro cidades bretãs que ainda estão com os franceses.

Duval ergueu sua taça e a estudou.

– Parece que todo mundo tem um preço. – Ele ficou em silêncio por um instante, depois sacudiu a cabeça. – Infelizmente, temo que a era dos reinos e ducados esteja chegando ao fim. A França está devorando a Europa como um mendigo em um banquete. – Ele se recostou e encarou fixamente os companheiros com um olhar pensativo. – A regente francesa está fazendo de tudo para estragar todas as nossas tentativas de nos unirmos com nossos aliados. A questão é: Ela está apenas sendo cautelosa e antecipando nossos movimentos ou tem conhecimento específico de nossos planos?

Fera e De Lornay se entreolharam.

– Achava que éramos os únicos que conhecíamos nossos planos, fora do conselho privado.

– Exatamente – disse Duval. – O que faz disso uma questão premente. Se alguém está passando nossos segredos aos franceses, é um dos conselheiros mais próximos de Anne. E agora precisamos nos perguntar se esse traidor é o mesmo que convocou a Assembleia dos Estados, ou se há um segundo traidor com quem temos de lidar.

Todos digeriram a pergunta sombria em silêncio, então Duval ergueu a taça e a esvaziou, com um olhar feio para o que ficou no fundo.

– Acho que vou para a cama. Temos de sair cedo.

Eles levantaram e deixaram ruidosamente o aposento, e eu me virei para voltar ao meu quarto. Tive esperança de descobrir algo que incriminasse Duval. Em vez disso, descobri exatamente o oposto. Mesmo quando eu não estava presente, sua história era a mesma.

Então por que ele não discutia aquilo na minha frente? A menos que realmente não confiasse no convento. Contive um suspiro de frustração. As coisas seriam muito mais fáceis se eu pudesse simplesmente provar que ele era o traidor e terminar com tudo aquilo. Mas, por mais que eu revirasse cada palavra e gesto à procura de significados ocultos, não conseguia encontrar nenhum.



Acordamos cedo. Antes do amanhecer, estávamos na estrada. Duval tinha mandado Fera e De Lornay à frente. Eu sabia que ele se irritava com nosso ritmo mais lento, mas não havia nada que eu pudesse fazer em relação a isso.

Chuvas recentes tinham deixado o campo enlameado, o que retardava ainda mais nosso progresso. No fim da tarde, ficou claro

que, apesar de todos os esforços de Duval, não conseguiríamos chegar a Guérande antes do anoitecer. Resignado, ele saiu da estrada principal e se dirigiu para La Roche-Bernard.

La Roche-Bernard ficava no topo de um afloramento rochoso do qual se avistava o rio Vilaine. Sua principal marca era o novo castelo construído pela família Geffoy depois que o anterior fora completamente destruído na primeira guerra de sucessão.

No castelo, fomos conduzidos a um grande salão cheio de tapeçarias finas e coloridas e com um fogo crepitante. Um homem rotundo com cabelo e barba cor de areia se inclinava para perto de uma mulher elegante, como se estivesse prestando muita atenção a todas as palavras que ela dizia. Quando o mordomo nos anunciou, a mulher se afastou e olhou timidamente para a lareira, enquanto o cavalheiro – o barão, presumi – se ergueu e correu para nos cumprimentar.

– Duval! Que surpresa agradável – disse o barão Geffoy, mas seu rosto revelava a mentira de suas palavras. Na verdade, sua expressão irritada fez com que eu me perguntasse se Duval não era a última pessoa que ele desejava ver naquele momento. – Estamos honrados em receber todo tipo de visitantes da corte ultimamente. Madame Hivern está passando alguns dias conosco.

Duval ergueu a cabeça, e seus olhos cinzentos e frios miraram diretamente a mulher solitária junto da lareira.

O barão abaixou a voz.

– Estar na corte agora é doloroso demais para ela, como você bem sabe.

– É o que ela insiste em dizer – murmurou Duval. Havia um tom amargo e raivoso em sua voz que eu nunca tinha ouvido antes. Tornei a olhar para a lareira. Madame Hivern estava sentada de cabeça baixa, a própria imagem da contemplação piedosa. Na verdade, era a mesma pose que eu adotava no convento quando temia ser pega sussurrando com Annith ou Sybella.

– Barão, eu gostaria que conhecesse minha prima, *demoiselle* Rienne.

Geffoy abriu um sorriso malicioso ao ouvir a palavra *prima*.

– É um prazer conhecê-la – disse ele. Um brilho desagradável surgiu em seus olhos. – Por favor, sinta-se à vontade em minha casa, querida. Vocês vão se juntar a nós para o jantar, Duval? Ou estão exaustos demais da viagem?

Os olhos de Duval ainda estavam fixos em madame Hivern quando ele respondeu.

– Gostaríamos de nos juntar a vocês e ouvir as notícias da corte. – A mulher sem dúvida podia senti-lo olhando para ela, porque não levantava os olhos.

Quase como se tivesse ouvido meus pensamentos, nesse momento ela ergueu a cabeça. Apesar da expressão charmosa nunca se alterar, sua hostilidade em relação a Duval era palpável.

– Excelente! Vou mandar alguém mostrar a vocês seus aposentos para que possam se refrescar. – O barão se inclinou para perto de Duval. – Vou garantir que você e sua *prima* tenham quartos contíguos, *mais oui?*

Sua piscadela vil fez minha mão coçar por meu punhal. Talvez percebendo isso, Duval me tomou pelo braço e me acompanhou até a escada.

Meu quarto era grande e bem decorado. Lancei um olhar ansioso para a imensa cama com dossel que não poderia aproveitar por algumas horas ainda. Suspirei de tristeza, depois fui me aprontar para o jantar. Enquanto me despia, minha mente voltou para o desconforto do barão ao ver Duval, a hostilidade de Hivern e a reação extremamente controlada de Duval. Talvez eu descobrisse algo naquela noite.

Pelo menos o mistério do que havia entre Duval e Hivern talvez fornecesse alguma pequena dose de diversão durante o jantar. Fiquei me perguntando quanto do desejo de Duval de jantar no salão grande tinha a ver com ela. Mesmo a distância, percebi que ela era muito bonita: pele pálida, cabelo da cor de fios de ouro, vestida com elegância. A sofisticada Hivern me deixou estranhamente consciente de todas as lições sobre modos corteses e charmes femininos que eu tinha perdido.

Vi meu reflexo numa placa oval de prata polida pendurada na parede. Nós não podíamos ser mais diferentes. Ela parecia um tesouro delicadamente trabalhado. Já eu era morena e séria. Um leve franzir de cenho aproximou minhas sobrancelhas. Em minha cabeça, quase podia ouvir os risos de escárnio quando o barão e sua mulher descobrissem minha farsa. Não deixaria que isso acontecesse. Relaxei a expressão, o que melhorou um pouco minha aparência, mas não era nem de perto o suficiente.

Mergulhei o tecido de linho na água morna, levemente aromatizada com pétalas de rosa – um verdadeiro luxo –, e aproveitei a oportunidade para lavar o rosto, os braços e todos os outros lugares que alcançava.

Eu viajava com um único vestido elegante, por isso, o vesti com relutância. Não passei a gostar mais dele desde a última vez que o usara. E se não tinha enfeites de cabeça finos como os usados por madame Hivern, tinha minha rede de cabelo com pérolas. Sorri ao pensar nas habilidades sombrias que eu possuía e que Hivern não tinha.

Enquanto enfiava o último cacho teimoso no lugar, bateram à

porta. Eu a abri e encontrei Duval pronto para me acompanhar para o jantar. Ele estudou minha aparência extremamente alterada tanto quanto eu estudei a dele. Ele tinha trocado suas roupas de couro de montaria por um gibão negro elegante com linho branco no pescoço. Eu me perguntei brevemente se usar negro era uma marca pessoal dele. Duval me examinou atentamente, e fiquei um pouco envergonhada sob o calor de seu olhar.

– Não tenho certeza se deixaria minha prima aparecer em público com um vestido desses – disse ele por fim.

– Sua prima não tem outro vestido à disposição, milorde.

Seu rosto assumiu uma expressão resignada.

– E, assim, nossas sortes estão lançadas. – Ele estendeu o braço. – Venha, vamos nos juntar aos outros.

Após um momento de hesitação, pus a mão cautelosamente sobre sua manga. Incomodada por essas cortesias que tinha de suportar, procurei um modo de atormentá-lo.

– Madame Hivern não pareceu muito satisfeita ao vê-lo – observei.

– Aliás, por falar nisso, nem o barão.

Ele bufou, e a reação espontânea me surpreendeu.

– Madame Hivern e eu não concordamos em muitas coisas. O desconforto do barão é um pouco mais recente. – Em seguida, ele olhou para mim, com um leve brilho bem-humorado nos olhos.

– Você sabe quem ela é, não sabe?

Amaldiçoei minha própria ignorância. Era ainda pior do que ser obrigada a ficar sob os cuidados de Duval.

– Não – disse laconicamente. – Não sei.

Duval deu uma risada alta.

– Essa, cara assassina, é a amante do falecido duque.

Quase engasguei de surpresa.

– A prostituta francesa?

Ele me lançou um olhar penetrante.

– Por que você a chama assim?

Dei de ombros enquanto tentava espiar o interior do salão à frente, cheia de uma curiosidade obscena agora que sabia quem ela era.

– É assim que as irmãs no convento a chamavam – contei a ele.

Houve um silêncio longo e pesado. Quando olhei de volta para ele, toda a sua postura tinha mudado, e o bom humor havia desaparecido de seu rosto.

– É – disse ele. – E, só para sua informação, eu sou o filho da prostituta francesa.

Foi como se uma cratera gigante tivesse acabado de se abrir sob meus pés, enquanto as palavras de Duval ressoavam em minha cabeça como um grande sino. Ele era um dos bastardos do duque. Meio-irmão da duquesa.

Capítulo Quinze

Duval me pegou pelo braço e me puxou para o interior do grande salão. O local ardia com um fogo crepitante e velas que queimavam fortemente em pesados candelabros de prata, mas eu não registrei nada disso, pois minha mente retornou às tapeçarias da irmã Eonette. A prostituta francesa estava listada nelas, junto com os cinco filhos que teve com o falecido duque, mas eles eram todos mencionados apenas pelo primeiro nome, e Gavriel era um nome bem comum.

Será que a abadesa sabia que eu estava entrando naquilo às cegas? Será que era parte do teste? Ou ela havia apenas suposto erroneamente que eu reconheceria o filho bastardo do duque pelo nome Duval?

Ouvi, como que a uma grande distância, o barão Geffoy dizer:

– Aqui estão eles. – Eu me esforcei para me concentrar nas apresentações. – Visconde Duval, *demoiselle* Rienne, esta é a senhora minha esposa, Katerine. – Ela era uma pavia sem cores, com olhos penetrantes e inteligentes, e gostei dela imediatamente. – O irmão dela, Antoine de Loris, e meu mordomo, Guy de Picart. E é claro, Duval, você já conhece a charmosa madame Hivern.

O confronto dos olhares de Duval e Hivern ao se cruzarem foi tão barulhento quanto o primeiro golpe de qualquer duelo, mas o que me fez perder o fôlego foi o rápido vislumbre de dor que vi no rosto de Duval antes que ele o contivesse. Foi tão rápido que fiquei me perguntando se o havia imaginado.

Quando Hivern estendeu a mão para que Duval a beijasse, ele assumiu modos formais, como se vestisse uma armadura, e fez uma reverência a ela.

– Como sempre, sua presença me deixa sem palavras, senhora.

– Como se isso fosse verdade – murmurou ela. O barão Geffoy se remexeu, desconfortável, enquanto as sobranceiras de sua esposa se ergueram em surpresa.

Duval estreitou os olhos.

– Fico feliz em ver que aceitou meu conselho e se afastou da corte.

O sorriso de Hivern era tão cortante quanto uma navalha.

– Ah, mas não fiz isso. Só estou tirando uma pequena folga para

visitar meus amigos queridos e obter conforto em suas companhias. – Ela ergueu um lenço de linho delicado e o levou ao olho.

– Perdão. – A voz de Duval estava mais seca que ossos. – Não foi minha intenção lembrá-la de sua perda.

Ela fez um aceno com a mão do lenço, e eu não soube dizer se ela não percebeu a ironia no tom dele ou simplesmente preferiu ignorá-la.

– Minha perda está sempre presente. E eu sou extremamente grata ao barão e à lady Geffoy por oferecerem sua hospitalidade, longe de lembranças dolorosas de meu querido Francis. – A voz dela vacilou um pouco, como se estivesse prestes a chorar, e fui tomada pela sensação de que eles estavam todos interpretando papéis em uma peça.

Como que para distrair madame Hivern de seu pesar, lady Geffoy nos conduziu a nossos lugares à mesa, e aproveitei o momento para tentar organizar meus pensamentos. Com a revelação de Duval, muitos detalhes se encaixaram. A desconfiança da abadessa e de Crunard de que Duval conseguiria me fazer passar por sua prima; as reações da Fera e De Lornay. Ao lembrar, me senti corar de vergonha. Como eles deviam ter nos achado estúpidos! Não era à toa que Fera tinha achado que eu era de origem nobre, pois, apesar de Duval ser um bastardo, era um bastardo régio.

A humilhação correu por minhas veias. Peguei minha taça de vinho e tomei um gole farto, desejando poder afogar minha ignorância. Quando minha mente começou a se acalmar, tomei consciência do brilho do cristal, do cheiro de carne assada e do vinho forte. A mesa estava coberta com todo tipo de comidas e iguarias, mas para mim elas eram tão insossas quanto a poeira levantada por nossos cavalos.

Lady Katherine habilidosamente conduziu a conversa para caçadas e justas recentes, pessoas e acontecimentos com os quais eu não era familiar. Empurrei sua voz para o fundo da mente até não passar do zumbido de mosquitos voando sobre um lago estagnado.

Tentei me lembrar de tudo que o convento tinha nos contado sobre a prostituta francesa, pois era assim que sempre se referiam a ela, e o motivo de eu não tê-la reconhecido pelo nome Hivern. Ela foi amante do antigo rei da França quando tinha apenas catorze anos. Quando ele morreu, ela se tornou amante de nosso duque. Eles passaram muitos anos juntos, e ela lhe deu cinco filhos, três meninos e duas meninas.

O braço de Duval estava pousado ao lado do meu sobre a mesa, seus dedos longos e elegantes brincando com a base de sua taça. Quando seus dedos se retesaram de repente, forcei meus pensamentos para a conversa ao meu redor.

– Esse é o quarto torneio este ano que meu querido François venceu – dizia madame Hivern ao barão. – Ele tem poucos rivais na liça.

O barão Geffoy lançou um olhar de admiração para Duval.

– Exceto, talvez, por seu irmão mais velho. Se me lembro bem, ele nunca foi derrotado...

– Isso já faz muito tempo – disse Duval, dispensando bruscamente a tentativa do barão de lisonjeá-lo. Enquanto Duval levantava e bebia de sua taça, houve um silêncio breve e desconfortável. Lady Katherine tentou aliviar a tensão.

– Tivemos caçadas extremamente boas este ano – disse ela, mas outra vez madame Hivern mudou o rumo da conversa e começou a tagarelar sobre François e suas habilidades de caçador e sobre como ele tinha matado sozinho um javali com uma lança na caçada da semana anterior.

O que havia entre eles? Será que gostava tanto de François que Duval passou a odiá-la? Isso acontecia nas famílias às vezes, especialmente nas nobres, nas quais a preferência por um filho se traduzia em títulos e propriedades. Dei uma olhada para Duval, mas ele encarava fixamente seu prato, cortando o veado com movimentos precisos e raivosos.

Voltei minha atenção para madame Hivern, do outro lado da mesa. Seu vestido era da cor de esmeraldas e ainda mais decotado que o meu, deixando seus ombros completamente expostos, além de revelar o volume farto de seus charmes femininos.

– Gavriel, querido, quem é mesmo essa sua acompanhante, e por que ela está me encarando como se eu fosse um bezerro de cinco patas?

Enrubesci terrivelmente, pois achava que estavam todos tão envolvidos em suas conversas e tramas que não iriam perceber meu escrutínio.

Duval me lançou um olhar irritado, como se quisesse mostrar que estava aturando minha presença com pouco entusiasmo.

– Perdoe-a, madame. Ela foi criada no campo e sem dúvida está extremamente fascinada por sua beleza e elegância.

– Como todos nós – acrescentou o barão Geffoy, sem nem perceber a profunda ironia na voz de Duval. Lady Katherine, entretanto, percebeu.

– Foi ela que o fez se afastar tanto de sua jovem duquesa? – disse Hivern com um sorriso falso.

Duval ergueu sua taça e tomou um gole de vinho.

– Eu não me *afastei* de lugar nenhum. Tinha assuntos a tratar em nome da duquesa.

Madame Hivern me lançou um olhar penetrante.

– De onde você disse que era?

– Ela não disse – respondeu Duval. Embora não tenha gostado que ele estivesse falando por mim, não podia sequer fingir entender o que se passava entre eles.

– Tem notícias dos franceses? – perguntou o barão Geffoy. Ele não estava mais animado, mas tenso e irritado. Pela primeira vez desde que o conheci, pensei que não gostaria de enfrentá-lo em combate. – Há rumores de que suas tropas estão se reunindo no norte.

Duval balançou a cabeça com firmeza.

– Não. Não houve nenhum sinal de tropas nem de grupos de batedores. Sua informação está errada. A duquesa tem a situação sob controle.

Madame Hivern se debruçou, os olhos brilhando.

– Será, Gavriel? Ela tem tudo mesmo sob controle? Pois não parece. Seus olhares se encontraram, de lados opostos da mesa.

– Isso é porque você preferiu não ver, madame. – Suas palavras foram duras e fortes, como pedras lançadas por uma catapulta. – Como sempre, a senhora vê exatamente o que quer, mais nada. – Ele lançou seu olhar firme na direção da cabeceira da mesa, onde o barão Geffoy prestava muita atenção às fatias de faisão em seu prato. Duval o encarou por um longo instante antes de voltar sua atenção para Hivern. – Cuidado, madame – disse ele com delicadeza. – A política pode ser muito mais perigosa do que imagina. – Demorei um instante para entender que aquele não era um aviso geral, mas um alerta bem específico. Mas sobre o quê?

Ela também pareceu intrigada por suas palavras, mas, antes que pudesse falar, Duval virou-se para mim. Quase me encolhi diante da fúria que fervilhava em seu olhar.

– Como partimos à primeira luz da manhã, é sensato que nos retiremos cedo. – Ele levantou e estendeu o braço para mim, e eu rapidamente fiquei de pé, agradeci a lady Katherine por sua hospitalidade e deixei que Duval me conduzisse para fora dali.

Ele me acompanhou até meu quarto. Sua fúria mal contida nos impelia a passos rápidos, e eu estava quase sem fôlego quando chegamos. Comecei a fazer uma pergunta, mas ele me interrompeu com um boa-noite seco, abriu a porta e simplesmente me empurrou para dentro. Então a fechou com uma determinação inconfundível.

Estava sozinha, e grata por isso, mas também com raiva. Não era *minha* culpa que ele e Hivern quase tivessem chegado às vias de fato.

Não consegui adivinhar o que havia entre eles, que tipo de problema eles tinham. Parecia uma rixa séria demais para estar baseada no ressentimento de Duval pelo favoritismo da mãe. E qual o papel de Geffoy em tudo aquilo? Pois ele passou o jantar parecendo tão culpado quanto Annith quando tinha sido flagrada folheando os poemas de amor da irmã Beatriz.

Será que o barão estava contemplando um romance com madame Hivern, e Duval estava tentando desencorajá-lo? De Lornay dizia que Duval tinha a moral de um monge, então talvez isso estivesse no cerne

da animosidade entre ele e a mãe: ele acreditava que ela estava assumindo outro amante cedo demais após a morte de seu pai.

Meus dedos cansados estavam rígidos e atrapalhados enquanto eu lutava com os laços de meu corpete. Finalmente eles se soltaram e pude removê-lo. Tremi quando o ar frio atingiu minha pele, saí da saia e, vestindo apenas a combinação, corri para a cama enorme e entrei embaixo das cobertas grossas, feliz ao receber seu calor.

Podia ouvir Duval andando de um lado para o outro no quarto ao lado, inquieto e agitado, sua raiva passando por baixo da porta como uma espécie de miasma pútrido de um pântano fétido. Afastei isso da cabeça. Quem sua mãe tomava como amante não podia ser do interesse de Mortain.



Algum tempo depois, fui despertada por vozes raivosas. No início, achei que estivessem dentro do quarto, depois percebi que vinham do quarto de Duval. A porta era grossa, por isso só consegui compreender fragmentos.

– ...você vai arruinar tudo para nós...

– Você tem tão pouco respeito por meu pai que...

– ...não tem nada a ver com...

Era madame Hivern. Ela e Duval estavam discutindo.

Isso me despertou completamente, mas, quando me liberei das cobertas para poder ouvir atrás da parede, escutei uma porta batendo com uma pancada surda. Após um breve instante, um som alto de algo quebrando veio do quarto de Duval, um estilhaçar de cristal que fez com que eu me levantasse. Eu só tinha ouvido aquele som uma vez, no gabinete da abadessa, e, antes que minha cabeça percebesse o que meus pés estavam fazendo, eu já estava voando para a porta, minhas mãos abrindo a tranca.

Duval estava estirado em uma cadeira diante do fogo, com a cabeça jogada para trás e os olhos fechados. Havia um decantador aberto ao alcance de sua mão, e o aroma frutado de vinho se misturava com traços do perfume de rosas de madame Hivern, que ainda pairava no ar. A luz do fogo cintilava nos cacos de cristal quebrado no chão, e parei, com medo de retalhar meus pés.

– Meu senhor? – sussurrei, temor batendo em meu peito.

Duval levantou a cabeça de repente, seus olhos cheios de um desespero desolador. Ele desviou rapidamente o rosto, mas foi tarde demais. Eu tinha visto sua expressão, e uma simpatia por algo que eu sequer compreendia penetrou em meu coração.

– Ouvi um barulho...

Ele ergueu uma sobrancelha sardônica para mim, o rosto era agora uma máscara rígida.

– E pensou em me salvar de um ataque de cristais vestindo apenas sua combinação?

Fiz uma expressão contrariada diante de seu tom de escárnio. De fato, por que eu entrei ali correndo? Mesmo que ele tivesse sido envenenado, o que eu poderia ter feito? *Sua alma*, pensei, aliviada por ter encontrado uma razão. *Se ele morresse, eu devia aprender tudo o que pudesse com sua alma antes que ela partisse.*

Ele olhou para o decantador vazio ao seu lado.

– A menos que esteja conferindo se seu veneno funcionou. Então, sou um de seus alvos? – O cansaço em sua voz sugeria que ele não tinha se importado muito.

Se eu já não gostava de Hivern antes, agora, por alguma razão inexplicável, eu a odiava.

– Você está bêbado? – Tentei carregar minhas palavras com o máximo de desprezo possível, como ele tinha feito.

– Não. Sim. Talvez um pouco. Sem dúvida, não o suficiente. – A desolação voltou, e ele se virou para encarar as chamas.

Fiquei dividida entre deixá-lo remoendo seu desespero, ou correr para seu lado para expulsar aquela expressão de seus olhos. Essa vontade me deixou revoltada, e fez com que o pânico palpitasse dentro de meu peito.

– Sugiro que retorne para seu quarto – disse Duval, o olhar ainda fixo firmemente no fogo. – A menos que tenha vindo praticar suas lições de sedução comigo? – A boca dele se retorceu em um sorriso amargo. – Isso podia muito bem me entreter até o amanhecer.

Recuei como se tivesse levado um tapa.

– Não, milorde, só pensei em rezar por sua alma se madame Hivern tivesse resolvido envenená-lo. Mais nada. – Com isso, virei-me e saí do quarto, trancando a porta contra o vislumbre perturbador de sua alma, e da minha também. Fossem quais fossem os jogos naquele lugar, ele era um mestre, e era melhor eu me lembrar disso.



Na manhã seguinte, as coisas estavam tensas entre nós. Não encontrei o olhar de Duval, nem ele o meu quando partimos e saímos do pátio a galope. O sol nascia, e a névoa da alvorada emanava do chão se revolvendo em redemoinhos delicados, como vapor de um caldeirão fervente. Nosso silêncio desconfortável nos seguiu pela estrada até Guérande. Noturne não gostou que eu estivesse tão tensa, e relinchou. Eu me forcei a relaxar os ombros.

De sua parte, Duval agia como se eu não existisse. Pelo menos, até La Baule. Então se virou em sua sela, com o rosto rígido pelo constrangimento.

– Perdoe-me por tê-la insultado ontem à noite. Eu estava com raiva

de madame Hivern, e você era um alvo fácil. Por favor, aceite minhas desculpas. – Então ele tornou a se virar para a frente, deixando-me boquiaberta, encarando suas costas.

Ninguém nunca tinha se desculpado comigo antes. Sem dúvida, não minha família nem as freiras. Aquelas desculpas foram perturbadoras, como se meus sentimentos importassem, apesar de eu saber que não importavam. Importante era o que Mortain e o convento queriam. Mesmo assim, não pude evitar e sussurrei:

– Eu aceito – disse principalmente para mim mesma. Ou pelo menos achei que sim, até que vi Duval assentir uma vez, depois bater com os calcanhares no cavalo.

Capítulo Dezesseis

Apesar de ter crescido a apenas três léguas dali, eu nunca tinha ido a Guérande. Meu pai fora, muitas vezes, e usara cada uma dessas ocasiões para me provocar com o que vira. Eu pensava que ele estava exagerando quando esfregava em minha cara o que eu tinha perdido. Agora via que não.

A cidade era inteiramente cercada por grossas muralhas de pedra que se estendiam até onde meus olhos podiam ver. Oito torres de vigia erguiam-se a intervalos regulares. Entendi, então, por que a duquesa tinha escolhido aquele lugar como seu quartel-general. Aquelas muralhas certamente eram impenetráveis.

Desde que o inimigo viesse de fora.

À medida que nos aproximávamos, vi uma multidão perto da torre do portal. Legiões de servos e carroças com pilhas de móveis e objetos pessoais bloqueavam a estrada. Cavaleiros e senhores nobres circulavam a cavalo, os animais impacientes com o atraso. Duval murmurou um resmungo.

– Nesse ritmo, não vou chegar ao castelo antes da meia-noite.

– Eles são refugiados? – perguntei, lembrando-me das famílias e habitantes das cidades desesperados que tinham sido deslocados pela Guerra Louca.

Duval olhou para mim com reprovação.

– Não. Eles estão aqui para a Assembleia dos Estados. Venha, vamos tentar o portão norte.

Antes que ele pudesse fazer a volta com sua montaria, um clarim soou a nossas costas. Um porta-estandarte se aproximou, seu pavilhão azul e dourado se agitando no vento frio de outono. Um grande séquito serpenteava atrás dele na estrada. Batedores e arautos anunciavam sua chegada. Pessoas e cavalos fizeram o possível para abrir caminho, mas era uma estrada estreita, e não havia para onde ir.

Os cavaleiros não reduziram a velocidade. Seguiam a pleno galope por dentro da multidão, forçando as pessoas a pularem da ponte ou a correrem o risco de ser pisoteadas. Reconheci o estandarte imediatamente: era o do conde D’Albret, um dos nobres mais ricos da Bretanha e pretendente da duquesa. Um dos mais insistentes, segundo

a irmã Eonette.

O conde estava cercado por cavaleiros armados, por isso a única imagem que tive dele foi a de uma grande barriga e um cavalo suado com muitas marcas de esporas nos flancos. Foi suficiente para que eu tomasse uma aversão imediata pelo homem. Apesar disso, fiquei surpresa com a intensidade da reação de Duval: seus olhos ficaram duros e sombrios, e os lábios se curvaram em repulsa. Não pude deixar de reparar que agora havia duas pessoas das quais nós dois tínhamos uma profunda aversão – madame Hivern e o conde D’Albret – e lembrei-me da máxima da irmã Eonette de que o inimigo de nosso inimigo costuma ser um bom aliado.

Duval afastou os olhos do conde e os virou para a estrada.

– Acho que agora podemos passar – disse ele, tocando o cavalo com os calcanhares. O animal saltou para a frente. Pega de surpresa, fiz o possível para segui-lo, mas não fui tão rápida. Noturne refugou, em seguida se apressou, entrando na frente de um cavalo que se aproximava. Minhas mãos estavam tão ocupadas tentando controlá-lo que mal consegui olhar para a outra cavaleira. Enquanto se esforçava para recuperar o controle, ela gritou um xingamento para sua montaria.

A voz familiar foi como um balde de água gelada em minhas costas. Virei rapidamente a cabeça, mas ela já havia passado. Tudo o que pude ver foram seus ombros esbeltos e a inclinação desafiadora de sua cabeça – até que ela virou para me lançar um olhar cheio de desprezo, a irritação evidente em seu rosto.

Sybella.

Meu coração começou a acelerar enquanto o resto dos cavaleiros se punha entre nós na estrada e eu a perdia de vista. Fui tomada de alegria. Ela estava viva! E em Guérande! Aquilo era mais do que eu sabia antes. Foi suficiente para me animar enquanto eu me apressava para alcançar Duval.

Quando entramos na cidade, os cascos de nossos cavalos fizeram barulho sobre o calçamento. Casas de pedra e madeira se projetavam ousadamente sobre a rua, como donas de casa fofoqueiras. Lojas se enfileiravam lado a lado em becos estreitos, com seus postigos erguidos para exibir rolos de lã e seda, óleos perfumados e todo tipo de produtos. Passamos por barracas de fabricantes de velas e por barraquinhas de comida. Olhei desejosa para as últimas. Fazia horas que tínhamos tomado nosso desjejum.

- Tente não olhar com cara de boba – disse Duval, achando graça.
- Não estou – disse eu, irritada com o flagrante.
- Certamente está. Você nunca esteve em uma cidade antes?
- Nenhuma deste tamanho – admiti com relutância.

Duval balançou a cabeça.

– Pelo menos não vai ter problemas em se passar por uma camponesa rústica.

Estava claro que Duval gostaria de atravessar a cidade a galope, direto para a corte. Entretanto, ele se mantinha sob controle enquanto estávamos presos em meio a moradores da cidade e pedestres lotando as ruas e correndo de um lado para o outro. Para tentar evitá-los, pegamos uma rua lateral. Duval praguejou baixo quando nos deparamos com uma carroça virada, bloqueando o caminho. Sacos de grãos e farinha estavam espalhados sobre a rua de pedra, e o carroceiro examinava desanimado o eixo partido.

– Por aqui – ordenou Duval, virando em um beco estreito.

Tínhamos dado apenas alguns passos quando Duval soltou um grito incompreensível. Ele pegou a espada no momento em que três homens caíram aparentemente do céu. Outro aterrissou exatamente às suas costas, sobre o cavalo. O animal cambaleou, mas, como era treinado para batalhas, logo se recuperou. O garanhão bufou e empinou, quase derrubando o homem. Duval deu uma cotovelada com força na barriga do agressor e o derrubou do cavalo.

– Fuja! – gritou Duval.

Mas eu não era uma donzela delicada para fugir diante da ameaça de uma luta. Houve um retinir de aço quando Duval sacou a espada e atacou um segundo homem, que estava tentando puxá-lo da sela. Mesmo ouvindo o ruído baixo, surdo e molhado de lâmina acertando carne e ossos, eu estava indo pegar a faca grande em meu tornozelo.

Mas era tarde demais.

Dois – não, três – homens emergiram das sombras. Noturne empinou e refugou. Um deles agarrou seu cabresto, depois teve de cambalear para trás para evitar os golpes de seus cascos. Larguei minha faca e recuperei o equilíbrio. Soltei o pé direito do estribo, joguei a perna por cima da sela e golpeei o rosto de meu agressor com os dois pés. Ele recuou, me dando espaço suficiente para colocar minha faca entre nós.

Mas os movimentos me desequilibraram, e fui arrancada da sela. Aproveitei o ímpeto e projetei-me para a frente, aterrissando de pé com firmeza e me lançando para enfrentar o bandido.

Ele não viu minha faca a tempo.

Seus olhos se arregalaram quando a afundei em sua barriga. Fiquei atenta, mas não houve nem um sussurro de alma. Não foi, então, um golpe mortal. Ouvi um ruído de sucção quando tirei a lâmina, mas, antes que pudesse atacar de novo, havia outro homem sobre nós.

Eu me abaixei para evitar sua espada curta, girando para escapar do golpe. Noturne relinchou quando a lâmina me errou e a cortou na ilharga.

Fui tomada por uma onda ardente de fúria e me preparei para meu

ataque seguinte, mas minha mão explodiu de dor quando o chute de um dos homens encontrou seu alvo. Minha faca caiu ruidosamente sobre as pedras da rua.

Os dois homens se aproximaram juntos, silenciosos mas mortais, enquanto seu companheiro se debatia no chão, com a mão agarrada à barriga para impedir que suas tripas vazassem pela rua.

Enfiei a mão pela fenda de minha saia e ela se fechou em torno do cabo liso e usado. Quando saquei a *misericorde*, o bandido à minha esquerda riu do tamanho da arma.

Eu sorri.

Um corte, dissera a abadessa. Só um arranhão. E, embora eu estivesse relutante em usar uma arma de misericórdia em dois homens como aqueles, tinha certeza de que Mortain me perdoaria, pois tínhamos permissão de matar em defesa própria.

Eu tomei posição para lutar.

O homem deu uma cusparada de sangue, depois correu para a frente com a espada curta estendida. *Merde*, como ele era burro. Será que realmente achava que eu ia ficar ali esperando ser espetada?

Eu me agachei por baixo da lâmina estendida e rolei pelo chão, golpeando o tornozelo do homem ao passar. Quando me ajoelhei, havia uma expressão intrigada em seu rosto. Ele tinha parado de se mexer e estava caindo lentamente, como uma marionete cujos cordões foram cortados. Senti o farfalhar de sua alma partindo, mas ela logo desapareceu.

Os olhos de seu companheiro se arregalaram diante daquele truque surpreendente. Se ele fosse esperto, correria – mas não era. Ele entrou em pânico e atacou. Saltei para trás e ergui a *misericorde* entre nós. Ela acertou os nós ossudos de seus dedos, só um arranhão, mas ele ficou rígido, depois olhou do corte para mim.

– Você não pode vencer o próprio Mortain – sussurrei. Então ele também tombou para o chão, como se estivesse fazendo uma reverência profunda. Outro adejar de alma, depois nada. Fiquei preocupada com minha falta de conexão com suas almas e me perguntei se seria outra dádiva da morte com a *misericorde* que os pensamentos das vítimas permanecessem privados.

O som de aço se arrastando contra a pedra chamou minha atenção de volta para Duval. Três de seus agressores estavam fora de combate; o quarto estava encurralado contra a parede. Quando me aproximei, o bandido restante olhou de relance em minha direção. Foi apenas um átimo, mas Duval usou a distração para penetrar na guarda do homem e acertá-lo na cabeça com o punho da espada. Os olhos dele se reviraram nas órbitas, e ele deslizou para o chão.

– Vou poupar *você* para interrogatório – disse Duval. Em seguida, voltou sua atenção para mim. – Está ferida?

Olhei para baixo e vi que uma das lâminas tinha cortado meu vestido. Uma linha vermelha suave se avolumava na parte carnuda de meu braço.

– Só um arranhão. E o senhor? – perguntei, porque me pareceu educado perguntar.

– Bem – respondeu, lacônico. Seu olhar moveu-se para além de mim, na direção dos três homens que eu havia despachado.

– Meu Jesu! – Ele correu até onde eles estavam e se ajoelhou para sentir seus pulsos. – Todos mortos – anunciou.

– Eu sei. – Tentei evitar que o orgulho transparecesse em minha voz. Uma sensação de triunfo corria através de mim, e eu estava quase inebriada por ela. Tinha vencido três homens e, apesar de o teste ter sido mais difícil do que qualquer um no convento, tinha passado com mérito. Melhor ainda, havia lutado tão bem quanto Duval. Eu me perguntei como escrever uma mensagem informando a abadessa sem soar como se eu estivesse me gabando.

– O que aconteceu com seu cavalo?

Meu estado de espírito despencou de volta à terra com a pergunta de Duval. Virei, chocada ao ver que Noturne estava deitado no chão, seu flanco negro musculoso encharcado de suor, inchando e esvaziando como um fole.

– Ele só sofreu um arranhão – disse para ele enquanto corria para me ajoelhar ao lado dele. O cheiro acre de hébolo-branco encheu meu nariz, e havia manchas de espuma sangrenta em sua boca. – Veneno. – Antes de terminar a palavra, pude sentir o calor febril que emanava dele. – Então não eram simples bandidos. Eles nos queriam mortos. – Passei a mão pelo lombo sedoso de Noturne, tentando confortá-lo. – O senhor tem tantos inimigos assim? – perguntei a Duval.

– Parece que sim – disse ele. – A pergunta mais importante é: Será que eu devia me sentir lisonjeado por eles terem mandado sete atrás de mim? Ou isso significa que alguém sabia que eu estaria viajando com uma lutadora habilidosa?

Percebi, então, toda a implicação do que ele dissera.

– Está sugerindo que a abadessa os mandou? Ou o chanceler Crunard? – Eu mal conseguia esconder a incredulidade em minha voz.

Ele deu de ombros.

– Parece que quem quer que os tenha enviado sabia que nós dois podemos lutar.

Fiquei tentada a perguntar se ele também desconfiava de Fera ou de De Lornay, mas aí eu teria de revelar que havia escutado sua conversa, e não estava disposta a fazer isso. Ainda não.

Seria possível que Duval os tivesse mandado na frente para preparar uma coisa daquelas? Será que ele poderia ter armado um ataque só para se livrar de mim?

– Devemos acabar com o sofrimento dela – disse Duval, com delicadeza.

Suas palavras me lembraram do que eu devia fazer, mas, embora desejasse ajudar Noturne, estava abatida demais pela tristeza de me despedir dele.

– Quer que eu faça isso? – A voz de Duval estava cheia de empatia. Não havia qualquer toque de condescendência nela, mas agi como se houvesse. Ficar com raiva era a única maneira de suportar aquilo.

– Eu sou treinada em morte – lembrei a ele. – Não preciso de ajuda.

– Nenhum de nós é treinado para matar aqueles que nos serviram bem e com fidelidade – disse ele. – Essa é uma agonia especial, e eu a pouparia dela se pudesse. – Havia um tom de pesar em sua voz, e eu *sabia* que ele já tivera de fazer exatamente aquela mesma coisa. Sua empatia tornou a dor de perder Noturne ainda pior, como se meus sentimentos pelo animal não fossem uma afeição infantil que eu devia ter superado muito tempo atrás.

– Não sou fraca. – Para provar minhas palavras, abaixei e peguei o cabo de minha faca.

– Eu nunca disse que era. – A voz dele ainda estava gentil, como se visse o quanto aquilo estava doendo. O que só aumentou minha decisão de lhe provar o contrário.

– Se parar com essa falação interminável, farei isso agora. – Eu o senti, mais do que vi, recuar, e de repente eu podia respirar, agora que ele não estava por perto. Voltei toda minha atenção para Noturne, desejando encontrar algum modo de fazê-lo entender o quanto ia sentir sua falta.

Encostei o rosto em seu pescoço, inspirando seu cheiro familiar de cavalo.

– Obrigada – murmurei em sua orelha. – Por me carregar com tanta segurança e por ser meu amigo – disse esta última parte tão baixo que temi que ele não ouvisse. Mas sua orelha se mexeu, e soube que minhas palavras o haviam atingido. Ele deu um relincho baixo, como que dizendo que entendia. – Soube que há muitas cenouras para onde você vai – disse a ele. Então, antes que eu vacilasse, peguei a *misericorde* e a levei a sua garganta.

O espírito de Noturne deixou seu corpo em um jorro vermelho e quente. Uma brisa suave passou por mim, trazendo o aroma de grama verde e a sensação de galopar ao vento. Abaixei a cabeça e a encostei em seu pescoço, rezando para não chorar.

Então Duval segurou meu braço e me puxou de pé. Se eu não soubesse que ele tinha nervos de aço, teria dito que havia um leve vislumbre de pânico em seu rosto.

– O que está fazendo? – Eu me soltei de sua mão.

Ele olhava com preocupação para o corte em meu braço.

– Se uma lâmina estava envenenada, por que não todas elas? – Quando olhei para ele sem compreender, ele me deu uma leve sacudida. – *Você* pode ter sido envenenada também.

Agora que ele tinha mencionado, eu senti uma leve queimação em meu braço. Olhei para o corte.

– Estou bem – garanti a ele.

– Você não tem como saber isso. Talvez neste momento o veneno esteja a caminho de seus órgãos vitais. – Ele voltou a tomar meu braço e o segurou firme enquanto me conduzia até seu cavalo.

Ele não sabia que eu era imune a veneno, e eu estava relutante em revelar isso. Se fosse realmente ele quem estava por trás daquele ataque, era melhor não lhe entregar tais segredos. Quando chegamos a seu cavalo, ele parou tempo o suficiente para sentir minha testa.

– Ainda sem febre – murmurou.

– Estou bem. Já lhe disse.

Ele ignorou meus protestos e passou a mão em torno de minha cintura. Mal tive tempo de levar um susto e me vi sentada na garupa do cavalo, com a lembrança de sua mão ainda queimando contra minha pele. Ele saltou sobre a sela, depois segurou as rédeas nas mãos.

– Segure-se em mim, ou vou derrubar você – instruiu por sobre os ombros.

Cuidadosamente, eu pus as mãos em seu torso.

– Segure-se – repetiu, depois golpeou o cavalo com os calcanhares. Saímos voando, e agarrei-me como pude às dobras grossas de sua capa para evitar cair.

Ele galopou de volta pelo caminho por onde tínhamos vindo. A carroça virada não estava mais lá, e não havia sinal de ninguém por perto. Duval pegou uma rua lateral, depois outra, e logo chegamos a uma rua mais larga com casas melhores.

Ele se dirigiu para uma delas. Seu cavalo mal tinha parado quando um cavaliço saiu correndo para pegar as rédeas. Duval desmontou só para me apresentar a seu mordomo, depois me recomendou aos cuidados de sua governanta, Louyse, uma mulher gorda e simpática, que me recebeu com alegria, além de curiosidade.

Quando Duval começou a lhe dar ordens para chamar um médico, eu o detive.

– Milorde, se eu tivesse sido envenenada, a esta altura estaria morta.

Ele me olhou carrancudo e ia começar a discutir, mas eu o interrompi.

– Veja como meu cavalo caiu rápido. Sem dúvida alguém do meu tamanho já teria sentido sintomas.

Seu rosto se tranqüilizou um pouco com minhas palavras.

– Talvez. Mas por que apenas uma das lâminas estaria envenenada?

– Não sei. Só sei que estou bem, e isso basta.

Ele deu um aceno curto.

– Muito bem. Louyse vai cuidar para que você tenha tudo de que precisa. – Ele me surpreendeu ao tomar minha mão. É para os criados, disse a mim mesma. *Para convencê-los de nossa farsa.* – Prometa-me que vai mandar chamar um médico caso comece a se sentir mal.

Tive vontade de rir de sua preocupação. Não – quis me envolver nela como se fosse um cobertor e usá-la para mitigar minha perda recente. Em vez disso, eu disse:

– Prometo. – Sabendo que não me custaria nada dizer.

Então ele montou em seu cavalo, chamou quatro de seus homens para cavalgar com ele e partiu. Ao ouvir o ruído dos cascos deixando o pátio, percebi que não sabia se eles tinham seguido para o palácio ou de volta à cena de nosso ataque. Minha curiosidade foi tão forte que dei um passo à frente para correr atrás deles, mas então percebi o olhar intrigado de Louyse.

Dei um sorriso cansado, e ela abriu um grande sorriso em resposta.

– Venha, *demoiselle*. A senhorita sem dúvida está cansada de sua viagem.

Impressionei-me ao ver como ela era bem treinada, pois eu tinha certeza de que ouvira Duval dizer *envenenada*, e mesmo assim não me lançou olhares curiosos nem me fez perguntas invasivas.

Em vez disso, conduziu-me para dentro. Um grande salão se erguia à minha esquerda, e o sol que penetrava pelas janelas dos balcões envidraçados brilhava sobre as tapeçarias que cobriam a parede. Ocorreu-me que eu devia ao menos tentar fazer uma busca na casa de Duval, agora que ele não estava lá, mas não consegui reunir a disposição. Estava cansada até os ossos, e quando me movia parecia que estava andando dentro da água.

Talvez houvesse veneno na lâmina, afinal de contas. Se fosse o caso, aquela sensação passaria rápido, muito mais rápido que qualquer mal do coração, que era o que eu temia. A morte de Noturne não devia me incomodar tanto, e odiava ser fraca desse jeito.

Louyse subiu uma larga escada central até um quarto. Ele também tinha janelas de vidro e grossas cortinas de veludo que protegiam do frio. Havia um fogo aceso na lareira, e uma grande banheira ao lado. Uma criada estava derramando um balde de água fumegante dentro dela.

Fiquei um pouco animada com a ideia de um banho. Não tomava banho desde o convento, e estava precisando muito de um.

Houve uma batida leve na porta, e um criado surgiu trazendo minha bolsa. Louyse gesticulou para que ele a botasse sobre a cama, depois enxotou tanto ele como a criada do quarto. Ela deu um passo

em minha direção.

– Posso ajudá-la com seu vestido?

– Não! – A pequena onda de pânico que senti com a ideia de expor as cicatrizes em minhas costas deram mais força à palavra do que era minha intenção. – Obrigada – acrescentei, com mais simpatia. – Mas fui criada em um convento, e me sinto mais à vontade me despindo sozinha. – Meu coração estava acelerado. Eu não tinha sequer pensado em ter uma criada me ajudando.

Suas sobrancelhas se ergueram só um pouco, outro sinal de seu treinamento excelente.

– Muito bem. Vou deixá-la com seu banho, então. – E, com isso, ela se foi.

Assim que ela deixou o quarto, eu me joguei na cama. Toda a sensação de triunfo havia desaparecido, e eu não sentia nada além da morte triste de Noturne e da consciência de o quanto estava longe de casa.

Capítulo Dezessete

Despertei com os pelos finos de minha nuca se arrepiando em alerta. Todos os músculos de meu corpo se retesaram em expectativa. Enquanto minha mente tentava absorver o ambiente desconhecido, minha mão pegou o punhal embaixo do travesseiro.

Uma voz pesada de enfado ribombou em meio ao silêncio.

– Pode deixar esse seu belo espeto principesco onde está.

Duval. Eu estava alojada em sua casa em Guérande. Minha mão relaxou.

– Você não *espeta* com isso – corriji automaticamente, de um jeito muito parecido com o da irmã Arnette. – Você enfia e gira.

Uma risada baixa e quente encheu o aposento, e minha pele se arrepiou. Incomodada, quis esfregar o antebraço para aliviar a sensação, mas ainda não estava pronta para largar minha faca.

Duval estava sentado em uma cadeira de costas para a janela. Ele teria vindo tirar proveito de mim? Ali, onde os únicos que ouviriam meus protestos seriam aqueles leais a ele?

Pois eu *iria* protestar, garanti a mim mesma.

– Eu disse para largar o punhal. – Dessa vez, havia um toque de aço em sua voz, em vez de riso.

– O senhor deve estar louco se acha que vou ficar aqui no escuro, indefesa...

– Contra o que exatamente você acha que tem que se defender? Não tomei nenhuma atitude contra você.

Aí ele me pegou, pois eu não sabia dizer contra o *que* eu devia me defender, só que, de algum modo, eu me sentia ameaçada.

– Você tem exatamente cinco segundos para largar esse punhal se não quiser vê-lo em sua garganta adorável. – Ele achava que me intimidaria e me faria obedecê-lo, mas suas palavras tiveram o efeito contrário. Eu sentia um enorme desejo de testar minhas habilidades contra as dele. Nós dois tínhamos matado três homens naquele dia. Como nos sairíamos um contra o outro? A ideia fez com que eu fosse tomada por algo lúgubre e perturbador. Enfiei o punhal de volta embaixo do travesseiro, com medo de usá-lo sem justificativa.

Deitada, sentia-me muito vulnerável, por isso me sentei. Os ombros

largos de Duval formavam uma silhueta contra o luar suave que entrava pela janela, e eu queria desesperadamente ver seu rosto para poder discernir sua intenção, mas ele estava encoberto por sombras. Além disso, nem estava olhando para mim. Sua cabeça estava jogada para trás, apoiada na cadeira, e os ombros levemente curvados revelavam seu cansaço.

– Por que o senhor está aqui? – perguntei.

Ele virou o olhar em minha direção e, apesar de seus olhos ainda estarem ocultos nas sombras, eu os senti com tanta certeza quanto qualquer toque. Minha pele se arrepiou outra vez, e dessa vez eu esfreguei os braços.

– Eu gostaria de saber do que minha bela assassina tem tanto medo.

– Não estou com medo.

Duval inclinou a cabeça para o lado.

– Não? – Ele me examinou por um bom tempo, em seguida levantou da cadeira. Prendi o fôlego enquanto ele caminhava até minha cama. – Tem medo, talvez, de que eu chegue mais perto? – Sua voz estava baixa, pouco mais que um ronronar. Senti um nó na garganta, formado por algo que eu gostaria de chamar de medo, mas que não se parecia nada com medo. Cada centímetro de minha pele estava excitado e dolorosamente consciente dos lençóis e cobertores macios entre nós. Eram mais grossos que qualquer vestido que eu já havia usado, mas mesmo assim me senti insuportavelmente exposta.

– Talvez esteja preocupada que eu toque você – refletiu ele. Observei hipnotizada suas mãos se estenderem em minha direção e pararem acima do pé da cama. Por baixo das cobertas, minha pele se contorcia de antecipação.

Quando sua mão desceu e segurou meu tornozelo, precisei de toda minha força de vontade para não tentar me soltar. Seu aperto era firme, e era como se o calor de sua mão queimasse através de todas as camadas entre nós. Meu tornozelo latejou, e a sensação subiu por minha perna e se espalhou por todo meu corpo, até que cada centímetro de minha pele ardia de... o quê? Medo? Antecipação?

Ficamos nos encarando e o momento se estendeu, engolindo todos os momentos vindos antes dele.

– Como você vai fazer o jogo da sedução se fica tão amedrontada?

– Sua voz era como veludo macio sobre minha pele. – Vai ter problemas para descobrir meus segredos se não suporta meu toque. – Então ele praguejou e tirou a mão de mim. – O que seu convento está pensando, mandando ao mundo uma inocente como você para se passar por uma rameira?

Meu coração batia dolorosamente em meu peito enquanto Duval voltava à sua cadeira. Ele sabia. Ele sabia que a abadessa tinha me enviado para espioná-lo. Eu era a única a achar que nós estávamos

enganando alguém.

Duval se encostou outra vez e me estudou, como se eu fosse um nó muito complicado que ele tivesse de desatar. Tentei não me mexer.

– Então, por que o senhor está aqui? – Eu me agarrei teimosamente a essa pergunta.

– Sua abadessa tinha razão. Não importa como chamamos você, as pessoas estão tirando as próprias conclusões. Quando cheguei à corte esta tarde, dois nobres me parabenizaram por minha nova amante. É burrice tentar lutar contra isso.

– Talvez meu raciocínio esteja confuso devido ao sono, mas ainda não entendo por que o senhor está aqui.

Duval deu um suspiro.

– Para que meus criados percebam que visitei seu quarto esta noite e tirem suas conclusões vulgares.

– Mas precisamos mesmo continuar com esta farsa sob o seu teto? – disse eu, satisfeita por ter algo concreto para discutir.

– Certamente você não está disposta a apostar sua vida ou o futuro da duquesa acreditando que todos que trabalham em minha casa são inteiramente leais...

– Não acredito que você não confia em seus próprios criados – disse eu, mas era mentira. Eu não estava surpresa.

Duval se inclinou para a frente e apoiou os cotovelos nos joelhos.

– Os franceses compraram vários nobres bretões, Ismae. A questão é saber quem e por quanto. Se eu fosse o mestre dos espíões franceses, sem dúvida faria um esforço para botar um ou dois espíões na casa de cada um dos conselheiros de confiança de Anne.

– Então certamente todos deveriam ter a marca de Mortain pela traição.

– Apesar disso, não têm. Como eu disse, desconfio de que seu santo seja mais complexo do que seu convento a fez acreditar.

Dentro de mim, inflamou-se uma irritação raivosa e bem-vinda.

– Como sabe que eles não têm as marcas? Elas não são visíveis para o senhor.

Ele sorriu, dessa vez um sorriso autêntico.

– É por isso que vou apresentá-la amanhã à corte. Vai ser muito divertido, garanto. Entretanto, recomendo que você consulte a duquesa antes de começar a assassinar livremente os membros de sua corte. Agora, volte a dormir – disse ele. – Vou ficar aqui sentado por mais uma hora, depois volto para meu quarto.

Estava claro que ele não ia se mexer até que achasse apropriado. Eu tornei a me recolher embaixo das cobertas, consciente demais de sua presença, do pouco espaço entre nós, de ter apenas o linho fino de minha camisola me cobrindo. Limpei a garganta.

– Descobriu alguma coisa sobre nossos agressores? – perguntei.

– Agora durma, Ismae. Conversamos mais de manhã. – Sua voz estava baixa, nada além de um ruído grave e suave no ar da noite.

Tinha certeza de que nunca voltaria a dormir, mas dormi. E, quando acordei de manhã, ele não estava lá. Era como se nunca estivesse estado lá.



Quando Louyse chegou para me ajudar a me vestir, não consegui olhar em seus olhos. Será que ela sabia que Duval tinha passado boa parte da noite em meu quarto? Se sabia, não deu nenhuma indicação. Ou ela era extremamente discreta, ou ignorava o que se passara.

Com um simpático “Bom dia, *demoiselle*”, ela pôs um jarro grande de água sobre a mesinha e estendeu uma *chemise* limpa sobre minha cama. Quando se dirigiu ao guarda-roupa para pegar meu vestido, desci rapidamente da cama, ansiosa para me vestir enquanto ela não estivesse olhando. Quando ela voltou com o vestido, piscou em surpresa, mas não disse nada. A mulher era bem treinada.

Entrei no vestido, e ela foi até minhas costas para ajustá-lo.

– O visconde está em seu estúdio – disse ela, terminando de amarrar os laços às minhas costas. – Ele pediu que vá encontrá-lo quando estiver pronta.

– Está bem. – Torci para que ela não tivesse percebido a relutância em minha voz.

A porta abriu outra vez, e estremeci diante da intrusão, mas era apenas a criada Agnez me trazendo uma bandeja com meu desjejum. Quando estava totalmente vestida e penteada, e depois de garantir a elas, duas vezes, que podia tomar meu café da manhã sozinha, elas finalmente saíram. Fechei os olhos e me permiti saborear a solidão, mesmo que por um breve instante. Mas saber que Duval estava à minha espera me roubou qualquer paz que aquilo pudesse trazer. Arranquei um pedaço do pão sobre a bandeja e comecei a comê-lo, na esperança de acalmar os nervos turbulentos em minha entranhas.

Sentindo-me irrequieta e estranha, andei de um lado para o outro enquanto comia, incapaz de ficar parada. Era como se em algum momento durante a noite eu tivesse crescido mais que minha pele. A presença de Duval pairava no ar, como o aroma suave de um perfume, e meu tornozelo ainda guardava a memória daquele toque. Eu me vi desejando ter uma contusão roxa latejante no lugar. Com isso eu saberia lidar melhor.

Agitada, fui até a janela e abri os postigos, recebendo o frio matinal no interior do quarto. Fechei os olhos e inspirei, inalando profundamente o ar cortante em meus pulmões. Desejei que isso clareasse meu raciocínio confuso, e fiquei satisfeita quando funcionou. Mas, mesmo com meu raciocínio restaurado, não conseguia

compreender a estratégia de Duval.

Ele podia facilmente ter me tornado sua amante de fato na noite passada. Com o feitiço que lançara sobre mim, eu não tinha nem certeza se teria resistido muito. Apesar disso, ele não fez nada. Será que era honrado demais? Ou era apenas mais um modo de me manter na incerteza, de fazer com que eu continuasse na dúvida sobre seu próximo passo?

Com uma expressão de desgosto, joguei o resto do pão no pátio abaixo, e afastei-me da janela alta. Era uma estratégia, disse a mim mesma. Uma estratégia excelente, na verdade. Mas eu não me deixaria ser enganada por uma falsa sensação de harmonia entre nós. Atravessei o quarto até a cama e tirei minhas facas e bainhas de onde eu as havia escondido sob o colchão. Só fui encontrar Duval depois de prendê-las firmemente no lugar.

Ele estava em seu estúdio, atrás de uma escrivaninha grande. Não havia mais sinal do viajante sujo com quem eu fizera uma jornada através do país. Em seu lugar estava um homem da corte elegantemente vestido com um gibão azul-escuro. Ele raspava a barba que dava a seu rosto um ar sombrio e perigoso. De um lado dele, havia um tinteiro e meia dúzia de penas; do outro, pilhas de pergaminhos, e seus dedos manuseavam uma pena com movimentos rápidos e arrojadados.

Quando ergueu os olhos, fiquei extremamente envergonhada ao ser flagrada encarando-o, por isso entrei na sala com a cabeça erguida, lutando contra a timidez.

– Bom dia. – Minha voz estava tranquila e distante.

– Falo com você em um instante – disse ele, voltando a atenção para a carta à sua frente.

Dividida entre irritação e alívio, caminhei lentamente até duas mesas montadas sobre cavaletes para guardar a grande quantidade de documentos e mapas. Havia um mapa da Bretanha aberto, e sobre ele pedrinhas coloridas espalhadas. Olhei com atenção e percebi um padrão. As escuras marcavam as cidades e aldeias que a França tomara com facilidade durante a Guerra Louca. Será que ele estava tentando determinar onde os franceses atacariam se não atingissem seus objetivos? Uma sombra passou por meu coração. *Doce Mortain, outra guerra não.*

Duval terminou a carta e a pôs de lado antes de olhar para mim.

– Como dormiu essa noite? – Havia um brilho de divertimento em seus olhos, que eram quase azuis pela cor refletida de seu gibão, do qual não gostei nem um pouco.

– Muito mal, infelizmente, milorde. Meu sono foi muito perturbado.

– Sinto muito por saber disso – disse, apesar de saber muito bem que ele era a causa. Antes que eu pudesse lhe dizer isso, ele ergueu a

mão. – Paz – disse. – Temos muito a discutir esta manhã antes que eu saia, e muito pouco tempo.

Foi difícil deixar que ele tivesse a última palavra, mas assenti mesmo assim.

Duval jogou a pena sobre a escrivaninha e se recostou na cadeira.

– Eu tinha razão. Alguém convocou a Assembleia dos Estados sem o conhecimento nem o consentimento da duquesa, e ela está muito irritada. Todos os barões do reino agora estão reunidos aqui em Guérande como abutres ávidos. Pior ainda: o enviado francês sem dúvida vai testemunhar todo o espetáculo e relatá-lo para a regente francesa.

– Talvez ele tenha uma marca – disse eu, esperançosa. – Aí posso matá-lo antes que ele conte qualquer coisa para os franceses.

Duval faz uma expressão de desagrado.

– Se você vir uma marca no embaixador, mate-o com minha bênção e a de Mortain. Entretanto, se acha que isso vai deter o vazamento de informações de nossa corte para a França, é mais ingênua do que parece.

Fiquei irritada com suas palavras e queria argumentar que não era ingênua, mas estava claro que o convento infelizmente não me preparara o suficiente para aquela missão.

Ou talvez fosse o convento que estivesse despreparado. Foi um pensamento perturbador, e eu o afastei.

– Descobriu mais alguma coisa com o homem que nos atacou?

Seu rosto foi tomado por uma expressão de embaraço.

– Não. – Ele ficou de pé e foi até a janela. – Infelizmente bati nele um pouco forte demais. Ele ainda não acordou.

– O senhor fez uma busca em seus pertences? Não havia nada que indicasse quem eram ou por que estavam lá?

– Não, eles não tinham nenhum brasão ou um bilhete assinado com instruções enfiado nos bolsos. – Seu tom de escárnio fez com que eu também me levantasse.

– Claro que não. Mas tinham sido pagos? Que moeda levavam? Suas capas eram de lã flamenga ou suas botas, de couro italiano? Podemos descobrir muita coisa com esses detalhes.

Duval ergueu as sobrancelhas em uma expressão de surpresa e respeito.

– Eles levavam moedas francesas, mas isso nos diz pouco, pois metade do dinheiro no reino é francesa. Suas capas eram de fabricação barata, mas suas botas eram de couro fino, então eles queriam esconder suas origens.

Tentei não parecer orgulhosa demais, mas, antes que pudesse saborear minha pequena vitória, ele mudou de assunto.

– Hoje tenho várias reuniões. Como pode imaginar, a duquesa tem

de resolver muitas coisas devido aos acontecimentos recentes, e devo estar presente para aconselhá-la.

– Eles não vão questionar minha presença, milorde?

Ele olhou para mim, divertido.

– Eles iriam, sem dúvida, *demoiselle*, e é por isso que você não estará lá.

– Então o que devo fazer? Interrogar nosso agressor quando ele acordar? Ou talvez tentar descobrir quem convocou a Assembleia dos Esta...

Ele ergueu a mão para interromper o fluxo de minhas palavras.

– Nada disso. Na verdade, você também terá uma espécie de reunião. – Não gostei do leve sorriso que surgiu em sua boca. – Uma das costureiras da duquesa estará aqui em breve para lhe fazer um vestido que você usará à noite quando eu apresentá-la na corte.

– Um... um vestido? – exclamei. Ele não podia estar falando sério. Não podia achar que eu ficaria sentada sendo cutucada e espetada com alfinetes enquanto ele saía para resolver questões de Estado. – Isso não faz parte de nosso acordo, meu senhor.

– Uma boa farsa exige preparação e atenção aos detalhes. Certamente o convento lhe ensinou isso, não? Se você aparecer esta noite como minha amante...

– Achei que tínhamos combinado prima – disse com firmeza.

Ele se apoiou na parede perto da janela e cruzou os braços.

– Você agora deve perceber a futilidade disso. Os dois lados de minha família são conhecidos demais para que eu apareça com uma prima como se fosse um truque de mágica.

Meu rosto se inflamou com o lembrete de meu equívoco embaraçoso. Ele apertou os lábios e tamborilou os dedos sobre eles enquanto me estudava.

– Na verdade, há algo que você pode fazer depois da prova do vestido. Pode estudar as famílias nobres da Bretanha para que, ao conhecê-las cara a cara esta noite, não cometa erros semelhantes.

Eu empinei o queixo.

– Eu já as estudei, milorde, mas, a menos que os nobres levem seus escudos, cores ou exibam seus brasões, não tenho como reconhecê-los.

– Isso é verdade, mas você vai me perdoar se eu for um pouco desconfiado com o que você aprendeu no convento. Eu gostaria de ter certeza de que você domina os fatos básicos da situação.

Senti uma borbulha de raiva ferver em meu interior, mas me esforcei para controlá-la. No início, achava que era sua arrogância que me deixava com raiva, mas então percebi que me sentia desse modo porque ele havia plantado pequenas sementes perversas de dúvida dentro de mim.

Ele foi até um tabuleiro de xadrez perto da janela. Vi que havia um

jogo em progresso, mas... não, havia peças demais para isso. Na verdade, duas vezes mais peças que o necessário.

– Você joga? – ele perguntou.

– Não. – Era mentira. Eu jogava, só que não muito bem.

– Fico surpreso – disse ele. – Achava que o convento considerasse o xadrez uma ferramenta útil para suas noviças.

– E considera. – A honestidade me forçou a admitir. – Mas não é dos meus pontos fortes.

O canto da boca de Duval se ergueu, num sorriso divertido.

– Impaciente demais, talvez?

Eu me forcei a relaxar o maxilar.

– Foi o que me disseram – murmurei.

Ignorando meu desconforto, ele estendeu a mão e pôs um dedo sobre o topo da rainha branca. Ela estava cercada por um pequeno aglomerado de peças brancas. Havia dezenas de peças negras ao seu redor.

– Os franceses – disse Duval – estão nos pressionando muito. Estão à procura de qualquer desculpa para entrar em cena e nos engolir por completo. Não apenas esperam, mas agem, tramando e planejando. Se puderem criar a discórdia entre nossas fileiras, vão fazer isso de bom grado e usar como justificativa para se apropriar de nosso país. Sei que eles estão subornando alguns de nossos barões, mais ainda não descobri quais. Estou trabalhando para conseguir essa informação.

– Foi exatamente isso o que o convento nos explicou, milorde. – Com exceção de os barões estarem sendo subornados pela regente francesa, mas eu preferiria perder a língua a admitir isso para ele.

– Há duas coisas que precisamos fazer – prosseguiu ele, como se eu não tivesse falado. – Garantir uma forte aliança com o casamento da duquesa e assegurar sua coroação. Ambas são dificultadas pela presença do enviado francês aqui na corte. O que você sabe sobre os pretendentes de Anne? – perguntou.

– Que ela foi balanceada como uma isca na frente de todos os príncipes da cristandade, e prometida para metade deles – disse eu.

Os lábios de Duval se retorceram em um sorriso azedo.

– Exatamente. Entretanto, o mais determinado a garantir que a promessa seja mantida é o conde D'Albret. Sua pretensão tem algum apoio entre o conselho privado, assim como entre os barões. Ele tem domínios muito extensos, e milhares de soldados que pode convocar para lutar contra os franceses. Não atrapalha em nada sua causa o fato de sua meia-irmã, governanta da duquesa por muitos anos, hoje ser membro do conselho privado. Ela é muito favorável à pretensão dele. A própria duquesa, porém, se opõe muito ao casamento, assim como eu.

– Por quê? – perguntei, com verdadeira curiosidade.

Ele me olhou sem acreditar.

– Você viu o homem.

– Não vi direito. Ele estava cercado por seus cavaleiros ontem. Só tive um vislumbre de seu corpo robusto e do seu pobre cavalo suado.

– Bem, ele trata suas mulheres de modo muito parecido como trata seus cavalos, e troca de esposas muito mais rápido.

Suas palavras tocaram uma corda em minha memória.

– Seis – disse eu, lembrando-me dos ensinamentos da irmã Eonette.

– Ele teve seis mulheres até agora. Na verdade, ganhou muito de sua fortuna e várias de suas propriedades por meio desses casamentos.

Duval tirou um cavalo preto do tabuleiro e lançou um olhar fechado e cheio de malícia para ele.

– Perdoe-me por não gostar dessas coincidências.

Olhei para ele boquiaberta.

– O que está sugerindo?

Seu queixo se retorceu.

– Só que o casamento e o parto são duros para as mulheres, especialmente as mulheres de D’Albret. Além disso, tenho suspeitas de seu papel em nossa última batalha e nossa derrota contra os franceses.

– Mas eu achava que D’Albret tivesse ido em nosso resgate com quatro mil homens.

– Sim, mas ele devia atacar o centro com essas tropas e, em vez disso, elas não entraram em ação. Não tenho certeza se foi devido ao caos natural da batalha ou a algum outro propósito.

Fiquei quieta por um bom tempo enquanto refletia sobre as muitas razões pelas quais D’Albret seria um marido inadequado.

– Mas sem dúvida ele não é o único dos pretendentes de Anne que pleiteia sua mão. Ela foi prometida a muitos.

Duval largou a peça de xadrez de volta sobre o tabuleiro, depois ergueu a mão.

– O príncipe espanhol está doente demais para insistir que o acordo seja respeitado, apesar de seus pais régios terem oferecido quinze mil homens para nos ajudar. O príncipe inglês desapareceu de sua torre há cinco anos e não pode prosseguir com seus planos de casamento. Dois dos outros postulantes já são casados, apesar de estarem em busca de anulações do papa neste exato momento. Resta o Sacro Imperador Romano. Ele é, sem dúvida, um bom líder e um homem decente, assim como um governante poderoso tanto da Alemanha como do Sacro Império Romano. Mas ele está concentrado em suas próprias guerras e não pode nos mandar nenhuma ajuda. Além disso, se prometermos Anne ao imperador, a França vai considerar isso um ato de guerra, e vamos precisar de tropas para defender a aliança.

– Por isso pediram apoio à Inglaterra.

– Exatamente. E nós ainda não sabemos que lado o rei inglês vai

favorecer.

Olhei para o tabuleiro, dolorosamente consciente de como era desesperadora a situação da duquesa.

– Então ela está mesmo sob cerco – murmurei.

– Infelizmente essa é uma excelente análise da situação. – O olhar de Duval permaneceu sobre mim por um longo instante antes que ele voltasse a mexer no tabuleiro. Ele pegou um peão branco descartado e o pôs diante da rainha branca.

– Quem é esse, milorde?

Quando ergueu a cabeça, seus olhos estavam tão escuros que quase pareciam negros.

– Você – disse ele. Nossos olhares se cruzaram por um longo momento. – Posso contar você entre aqueles leais à duquesa, não posso?

– Sem dúvida, milorde – murmurei, lutando contra o calor inesperado que suas palavras provocaram em mim. *Mas, lembrei a mim mesma, a questão não sou eu. É melhor perguntar se eu posso contá-lo entre aqueles leais à duquesa.* Em vez disso, tornei a olhar para o tabuleiro e me perguntei que peça Duval tinha escolhido para si mesmo.

Capítulo Dezoito

Eu estava em meio a um grupo de mulheres que grasnavam e tagarelavam sem parar como um bando de gansos. Elas me puxavam, sacudiam, alisavam e cutucavam até que eu temi gritar. Então olhei fixamente pela janela para as sombras que se estendiam, e me perguntei como elas reagiriam se soubessem o que eu planejava esconder por baixo daquela saia elegante e daquelas mangas elaboradas.

Louyse deu uma ajeitadinha final, depois se afastou.

– A senhorita está uma maravilha, *demoiselle*. – Suas faces envelhecidas estavam coradas.

A jovem Agnez juntou as mãos como se estivesse rezando.

– É a coisa mais linda que eu já vi.

Eu queria dispensar a tagarelice tola delas, mas quando passei os dedos pelo pesado brocado de seda, tive de concordar. Eu não sabia onde as costureiras tinham achado aquele vestido nem de quem ele era, mas agora era meu. Tive de me lembrar de que assassinas não podem ter prazer com suas roupas e ornamentos elegantes.

Mas, sem dúvida, até um cavaleiro pode admirar sua armadura, não?

– Vá buscar o espelho nos aposentos do senhor – disse Louyse para as outras.

– Isso não é necessário – eu disse para ela. – Confio em vocês.

– Ah! – Louyse agitou a mão. – Você devia ver como ficou bonita.

Então percebi o quanto ela sentia a falta de ter uma senhora naquela casa. Também percebi que ela sabia, sim, que Duval tinha passado a noite em meu quarto, e estava muito satisfeita com isso. A governanta parecia ter gosto por romances, e não tive coragem de tirar isso dela, por isso fiquei em silêncio.

Agnez e as outras duas mulheres voltaram ao quarto arrastando atrás de si o espelho pesado. Quando o apoiaram contra a parede, Louyse me tomou pela mão e me puxou delicadamente na direção dele.

– Pronto. – O triunfo em sua voz era perceptível.

– Bem? O que achou? – A jovem Agnez estava praticamente pulando na ponta dos pés de animação.

Levantei os olhos lentamente até a imagem no espelho e, por um brevíssimo momento de surpresa, não reconheci aquela pessoa. Sem sombra de dúvida não era eu, pois minha pele nunca estivera tão delicada, nem meu rosto pintado com um tom de rosa tão lindo. O vestido da cor do crepúsculo fizera algo em meus olhos, que brilhavam negros, profundos e luminosos. Fui tomada por um desejo ridículo de levantar a saia e girar, para ver como o tecido se movia. Em vez disso, olhei com seriedade para minha imagem e virei-me abruptamente.

– Vai servir – disse eu, endurecendo meu coração diante da expressão decepcionada das mulheres. – Agora, deixem-me, por favor. Gostaria de ter alguns instantes sozinha antes de sair.

– Mas seu cabelo... – começou Louyse, seu rosto envelhecido agora desconfiado.

Amainei a voz.

– Obrigada, mas posso me vestir sozinha. Você esquece que fui criada em um convento e não me sinto à vontade com toda esta vaidade.

– Ah. – O rosto dela se desanuviou quando compreendeu, e ela estendeu a mão e deu um tapinha na minha. Então enxotou as outras de meu quarto quando saiu, e fiquei abençoadamente sozinha. Pelo menos, por um instante. Permiti-me dar outra olhada rápida no espelho e, sem ninguém olhando, girei em torno de mim mesma e admirei o drapeado grosso da saia pesada e o modo como o tecido ondulava como água.

Sentindo-me tola, dei as costas para o espelho, corri até a cama e peguei a rede de ouro e pérolas. Rapidamente enrolei meu cabelo em um coque, depois o envolvi na rede e o prendi.

Em seguida, fui até o colchão e peguei minhas armas. No momento em que meus dedos tocaram a bainha de tornozelo, a certeza voltou a correr por minhas veias. Eu a prendi no lugar, depois peguei a bainha de pulso. Mal havia espaço para ela sob a manga justa, mas, após um longo esforço, consegui fazer tudo funcionar. Coloquei o mortal bracelete de ouro no pulso, depois levei a mão à cintura. Ao sentir o toque reconfortante da *misericorde*, sorri, e fui tomada por um sentimento de propósito. Sem dúvida Mortain me revelaria seus desejos naquela noite, e eu poderia lidar com os traidores de nosso país de maneira apropriada a seus crimes.

Ainda estava sorrindo com a ideia quando fui me encontrar com Duval. Ele estava à minha espera ao pé da escada e, quando surgiu no alto dela, ele esqueceu o que estava dizendo a seu mordomo e me olhou como se nunca tivesse me visto antes. Apesar de aquilo poder muito bem ser um gesto planejado, agradou-me mais do que deveria. Não podia ser *totalmente* falso, pois Duval era mestre em ter a última

palavra e nunca iria me dar tamanha vantagem de propósito.

– Por enquanto, é só – disse ele por fim ao mordomo.

– Boa noite, milorde – cumprimentei ao descer as escadas, tentando conter as borbulhas de prazer em meu peito.

Quando pegou meu braço, ele olhou para mim com desconfiança.

– Qual o problema? – perguntou.

– Não posso sorrir sem levantar suas suspeitas?

– Não – disse ele, o canto da boca curvado num sorriso irônico.

– O senhor não precisa parecer tão desconfiado, estou apenas fazendo meu papel para a farsa desta noite. Se nós, se *eu* não conseguir convencer a corte, não terei acesso aos inimigos da duquesa e fracassarei na missão que me foi dada pelo convento. Não tenho nenhuma intenção de falhar. – A verdade desagradável era que, até a chegada do chanceler Crunard, ele era meu único aliado na corte. Além disso, a nobreza bretã não gostava de pessoas sem berço circulando. O último plebeu a chegar tão alto tinha sido pendurado na forca quando suas aspirações se revelaram mais elevadas que seu nascimento.

– Que expressão preocupada foi essa em seu rosto? – perguntou Duval, e amaldiçoei seus olhos que sempre viam demais.

– Estava pensando no falecido chefe de gabinete de seu pai.

Duval ficou sério, então aproximou meu braço ainda mais do dele.

– Isso não vai acontecer com você. – Suas palavras soaram quase como um juramento, o que me deixou extremamente desconfortável.

Para nos distrairmos, eu me aninhei nele e dei meu sorriso mais brilhante, um que tinha copiado de Sybella.

– Então está tudo certo. Vamos?

Ele piscou.

– Se não tomar cuidado, vou começar a achar que está apaixonada por mim.

Suas palavras me deram uma palpitação de alegria no peito – prazer, talvez, mas eu finalmente estava conseguindo me situar naquele jogo que jogávamos.

– É isso o que queremos que a corte pense, milorde.



A grandiosidade da corte bretã mal podia ser descrita. O farfalhar de sedas e brocados finos, o murmúrio de veludo e do couro mais fino. O ar estava carregado de perfume, desde o aroma tímido de violetas e de ousados buquês de rosas até os aromas mais sutis de vetiver e sândalo. O próprio ar emanava uma riqueza e opulência de humilhar qualquer outro lugar que eu já tivesse visto.

Não podia imaginar uma reunião em que me sentiria menos à vontade. Eu era como um nabo perdido em um roseiral. Senti os olhos

de Duval sobre mim e arrisquei uma olhada rápida para ele.

– O quê? – perguntei, erguendo a mão para ajustar discretamente uma mecha de cabelo solta.

Ele deu um tapa em minha mão e a afastou.

– Deixe. Está muito charmoso assim.

Meu rosto se aqueceu com aquele elogio inesperado. Então ele aproximou o rosto do meu.

– Diga, quantas dessas pérolas estão envenenadas?

O calor de seu hálito fez cócegas em meu ouvido de maneira desconfortável, mas suas palavras me encorajaram, lembrando-me de meu objetivo. Olhei mais animada para os nobres reunidos. Sem dúvida, agora que estava ali, Mortain me revelaria Seus desejos.

Era como observar um grupo de aves de rapina; todos com olhos encobertos e expressões famintas, esperando para atacar. Qual é o saboroso pedaço que eles querem, eu não sei. Fofoca? Intriga?

Os nobres se reuniam em pequenos grupos, de um jeito muito parecido com as galinhas do convento quando encontravam um ninho de lesmas. Todas as damas tinham a mesma postura e graça de madame Hivern, e, embora houvesse vários níveis de beleza, o estilo era o mesmo: ousado e bem treinado, obtido com habilidade, exigindo ser notado.

– Acho que devemos começar pelo princípio – murmurou Duval. – Preciso apresentar você aos membros do conselho privado para que não mate um deles por engano.

– Se for o desejo de Mortain, milorde, não será um erro.

– Mesmo assim, sugiro que você consulte a duquesa antes de despachar qualquer um deles. – Ele me conduziu até dois homens mais velhos, um pouco afastados dos outros, de pé.

Foi bem fácil adivinhar quem eram eles. O homem da direita tinha a constituição de um urso, e estava parado como se tivesse passado quinze dias em cima de um cavalo. Sem dúvida devia ser o capitão Dunois. Sua força tranquila e despretensiosa me deixou inclinada a confiar nele de imediato, um sentimento que, lembrei a mim mesma, não tinha lugar naquele jogo em que estávamos envolvidos.

O outro homem era mais alto, com cabelos grisalhos e um conjunto de dentes quadrados e amarelados que me lembraram um asno zurrando. Ele devia ser o marechal Rieux, e estava claro pelo modo como examinava o salão que tinha a própria opinião em altíssima estima.

O capitão Dunois cumprimentou Duval, mas o marechal Rieux estava irritado e não se deu ao trabalho de esconder isso.

– Você escolheu uma bela hora para desaparecer – disparou.

Duval olhou com firmeza nos olhos do homem mais velho.

– É verdade, jamais teria partido se soubesse que alguém ia

convocar uma Assembleia dos Estados passando por cima da vontade de minha irmã.

O marechal Rieux nem piscou.

– Os barões têm todo direito de serem avisados e informados da situação, e quanto mais cedo, melhor.

Olhei para Duval. Será que aquilo significava que o marechal tinha convocado a Assembleia? Se fosse o caso, com certeza ele teria uma marca, mas não tinha. Pelo menos, não que eu pudesse ver. Duval deu um passo na direção dele.

– Então foi você quem convocou a Assembleia?

Os modos de Rieux ficaram frios e distantes.

– Você se esquece de quem é, Duval – retrucou. – Não passa de um bastardo, que toleramos apenas em respeito à sua irmã. Você não tem lugar formal no conselho, muito menos voz. Não está em posição de exigir respostas de mim. – Sem dar a Duval uma chance de responder, ele virou as costas e foi embora.

O capitão Dunois o observou por um longo momento antes de se voltar outra vez para Duval.

– Você teve a intenção de provocar esse efeito nele?

Duval balançou a cabeça, irritado.

– Não, é só que ele solta mais farpas que um maldito porco-espinho. Foi Rieux quem convocou a Assembleia? O que você acha? É por isso que ficou com tanta raiva?

– Não, acho que ele ficou com raiva porque *não* convocou a Assembleia e não gosta de ser lembrado que alguém desrespeitou não apenas a autoridade de Anne, mas a dele também.

– Como o chanceler Crunard está longe da corte há quase tanto tempo quanto eu, resta a madame Dinan. Mas com que objetivo? Será que ela quer apresentar aos barões a proposta de casamento do irmão? Ela certamente sabe que Anne vai recusá-lo. O que ela ganha forçando a questão dessa maneira?

O capitão Dunois deu de ombros.

– Será que o objetivo é demonstrar apoio e força para dissuadir nossos convidados franceses?

– Estão parecendo mais uma praga – murmurou Duval. – Talvez agora seja uma hora tão boa quanto qualquer outra para cumprimentar o parasita francês.

Dunois fez uma reverência.

– Se me derem licença, não vou ficar para ver a tempestade – disse ele, então foi embora.

Duval suspirou e começou a me conduzir através do salão.

– Se o embaixador francês tiver a marca, sinta-se à vontade para matá-lo imediatamente. Isso nos pouparia uma grande dose de problemas.

Muito satisfeita pela chance de me abrir para os desejos de Mortain, deixei que Duval me levasse até o canto oposto do salão, onde o emissário francês estava sentado como uma gorda aranha-marrom, paciente e astuta, cuidando de sua teia cuidadosamente tecida. Ele era um homem de traços duros e expressão hostil, cercado por cortesãos bajuladores e sorrisos falsos. Não fez nenhum movimento para indicar que percebeu Duval e eu nos aproximando, mas eu o senti nos estudar mesmo assim.

Quando chegamos junto do emissário, Duval olhou com desprezo para as pessoas ao redor dele.

– Ainda por aqui, Gisors? – Surpreendeu-me o fato de Duval nem fingir educação. Achei que palavras de bajulação fossem uma exigência na corte.

O nobre francês estendeu as mãos.

– Mas claro, estou aqui para supervisionar a guarda da jovem Anne.

– Anne não está sob a guarda de ninguém – rebateu Duval. – Você está aqui para proteger os interesses da França, e não se importa com nossa duquesa. – Ao mesmo tempo que as palavras de Duval eram afiadas, ele as dizia quase com alegria, como se gostasse de destruir a teia cuidadosamente armada por Gisors.

– *Tsc, tsc.* Tão pouca confiança, Duval.

Duval estreitou os olhos.

– Diz o lobo enquanto fareja à porta.

Duval mantinha Gisors distraído com a conversa, e eu aproveitei para estudar o emissário francês com atenção, procurando nele alguma marca. Mas não vi nada, nem a mancha ou a sombra mais tênue em lugar nenhum.

Quando Gisors finalmente virou os olhos penetrantes em minha direção, fiquei impressionada ao notar o quanto eram verdes. Aqueles olhos viajaram languidamente por meu corpo de cima a baixo, depois tornaram a subir, mas ele não disse nada em relação à minha presença. Os músculos do braço de Duval ficaram tensos sob minha mão, e ele olhou para mim. Quando balancei de leve a cabeça, a expressão de sua boca não escondeu a decepção.

Completamente alheio a nosso diálogo silencioso, Gisors disse:

– Soube que Anne recebeu correspondência do Sacro Imperador Romano. O que ele tinha a dizer?

– Acredito que isso seja entre o imperador do Sacro Império e a duquesa. – A voz tranquila de Duval era desmentida pela tensão em seu braço.

– Como ele está solicitando um casamento que a coroa francesa proíbe, isso sem dúvida também é assunto nosso.

– A Bretanha é uma nação soberana, e nossa duquesa é livre para escolher quem desejar.

Ergui os olhos para Duval. Isso não era bem verdade, e me perguntei se Gisors iria expor o blefe. Ele fez isso.

– E eu teria de lembrá-lo do Tratado de Verger – disse o emissário.
– Além disso, a jovem Anne ainda não foi coroada duquesa.

– Mera formalidade – retrucou Duval –, já que esse tratado de que você tanto gosta consente que ela mantenha o ducado e o governe como duquesa.

– Só se ela se casar com quem a coroa francesa disser que deve se casar.

– Ainda precisamos ver uma oferta séria apresentada por você ou sua regente – observou Duval.

– Nós já apresentamos duas.

– Um barão vaidoso e afetado sem importância ou um sicofanta trêmulo com idade para ser pai dela. – Duval gesticulou na direção da parede oposta, onde percebi pela primeira vez um cortesão idoso, de barba grisalha, cochilando em uma cadeira. – Nenhum dos dois é remotamente adequado.

Gisors deu de ombros, com indiferença.

– Então nós temos um impasse.

– Outra vez – disse Duval, então fez uma breve reverência e me conduziu para longe dali. Quando saímos do campo de audição de Gisors, olhei mais uma vez para a figura dormindo junto da parede. Levei um momento para perceber que seu espírito estava se esvaindo, como a chama de uma vela encolhendo e tremeluzindo antes de se apagar.

– É bom mesmo que a duquesa não esteja inclinada a aceitar o candidato francês como marido. Aquele ali estará morto em duas semanas – disse eu a Duval.

Ele parou para encarar o nobre senhor de idade.

– Ele tem a marca de Mortain?

– Não. Está apenas morrendo de velhice ou de alguma doença lenta.

– Você pode dizer isso só de olhar para ele?

Assenti, satisfeita por ele ter ficado impressionado com meus dons. Antes que Duval pudesse dizer mais alguma coisa, uma mão grande o segurou pelo ombro.

– Que grande sutileza essa sua, Duval. Conseguiu irritar dois homens em tão pouco tempo. Primeiro, o marechal Rieux, e, agora, o emissário francês.

Viramos e vimos um homem enorme bem atrás de nós. Ele era alto e gordo, e uma barba negra eriçada cobria seu rosto. Em meio a todo aquele negrume, seus lábios se destacavam como lesmas cor-de-rosa molhadas. Ele estreitou os olhos e me estudou com a fome e a intensidade de um gavião. Algo frio e amedrontador tremeluziu em

suas profundezas, e em seguida desapareceu, tão breve e rapidamente que não soube se estivera mesmo ali ou tinham sido apenas meus próprios medos sombrios despertando.

O cumprimento de Duval foi menos que caloroso.

– Conde D’Albret – disse ele. – O que o traz a Guérande?

Aquele era o homem a quem o falecido duque prometeu sua filha de doze anos? Eu não conseguia acreditar.

D’Albret lançou um olhar malicioso para Duval.

– Sempre espirituoso, não é, Duval?

– Espero que sim – murmurou Duval, a voz seca como osso. – Permita-me apresentar minha prima Ismae Rienne.

Baixei o olhar para o chão com modéstia, e me curvei em uma reverência.

– Ah, sim, eu também tenho uma prima – disse ele. – Gosto muito dela. – D’Albret estendeu a mão, tomou a minha e a levou até sua boca mole e carnuda. Fui tomada por uma forte repulsa, e tive de fazer um grande esforço para não pegar minha faca. Quando seus lábios úmidos se apertaram contra minha pele, estremeci. Duval apoiou-me com uma mão em minhas costas, e fiquei agradecida por ter algo em que me concentrar além do toque de D’Albret. – *Enchanté, demoiselle* – murmurou o conde.

– A honra é toda minha, milorde – respondi. Assim que ele afrouxou minha mão, puxei-a de volta e enfiei nas dobras de meu vestido, onde, sem conseguir evitar, eu a limpei na saia.

O conde D’Albret sorriu para mim como se fôssemos melhores amigos, como se compartilhássemos um segredo desconhecido de Duval.

– Não deixe que Duval a entedie com toda a conversa sobre política e intriga, *demoiselle* – disse ele. – Há prazeres muito mais requintados para se gozar na corte. – A expressão lasciva em seu rosto deixava poucas dúvidas sobre quais prazeres ele tinha em mente.

– Minha prima é jovem e vem do campo, D’Albret. Com certeza você pode sair à caça em pastos mais verdejantes.

– Que bobagem, Duval. Eu só queria que ela se sentisse bem-vinda na corte. Afinal de contas, isso aqui pode ser opressivo, e ela logo vai descobrir como você é sério e sem graça. – D’Albret virou para mim. – Quando ele a deixar em um canto qualquer para discutir política como um velho, eu vou encontrá-la, querida. – E, apesar de ser uma promessa que com certeza me traria pesadelos, ele sorriu como se tivesse acabado de me oferecer a lua.

Duval encarou o homem mais velho com firmeza, sua antipatia emanando como névoa do mar. Era inacreditável que o conde não percebesse.

D’Albret piscou para mim.

– Venha me procurar quando ficar entediada. – E, com isso, ele se retirou.

Quando estava longe e não podia mais nos ouvir, exprimi meu ultraje.

– Não acredito que seu pai prometeu a mão de sua irmã a esse homem. Ele é tão velho – disse eu. – *E vil!*

O olhar que Duval me lançou gritava as palavras *Eu lhe avisei*.

– Ele se importa com a duquesa, ou está apenas interessado no ducado?

A boca de Duval se retorceu em aversão.

– O ducado é seu principal objetivo, mas tenho certeza de que se casar com uma jovem donzela com a beleza e o charme de Anne não seria problema para ele. – Algo lúgubre e perigoso lançou uma sombra sobre o rosto de Duval, mas, antes que eu pudesse lhe fazer mais perguntas, ele tornou a falar: – Agora, venha comigo. Tem mais uma pessoa que eu gostaria que você conhecesse.

Capítulo Dezenove

O calor da mão de Duval passou através da seda de minha manga e percorreu todo o caminho até minha medula. Fiquei extremamente tentada a retirá-la, mas precisava de seu calor sólido para expulsar o frio pegajoso deixado por D'Albret.

Duval me levou por uma larga escadaria de pedra, depois desceu por um corredor, em seguida por outro. Pela primeira vez, percebi o tamanho da residência da duquesa em Guérande. Após me conduzir por vários corredores e passagens, ele parou diante de uma porta grossa de carvalho e bateu. Como não houve resposta, entrou.

O aposento era uma sala de estar suntuosa, com várias cadeiras com entalhes ornamentais, tapeçarias grossas de veludo cobrindo as paredes de pedra e fogo aceso na lareira.

– Por que me trouxe aqui?

Duval soltou meu braço e caminhou pelo aposento. Olhou atrás das tapeçarias que cobriam as janelas, depois foi até uma pequena porta num canto e confirmou que estava trancada.

– Por que gostaria que você conhecesse nossa duquesa cara a cara e visse exatamente quem está servindo.

A porta principal se abriu naquele exato instante, e a própria duquesa entrou na sala. Ela era muito jovem, mas se portava com orgulho e um pouco de arrogância. Tinha a fronte alta e nobre, e seu rosto ainda trazia a vitalidade da juventude. Os olhos castanhos eram penetrantes e inteligentes. Seria um erro subestimá-la, mas, devido à sua juventude, eu tinha certeza de que muitos o faziam.

Ela foi seguida por uma mulher nobre mais velha, que eu só podia supor ser sua governanta, madame Dinan. Ela sem dúvida fora extremamente bela no passado, e seus ossos ainda guardavam a essência daquela beleza, mesmo que seus cabelos estivessem agora embranquecidos. Era difícil crer que compartilhava seu sangue com o conde D'Albret.

Duval fez uma reverência profunda.

– Sua graça, madame Dinan – disse ele.

– Pode se levantar. – A voz da jovem duquesa era nítida e clara como um sino. Ela se virou para a outra mulher. – E você pode nos

deixar.

Madame Dinan olhou para Duval.

– Sua Graça, acho que eu devia ficar. Não é adequado que a senhora fique sozinha, sem uma acompanhante.

– Vai me impedir de conversar com meu próprio irmão? – perguntou a duquesa, ríspida.

– Eu não a impediria de nada, Sua Graça, apenas sugiro que tenha uma acompanhante, como é apropriado.

A duquesa olhou para Duval, que assentiu muito de leve.

– Nós temos uma acompanhante – disse ela, indicando-me. – Você pode ir.

A autoridade em sua voz era inconfundível, e madame Dinan jogou a cabeça levemente para trás, com as narinas dilatadas.

– Muito bem, Sua Graça. Vou esperar lá fora. – Sua insatisfação com aquele arranjo era palpável, mas eu não sabia dizer se era porque ela se ressentia de ficar sozinha ou porque estava realmente preocupada em deixar a duquesa com o próprio irmão.

A sala ficou em silêncio até que ela saísse, então a duquesa caminhou até a lareira e estendeu as mãos para perto das chamas.

– Isso era necessário, Gavriel? – disse ela. – É difícil para ela receber ordens de mim.

– Eu entendo, Sua Graça. – Apesar de ser seu irmão, Duval se mantinha formal perto dela, e me perguntei se era em meu benefício. – Mas eu queria que conhecesse *demoiselle* Rienne e que soubesse por sua própria boca quem e o que ela é. É uma informação que devemos guardar conosco por algum tempo.

A duquesa inclinou a cabeça. Seus olhos cintilavam de curiosidade.

– Você não confia em madame Dinan?

– Alguém convocou esta Assembleia dos Estados, Sua Graça, e D’Albret é meio-irmão dela.

A duquesa franziu o nariz.

– Não me lembre! Ela levanta esse assunto toda hora, até me dá vontade de gritar.

– Vamos lhe conseguir um casamento melhor, prometo – disse Duval.

Ela sorriu e surgiram covinhas em seu rosto, fazendo com que ela parecesse extremamente jovem. Seu afeto por Duval ficou evidente. Naquele instante, fiquei contente por ela ter um irmão que a protegesse daquele casamento que lhe haviam planejado. Era impensável que ela tivesse sido prometida a D’Albret. Sem dúvida não podia ser o desejo de Mortain ver a duquesa casada com um homem tão asqueroso.

Duval me tomou pela mão e me puxou para a frente.

– Ismae Rienne foi enviada pela abadessa do convento de St.

Mortain.

A duquesa ergueu as sobrancelhas.

– Mortain? O santo padroeiro da morte?

– O próprio. Esta é apenas mais uma coisa que seus conselheiros gostariam de esconder de Sua Graça. – Duval rapidamente explicou o que era o convento e qual era seu objetivo.

Quando ele terminou, ela se virou para mim.

– Você é realmente treinada em morte?

Parecia ousadia demais olhar em seus olhos, por isso olhei para o chão.

– Sim, Sua Graça.

– Sente-se, sente-se. – Ela gesticulou e escolheu uma cadeira para si mesma. Após um olhar hesitante para Duval, que assentiu, eu também sentei.

– Como você mata um homem, *demoiselle*?

Tive certeza de que seus conselheiros ficariam chocados se pudessem ver a curiosidade ávida em seus olhos.

– Com uma faca. Ou veneno. Ou por estrangulamento. Há muitas maneiras. Centenas. Depende das circunstâncias e dos desígnios de Mortain.

Ela se inclinou levemente para a frente na cadeira, com o cenho franzido.

– Como você decide quem matar?

– É – disse lentamente Duval de onde estava parado, junto à lareira.

– Como você decide quem matar?

Aí ele me pegou, pois, embora os ritos de Mortain fossem bem guardados, se o chanceler Crunard podia conhecê-los, então a duquesa também podia. Do mesmo modo que eu precisava conhecer as armas de meu arsenal para realizar a obra de Mortain, a duquesa precisava saber que ferramentas tinha à disposição em sua luta para manter a independência de seu país.

– Sua Graça, eu lhe contaria nossos mistérios, mas nosso conhecimento é sagrado e revelado para apenas alguns poucos escolhidos. – Olhei para Duval, indicando que ele não era um dos poucos escolhidos.

Quando viu para onde eu estava olhando, a expressão dela ficou rígida.

– Confio no senhor meu irmão com minha vida – disse ela. – Não escondo segredos dele, e quero que ele conheça esses ritos também. Agora, conte-nos.

Cerrei os dentes em frustração. Era por isso que ele tinha arranjado aquele encontro? Porque sabia que ela exigiria respostas e que eu teria de dá-las?

– Somos meros instrumentos de Mortain, Sua Graça. Suas servas, se

preferir. Não decidimos quem matar, nem por quê, nem quando. Tudo é determinado pelo Deus.

– Você quer dizer santo, não é? – perguntou ela.

Eu tinha esquecido as convenções da Igreja que deviam ser seguidas fora do convento.

– Mas é claro, Sua Graça. Perdoe-me. O santo.

Ela assentiu, indulgente.

– Então, como o santo lhe informa de Seus desígnios?

– Uma de nossas freiras, a irmã Vereda, tem visões. O santo se comunica através dela, e então ela e a abadessa conduzem nossas mãos.

– E como o chanceler Crunard se encaixa nisso? – perguntou Duval.

– Ele atua como uma ligação com o mundo exterior e mantém a abadessa informada sobre a política da corte.

– E você tem apenas a palavra das irmãs de que houve uma visão?

Virei-me para Duval.

– A palavra delas está acima de qualquer suspeita. Elas servem Mortain.

– Ele levanta uma questão interessante – observou a duquesa. – Como pode estar tão certa de que essas visões são corretas? Como sabe que elas servem Mortain e não seus próprios interesses? E se elas cometerem um erro?

– Elas não cometem. – Dirigi minha resposta à duquesa, e fiz o possível para fingir que Duval não estava na sala. – Se elas não falassem a verdade, eu não veria a marca da morte em nossas vítimas, e nós iríamos deter nossas mãos.

A duquesa ficou intrigada com aquela ideia.

– Marca? Como é a aparência dela?

– Parece que o santo enfiou o dedo na escuridão da alma de um homem e o ungiu com ela. Às vezes, a marca mostra como o homem deve morrer.

– E é assim que você vai saber como atacar aqui em Guérande, longe de sua vidente?

Assenti.

– Nosso plano é que a abadessa me comunique as visões por meio de corvos. Mas, se eu por acaso vir a marca sem uma ordem dela, tenho permissão de agir.

– *Mon Dieu!* – A duquesa se recostou em sua cadeira e olhou para Duval. – Todo o conselho privado sabe desse convento?

Duval balançou a cabeça.

– Acredito que apenas Crunard trabalhe com a abadessa. O marechal Rieux tem um vago conhecimento sobre o convento, e Dunois provavelmente ouviu rumores em meio a seus homens, mas, como ele é francês, não foi informado dos segredos da Bretanha por

nosso falecido pai. Madame Dinan não sabe de nada, ou não deveria, e é por isso que pedi que ela não estivesse neste encontro.

A duquesa inclinou a cabeça e me estudou.

– Quem mais sabe da verdadeira identidade de Ismae?

– Só o chanceler Crunard.

– Então concordo que devemos manter isso assim. – Levantei quando ela ficou de pé, estendendo a mão para mim. – Fico feliz por você estar aqui, Ismae. É reconfortante saber que você e o santo padroeiro da morte estão ajudando Duval a me proteger.

Beijei seu anel ducal, impressionada que a outrora filha de um plantador de nabos tivesse essa oportunidade.

– É minha maior honra servir, Sua Graça.

Ela tornou a sorrir, transformando seu rosto jovem.

– Eu lhe dou as boas-vindas à minha corte. Suas habilidades vão ser muito úteis com meus barões rebeldes – ela brincou.

Pelo menos, acreditei que estivesse brincando.

Capítulo Vinte

Eu estava deitada na cama, a cabeça ainda zunindo devido às vozes tagarelas que encheram o salão naquela noite. Na verdade, eu descobri muita coisa e ao mesmo tempo nada. Duval ainda era um enigma e, se fosse um traidor, como o chanceler e a abadessa desconfiavam, eu não tinha ideia de para quem ele trabalhava.

Seu ódio tanto por D'Albret como pelo emissário francês era palpável. Porém, ele podia facilmente estar fingindo. Mas e todo aquele sentimento de proteção fervoroso que tinha pela irmã? Lembrei-me da expressão cruel em sua boca, da fúria em seus olhos e da raiva que praticamente faiscava dele, e tive de admitir que isso ele não podia fingir. O que transformou todos os meus outros argumentos em pó.

Talvez Duval fosse exatamente quem dizia ser: um irmão dedicado decidido a ver a irmã coroada duquesa e casada em segurança com um homem que pudesse ajudá-la contra os franceses. Com certeza a duquesa acreditava nisso.

Com a esperança de que uma noite de descanso trouxesse clareza, fechei os olhos e forcei meus pensamentos na direção do sono. Em vez disso, os lábios grossos e carnudos de D'Albret surgiram em minha mente, e meus olhos se abriram de súbito. Guillo. Era ele que D'Albret me lembrava, era por isso que ele me perturbava tanto.

Temí que os sonhos surgissem à noite. Eu só não podia saber se seriam os velhos pesadelos com Guillo, ou algum novo envolvendo D'Albret.

Ouí um ruído fraco perto da porta. Meu coração saltou no peito e minha mente sussurrou *Duval*. Mesmo assim, minha mão deslizou na direção de meu punhal, só por garantia.

– Pensei que tivéssemos superado isso. – A voz profunda de Duval perturbou a escuridão do quarto.

Ergui a cabeça do travesseiro para ver onde ele estava.

– Talvez você tenha superado, mas eu não.

– Não seja enfadonha.

Segui o som de sua voz. Ali. No brilho suave lançado pelas brasas quase apagadas, pude vê-lo se dirigindo até a cadeira diante da janela.

Relaxe um pouco. Por mais que não fosse bem-vindo – e assegurei a mim mesma que ele *não era* bem-vindo –, ele iria afastar até meus sonhos mais indesejados.

– O que o senhor está fazendo aqui?

– Cumprindo meus deveres noturnos com minha jovem amante.

Suas palavras fizeram algo palpitar em meu interior. Não tinha ideia do que era, mas me assustou quase tanto quanto meus sonhos.

– Estou cansada demais para discutir esta noite, milorde.

– Eu também. Vá dormir. Ficarei sentado aqui por uma ou duas horas, depois vou embora.

Bocejei.

– Tanto tempo assim?

Quando ele respondeu, havia um tom de mofa em sua voz.

– Tenho que proteger minha reputação.

Não tinha ideia do que ele estava falando. Bocejei outra vez, então me belisquei, não querendo pegar no sono.

– Por que seu pai prometeu sua irmã ao conde D’Albret? Com seu reino como dote, ela com certeza podia ter arranjado um casamento melhor, não? Com alguém que não fosse tão repulsivo.

Houve um longo momento de silêncio antes que Duval respondesse.

– Foi uma tentativa desesperada de salvar este reino. Nosso pai, o duque, tinha poucas tropas para combater os franceses. D’Albret concordou em fornecer os seus homens, mas a um preço.

– A mão da duquesa.

– Sim. A mão de minha irmã.

Aquela enorme traição me deixou sem fala, pois, embora o preço fosse consideravelmente mais alto, o arranjo não era tão diferente da barganha de meu pai com Guillo.

– Talvez meu pai achasse que viveria tempo suficiente para garantir que esse casamento nunca se realizasse – disse Duval. – Eu gostaria de acreditar nisso. – Havia um leve toque de angústia em sua voz, e soube que ele sofria tanto com aquela traição quanto eu.

– Tenho certeza de que o senhor está certo, milorde – disse eu, surpresa por sentir a necessidade de confortá-lo.

– Jurei que não importa quanto D’Albret reclame ou o que ameace, ele vai ter de passar por cima de meu cadáver para se casar com ela.

Não pude evitar admirar Duval naquele momento, e me vi desejando que seu pai tivesse metade de sua preocupação com Anne. Apesar disso, não estava totalmente confortável com aquele pequeno momento de harmonia. Por sorte, ele não durou muito.

– Agora, chega de perguntas, Ismae. Senão, terei de pensar em outra maneira de silenciá-la.

Diante dessa ameaça, minha mente se recordou do jogo desconcertante da noite anterior. Pelo leve toque de humor em sua

voz, desconfiei que ele estivesse pensando na mesma coisa. Sem desejar testar essa teoria, ajeitei-me embaixo das cobertas e fechei os olhos. Tinha certeza de que não dormiria com ele no quarto, mas, quanto antes o convencesse de estar dormindo, mais cedo ele sairia.

Estou trancada no fundo da despensa de Guillo. Meu rosto está apertado contra o chão, e sinto o cheiro forte de terra em meu nariz. Algo pesado me pressiona para baixo, afundando-me mais na terra. Estico o pescoço e olho para cima. Guillo está diante de mim, tocando a parte da frente de suas calças com um olhar lascivo. O peso sobre mim aumenta, e meus braços são torcidos às minhas costas, quase se quebrando. Viro-me, tentando ver através de meu cabelo, e encontro os olhos negros e duros do conde D'Albret. Seus dedos longos e descuidados apalpam minhas saias, enquanto Guillo me chama das sombras. Luto e esperneio contra ele, tentando tirá-lo de minhas costas, mas ele segura meus braços com mais força e me pressiona de volta para baixo. "Não!", grito. Minha mão arranha a terra até se fechar em torno do cabo de um punhal escondido ali. Eu o agarro com firmeza, depois rolo e saio dos braços de D'Albret, enfiando a faca em sua garganta.

Ele pragueja com raiva, e sinto o calor de seu sangue escorrer por meu braço. Agora, livre de sua pegada, pisco e afasto o cabelo dos olhos.

Então encontrei Duval sentado em minha cama, olhando para mim. Ele estava com as mãos no pescoço. Sangue escorria entre seus dedos, e o punhal ainda estava em minha mão.

– Deus do céu – disse ele. – Eu só estava tentando acordá-la. Você estava gritando enquanto dormia.

– Não estava – disse, então olhei de seu pescoço para minha faca.

– Quando tentei acordá-la, você me apunhalou. – Ele parecia estar com raiva, e eu não podia culpá-lo.

– *Merde.* – Agora eu estava totalmente acordada e cheia de remorso. Joguei a faca na cama e saí de debaixo das cobertas. Enquanto Duval tentava evitar que o sangue pingasse nos lençóis, corri até a bacia e enfiei uma das toalhas de linho na água fria. – Deixe-me ver se está muito feio – eu disse, voltando para a cama.

– Acho que não é sério. – Ele ergueu o queixo para me dar mais acesso. – Mas você destruiu uma de minhas camisas favoritas.

Enxuguei o sangue em seu pescoço e em sua clavícula com delicadeza.

– Talvez você não devesse se aproximar sorrateiramente das pessoas enquanto elas estão dormindo.

– Você estava chorando e gritando. Preferia que eu a tivesse deixado com as bênçãos agradáveis de seu sonho?

Meu rosto ficou quente com a lembrança do pesadelo.

– Não – admiti. – Talvez não. – Eu já tinha limpado quase todo o sangue, e podia ver um arranhão de uns cinco centímetros em sua

clavícula. – Preciso voltar a praticar – murmurei. – Eu errei.

Duval deu uma gargalhada.

– Só porque tenho reflexos muito bons e você estava dormindo. – Ele ficou em silêncio, e me dei conta da intimidade de nossas posições. Estávamos sentados na cama, com os joelhos se tocando. Minha mão estava sobre a base de sua garganta e eu podia sentir a batida firme de seu coração sob meu pulso. Seus olhos escuros me estudavam.

Tentando aliviar o súbito desconforto, tirei a toalha de seu pescoço e comecei a dobrá-la. Meu pulso ainda latejava no local onde o havia apoiado sobre seu coração.

– Gostaria de contar seu sonho? – A voz dele estava baixa e quente e parecia capaz de arrancar segredos de uma rocha.

– Não foi nada. Eu já esqueci.

– *Mentiroso*. – A voz dele soou tão baixa que não tive certeza de ter ouvido. Mesmo assim, não tirei os olhos da toalha de linho enquanto procurava nela um ponto limpo, sem sangue.

Houve um longo e incômodo silêncio, então Duval falou:

– Acho que agora já posso cuidar disso sozinho. – Seus dedos tocaram os meus quando ele pegou a toalha de minhas mãos. Ele levantou, deixando-me sozinha na cama, sem o calor de seu corpo sólido entre mim e meus pesadelos.

Sentindo-me péssima, apesar de não saber por quê, abracei os joelhos.

– Sinto muito, milorde. Não foi minha intenção feri-lo. – A verdade de minhas palavras me surpreendeu, pois parecia que eu não fazia nada além de querer me livrar dele.

Ele deu um sorriso, rápido e inesperado na escuridão.

– Quem convive com assassinos deve assumir o risco de ficar na ponta de uma faca de vez em quando. Boa noite, Ismae.

Ele deixou o quarto, e tornei a me deitar, incapaz de dizer se estava extremamente quente ou congelada até os ossos.



Na manhã seguinte, Louyse surgiu com um sorriso alegre e um jarro de água quente. Eu não tinha dormido desde a saída de Duval, e estava acordada quando ela chegou.

– Bom dia, *demoiselle*.

– Bom dia, Louyse. – Eu me espreguicei e saí da cama. Como não havia toalha naquela manhã, pus as mãos em concha na bacia e joguei a água quente em meu rosto. – Nenhuma notícia de minha bagagem? – perguntei enquanto secava apressadamente o rosto e as mãos na camisola.

– Não, *demoiselle* – disse ela, esticando as cobertas na cama.

– Nesse caso, vou usar o vestido cinza-escuro hoje.

Como Louyse não respondeu, virei e a vi olhando fixamente para uma mancha de sangue nos lençóis. Doce Mortain! O que ela devia estar pensando?

Sem querer admitir o sangue, corri até o guarda-roupa. Ela me lançou um olhar cheio de preocupação.

– A *demoiselle* tem certeza de que se sente bem o bastante para sair hoje? Gostaria que eu lhe trouxesse mais água quente? Eu poderia preparar um banho, se a *demoiselle* desejar.

– Não – disse secamente. – Estou bem.

A mulher mais velha estendeu a mão e me deu um tapinha no braço.

– Não se preocupe. – Ela baixou a voz. – Não vai sempre machucar assim.

O horror se abateu sobre mim quando me dei conta das conclusões que ela tirou do sangue nos lençóis. Meu rosto ficou vermelho-vivo.

Minha reputação como amante de Duval acabava de ser firmemente estabelecida.

Capítulo Vinte e Um

Duval estava tomando o desjejum na sala de inverno. Quando entrei, um criado puxou uma cadeira. Sentei-me tensa, cheia de vergonha por ele ter me visto tendo um pesadelo como se eu não passasse de uma criança. Tampouco podia esquecer a sensação de sua pele sob meus dedos enquanto eu cuidava de seu ferimento. Pior ainda, temia que tudo isso estivesse evidente em meu rosto.

– Como você dormiu? – perguntou ele com educação.

Arrisquei olhar para ele, esperando ver um brilho de divertimento em seus olhos ou um sorriso malicioso. Em vez disso, havia um quê de preocupação em seu rosto. Essa simpatia foi o que mais me perturbou. Podia me esquivar de um golpe ou bloquear uma faca. Era imune a venenos e sabia uma dezena de modos de me livrar de um estrangulamento ou do fio de um garrote. Mas simpatia? Não sabia como me defender contra isso.

– Como um bebê – respondi. A mentira saiu facilmente de meus lábios enquanto eu lançava um olhar significativo para sua garganta.

Ele passou os dedos pelos babados do colarinho alto que estava usando naquela manhã.

– Talvez eu lance uma nova moda na corte.

Suas palavras incomodaram minha consciência. Ergui levemente o queixo e me recusei a dizer as desculpas que estavam na ponta da língua. Era culpa dele, quem mandou ficar à espreita em meu quarto durante a noite?

– Ainda não recebi nenhuma mensagem da madre superiora. Teve notícias do chanceler Crunard?

O rosto dele ficou imediatamente sóbrio.

– Não. Por quê?

Dei de ombros e peguei uma pera na travessa sobre a mesa.

– Estou em Guérande há três dias. Com a urgência com que a abadessa me queria aqui, a esta altura eu esperava que houvesse alguém que precisasse ser morto.

Duval jogou a cabeça para trás e riu.

– Você tem sede de sangue, tenho de admitir.

Enfie uma faca em minha pera. A casca dourada se abriu, e o sumo

fragrante pingou sobre a travessa.

– Não tenho sede de sangue, apenas estou ansiosa para fazer a obra de Mortain. É por isso que estou aqui, afinal.

– É verdade.

– Quais são nossas tarefas do dia?

Ele ergueu uma sobancelha para mim.

– *Eu* recebi notícias de que um mensageiro chegou ao palácio e solicitou uma reunião comigo.

Minha mão ficou imóvel.

– Quem é?

– Não sei, o homem está cheio de segredo. Ele diz que só falará comigo, e é por isso que você vai ficar aqui e se divertir esta manhã.

Apertei o cabo da faca.

– Posso me esconder com facilidade, milorde. Isso não vai ser problema.

– Sim, mas prometi ao homem um encontro em particular, e vou cumprir minha palavra.

– E quanto à sua promessa à abadessa? – Comecei a cortar a pera com movimentos rápidos e eficientes.

– Não disse que não vou informá-la, apenas que prometi a ele uma audiência em particular. Além disso, você ainda está ocultando muita coisa... meu Jesu!

Ergui os olhos, alarmada.

– O que foi?

Ele apontou meu prato com a cabeça.

– Você devia comê-la, não estripá-la.

Olhei para baixo e vi que tinha cortado a pera em retalhos. Pus a faca de lado com cuidado e peguei o pão.

– Se quiser um pouco de atividade, um de meus cavaleiros pode acompanhá-la em uma cavalgada. Ou você pode se ocupar com... – ele fez um gesto vago, à procura de alguma atividade que considerasse apropriada – ...bordado.

Olhei friamente para ele.

– Não dou importância a trabalhos com agulhas. – Fiz uma pausa. – A menos que envolvam a base de um crânio.

O canto de sua boca se curvou, divertido, e segurei a respiração, perguntando-me se ele tornaria a sorrir. Disfarcei uma pequena pontada de decepção quando ele não riu.

– Então se ocupe lendo um pouco de história em meu estúdio. Suponho que o convento a ensinou a se distrair por uma manhã. Utilize um pouco de seu excelente treinamento. – E, com isso, ele se levantou da mesa, deixando-me irritada comendo meu desjejum.

Fique, ele ordenou. Como se eu fosse algum cachorro, que seguisse ou não seu comando. Como se fosse ele, não eu, quem estivesse no

controle de minhas ações. No fundo, eu sabia que a abadessa gostaria de ser informada de qualquer reunião secreta. Além disso, seu próprio desejo de manter aquele encontro em segredo não era prova de que ele estava tramando algum truque? Quando terminasse, eu teria apenas a palavra dele sobre o que havia acontecido.

Tomada por uma determinação renovada, levantei e corri para buscar minha capa.



Viajei a pé. Encilhar uma montaria seria um desperdício de tempo precioso, e haveria o risco de levantar questões. Não sabia o quanto os criados de Duval eram leais e até onde estariam dispostos a ir para assegurar os desejos dele.

O ar da manhã estava cortante e limpo; os mercadores de Guérande estavam apenas começando a abrir suas portas. Criadas e donas de casa diligentes já estavam comprando as provisões do dia. Ninguém prestou atenção em minha passagem. Quando cheguei ao palácio, foi bem fácil entrar, pois cortesãos, nobres e pessoas com petições entravam e saíam à vontade. Desconfiei que os guardas tinham me reconhecido da noite anterior, embora não tivesse certeza. Meu maior obstáculo era descobrir onde estava ocorrendo a reunião misteriosa.

Parei por um instante no corredor principal, tentando criar um mapa mental do palácio. Enquanto me orientava, lembrei que Duval tinha aposentos particulares à sua disposição. Sem dúvida era onde ele teria seu encontro.

Pedi orientações a um sentinela, em seguida subi correndo a escada que ele havia indicado. O palácio era maior que a aldeia onde eu crescera, e muito mais confuso. Inúmeras portas de aposentos se alinhavam por corredores e passagens intermináveis. No fim, desisti e subornei um criado para me mostrar o caminho até os aposentos de Duval. Dei a ele uma moeda, duas quando me prometeu silêncio, depois estudei a porta à minha frente.

Não havia antecâmara. A porta ficava às vistas de qualquer pessoa que passasse, o que significava que eu não podia simplesmente ficar parada com o ouvido grudado a ela. Havia outra porta à direita, por isso me aproximei dela, projetando meus sentidos, tentando perceber se havia alguém lá dentro.

O cômodo parecia vazio, por isso entrei e corri para a parede que separava os dois aposentos. Encostei meu ouvido nela, mas a pedra era grossa, e os homens estavam falando baixo, cautelosos. Virei para explorar o local. Estava cheio de móveis suntuosos e tapeçarias elegantes, mas nada que pudesse me ajudar. Entretanto, havia uma janela que dava para um pequeno pátio interno. Estiquei a cabeça para fora, satisfeita ao ver que o aposento de Duval também tinha

uma janela. Era mais fácil ouvir através de vidro que de pedra.

Após me assegurar de que não havia ninguém no pátio, tirei a capa para não tropeçar e saí no peitoril. Com cuidado, esgueirei-me lentamente pelo beiral estreito até alcançar a madeira do batente da janela de Duval. Fiz uma pausa, depois me apertei contra a parede para não poder ser vista do interior. Fui rapidamente recompensada por meus esforços com a voz de Duval, levemente abafada, mas audível o suficiente através do vidro grosso.

– Se você não pode me dizer para quem está trabalhando, não temos mais nada a discutir. – A voz dele estava fria e dura como as pedras às minhas costas.

– O senhor sabe muito bem que há poucos em quem confiar na corte da duquesa. Se a identidade de meu suserano cair em mãos erradas, isso vai colocar muitas pessoas em risco.

– Você não espera que eu saia a galope para um encontro com seu senhor misterioso quando isso pode muito facilmente ser uma armadilha.

– O senhor pode escolher o local e o horário desse encontro, de modo que lhe seja mais vantajoso. Mas meu senhor tem um plano, uma proposta... – a voz dele soava como se estivesse sorrindo – ...que ele imagina que o senhor vai achar bastante intrigante.

Houve uma pausa longa enquanto Duval considerava o assunto, avaliando os riscos. Meus ouvidos estavam concentrados com firmeza no quarto do outro lado, mas meus olhos vigiavam o pátio abaixo. Meus dedos das mãos e dos pés tinham ficado dormentes com o frio cortante da manhã, mas eu não abandonaria meu posto antes da resposta de Duval.

– Por que eu? – perguntou ele finalmente. – Por que seu senhor o enviou a mim em vez de procurar o chanceler ou um dos guardiões da duquesa?

– Porque o sangue é mais forte que qualquer cadeia de comando. Meu suserano acredita que o senhor, mais que qualquer outro, preocupa-se com o bem-estar da duquesa.

Era interessante que o senhor misterioso pensasse daquela maneira. Seria lisonja vazia? Ou o homem conhecia Duval intimamente?

O aposento ficou em silêncio enquanto os dois homens avaliavam e estudavam um ao outro. Eu quase pulava de impaciência. Estava desesperada para ouvir a resposta e quase tão desesperada quanto para sair daquele lugar antes de ser descoberta.

– Muito bem – Duval disse por fim. – Vou falar com esse seu senhor e ouvir o que ele tem a oferecer. Diga-me onde está hospedado e lhe mandarei informar sobre quando e onde devemos nos encontrar.

Satisfeita porque o assunto principal da conversa tinha terminado, soltei os dedos da janela e os flexionei para fazer o sangue circular.

Lentamente, por medo de perder o equilíbrio com meus pés dormentes, comecei a caminhar de volta para o aposento ao lado. Rígida de frio, quase caí, mas consegui me segurar e entrei no aposento, depois fechei a janela em silêncio. Peguei minha capa e esfreguei os braços, procurando me aquecer novamente, mas só por um instante. Precisava estar bem longe dali antes que Duval encerrasse sua reunião.

Corri até a porta, abri-a um pouco e espiei o corredor. Então quase engasguei de surpresa ao ver madame Hivern espreitando do lado de fora da porta de Duval. Torci para que a porta representasse um obstáculo tão grosso para ela quanto tinha sido para mim.

Eu sabia que Duval queria que aquela reunião permanecesse em segredo, mas minha própria suspeita sobre a mulher me empurrou para o corredor. Pus no rosto uma expressão confusa, e saí do escritório.

– Madame Hivern? – disse eu, de modo que minha voz parecesse jovem e um pouco hesitante.

Assustada, ela se virou.

– *Demoiselle Rienne*? O que está fazendo aqui? – Seu rosto bonito estava desconfiado.

Olhei ao redor, confusa.

– Estava à procura dos aposentos de milorde Duval. Um dos criados me disse que ficavam neste corredor, mas devo ter perdido a conta das portas.

Seu rosto relaxou, e um sorriso que era pura condescendência surgiu em seu rosto.

– Venha, querida. – Ela estendeu o braço, enlaçou o meu no dela, e começou a me conduzir pelo corredor, para longe das duas portas. – Você sem dúvida sabe que a melhor maneira de perder um homem é segui-lo, não? – Ela deu tapinhas em minha mão. – Deixe-me dividir com você os segredos de nosso ofício.

Eu me segurei para não corrigir sua suposição perturbadora. Tampouco confiava naquela repentina caridade.

– A madame é muito gentil. – Fiquei satisfeita por conseguir evitar qualquer toque de ironia em minhas palavras. Na verdade, a última coisa que eu queria eram conselhos da mãe de Duval sobre como ser uma boa amante. Entretanto, talvez eu pudesse virar aquilo a meu favor e usar a oportunidade para descobrir mais sobre ele.

A lembrança da expressão aborrecida dele na noite em que eles haviam discutido passou por minha mente, e me senti mal com minha própria farsa, como se estivesse pondo o dedo em uma ferida aberta. Ainda assim, era por isso que eu estava ali, e eu sabia exatamente o que a madre superiora pensaria de tais escrúpulos descabidos.

Ignorando os nobres e cortesãos reunidos em grupos no grande

salão, madame Hivern nos acomodou em um canto longe dos outros. Quando estávamos sozinhas, ela se virou para mim e me avaliou com o olhar.

– Então... – Ela pousou as mãos graciosas no colo. – De onde você é, querida, e como conheceu Gavriel?

Baixei os olhos – uma jovem senhorita do campo ficaria nervosa, não? – e comecei a retorcer as mãos no colo.

– Minha família é humilde, madame, a senhora não a conheceria.

Ela inclinou a cabeça graciosamente, mas o sorriso em seu rosto era cortante como vidro.

– Então como vocês se conheceram?

Mantenha-se perto da verdade para dar peso à mentira, era o que o convento tinha enfiado em nossa cabeça.

– Em uma taverna, perto de Brest. – Não confiava totalmente em Duval, mas confiava ainda menos em sua mãe, e não entregaria os segredos dele em uma bandeja para ela.

Seu rosto empalideceu, e ela se afastou um pouco, como se tivesse sido atingida.

– Por favor, diga-me que você não era uma criada que atendia mesas.

– Não – eu disse, com cuidado para não sorrir. – Eu estava de passagem devido a assuntos de família.

Observei enquanto ela passava mentalmente um pente-fino na região costeira de Brest, tentando determinar em que negócios Duval estava envolvido. Após mais um instante, sua linda máscara voltou ao lugar.

– Você precisa me perdoar – disse ela. – Mas meu filho sempre se manteve muito reservado, e mal consigo compreender sua presença aqui.

Arregalei os olhos de forma inocente.

– Mas, madame, vejo que a senhora e seu filho estão afastados. Talvez ele simplesmente não tenha mencionado as relações dele para a senhora.

Sua boca ficou feia e se estreitou diante dessa observação rude, mas ela segurou sua resposta quando um criado pôs uma bandeja de vinho quente com especiarias na nossa frente. Quando o criado se afastou, ela já tinha se recomposto. Peguei um cálice de vinho, e ela se debruçou, mudando de assunto.

– Nem todos os homens são iguais, sabia? Com alguém como Gavriel, eu sugeriria parecer fria e distante, não ficar muito atrás dele. Ele pode achar isso sufocante, em vez de charmoso. – Suas palavras eram afiadas, mas a voz era doce, como mel no fio de uma lâmina, e com a intenção de cortar. Eu me confortei com o conhecimento de que, se um dia Duval se sentisse sufocado por mim, seria por eu estar

segurando um travesseiro sobre seu rosto e recomendando sua alma a Mortain.

Ela franziu o cenho e continuou seu falatório.

– Por que motivo você imaginou que seria uma boa ideia segui-lo? É isso que as garotas fazem na aldeia de onde você veio?

– Eu não o estava seguindo, madame, apenas tentando lhe dar uma mensagem. Chegou depois que ele saiu esta manhã, e pensei em entregá-la pessoalmente.

Hivern ergueu as mãos em um gesto de horror simulado.

– Você é amante dele, não sua criada. Não o siga como um cão segue seu dono.

Apertei o cálice de vinho. Agradei por ele ser de prata, e não de vidro, pois sem dúvida teria se estilhaçado sob a força de minha irritação.

– Madame, eu lhe asseguro...

– Ah, chame-me de Antoinette, está bem? Acho que vamos nos tornar grandes amigas, você e eu.

– Acha que é uma boa ideia, considerando o afastamento entre a senhora e seu filho?

Um vislumbre de fúria gélida tremeluziu em seu rosto e logo desapareceu.

– Talvez você possa nos ajudar a curar essa ferida.

Pus meu cálice sobre a mesa e lhe dei meu olhar mais inocente.

– Era por isso que *a senhora* estava procurando por ele? Para pedir uma trégua?

A irritação ficou visível em seu rosto, e ela olhou ao redor do salão à procura de uma distração. Aparentemente, encontrou uma, pois sua expressão relaxou e seus olhos brilharam com a primeira emoção verdadeira que eu via neles.

– Meu querido! – O rosto de Hivern se iluminou de prazer. – Venha aqui, tem uma pessoa que eu gostaria que você conhecesse.

O homem que se aproximou era alto e magro, com olhos escuros e traços finos. Era jovem demais para ser seu amante, mas mesmo assim ela o chamou de querido. Ele me lançou um olhar cauteloso, avaliando-me, depois se abaixou para dar um beijo no rosto de Hivern.

– Ismae, eu gostaria que conhecesse meu filho François Avaugour. François, esta é Ismae, a nova amiga de Gavriel.

Se ele tinha ouvido falar da “amiga” de seu irmão, não deu nenhum sinal disso. Ele fez uma reverência galante sobre minha mão.

– *Enchanté, demoiselle*. Toda amiga de meu irmão é minha amiga.

Murmurei alguma bobagem em resposta, e madame Hivern deu um tapinha no assento a seu lado.

– Venha, junte-se a nós, meu amor.

– Mas é claro. – François levou a cadeira para perto de Hivern para ficar de frente para mim. – Como posso resistir às duas damas mais belas da corte?

Tive vontade de revirar os olhos com essas palavras; em vez disso, olhei para ele de relance.

– A amiga de Gavriel não está acostumada a modos tão educados, François. Ela passou tempo demais no campo. Você devia se oferecer para guiá-la em sua primeira visita à corte enquanto seu irmão está cuidando de seus outros afazeres.

Os olhos castanho-claros dele cruzaram com os meus.

– Não posso pensar em nada que me daria mais prazer, *demoiselle*.

– O senhor é muito gentil – murmurei, satisfeita com a facilidade com que tinha sido recebida no seio da família de Duval. Eles deviam estar tão ávidos por seus segredos quanto eu estava ávida pelos deles.

– Meu filho nasceu e foi criado na corte e pode conduzi-la com segurança por estas águas traiçoeiras.

– Mas sem dúvida milorde Duval vai fazer isso – protestei.

– Duval vai fazer o quê? – pergunta uma voz grave e familiar.

– Gavriel! – A voz de Hivern estava cheia de uma alegria tão falsa quanto seu coração. – Que surpresa adorável. Estávamos começando a conhecer sua amiga um pouco melhor. Ela é uma coisinha muito encantadora.

O peso quente e pesado da mão de Duval pousou em meu ombro, e perdi a fala quando ele se abaixou e me deu um beijo na testa.

– Minha querida Ismae – disse Duval. – Mas o que está fazendo aqui? Não que não seja uma surpresa adorável.

Merde. Estava tão ocupada com a batalha verbal contra madame Hivern que nem tinha pensado em uma explicação para minha presença ali na corte.

– Ela teve a gentileza de aceitar meu convite, Gavriel – disse madame Hivern com um olhar em minha direção. – Achei que seria divertido nos conhecermos.

A mão de Duval em meu ombro se apertou dolorosamente, então ele a retirou e fez uma leve reverência. Fiquei sem saber como ele fez o gesto parecer irônico, mas conseguiu.

– A generosidade da senhora minha mãe não tem limites. – Então ele voltou seu olhar para mim. – Venha, *demoiselle*, eu terminei aqui. – Ele estendeu a mão, segurou meu cotovelo e me levantou. Fomos embora sem outro olhar na direção de sua família.

Por trás das centelhas de raiva que queimavam em seus olhos, percebi um vislumbre de outra coisa. Algo que, surpreendentemente, parecia medo.

– Isso fazia parte das instruções do seu convento? – A voz de Duval estava dura e raivosa. – Despertar o interesse de meu irmão e se

oferecer para ele, assim como para mim?

– Não, milorde, não fazia – disse eu, com recato.

Mas provavelmente apenas porque a abadessa não tinha pensado naquilo.

Capítulo Vinte e Dois

O próprio Duval me acompanhou de volta à sua residência. Ele disse que era para eu não me perder no caminho, mas não me enganou. Ele queria ter certeza de que eu não daria meia-volta e retornaria ao palácio. Quando partiu novamente para a corte, pensei em segui-lo uma segunda vez, mas então me dei conta de que seria tolice, pois ele provavelmente estaria esperando por isso. Além do mais, não queria cruzar outra vez com madame Hivern. A malícia velada de sua falsa preocupação ainda borbilhava em meu interior, tão maligna quanto qualquer veneno. Eu me perguntei como Duval se sentiria se eu matasse sua mãe, pois era o que eu desejava fazer. Talvez ele até me agradecesse.

Quando cheguei em meu quarto, encontrei Louyse desfazendo minha bagagem. Ela se virou para mim com as faces envelhecidas e rosadas.

– Oh! A senhorita tem tantas coisas lindas!

Havia várias fileiras com vestidos deslumbrantes espalhados pelo quarto. Fiquei pasma com as riquezas que o convento me fornecia. Veludos, brocados e as sedas mais finas em cores maravilhosas: azul-escuro, verde-esmeralda e um belo tom de vinho.

Ouvi um ruído na porta. Levantei os olhos e vi Agnez entrar no quarto com os braços esticados, segurando uma gaiola enorme feita de gravetos. Nela havia um corvo grande, de aspecto um tanto perverso.

– Mandaram isso junto com os baús, *demoiselle* – explicou Louyse. – Tentamos botá-lo no estábulo, mas ele perturbou todos os cavalos, por isso o cavaleiro insistiu que o trouxéssemos para dentro. É... um bicho de estimação, milady?

– De certa forma. Ponha a gaiola ali, perto da janela – falei para Agnez. Quando ela a pôs no chão, o corvo grasnou e tentou bicar seu dedo. Ela deu um grito e pulou para trás, quase caindo em sua pressa de se afastar do pássaro.

– Isso é tudo – disse Louyse com firmeza para ela, apesar de não ter sido culpa da garota.

Com um último olhar desconfiado para o corvo, Agnez rapidamente foi embora. Louyse balançou a cabeça.

– A senhorita vai querer ajuda para se vestir? – Diante de meu olhar inexpressivo, ela acrescentou: – Antes de ir para a corte, esta noite?

– Talvez dentro de uma hora, mais ou menos, obrigada.

Ela parou na porta.

– Ah, quase esqueci. Chegaram duas cartas com os baús. Estão na mesa, ali. E o baú menor ainda está trancado. Parece que não mandaram a chave. Quer que eu envie um dos criados para arrombá-lo?

– Deixe-me ver o que dizem as cartas antes de me decidir.

– Muito bem, milady. – Ela fez uma reverência, então foi embora, deixando-me sozinha com um corvo muito mal-humorado que estava tentando destruir a gaiola com seu bico de aparência sinistra.

Corri até a mesa e peguei a primeira carta. Apesar de reconhecer a letra da madre superiora, virei o bilhete para examinar o lacre. Annith tinha inúmeros truques para abrir correspondências, e tinha me ensinado que sinais procurar se eu desconfiasse de que uma carta tinha sido aberta, mas não vi nenhum deles naquele selo. Era da mesma cera negra que o convento sempre usava, com um leve cheiro de alcaçuz e canela, e estava inteiro, sem nenhuma camada menor ou mais fina que indicasse ter sido selado outra vez. Satisfeita, quebrei o lacre, à espera de uma nova missão. Havia muitos ali na corte cuja garganta eu cortaria satisfeita.

Caríssima filha,

Espero que esta carta a encontre bem e se adaptando à vida na corte. Acredito que o seu treinamento no convento esteja sendo de serventia.

A irmã Vereda joga diariamente seus ossos nas chamas, à procura de orientação, mas ainda não Viu nada. Quando isso acontecer, mandarei uma mensagem. Entretanto, se seu coração e seus olhos estiverem abertos para Ele, Ele sem dúvida vai guiar sua mão.

Lembre-se de que você também é nossos olhos e ouvidos na corte. Conte-me tudo o que descobrir, não importa o quanto pareça insignificante.

Além dos vestidos e joias, enviamos um pequeno baú com ferramentas e suprimentos que seu serviço a Mortain vai exigir. Vanth tem a chave.

Sua em Mortain,

Abadessa Etienne de Froissard

Minha mão amassou o bilhete e, em minha frustração, eu o joguei no fogo. Aquelas não eram as instruções que eu queria. Esperar, esperar. Sempre mais espera. Se elas nos tivessem ensinado a esperar

tão bem como nos ensinaram a matar, talvez eu fosse melhor nisso.

Com um suspiro, peguei a segunda carta. Era de Annith.

Querida irmã,

Eu estaria mentindo se não reconhecesse que fiquei com ciúmes de todos os seus novos trajes e joias. Toda a abadia costurou e bordou, alterando os vestidos de acordo com suas medidas exatas, de modo que servissem em você e representassem o convento com honra – apesar de sua ligação conosco ser segredo. A irmã Beatriz me disse apenas para costurar mais rápido quando observei isso.

Estou quase estourando de curiosidade para ouvir como é a corte, quantos você matou desde que partiu, e todos os outros detalhes. Acho que a madre superiora desconfia de que eu esteja com raiva por você ter recebido essa missão e não eu. Ela me mandou trabalhar junto com a irmã Arnette para que eu não me sinta excluída, mas, claro, isso não adianta.

Escreva-me quando puder para que eu possa ver com meus próprios olhos como você está se saindo, ou eu com certeza vou morrer de tédio. Ainda não tive notícias de Sybella.

Sua irmã em Mortain,

Annith

Quando terminei a carta, estava sofrendo de saudades – não do convento, mas de Annith e sua mente inteligente e afiada. Eu adoraria expor tudo o que tinha descoberto e ver o que ela pensava daquilo. Considerei por um breve momento escrever para ela, então percebi que Vanth não tinha condições de levar todas as páginas que isso exigiria.

Corri até a gaiola e vi que o corvo tinha um pequeno embrulho preso à pata esquerda. Olhando-o com cautela, enfiei a mão na gaiola, sussurrando algo em uma voz tranquilizadora, mas recuei rapidamente quando ele tentou me atingir com o bico afiado.

– Pare com isso – repreendi. – Essa chave é minha, não sua. – Tentei novamente, dessa vez movendo-me mais rápido, e puxei o embrulho de sua pata. Seu bico maligno errou meus dedos por pouco e golpeou a gaiola futilmente. – Traidor – reprevei-o.

Desembrulhei o pacote, e uma chavinha dourada em uma corrente caiu na palma de minha mão. Corri até o pequeno baú e enfiei a chave na fechadura. Ergui a tampa e segurei um riso de puro prazer. O baú continha punhais de todos os tamanhos: um grande anelácio para usar nas costas, um punhal curto escocês facilmente ocultável, um estilete comprido e fino para esconder no alto da meia, outro estilete parecido com uma agulha para a base do crânio, e um emaranhado de bainhas de couro para eu poder manter todas essas armas ao alcance da mão.

Havia um garrote simples, assim como outro escondido em uma pulseira elegante. A irmã Arnette também tinha incluído uma pequena besta, do tamanho da palma da minha mão. As setas eram extremamente afiadas.

O aroma metálico pronunciado de minhas armas era mais bem-vindo que o melhor dos perfumes.

Mas o baú era fundo, e continha um segundo compartimento. Quando removi a bandeja superior, houve um tilintar suave de frascos de vidro. Peguei um vidrinho com o conteúdo da cor do céu frio de inverno. A Carícia de Mortain, o mais agradável e piedoso dos venenos, enchia suas vítimas com uma sensação de euforia e bem-estar. Pus esse vidro no chão e tornei a remexer no baú. Havia o âmbar profundo do Suspiro do Herege, um veneno de ação rápida para aqueles que desejavam evitar a dor excruciante de ser queimado na fogueira. Um vidro quadrado, largo e baixo continha o ferruginoso Flagelo, um veneno criado tendo em mente o julgamento mais cruel de Mortain: ele devorava as entranhas da vítima e, segundo rumores, era tão doloroso quanto o Abraço do Mártir. Reconheci o vermelho-sangue das Lágrimas Sombrias, que enchia os pulmões da vítima de líquido até que ela se afogasse, e o verde turvo da Maldição de Saint Brigantia, assim chamado porque Brigantia era a deusa da sabedoria, e aquele veneno não matava suas vítimas: em vez disso, devorava todo o conhecimento de seu cérebro, deixando-as como idiotas balbuciantes, sem qualquer memória de quem eram.

Bem no fundo do baú havia três velas de cor creme cuidadosamente embaladas, sem dúvida aromatizadas com o Sussurro da Noite. Além disso, havia uma caixinha cheia de pérolas brancas, cada uma delas contendo Vingança suficiente para derrubar um homem adulto. Por último, num canto do baú, havia um pequeno recipiente de cerâmica com uma pasta cor de mel: o Laço de Saint Arduinna, um veneno para ser esfregado e absorvido pela pele.

Agora eu estava quase tão abastecida quanto o próprio convento. Aliviada, guardei rapidamente tudo de volta no baú e o tranquei. Enfie a corrente fina de ouro em volta do pescoço e pus a chave em meu corpete, fora de vista.

Se corresse, conseguiria escrever uma carta para a abadessa e despachar Vanth antes de me vestir para a noite.

Cara madre superiora,

É exatamente como a senhora e o chanceler Crunard disseram: há muitas coisas acontecendo aqui na corte, e poucas coisas boas. Alguém passou por cima da autoridade da duquesa e convocou uma Assembleia dos Estados. A duquesa não tem escolha a não ser encarar seus barões sob o olhar atento do embaixador francês. O que

quer que eles decidam será imediatamente informado à regente francesa.

Além disso, o rei inglês se recusa a enviar ajuda. O único ponto positivo é que Duval foi abordado por um senhor, que mantém sua identidade em segredo, mas afirma ter uma solução para oferecer à duquesa. Contarei mais sobre isso assim que a reunião ocorrer.

Outro acontecimento digno de nota: Duval e eu fomos atacados assim que entramos na cidade. As facas dos homens estavam cobertas de veneno, portanto não foi um simples roubo. (E fico entristecida em informar que Noturne caiu vítima desse ardil.)

Parei por um instante e passei a ponta da pena pelo queixo enquanto pensava se informava a abadessa das visitas noturnas de Duval, para que ela visse que eu não estava me esquivando de meus deveres. Mas temia que ela escrevesse uma resposta pedindo mais detalhes, por isso não disse nada.

Conheci nossa duquesa e posso ver nitidamente as mãos dos santos sobre ela. Sem dúvida, eles escolheram bem, pois ela é sábia e forte, mais que sua idade aparenta. A honestidade me obriga a contar à senhora que ela parece confiar plenamente em Duval e valoriza seus conselhos acima dos de todos os outros.

Aguardo ansiosamente suas próximas ordens e rezo para que a irmã Vereda Veja algum modo pelo qual eu possa ser útil tanto para Meu Deus como para minha duquesa.

*Respeitosamente,
Ismae*

A carta seguinte foi muito mais fácil de escrever. Sabia que Annith encontraria um modo de ler a da abadessa, por isso não perdi tempo repetindo o que já tinha escrito.

Querida Annith,

Eu queria que alguém tivesse me dito que Duval era um dos bastardos do duque! Sugira à irmã Eonette que inclua os nomes dos bastardos quando falar deles. Isso evitaria futuros mal-entendidos.

Vi Sybella! Havia uma multidão de pessoas tentando entrar na cidade quando chegamos, e ela estava no meio. Ela não falou comigo, mas fiquei muito aliviada ao vê-la viva e bem. Infelizmente, não vi nenhuma marca. Espero que não demore!

*Sua irmã em Mortain,
Ismae*



Naquela noite, a duquesa estava presente na corte, por isso Duval me levou para ser formalmente apresentada. Ela estava cercada por suas damas de companhia, os prelados locais e seus conselheiros. Fiquei surpresa ao ver que D'Albret estava com a duquesa. Isto é, não *com* ela, mas por perto, como um lobo à espreita de um coelho. Ela estava sentada, ereta e tensa, olhando intencionalmente para longe dele, com o rosto pálido. Parecia uma criancinha tentando fingir que um monstro de contos de fadas não tinha acabado de ganhar vida ao seu lado. Era madame Dinan quem conversava animadamente com D'Albret, ignorando o extremo desconforto de sua jovem protegida.

A mão de Duval apertou meu braço, e ele acelerou nosso passo, conduzindo-me até a duquesa e seu séquito. Fiquei animada ao ver que o chanceler Crunard tinha chegado, pois precisávamos de todos os aliados que pudessemos encontrar. Melhor ainda, ele estava parado atrás da duquesa, com uma mão em seu ombro, como se estivesse lhe dando forças. Fiquei feliz ao vê-lo.

Para crédito da duquesa, quando Duval nos apresentou, ela me cumprimentou como se nunca tivéssemos nos visto, não demonstrando nem um vislumbre de reconhecimento. Ela estava bem preparada para aqueles jogos de mentiras.

– Milorde Duval me disse que você gosta de caçar – comentou a duquesa com educação. – Vai aproveitar para praticar esse esporte enquanto está aqui? – Enquanto falava, ela olhou para D'Albret, em seguida sua mão foi até seu pescoço, e ela discretamente passou um dedo pela base da garganta, como se estivesse ajustando a pesada cruz cravejada de pedras pendurada ali.

Quase ri alto e tomei muito cuidado para não olhar para D'Albret.

– Se surgir a oportunidade, Sua Graça, eu ficaria feliz em participar de uma caçada.

– Vamos torcer, então, para que surja a oportunidade – disse ela graciosamente.

Enquanto murmurávamos amenidades, um soldado se aproximou e fez uma reverência para o capitão Dunois, depois falou baixo em seu ouvido. O capitão assentiu, em seguida se aproximou de Duval e o chamou de lado.

– Seu prisioneiro despertou, milorde.

Duval virou-se para mim com um brilho ávido no olho.

– Tenho de ir interrogá-lo.

– Sem dúvida, devo ir com o senhor.

– Sem dúvida, não deve. Como eu explicaria que minha prima ou minha amante ficou em presença de um criminoso? – Enquanto falava, ele procurava alguém em meio aos nobres reunidos. – Não, você vai ficar aqui, fazer seu papel e manter os ouvidos abertos. – Ele soltou meu braço e, para meu horror absoluto, chamou: – De Lornay!

– Não! – sussurrei para Duval, mas era tarde demais. De Lornay se livrou de um grupo de mulheres que o admiravam e foi em nossa direção.

Duval olhou para mim, surpreso.

– Você não pode simplesmente ficar andando por aí sozinha. As pessoas podem não se importar com uma relação discreta, mas uma mulher sozinha andando por aí não é nenhuma dama, e logo terá uma reputação que vai afastá-la da presença da duquesa.

Suas palavras foram como barras de uma jaula se fechando com um clangor, e de repente me senti presa em uma cadeia de seda e veludo. Ele pareceu levemente divertido.

– Não aja como se tivesse sido mandada para o cadafalso. A maioria das mulheres gosta muito da companhia de De Lornay.

– Não sou como a maioria das mulheres, milorde – disse eu, e supus que sua fungada fosse de concordância.

De Lornay fez uma reverência à nossa frente, e fiquei grata quando seus olhos passaram por mim, depois se estreitaram para algo além.

Duval deu um sorriso irônico para o amigo.

– Ela se arrumou direitinho, não é? Tenho uma coisa a fazer, e gostaria de deixá-la sob seus cuidados atenciosos.

A expressão consternada de De Lornay espelhava a minha.

– Explique-me o que devo fazer com ela.

Duval fez um aceno vago.

– Não sei. O que quer que você faça com as suas amigas...

– Sem dúvida, isso não – murmurou De Lornay.

– Então dance. – Duval me lançou um olhar preocupado. – Você sabe dançar, não sabe? – perguntou.

– Sei, mas...

– Bom. – Antes que pudéssemos emitir outro protesto, Duval nos abandonou.

De Lornay e eu olhamos um para o outro com expressões gêmeas de agonia antes de rapidamente olharmos para outro lugar. Enquanto eu tramava uma fuga, a música começou, e os dançarinos seguiram para a pista. Com um suspiro nada gentil, De Lornay me fez uma reverência obrigatória.

– Então, vamos dançar.

Fiz uma breve mesura, mas não tomei a mão que ele me oferecia.

– Aprecio esse sacrifício nobre que o senhor está fazendo, mas pode ficar tranquilo, não é necessário. Tenho tão pouco desejo de dançar com o senhor quanto o senhor de dançar comigo.

– Mesmo assim, Duval disse para dançarmos, por isso, vamos dançar.

Tentei retirar a mão, mas seu aperto ficou férreo. Cerrei os dentes e puxei com mais força.

– O senhor sempre faz o que ele lhe diz?

– Sempre – disse De Lornay, arrastando-me na direção do salão de dança. – Eu cavalgaria para o próprio fogo do inferno a seu comando.

Esquecendo nosso cabo de guerra, olhei para o rosto dele para ver se ele estava falando sério.

– Ele exige tais coisas do senhor?

De Lornay olhou para mim.

– Se exigisse – disse com uma expressão feroz –, eu as faria com prazer, e agradeceria a oportunidade.

A música começou animada, e os outros corpos à nossa volta iniciaram os passos da dança. Apesar de minha mente ainda refletir sobre a lealdade espantosa de De Lornay, fiz com facilidade a reverência de abertura. Enquanto executava os passos, não consegui evitar me perguntar por que De Lornay sentia tanta aversão por mim. Na verdade, dançar nunca foi tão difícil. Ele olhava para mim por cima dos outros dançarinos e me surpreendi que nosso ódio recíproco não incendiasse o cabelo deles.

Quando a música finalmente terminou, quase gritei de alegria. De Lornay me tomou pelo braço e me acompanhou para fora do salão de dança.

– Você dança lindamente. – *Para uma assassina sem berço.*

As verdadeiras palavras não saíram de seus lábios, mas eu as ouvi mesmo assim. Não dei muita importância a elas, pois tínhamos dançado como Duval ordenara, e agora, sem dúvida, ele me deixaria em paz.

Fiz uma reverência com a maior gratidão que consegui reunir.

– Obrigado pela cortesia que demonstrou por mim. – Mantive a cabeça baixa para que ele não visse o ressentimento em meus olhos e comecei a me afastar.

Sua mão, mais uma vez, segurou a minha.

– Ah, nós não terminamos ainda, *demoiselle*.

Levantei a cabeça e liberei minha mão.

– Com toda a certeza, terminamos sim.

Ele balançou a cabeça.

– Escute. Os músicos estão preparando seus instrumentos para outra dança, uma *basse danse*, acho. Eu gosto muito de *basse danse*. E você?

Eu o olhei fixamente. Será que ele tinha a intenção de seguir cegamente as ordens de Duval até seu retorno?

– Não – respondi diretamente. – Não gosto. – Então, antes que ele pudesse esticar o braço e agarrar novamente minha mão, virei e me afastei dele, colocando o máximo de distância possível entre nós e torcendo para que ele não saltasse atrás de mim e fizesse uma cena.

Rapidamente me enfiei na multidão e me perdi em meio aos nobres

reunidos. Enquanto passava pelos corpos finamente vestidos e extremamente perfumados, tentei decidir qual a melhor maneira de usar minha liberdade recém-conquistada. Desejei que a marca de Mortain aparecesse em qualquer um daqueles nobres tolos e fúteis, mas, infelizmente, não apareceu.

Avistei François flertando com uma mulher de aparência perversa vestida em azul-pavão. A mãe dele estava em um canto distante, rindo alegremente e, por sua vez, flertando com a meia dúzia de barões que a cercava. Era por isso que Duval tinha tanta raiva dela? Porque não estava perdendo tempo para encontrar outro amante? Se ele fosse próximo do pai, talvez considerasse uma traição à sua memória o fato de sua mãe estar procurando uma nova cama para aquecer logo após sua morte.

Madame Dinan, conde D'Albret e marechal Rieux deixaram a duquesa e agora estavam juntos, conversando em voz baixa como abelhinhas atarefadas. Aquela poderia se revelar uma conversa extremamente interessante.

Mudei de rumo e segui na direção deles, determinada a ouvir o que tramavam. Estava quase a meio caminho de lá quando uma figura alta entrou audaciosamente na minha frente, e tive de me deter para não trombarmos.

O emissário francês Gisors olhou para mim com toda a sua altura.

– *Demoiselle* Rienne – disse ele.

– Milorde Gisors. – Eu fiz uma leve reverência.

– Ocorreu-me que ontem não a cumprimentei tão calorosamente quanto merecia. A senhorita tem de me perdoar, pois eu tinha assuntos sérios na cabeça.

– Mas é claro, milorde embaixador. Entendo perfeitamente. – De fato, eu era a imagem do comedimento e da astúcia.

– Você é jovem e inocente dos modos da corte, mesmo de uma corte pequena como esta. Eu ficaria honrado se me permitisse ser seu guia em certos assuntos.

– É muita gentileza sua, milorde, mas foi isso que lorde Duval prometeu fazer.

Os olhos verdes de Gisors procuraram Duval.

– Apesar disso, ele não está do seu lado. E a senhorita pode não perceber, mas há um pequeno bando de rapazes fazendo fila atrás de você enquanto falamos. Eu gostaria de ajudá-la a perceber com quem é sábio se associar quando seu Duval estiver ocupado com outras coisas.

Abri a boca para objetar, mas ele se aproximou mais – perto demais – e pôs a mão sobre minha boca. A ousadia do gesto me chocou e fiquei em silêncio.

– Não diga não, *demoiselle*. Só peço que pense sobre isso. Posso

fazer com que seu tempo seja recompensado. Viver na corte é muito caro, e toda mulher devia ter seus próprios recursos. Especialmente quando não se tem como saber ao certo quanto tempo a proteção de Duval vai durar.

Afastei sua mão.

– O que o senhor quer dizer?

– Quero dizer que, quando for de conhecimento geral que a mãe de Duval está tramando para botar o filho no trono de Anne, você vai se ver uma pária na corte. Aposto que então não será tão orgulhosa assim para aceitar minha amizade. – Ele se afastou, de volta para qualquer que fosse o buraco de onde saíra, e fiquei respirando com dificuldade, o choque fervilhando em minhas veias.

Duval e sua família estavam tramando uma traição.

Capítulo Vinte e Três

Não conseguia dormir. Minha mente revirava e remoía aquela nova revelação sobre Duval como um rato roendo um osso. Uma semana atrás, eu teria ficado empolgada com a descoberta, ansiosa pela prova necessária que faria meu Deus agir contra ele. Mas, naquela noite, não parecia nenhuma vitória. Disse a mim mesma que era porque a duquesa confiava demais nele e tinha poucos aliados restantes, mas isso era mentira. Temia que minha falta de prazer tivesse mais relação com o próprio Duval, e odiei que meu coração tivesse sido manipulado com tanta facilidade.

Também era possível, até provável, que ele não estivesse envolvido nas armações da mãe. Na verdade, isso ajudaria a explicar a divergência entre eles. Entretanto, agir como se estivessem afastados evitaria que caíssem suspeitas sobre ele.

Houve um leve estalido na porta, e tudo em meu interior ficou imóvel. Não tinha ideia se confrontaria Duval com o que havia descoberto. Estava dividida entre a vontade de saltar da cama e enfurecer-me com ele por sua duplicidade, e me esconder de vergonha por ter sido enganada com tão pouco esforço. Em vez disso, puxei as cobertas até o queixo e fechei os olhos, torcendo para que ele achasse que eu estava dormindo. Desejei que meu coração batesse mais devagar e que minha respiração ficasse mais profunda. Meus esforços elaborados foram frustrados por um xingamento abafado que explodiu na escuridão.

– Deus do céu! O que foi que você usou para bloquear a passagem até a janela?

Sua atitude bem-humorada me confundiu.

– O quê? – Desorientada, sentei e afastei o cabelo dos olhos. – Essa é a gaiola de Vanth. O senhor pode tirá-la do caminho.

– Já fiz isso – resmungou. – Com minha canela. – Ele se jogou em sua cadeira habitual e olhou para mim. – Quem, pela graça de Deus, é Vanth, e por que ele deve ser mantido em uma gaiola?

A escuridão no quarto não era absoluta. Abracei os joelhos enquanto tentava interpretar seu rosto, mas ele estava muito escondido nas sombras.

– Ele é o corvo enviado pela abadesa para que possamos nos comunicar.

– Ah. Ela tinha alguma notícia para você? Alguma missão sobre a qual eu deva saber? – Seria aquilo que percebi em sua voz um tom de preocupação?

– Por quê, milorde? O senhor tem medo de que ela tenha descoberto a trama de sua mãe para pôr o filho no trono?

A cabeça dele se ergueu abruptamente, e pude sentir a intensidade de seu olhar. Seu silêncio era prova suficiente da culpa deles.

– Quando estava planejando me contar? Ou o senhor realmente achou que eu não fosse descobrir?

– Não. Eu sabia que você acabaria descobrindo e, quando o fizesse, esperava que você me perguntasse sobre.

– Então estou lhe perguntando.

Ele encostou a cabeça na cadeira. Quando voltou a falar, sua voz parecia inacreditavelmente exausta.

– Minha mãe botou na cabeça que o que nosso país precisa é de um duque, não de uma duquesa. Ela não acredita que Anne é capaz de administrar a atual crise com a França e com os barões. Em vez de arriscar que o ducado vá para algum deles, madame acredita que ele deve ir para um dos filhos do duque, bastardo ou não.

Houvera duques bastardos antes, mas não por muito tempo.

– Por que François, e não o senhor?

– Você não consegue adivinhar?

– Consigo, mas queria ouvir do senhor.

– Por que eu me neguei. – Suas palavras saíram entrecortadas.

– E é por isso que ela e o senhor estão brigados.

– Exatamente. – Ele suspirou e passou a mão pelo cabelo.

– Então por que não me contou?

– E decretar a sentença de morte para minha família? Talvez eu não tenha tanto sangue-frio em minha busca por justiça quanto você e o convento. Até que eu entendesse suas ordens e como você agiria, não ousaria lhe contar. – Houve um momento de silêncio. Em seguida, ele voltou a falar. – Então, eles estão marcados para a morte por seu Deus?

– Não – disse eu. – Não que eu possa ver.

Ele soltou um suspiro longo e lento.

– Então como você descobriu o plano?

– O emissário francês, Gisors. Ele não só tentou comprar minha lealdade esta noite como também me avisou que, assim que os planos de sua família se tornassem públicos, eu seria uma pária na corte.

Duval praguejou.

– Isso já deveria provar a você o quanto quero que Anne seja coroada duquesa. Além do amor que tenho por ela, também é a única

forma de ter certeza de que minha mãe e François vão desistir de seus esquemas mal-intencionados.

– Mas tenho apenas sua palavra.

Houve um farfalhar impaciente de veludo quando ele se inclinou para a frente.

– Precisamos declarar uma trégua, você e eu. Se ficarmos o tempo todo discutindo e brigando, isso só vai ajudar nossos inimigos, não nossa duquesa. Peço que deixe de lado as desconfianças de sua abadessa e ouça seu próprio coração, pois, apesar de fingir que não tem um, sei que tem. Não peço isso por mim, mas por minha irmã.

“D’Albret a força a honrar a promessa que nosso pai fez a ele. O Sacro Imperador Romano quer a mão dela, mas não tem as tropas para assegurar seus domínios se ela concordar com o casamento. Os franceses estão no nosso encalço, e há poucas opções abertas para ela que não empurrem seu país direto para a guerra nem a condenem a um casamento horrível demais para ser considerado. Se nós não trabalharmos juntos, vamos reduzir ainda mais essas opções.”

Ele tinha razão. Mesmo assim, o acordo que fazíamos era perigoso. Eu tinha certeza de que a abadessa jamais o aprovaria. Não sabia o quanto ela acreditava na culpa de Duval, ou se ela e Crunard me agradeceriam se eu provasse que eles estavam errados. Mas eu havia buscado sinais de traição para reforçar as suspeitas deles, e a única prova que encontrara tinha sido muito bem explicada. Ela também tinha um toque convincente de verdade, especialmente considerando que testemunhei a animosidade explícita entre ele e a mãe.

Duval me pedia para caminhar sobre uma linha estreita, atendendo tanto as necessidades da duquesa como as de meu convento. Pois, apesar de seus objetivos serem os mesmos, temia que seus métodos fossem bem diferentes. Se estivesse errada, arriscava perder a confiança do convento, que era a coisa que eu mais valorizava no mundo. Mesmo assim, não havia outra escolha. Não com a duquesa em situação tão delicada. Se ela não conseguisse manter a independência de seu país, o convento certamente sofreria.

– Está bem, milorde.

Então ele sorriu e, apesar de ser bem depois da meia-noite, foi como se o sol tivesse acabado de nascer.

– Excelente – disse ele. – Isto é o que eu preciso que você faça...



Cedo, na manhã seguinte, Duval e eu fomos cavalgar pelo campo. Ele teve que se repetir duas vezes quando pediu a Louyse um cesto para levar conosco. Sem dúvida, aquilo não fazia parte de seus hábitos, e ela virou seus olhos velhos e sábios em minha direção, com um brilho de especulação satisfeita.

De Lornay e Fera estavam à nossa espera do lado de fora. Seus cavalos estavam descansando e batiam as patas no chão. Nesse dia, Duval me emprestou uma égua cinza malhada, e eu dei a ela um pedaço de maçã que apanhara na mesa.

Os cascos dos cavalos ecoaram nas pedras frias do calçamento enquanto seguíamos para o portão norte. A cidade estava ainda mais cheia do que no dia em que chegamos. Todos os nobres bretões e vários franceses estavam amontoados dentro de suas muralhas, esperando para ver como os acontecimentos iriam se desenrolar na Assembleia dos Estados. A tensão na cidade era densa o bastante para ser cortada com uma faca e dada de comer aos plebeus.

Enquanto cavalgávamos pelas ruas, De Lornay jogou a cabeça para trás e riu, como se Duval tivesse dito algo inteligente. O próprio Duval sorriu, e Fera virou seu rosto feio em minha direção e sorriu. Sorri também. Éramos, para todos os efeitos, um pequeno grupo alegre saindo para aproveitar o belo dia de outono.

Mas, claro, não era essa nossa intenção.

Duval sabia muito bem que podíamos estar seguindo para uma armadilha, mas a situação da duquesa era desesperadora o suficiente para nos arriscarmos. De Lornay e Fera eram os músculos da operação. Eu fui levada junto como disfarce, pois sem dúvida o sério e dedicado Duval não deixaria a cidade em um momento daqueles a menos que estivesse totalmente apaixonado por sua nova amante.

Assim que deixamos a cidade, seguimos para o norte através da floresta que cercava Guérande, e nossa alegria diminuiu consideravelmente. Era uma manhã fria e límpida, e fiquei grata pela capa forrada de pele que a irmã Beatriz mandara. Meus pensamentos voavam sem rumo certo, como os pássaros próximos que procuravam as últimas ofertas da estação antes da chegada do inverno. Disse a mim mesma que, se a abadessa soubesse daquela nossa saída, eu simplesmente diria que estava agindo como seus olhos e ouvidos, assim como tinha sido instruída. Ela não precisava saber que eu havia concordado em trabalhar com Duval. Na verdade, nem eu sabia se tinha realmente falado sério ou se apenas concordara para aplacá-lo e ser incluída em seus planos. De qualquer modo, parecia-me bastante inofensivo – até que fosse necessário fazer alguma coisa em conflito direto com as ordens do convento.

Cavalgamos por quase uma hora, então Duval mandou De Lornay voltar e verificar se estávamos sendo seguidos.

– Quem acha que nos seguiria? – perguntei.

Duval deu de ombros.

– Qualquer um que tenha nos visto sair. O emissário francês gostaria muito de saber o que estamos fazendo, assim como minha mãe. D’Albret. Qualquer um no conselho privado que tenha ciúmes da

confiança que Anne deposita em mim.

– São tantos – murmurei.

Ele ergueu uma sobranceira, mas não disse nada quando o som de cascos a galope nos alcançou. De Lornay surgiu, deu um aceno e ergueu cinco dedos, depois mais um. Seis perseguidores. Duval murmurou um resmungo.

– A que distância?

– Nem um pouco longe – disse De Lornay.

– Você saberia dizer quem são?

De Lornay balançou a cabeça.

– São soldados e não estão usando tabardos nem cores que os identifiquem.

Duval assentiu com raiva, depois gesticulou para que saíssemos da estrada e entrássemos na floresta próxima. Seus olhos fizeram uma busca na área até que ele avistou uma pequena clareira com um tronco, sarapintada de sol. Ele conduziu o cavalo para lá, e o resto de nós o seguiu.

Quando cheguei à clareira, ele tinha desmontado e estava esperando para me ajudar. Ele me ergueu de minha sela, depois pegou a bolsa jogada por cima do pescoço do cavalo. Ele apontou uma rocha plana perto da estrada para De Lornay e Fera, depois me pegou pela mão e me levou até o tronco.

Ele sentou na grama, recostou-se no tronco e tentou me puxar para junto de si.

– Milorde! – gritei quando quase caí em seu colo.

Ele olhou para mim.

– Prefere que eu ponha minha cabeça em seu colo?

– Não podemos apenas ficar sentados lado a lado?

Seus olhos brilharam como aço polido.

– Somos amantes apaixonados, lembra? Eu, que nunca deixo a duquesa exceto por assuntos *dela*, saí para passear com minha amante. Ou pelo menos é o que precisamos fazer com que acreditem.

Afastei os olhos, envergonhada. Era o plano que tínhamos concebido na noite anterior, mas interpretar aquela farsa era mais difícil do que eu tinha imaginado. Limpei a garganta.

– Se devo escolher, prefiro sentar e ter sua cabeça em meu colo. – Eu me sentiria menos impotente assim.

Ele revirou os olhos, mas rapidamente trocamos de posição. Eu mal tinha sentado no chão quando ele esticou seu corpo comprido ao meu lado, e em seguida deitou sua cabeça em meu colo.

Era pesada, sólida e quente e, por um instante, consumiu toda minha atenção. Constrangida, olhei para De Lornay e Fera, mas eles estavam ocupados interpretando seus papéis, relaxados e jogando dados, parecendo meramente acompanhantes entediados à espera de

seu senhor que se demorava.

Quando a mão de Duval se fechou em torno da minha, pulei como um coelho assustado, e surgiu um brilho divertido em seus olhos.

– Por quanto tempo temos de ficar assim? – sussurrei.

– Até que eles estejam convencidos de que não passamos dos amantes apaixonados que dizemos ser.

Foi minha vez de revirar os olhos.

– Não faça uma cara tão feia. – Sua voz estava divertida, gentil. – Finja que sou De Lornay, se for mais fácil.

Enojada, soltei uma exclamação de escárnio.

– Meu irmão, então, se gosta dele. Não me importo, mas, Deus do céu, ponha uma expressão apaixonada no rosto, ou esse ardil não vai funcionar!

Suavizei meu olhar e forcei minha boca a sorrir.

– Também não gosto de seu irmão – murmurei, como se fosse uma declaração de amor.

Algo mudou na expressão de Duval.

– Bom – sussurrou ele, e eu precisei me lembrar de que ele estava apenas jogando um jogo. Não devia me surpreender que ele fosse tão habilidoso naquilo.

Então nossos perseguidores nos alcançaram. Fera e De Lornay se levantaram e ficaram lado a lado, como se estivessem tentando nos proteger de olhares curiosos. Não foi grande esforço para mim parecer incomodada pela intrusão, especialmente quando os soldados montados fizeram o possível para espiar por trás dos dois homens. Uma curiosidade lúbrica tinha substituído sua desconfiança e, depois de reduzir o passo para observarem, eles rapidamente seguiram em frente.

Enquanto se afastavam a meio galope, parte da tensão deixou meu corpo, e me permiti relaxar contra o tronco às minhas costas. Quando abri os olhos, vi Duval me encarando.

– Nós precisamos mesmo trabalhar suas habilidades de sedução – disse ele.

Sem pensar, eu lhe dei um soco no braço. Ele riu e, com relutância, eu sorri. Eu *era* ruim naquilo, mas só com ele. Tinha sido capaz de flertar com Martel e até com François. Era só com Duval que minhas habilidades me abandonavam.

Duval levantou o braço e afastou uma mecha de cabelo que tinha caído sobre meu rosto. Esperei ver divertimento ou gracejo em seus olhos, como se ele estivesse tentando me ensinar a jogar aquele jogo. Mas não havia qualquer toque de diversão nele, só seus olhos cinzentos, profundos e sérios.

Nesse instante, ouvi o pio de uma codorna, o sinal que Fera devia fazer quando os cavaleiros tivessem sumido de vista. Como se algum

mestre estivesse puxando meus cordões, fiquei de pé, quase derrubando a cabeça de Duval no chão. Ele olhou para mim como se eu tivesse enlouquecido. Talvez eu tivesse.

Limpei a grama e os gravetos de minha saia enquanto Duval se levantava. De Lornay e Fera se juntaram a nós.

– Vocês os reconheceram? – perguntou Duval.

Fera sacudiu a cabeça.

– Agora que eles se foram, você pode nos dizer onde vamos nos encontrar com esse seu amigo misterioso?

Duval olhou para a estrada, como para se assegurar de que eles estavam bem longe e não conseguiriam ouvir.

– Na igreja em Saint-Lyphard.

Com essas palavras, todo o sangue se esvaiu de meu rosto. Sem querer que os outros vissem, virei e conduzi meu cavalo até um toco para poder montar. Mas Duval, com seus malditos olhos, não perdeu nada. Quando estava montada em meu cavalo, ele conduziu sua montaria para perto de mim.

– Você está bem? – perguntou.

– Estou bem, milorde.

– Então por que seu rosto está da cor de giz?

Consegui dar um sorriso forçado.

– É que eu nasci em Saint-Lyphard e não vou para lá há anos. Não é um lugar feliz para mim.

– Quer dizer que você não surgiu totalmente pronta de gotas de suor do cenho de Mortain?

Sorri.

– Não totalmente formada.

Ele parou de me provocar e me olhou preocupado.

– Acha que vai ser reconhecida?

– Não. Isso foi há muitos anos, e eu mudei muito. Além disso, eles jamais pensariam em procurar a filha do plantador de nabos em roupas tão elegantes, nem em meio a companhia tão ilustre. As pessoas veem o que querem ver. – Talvez, se repetisse isso o suficiente, se tornasse verdade.

Os olhos dele ficaram pousados nos meus por um momento a mais. Estavam cheios de compreensão, e eu quis lhe dar um tapa e tirar aquela bondade de seu rosto. Será que ele não percebia que aquilo corroía minhas defesas do mesmo jeito que o sal corroía sua armadura? Afastei o rosto abruptamente.

– Se o senhor não deseja ser visto, conheço um atalho para a igreja – disse, ansiosa para escapar de seu olhar perspicaz. Quando ele finalmente assentiu, golpeei a barriga de meu cavalo com os calcanhares e saí em disparada.

Capítulo Vinte e Quatro

Enquanto nos aproximávamos da igreja, percebi a luz do sol refletindo no aço atrás de uma parede de arbustos. Reduzi a velocidade de meu cavalo para ficar novamente ao lado de Duval. Baixei o queixo e ergui os olhos para ele, como se estivesse flertando.

– Há homens armados nas árvores – eu disse em voz baixa.

Nesse instante, uma codorna piou, e Duval deu um breve sorriso.

– São meus. Eu os mandei à primeira luz do dia para vigiar o local, caso alguém tivesse tramado alguma armadilha.

Não disse nada, mas admiti para mim mesma que estava impressionada.

A igreja em Saint-Lyphard era antiga, feita de rocha bretã sólida e vigas grossas de madeira. Havia pequenos nichos nas paredes, cada um abrigando um dos santos antigos. Meus olhos foram atraídos imediatamente para a escultura de Mortain. Sua estátua era velha, mais velha que qualquer uma que eu já tinha visto, e mostrava Mortain em Sua forma mais esquelética, segurando uma flecha com a qual alertava a todos que a vida era breve, e que Ele podia atacar a qualquer momento.

Enquanto Fera e De Lornay assumiam posições em extremidades opostas do pátio da igreja, Duval desmontou, depois foi me ajudar a descer de meu cavalo.

– Por que este lugar? – perguntei, em uma tentativa de me distrair da sensação de suas mãos em minha cintura.

Ele me colocou de pé.

– Porque o padre aqui ainda faz orações e oferendas aos santos antigos, e tenho certeza de que é leal a este país. Além disso, os homens são menos propensos a armar traições em uma igreja.

O arco acima da porta de entrada estava coberto com mais entalhes, dessa vez de conchas do mar e âncoras sagradas de Saint Mer. Alguma alma piedosa havia pendurado um amarrado de trigo para Dea Matrona. Duval empurrou a porta, pôs a mão em minhas costas e me conduziu para dentro.

O interior da igreja era escuro, úmido e dominado pelo odor intenso e defumado de incenso. Os halos dourados tremeluzentes

projetados pelas velas não ajudavam em nada a reduzir o frio do local. Pude sentir o peso de todas as almas que tinham passado por ali, sentir a força de milhares e milhares de orações que tinham sido ditas entre aquelas paredes. O púlpito era entalhado com cenas da vida antiga dos santos. Seu cobre estava esverdeado pela idade e pela umidade. Atrás dele, acima do altar, havia uma escultura bela e mais nova da Ressurreição.

Caminhei até o nicho de Saint Amourna e peguei um pequeno pãozinho fresco em meu bolso. Era a oferenda tradicional que todas as jovens donzelas faziam quando pediam amor verdadeiro, o disfarce que Duval e eu tínhamos criado para nossa excursão até a igreja. Para a oferenda funcionar, ela devia ser preparada pelas próprias mãos da donzela. Não era o caso. A presença dos santos antigos era forte naquele lugar, e eu não gostava de colocar uma falsa oferenda diante de um santo por uma bênção que eu não desejava. Para aliviar minha consciência, em vez disso rezei para que a duquesa encontrasse felicidade em qualquer casamento ao qual fosse forçada a se submeter.

Quando terminei, Duval me conduziu a uma porta nos fundos, usada apenas pelos padres. Eu devia ficar ali parada e garantir que ninguém se aproximasse dele.

Esperamos em silêncio pelo que pareceu uma eternidade antes que eu ouvisse o ruído de um salto de bota sobre os degraus de pedra. Uma luz forte cortou a escuridão quando a porta se abriu.

Uma figura solitária entrou na igreja. Seu cabelo era louro com um tom avermelhado, e seu queixo barbeado era forte. Embora ele claramente tivesse sangue nobre, estava bem vestido com um peitoral e braçadeiras de armadura. Não era apenas mais um dândi da corte, mas um homem com experiência militar. Os dois homens se cumprimentaram cautelosamente, depois o estranho foi direto ao ponto – mais uma coisa para admirar nele.

– Obrigado por concordar em se encontrar comigo.

Duval balançou a cabeça.

– Sua cautela era justificada. Despistamos um grupo de soldados que nos seguia.

O estranho sorriu.

– Ah, sim. Meus próprios homens os interceptaram pouco antes de deixarmos a estrada para pegar o caminho da igreja. Agora mesmo, eles estão sendo despistados para Redon.

Duval inclinou a cabeça, estudando o homem.

– Conheço você – disse ele por fim.

O jovem sorriu.

– Você tem boa memória. Sou Fedric, duque de Nemours. – Ele fez uma grande reverência.

O duque de Nemours! Minha mente retornou às lições da irmã

Eonette. Nemours era um domínio pequeno mas rico que, como a Bretanha, prestava apenas tributo formal à coroa francesa. O velho duque de Nemours tinha lutado ao lado do duque Francisco na Guerra Louca, e morreu durante uma batalha. O jovem senhor à nossa frente era um dos muitos homens a quem a duquesa fora prometida.

– Vim reabrir as negociações pela mão de sua irmã – disse Nemours.

– Mas pensei que você já fosse casado.

O rosto de Nemours ficou sombrio.

– Eu era. Minha esposa e meu filho pequeno morreram com a praga que assolou Nemours no fim do verão.

– Sinto muito – disse Duval.

O sorriso de Nemours foi um tanto forçado.

– E é por isso que eu vim até você em busca de uma nova noiva. Quando soube da situação de sua irmã, pensei em procurá-lo.

– O que você ouviu? – perguntou Duval, desconfiado.

Nemours soltou uma gargalhada sem humor.

– Que a regente francesa subornou metade de seus barões para se unir à causa da França e que o Sacro Imperador Romano está concentrado demais nas próprias guerras para vir ajudá-la. E que os próprios barões da duquesa estão ocupados demais lutando por sua coroa para lutar em sua defesa.

– Infelizmente, o que você soube está correto.

– Por isso eu lhe ofereço uma saída. Proponho os mesmos termos da proposta de casamento original, assim você verá que não estou tentando tirar vantagem de sua situação.

Duval, de repente, ficou cauteloso.

– Por quê? Qual seu interesse nisso para ser tão cavalheiresco?

– O cavalheirismo não é sua própria recompensa?

– Não em minha experiência.

Nemours deu de ombros, depois sorriu. Quase me lembrou do sorriso maníaco de Fera.

– Além do grande carinho que tenho pela senhorita sua irmã, derrotar os franceses em seu próprio jogo não é o suficiente? Meu pai morreu nas mãos deles.

– Quantos homens você pode emprestar para garantir o casamento? Pois a regente francesa vai agir com rapidez assim que souber disso.

– Três mil – disse ele. – Que, eu sei, é menos do que os números consideráveis de D’Albret, mas pelo menos posso garantir que eles serão leais à duquesa.

– E isso vale muito, eu acho.

– Tem mais – acrescentou Nemours. – Minha prima, a rainha de Navarra, vai enviar mil e quinhentos piqueiros para auxiliar a nossa causa.

Duval, surpreso, ergueu as sobrancelhas.

– Não que eles não sejam bem-vindos, mas por que ela se daria a esse trabalho por nós?

A voz de Nemours assumiu um tom desgostoso.

– Não se esqueça de que ela também é casada com um D’Albret. Ela sabe muito bem o que se casar com essa família exige.

Uma expressão sombria de compreensão passou entre os dois homens.

– Então, muito bem – disse Duval. – Vou apresentar sua proposta para a duquesa. – E, apesar de tentar esconder, o alívio em sua voz era nítido.

Levei um momento até identificar a sensação que borbulhava em meu interior. Não era temor, nem mesmo apreensão, mas alegria. Estava quase inebriada de alívio por termos encontrado uma solução para os problemas da duquesa. Apesar de não ser a tarefa para a qual eu tinha sido treinada, senti prazer. E disse a mim mesma que minha felicidade nada tinha a ver com chegar tão perto de eliminar a suspeita que envolvia o nome de Duval.



Em nossa viagem de volta para Guérande, Duval não usou o atalho que eu lhe mostrara. Em vez disso, nos conduziu através da própria Saint-

-Lyphard. Se aquilo era um teste, foi bem fácil passar. Eu tinha certeza absoluta de que ninguém iria me reconhecer.

A cidade não tinha mudado nada desde minha partida, quatro anos antes. Passamos pela forja do ferreiro e pela pracinha onde realizávamos nossas celebrações miseráveis, pela casa da tecelã, a barraca da curandeira e a do tanoeiro. Em pouquíssimo tempo chegamos aos limites da cidade. Lá havia uma cabana solitária com fumaça saindo lentamente da chaminé e algumas roupas penduradas no varal.

Um homem trabalhava nos campos além da casa, as costas curvadas enquanto lutava contra o solo endurecido. Apesar de ser um plantador de nabos, no inverno ele plantava uma safra de centeio. Fiquei surpresa ao ver como parecia velho, como seu cabelo estava grisalho, como seus ombros estavam encurvados. Era como se apenas o seu ódio por mim o fizesse seguir em frente. Agora, o monstro de meus pesadelos não passava de um velho alquebrado lutando para estender sua vida, enquanto eu tinha sido escolhida por um Deus para cumprir Suas ordens.

Como se tivesse sentido meus olhos sobre ele, o homem virou-se para nós, surpreso por ver quatro nobres cavalgando com ostentação por suas plantações. Quando ele inclinou a cabeça, puxando o cabelo

da testa, soube que meu disfarce estava completo. Nem meu próprio pai tinha me reconhecido.

Duval aproximou seu cavalo do meu.

– Alguém que você conhece? – murmurou.

– Ele não é ninguém – disse eu. E pela primeira vez me dei conta de que era verdade.

Capítulo Vinte e Cinco

Antes que avistássemos os muros da cidade, um batedor que saíra em busca de Duval nos encontrou. O capitão Dunois o enviara para nos avisar que o bandido que nos atacara não só tinha despertado, mas fugido. Lancei um olhar penetrante para Duval, perguntando-me brevemente se aquele poderia ter sido seu objetivo – levar-me para longe da cidade por tempo suficiente para que nosso agressor escapasse. Mas como ele estava fazendo um bom trabalho ao parecer perplexo com a notícia, afastei a ideia.

Cavalgamos até Guérande o mais rápido possível e corremos para as masmorras nos subterrâneos do palácio.

– Como? – perguntou Duval ao entrar na pequena cela da prisão, agora vazia. Ela era feita de quatro paredes sólidas sem janela e tinha apenas uma porta. – Como ele escapou?

O capitão da guarda do palácio deu de ombros, desconfortável.

– Ele não estava amarrado nem acorrentado, e as chaves ficam penduradas no gancho do lado de fora. Qualquer um poderia ter aberto a porta.

– Mas a pergunta é: por quê?

Um dos guardas se afastou com relutância para que eu também pudesse entrar na cela. No minuto em que o fiz, soube que a morte tinha visitado o local; o homem não saiu dali vivo.

– Milorde – murmurei para Duval –, gostaria de falar a sós com o senhor.

Seus olhos se arregalaram em surpresa.

– Agora?

– Agora.

Ele me compreendeu e me afastou dos outros.

– Ele não fugiu – murmurei. – Primeiro foi morto, então levado daqui.

Ele ergueu as sobrancelhas escuras.

– Você pode dizer isso apenas por estar aqui?

Assenti.

Ele estreitou os olhos, pensativo.

– Isso, pelo menos, faz mais sentido. – Ele se voltou para os

guardas. – Descubram todas as pessoas que visitaram esta cela nos últimos dois dias, depois me tragam uma lista com esses nomes. – Ele soltou um suspiro pesado. – Vamos falar com a duquesa. Pelo menos temos uma boa notícia para compensar este último revés.



Encontramos a duquesa em seu solário, sentada com suas damas e madame Dinan, bordando uma toalha de altar para a nova catedral. Havia uma menina deitada no sofá ao lado dela. Isabeau, sua irmã mais nova, era delicada e de aparência frágil, e não podia ter mais que dez anos. O rosto das duas se iluminou quando Duval entrou no aposento.

Ele baixou a cabeça, e eu fiz uma grande reverência.

– Sua Graça, milady Isabeau.

– Olá, Gavriel – sorriu a jovem Isabeau. – O que tirou você de trás de sua mesa abarrotada?

– Como hoje o sol não está brilhando, pensei em vir olhar seu rosto em vez disso.

Tive de olhar duas vezes para me certificar de que aquele era o mesmo Duval com quem eu entrara, pois nunca tinha visto palavras tão belas saírem de seus lábios, nem mesmo quando ele estava com a duquesa. A jovem Isabeau jogou a cabeça para trás e riu, divertida com o elogio. Em pouco tempo, sua risada se transformou em tosse, uma tosse forte e rouca que sacudiu seu corpo frágil. A duquesa imediatamente foi para seu lado e esfregou suas costas, tentando acalmá-la.

Madame Dinan largou seu bordado e correu até Isabeau, olhando feio para Duval.

– Sua provocação é inapropriada, milorde Duval. É excitação demais para a menina.

– Bobagem, madame – retrucou Anne. – Isabeau tosse desse jeito com ou sem as palavras de meu irmão, e pelo menos ele põe um sorriso em seu rosto. – Ela se virou para suas damas de companhia, que estavam ao seu redor, nervosas. – Deixem-nos, por favor. – Com um farfalhar tão suave quanto asas de borboletas, as damas deixaram seus bordados e saíram do aposento. Mas não madame Dinan, que permaneceu ousadamente no lugar.

Duval e a duquesa trocaram um olhar, em seguida Anne se virou para sua governanta.

– Madame, por favor, fique com Isabeau, pois preciso conversar com meu irmão.

Dinan queria discutir, isso estava evidente em seus olhos, mas Duval não lhe deu oportunidade.

– Caminhe comigo, Sua Graça. – Ele estendeu o braço, e a duquesa

o tomou. Ele a conduziu até a janela mais distante, e fiquei ali parada como um relevo no chão, sem saber se devia segui-los ou ficar e distrair madame Dinan. Anne olhou para trás e fez um gesto rápido para que eu os seguisse. Ergui as saias e corri atrás deles, enquanto o olhar calcinante de madame Dinan queimava um buraco nas costas de meu vestido.

Nós três nos reunimos diante da janela que dava para o balcão. Era um aposento grande, e Duval falava baixo o suficiente para sua voz não chegar até Dinan.

– Trago notícias interessantes, Sua Graça.

– É bom ouvir isso, pois no momento estamos com uma escassez desesperada delas.

Duval manteve a voz baixa e contou a ela sobre nosso encontro com Nemours. Quando terminou, a duquesa juntou as mãos, e seu jovem rosto se iluminou com esperança.

– Será que minhas preces estão sendo atendidas?

Quando Duval sorriu para ela, percebi que nunca o havia visto sorrir de verdade. Não daquele jeito, com emoção em todo o seu rosto.

– Parece que sim, querida irmã. Porém, eu a alerto que não fale sobre isso com ninguém. Os homens de Gisors nos seguiram hoje, mas nós os despistamos. – Duval olhou para onde madame Dinan estava cuidando de Isabeau. – Tampouco queremos que D’Albret saiba. Quem sabe que problemas ele poderia criar para o nosso plano?

A duquesa demonstrou compreensão assentindo rapidamente.

– Não vou dizer nada a ninguém, mas não posso negar que isso vai me dar alguma esperança a que me aferrar durante o encontro com os barões amanhã. Você nem imagina o quanto estou temendo essa reunião.

O rosto de Duval retomou sua seriedade.

– Acho que a melhor atitude é alegar luto pela morte de seu pai. Neste momento, a dor é muito recente para você considerar se casar com D’Albret ou qualquer outra pessoa.

A boca da duquesa estremeceu de leve.

– Não é nem mentira – disse ela. E fiquei surpresa ao perceber como ela tinha poucas opções, por mais que fosse uma duquesa.

Capítulo Vinte e Seis

O grande salão, que antes parecia absurdamente grande, agora parecia absurdamente pequeno, de tão lotado que estava. Ah, eram corpos nobres, mas cobertos de suor e perfume e cheios de antecipação desenfreada. Não podia dizer se estavam esperando um desastre ou uma farsa. Minhas esperança mais sincera era de que meu Deus marcasse todos os traidores e meu dever ficasse claro.

Abri caminho até um ponto perto da parede do fundo, e meus ombros se comprimiram dolorosamente contra o painel de carvalho às minhas costas. Mesmo assim, fiquei satisfeita com o lugar que conquistei, e estava mais que disposta a defendê-lo com meus cotovelos se alguém se aproximasse demais.

Enquanto os personagens principais se reuniam na plataforma elevada na frente do salão, examinei a multidão. Os homens tinham deixado suas espadas com os guardas à porta, de modo que nenhuma pudesse ser sacada durante a Assembleia, mas ninguém havia sido revistado à procura de facas ou punhais. Toquei minhas próprias armas ocultas em meus pulsos, e me perguntei quantas outras lâminas estariam guardadas dentro de mangas ou escondidas entre dobras de cetim.

Depois que todos os conselheiros de Anne tinham tomado seus lugares, a Assembleia se levantou, e a duquesa em pessoa entrou no salão. Estava com o queixo erguido e a espinha rígida de determinação. Por sua própria conta, meus olhos procuraram Duval, que estava sentado na extremidade mais distante da plataforma. Ele vestia o seu negro habitual, e parecia perdido em pensamentos sombrios. De Lornay e Fera estavam perto dele, junto da porta de entrada. Eles mantinham suas espadas, provavelmente por insistência de Duval.

D'Albret estava sentado diante da plataforma, esparramado em sua cadeira e limpando as unhas com uma faca, uma ameaça sutil ou talvez apenas um sinal de como ele era realmente grosseiro. Eu o estudei com cuidado, mas, por mais que eu desejasse, não havia nenhuma marca visível sobre ele.

O chanceler Crunard pediu ordem aos presentes, e o salão se

acalmou-se. Antes que terminassem as formalidades de abertura, o conde D'Albret guardou a faca e se levantou. Houve o farfalhar de saias e o ranger do couro de botas quando os cortesãos se inclinaram para a frente para ouvir melhor. A duquesa lançou um olhar perspicaz para ele, e lhe deu sua atenção total, do mesmo modo que se dá a uma serpente venenosa.

– Milord. – Seu olhar percorreu a plataforma, depois virou-se para a sala cheia. – Estou aqui para cobrar o que me foi prometido por seu falecido duque Francisco ii. Ou seja: o casamento com a filha dele, meu pagamento por fornecer ajuda contra os franceses no outono passado.

– Uma guerra que perdemos – o chanceler Crunard falou rápido, e lembrei-me de seus dois filhos mortos naquela guerra.

Um murmúrio grave e alto reverberou por todo o salão, mas eu não sabia dizer se era de ultraje ou aprovação.

A voz clara e jovem da duquesa viajou pela multidão, e todos ficaram quietos mais uma vez.

– Milorde D'Albret. Por mais que sua oferta seja digna de nossa consideração, infelizmente estou consumida pela perda recente em minha família para conseguir pensar em casamento, e imploro sua compreensão por um pouco mais de tempo em relação a esse tema.

– Sua Graça não tem o luxo do tempo, milady. Seu próprio país está sob risco.

– Não é preciso *me* lembrar disso, senhor – retrucou a duquesa.

– Mas talvez eu precise lembrá-la de seu dever. Duques e duquesas não podem se dar ao luxo de longos períodos de luto. As necessidades de seus reinos vêm em primeiro lugar, à frente mesmo de seu pesar.

Claro que ele estava certo, e a duquesa também sabia disso.

– Sempre pus meu país em primeiro lugar. – Agora havia raiva autêntica na voz dela.

D'Albret baixou o tom para tentar convencê-la.

– Com o casamento que lhe ofereço, Sua Graça vai poder voltar sua atenção para preocupações mais femininas e me deixar carregar seus fardos. Aí poderá ficar de luto o quanto quiser. – Ele olhou brevemente para a plataforma, mas não vi para quem dirigiu seu olhar. Madame Dinan? Marechal Rieux?

Houve um longo momento de silêncio durante o qual pareceu que a duquesa estava considerando a ideia.

– Vejo que o senhor pensou em todas as minhas necessidades. Mesmo assim, tenho de implorar por mais tempo.

O rosto do conde ficou vermelho enquanto ele tentava conter sua raiva. Ele se virou para se dirigir diretamente aos barões.

– Esse é um momento perigoso para nosso reino. A guerra se aproxima, e os inimigos nos cercam. Não é hora para moças e velhos

ficarem cochichando por trás de portas fechadas, planejando e tramando. É hora de ação. Hora de encarar nossos inimigos no campo de batalha.

Mas a que custo para a duquesa?, eu me perguntei, enquanto via toda a cor se esvaír de seu rosto jovem. A menção de Duval às seis ex-mulheres do homem passou por minha cabeça, assim como os sussurros perturbadores de Nemours sobre o casamento de sua prima com um D'Albret.

Houve um tumulto no centro do salão quando Gisors, o emissário francês, deu um passo à frente. A multidão se abriu em torno dele, do mesmo modo que faria se um lobo estivesse saindo de seu covil.

– Parece-me – disse ele em meio a todo aquele silêncio – que esta seria uma boa hora de lembrá-los do Tratado de Verger, que declara explicitamente que Anne não pode se casar sem a aprovação da França. Infelizmente, seu casamento com o conde D'Albret está fora de questão. Ela é uma protegida da coroa francesa, e, por isso, tudo deve ser negociado através de nós.

E louvados sejam os santos por essa pequena dádiva, pensei.

– Como ele entrou? – perguntou Duval para ninguém em especial. Para Fera e De Lornay, ele disse: – Tirem-no daqui. – Com sorrisos terríveis e satisfeitos, eles começaram a abrir caminho entre a aglomeração de nobres. Entretanto, antes que pudessem alcançar Gisors, ele se virou e se dirigiu para a porta dos fundos. A multidão à frente dele se afastou rapidamente, ansiosa para sair de seu caminho antes que De Lornay ou Fera o alcançassem.

Foi a retirada mais elegante e sem pressa que se poderia imaginar, mas mesmo assim foi uma retirada.

– E cuidem para que ele fique confinado em seus aposentos! – exclamou Duval para eles. Pelo modo como os conselheiros sobre a plataforma viraram a cabeça bruscamente para encará-lo, eu supus que aquilo estava bem além de seus deveres ou tinha sido um desrespeito ao protocolo.

D'Albret se moveu rapidamente pela brecha aberta pela partida de Gisors. Ignorando Anne, ele tornou a falar com os nobres.

– Se desejam manter sua independência, devem apoiar meu casamento com a duquesa. Eu vou protegê-los dos franceses. – Ele sorriu, mas não havia calor ou humor em seu sorriso. – Eu e meus cinco mil homens.

Ele se virou para encarar a duquesa e o conselho, a voz subitamente dura.

– Mas, se os senhores não apoiarem esse casamento, não terei opção além de acusar a casa de Montfort de quebra de contrato, e usar todos os meus recursos consideráveis para obter pela força o que não consegui ganhar com a razão.

O salão explodiu em alvoroço. Inclinei-me um pouco para a frente, na esperança de que o conde agora tivesse a marca. Mas não havia nada. Voltei minha atenção para a plataforma, torcendo para que uma marca surgisse pelo menos em quem quer que houvesse convocado aquela Assembleia e montado aquela armadilha para a duquesa, mas, novamente, nada.

O chanceler Crunard se levantou, o rosto afogueado de raiva.

– O senhor é apenas um dos muitos aos quais a mão da duquesa foi prometida em casamento. É impossível honrar todos os acordos. Na verdade, se fôssemos considerá-los pela ordem em que foram feitos, milorde seria o quinto da fila.

O rosto de D’Albret estava impassível, mas seus olhos queimavam com uma intensidade perturbadora.

– Mas todos os outros têm um exército de cinco mil homens esperando em suas fronteiras?

O sangue se esvaiu do rosto do chanceler Crunard. Satisfeito com o efeito que suas palavras tiveram, D’Albret deu meia-volta e deixou o salão.



Após o fim da sessão, os membros da corte irromperam em vozes excitadas e nervosas. Crunard gesticulou para os guardas, que abriram as grandes portas no fundo do salão para que os nobres pudessem deixar o aposento. Eu não tinha um plano claro, mas, sem conseguir evitar, segui D’Albret. Eu era como um barquinho navegando contra a maré da multidão, mas ignorei os esbarrões e olhares lançados em minha direção, sem que minha atenção jamais deixasse meu alvo.

Um cavaleiro armado abriu a portinha na lateral do aposento para permitir a saída de algumas pessoas por lá. D’Albret seguiu nessa direção, por isso eu também me dirigi àquela porta, amaldiçoando em silêncio os retardatários e idiotas que estavam entre nós. Não podia aceitar que Mortain não tivesse achado apropriado marcar D’Albret por sua ameaça; afinal, ele era meio bretão, e devia alguma lealdade à duquesa por direito.

Quando D’Albret saiu para o corredor, foi cercado por quase vinte de seus próprios cavaleiros. *Merde*. Não podia enfrentar tantos homens armados.

– *Demoiselle Rienne!* – Senti um puxão em minha saia, olhei para baixo e vi um jovem pajem.

– O que é? – perguntei.

– O chanceler Crunard pede que vá vê-lo imediatamente.

Lancei um último olhar frustrado para D’Albret enquanto me retirava, depois dei toda minha atenção para o garoto.

– Ele disse do que se tratava?

– Não, milady, mas venha, por favor.

Na esperança de que o chanceler tivesse recebido ordens do convento, deixei que o garoto me conduzisse até seus aposentos. O pajem bateu uma vez na porta, em seguida a abriu. Se o chanceler Crunard estava com raiva após a desastrosa Assembleia, ele a escondia bem.

– Entre, *demoiselle* – disse ele enquanto o pajem ia embora.

Sua escrivaninha era quase tão grande quanto uma cama e tinha uma pilha organizada de correspondência de um lado e três mapas do outro; também havia um pequeno tinteiro e algumas penas. Ele não me convidou a sentar. Em vez disso, levantou e foi até a janela. Após um longo momento de silêncio, ele se virou em minha direção, com uma expressão impassível.

– Para onde a senhorita estava correndo?

Encarei seu olhar com firmeza. Só minha promessa a Duval de manter absoluto segredo evitou que eu contasse a Crunard sobre o novo pretendente da duquesa e a esperança que ele oferecia a ela.

– Queria ver se convencia Mortain a me dar permissão para liquidar o conde D’Albret.

Ele piscou, surpreso. O que quer que esperava que eu dissesse, não era isso. Seu rosto relaxou, e percebi um brilho de humor em seus olhos.

– Fique à vontade para procurar uma dessas marcas em D’Albret. Aí podemos nos livrar dele e partir para outros problemas igualmente urgentes.

Ao mesmo tempo que fiquei surpresa por saber que Crunard sabia das marcas – a abadessa tinha mais confiança nele do que eu havia percebido –, fiquei satisfeita por estarmos de acordo. Ele se virou outra vez para a janela.

– Você descobriu mais alguma coisa sobre Duval e seus verdadeiros motivos? – ele perguntou.

– Não, milorde, não descobri nada que confirme suas suspeitas ou as da abadessa. – Tinha consciência de que devia pisar com cuidado. – Ele parece extremamente devotado à duquesa, e ela parece confiar nele mais que em todos os outros.

– E isso não parece extremamente suspeito para você? – ele perguntou. – Que ela confie no irmão bastardo acima de todos os outros? Para mim, soa como influência indevida.

– Ou talvez ele apenas ponha os interesses dela acima dos dele – sugeri, pensando em madame Dinan e no marechal Rieux.

A cabeça de Crunard virou subitamente, e ele me lançou um olhar fixo e penetrante.

– Assim como todos nós.

– Não tive a intenção de desrespeitá-lo, milorde, só quero dizer que

Duval parece realmente defender os melhores interesses da duquesa.

– E você confia na palavra dele em relação a isso?

– Não, milorde. Confio em meus próprios olhos e ouvidos. Tudo que vi e ouvi indica sua absoluta lealdade à irmã.

– Mas essa não é a melhor maneira de evitar suspeitas? Declarar lealdade profunda e duradoura?

Não sabia o que responder. Não tinha meios de convencer o chanceler Crunard de que o que eu sentia em meu coração era a verdade.

– Ainda assim, não é sábio depositar muita confiança em Duval. – Na voz dele escorria desprezo. – Sei que ele já quebrou um juramento.

Contive uma expressão de espanto. Isso não era pouca coisa.

– Que juramento ele quebrou? – perguntei antes que pudesse me segurar.

O chanceler levou seus dedos compridos aos lábios e me estudou.

– O que ele fez a seu santo – disse ele. – Eu estava lá quando ele o quebrou, vi sua blasfêmia com meus próprios olhos. – Quando eu me calei, ele deu um aceno curto. – Você está dispensada. Informe-me assim que tiver alguma notícia do convento.

Pelo mais breve instante, pensei em contar a ele sobre a nova e maravilhosa possibilidade encontrada por Duval para a irmã, mas alguma coisa me impediu. E se o chanceler temesse que eu, assim como a duquesa, tivesse sucumbido ao feitiço de Duval, e me mandasse de volta para o convento? Em vez disso, prometi que iria mantê-lo informado, e me retirei.

Se a duquesa ainda estivesse disposta, era hora de ela conhecer Nemours.

Capítulo Vinte e Sete

A duquesa tinha se retirado para seu solário, acompanhada por suas damas da corte. Sua irmã mais nova, Isabeau, estava bem o suficiente para se juntar a elas, e se recostava em um sofá que tinha sido arrastado para perto da cadeira de Anne. A atmosfera na sala era tensa e nervosa. Todas estavam pensando nas exigências e acusações ouvidas na reunião da manhã. Apesar de o rosto da duquesa estar pálido e a pele ao redor de seus olhos, esticada, ela me cumprimentou como se fôssemos velhas amigas.

– *Demoiselle* Rienne! Venha, junte-se a nós e deixe-nos ver a beleza de seu bordado.

Eu devia ter pensado em alertar a duquesa sobre meus dedos ineptos.

– Obrigada, Sua Graça. Sinto-me muito honrada, mas meu bordado não é digno de tais elogios.

Ela deu tapinhas na cadeira ao seu lado.

– Venha. Sente-se. Não pode ser tão ruim assim.

Por trás do ombro da irmã, Isabeau me lançou um sorriso travesso, e me perguntei se Anne tinha lhe contado sobre mim. Devolvi o sorriso e tomei meu lugar ao lado da duquesa.

– Em que está trabalhando, *demoiselle*? – perguntou ela.

– Bem... – Puxei o cesto para meu colo e comecei a remexer em seu interior, à procura de um projeto apropriado. – Ah, aqui está. Uma toalha de altar para milorde Duval, para agradecê-lo por me apadrinhar aqui na corte. – Tropecei dolorosamente nas palavras, como um bebê aprendendo a andar. Tinha ainda menos talento para conversar que para bordar.

A duquesa e Isabeau elogiaram o padrão de meu bordado, enquanto as outras damas me olhavam com desconfiança. Para elas, eu não passava de uma intrometida, uma intrusa que tinha surgido para afastá-las dos favores da duquesa e assumir seu lugar.

Finalmente, todas voltaram para seus bordados, e fui deixada para me atrapalhar sozinha. Enquanto tentava decidir a melhor maneira de começar, a duquesa se inclinou para perto de modo que apenas eu ouvisse suas palavras.

– Não vai causar nenhuma dor ao linho se furá-lo, *demoiselle*.

Segurei uma risadinha.

– Você não tem prática com agulhas? – ela perguntou.

– Só com uma muito maior – murmurei.

Ela sorriu amargamente de minha piada.

– Ah, talvez possamos encontrar peças maiores para você praticar.

Inclinei a cabeça com solenidade.

– Qualquer projeto que desejar, Sua Graça.

Então ela piscou para mim e ajustou o braço de modo que eu pudesse ver suas mãos trabalhando. Mordendo o lábio, estudei o ângulo no qual ela aplicava a agulha, o giro de seu pulso ao puxar a linha, e o ritmo fácil com que levava a agulha ao tecido outra vez.

Tentei o mesmo em meu próprio bordado. Consegui fazer a agulha atravessar o tecido com facilidade, mas, quando fui puxar a linha, ela se embolou e deu um nó. Tive de deixar a agulha de lado para desembaraçar o emaranhado. Peguei madame Dinan me observando com seus olhos frios, centenas de questões à espreita em suas profundezas. Movendo o ombro para bloquear sua visão de meu trabalho desajeitado, rezei para que chegasse a hora de visitar a capela.

No fim, saí-me razoavelmente bem, mas fiquei muito contente quando a ampulheta esvaziou. A duquesa percebeu a direção de meu olhar e sorriu.

– *Demoiselle*, vou lhe conceder o favor de liberá-la de seu bordado para me acompanhar à capela. Talvez você possa rezar por dedos mais ágeis.

– Sua Graça – disse madame Dinan bruscamente –, eu não acho que...

– E a senhora, madame Dinan, pode ficar com Isabeau – disse a duquesa, ignorando as sobrancelhas erguidas de sua governanta.

– Obrigada, Sua Graça. – Meus agradecimentos eram sinceros quando deixei de lado o bordado, e a segui de bom grado para fora do solário.

Quando estávamos sozinhas no corredor, trocamos olhares, e um pouco da tensão deixou seu rosto. Mesmo assim, fui levada a perguntar:

– Tem certeza de que quer fazer isso hoje?

– Agora mais do que nunca – disse ela, firme. – Não posso tomar o único caminho aberto. É fraqueza, eu sei, mas... – Ela hesitou, virando olhos aflitos para mim. – Não posso – murmurou. – D’Albret me dá medo.

– Não a culpo, Sua Graça. Ele também me dá medo. Ninguém deveria lhe pedir tamanho sacrifício.

De algum modo, ela se confortou com minhas palavras, e

caminhamos em silêncio até que tornou a falar.

– Você viu lorde Nemours, não viu? O que achou dele? – Ela parecia uma garota de doze anos ansiosa para conhecer seu novo pretendente.

– Sua Graça já não esteve comprometida com ele antes?

Ela deu de ombros.

– Já, mas eu nunca o vi.

– Bom, ele é bastante velho, tem uma longa barba branca e uma corcunda. E seus dentes são amarelos.

Sua expressão de horror se transformou em irritação ao se dar conta de que eu estava brincando, então ela riu.

– Você é tão má quanto Duval – disse ela. Minha piada funcionou. Quando chegamos à capela, resquícios de seu riso permaneciam em seus olhos e brincavam em seus lábios.

A capela era pequena e estava quase vazia, e fiquei satisfeita ao ver os nove nichos sob o crucifixo em honra aos santos antigos. A única outra pessoa orando usava uma capa verde-escura com o capuz cobrindo bem seu rosto. Quando nos aproximamos, ele ficou de pé e puxou o capuz para trás, revelando o cabelo dourado-avermelhado e o bonito rosto de Fedric de Nemours. Ele e a duquesa se encararam por um longo momento, então ele fez uma grande e elaborada reverência.

– Lorde Nemours? – disse ela, com uma pequena centelha de esperança iluminando seu rosto. – Você pode esperar perto da porta – murmurou para mim, depois ergueu a saia e se juntou a Nemours em um banco na frente da igreja.

Assumi posição junto da porta, entrelacei as mãos e tentei parecer estar rezando em vez de estar morta de curiosidade.

Suas vozes não passavam de murmúrios suaves e, no início, os modos de Anne pareceram estranhos, mas Nemours rapidamente deixou a duquesa à vontade. Quando vi a cabeça de ambos se aproximar e ouvi risos baixos, voltei os pensamentos para meus próprios planos.

As palavras do chanceler Crunard ainda ecoavam em meus ouvidos: *Fique à vontade para procurar uma dessas marcas em D’Albret*. Por que eu não tinha percebido que teria de revistar D’Albret para ter certeza de que não havia uma marca nele?

Porque eu era uma covarde, isso sim.

Mas, sem dúvida, Crunard estava certo sobre a quem eu devia minha lealdade, e a abadessa iria querer que eu criasse todas as oportunidades possíveis para determinar se D’Albret tinha uma marca em algum lugar do corpo.

Um golpe na cabeça não era a única maneira de matar um homem.



Sem vontade de encarar seus barões mal-humorados naquela noite, a duquesa decidiu jantar em seus aposentos com a irmã. Tive de me perguntar se também foi para esconder o sorriso que ela agora exibia. Sem dúvida ela e Nemours formavam um belo par, e a proposta dele era um presente tanto de Deus como dos santos. Melhor ainda: se não houvesse uma corte formal naquela noite, seria mais fácil para mim sair em busca de algumas respostas.

Minha reunião rápida com o chanceler Crunard e uma oração à tarde tinham me convencido de que eu havia cometido um erro grave ao supor que Mortain marcaria D'Albret abertamente. Como a abadessa gostava tanto de me lembrar, não era assim que nosso santo agia. Na verdade, o homem podia muito bem estar marcado havia dias, em algum lugar que eu não pudesse ver.

Olhei para os dois lados do corredor mal iluminado, tentando me localizar na ala oeste do castelo, a área designada para D'Albret. Havia uma porta dupla aberta. Vozes altas e risos escapavam para o corredor junto com a luz de velas. Os risos tinham um tom desagradável, um toque leve de crueldade que fez meu coração se acelerar e minhas mãos ansiarem por pegar as facas em meus pulsos. Em vez disso, eu as obriguei a ficarem ao lado de meu corpo, onde se agarraram ao veludo pesado do meu vestido.

Eu tinha pensado muito sobre como me livrar da situação se D'Albret não tivesse uma marca, mas ainda não tinha um plano satisfatório. Eu gostaria de acreditar que poderia simplesmente me virar e ir embora, mas temia que não seria tão fácil. Os rapazes na aldeia tinham nomes feios e insultos para garotas que prometiam beijos, mas nunca os davam. Mesmo assim, respirei fundo e entrei em silêncio no salão.

O local estava cheio de nobres e seus criados, e metade dos nobres estava esparramada em cadeiras bebendo vinho. O próprio D'Albret estava sentado no centro, a arrogância evidente em cada linha de seu corpo, desde o modo como se espalhava em sua cadeira até o olhar de desprezo com o qual examinava o salão.

Apesar de estar dominada por antecipação, minha mente girava. Sabia que não podia simplesmente ir até ele e pedir que desamarrasse o gibão para que eu pudesse examinar seu peito. Mais uma vez amaldiçoei minha natureza inábil e deselegante. Sybella e até Annith saberiam o que fazer.

Então percebi: eu só tinha de fingir que era Sybella.

Ela teria encontrado uma desculpa para se aproximar do alvo, depois o teria envolvido em uma teia delicada de sedução. Olhei ao redor do salão e fiquei satisfeita ao localizar um jarro de vinho pela metade sobre um dos baús. Eu o peguei e segui na direção de D'Albret.

Sentindo-me mais segura de mim, dei a volta no aglomerado de

homens para me aproximar de D'Albret por trás. O fato de ele e seus homens terem olhos apenas para a própria magnificência tornou aquilo mais fácil do que deveria ser. Respirei fundo e lembrei da risada rouca de Sybella; da forma como seus lábios se curvavam com delicadeza, de modo que você nunca podia ter certeza do que ela estava rindo; da inclinação de sua cabeça e do olhar enviesado com o qual ela encarava você, tentando decidir se era digno de seus esforços.

Quando me aproximei, o homem à esquerda de D'Albret me olhou. Depois de ser vista, não podia mais protelar. Apesar de meus dedos estarem desesperados para escapulir, eu os obriguei a permanecer suavemente no ombro de D'Albret. Ele cheirava a vinho, suor e ao veado assado que comera no jantar. Curvei meu lábio em um sorriso íntimo e baixei a voz.

– Milorde – ronronei. – Posso encher sua taça de vinho?

Ele ergueu a cabeça e de algum modo conseguiu me olhar como se estivesse acima de mim, apesar de eu estar de pé ao seu lado. Ele ergueu o cálice, e seus olhos se estreitaram ao me reconhecer.

– Ah, o que temos aqui?

Enquanto servia seu vinho, meus olhos lentamente examinavam cada centímetro de carne exposta, à procura do mais leve vestígio da sombra negra de Mortain. Não vi nada. *Merde*. Isso significava que eu teria que levar aquilo ainda mais longe. Quando o cálice estava cheio, abracei o jarro junto ao peito e baixei os olhos.

– É exatamente como o senhor disse, milorde. Infelizmente sou deixada sozinha muito mais do que gostaria.

Ergui o olhar de relance a tempo de ver um sorriso de triunfo se espalhar por seus lábios grossos. Meu coração quase saiu pela boca, e tornei a baixar os olhos para que ele não visse o quanto eu queria arrancar aquele sorriso de seu rosto.

– Deixem-nos – disse ele abruptamente para os outros. Houve um momento de surpresa e silêncio, depois piscadelas cúmplices e um ou outro comentário ousado, então os outros homens deixaram o aposento. O último a sair fechou a porta às suas costas.

Pude sentir os olhos de D'Albret em mim, frios e duros como granizo de inverno.

– Agora somos só nós dois, *demoiselle*.

Livre-me do jarro com cuidado, e minha mente começou a procurar a melhor maneira de fazê-lo tirar a camisa e o gibão o mais rápido possível. Entretanto, antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, D'Albret se levantou e estendeu o braço em minha direção. Quando sua mão áspera agarrou meu braço, quase fui totalmente tomada por medo e asco.

– Nervosa, *demoiselle*? – Sua voz era desdenhosa.

Quando comecei a responder, a porta às minhas costas se abriu de

repente. D'Albret levou um susto, e seus olhos se estreitaram. Antes que eu pudesse me virar, senti um aperto de ferro em meu outro braço.

Era Duval, de lábios apertados e me lançando um olhar penetrante, e fiquei com vergonha de como estava feliz por vê-lo, como estava aliviada por ser impedida de completar aquela tarefa que eu determinara para mim mesma.

A expressão do conde mudou quando ele viu quem era.

– Ei, Duval? Perdeu alguma coisa? – Fiquei sem saber por que D'Albret havia recuperado o bom humor. Será que ele tinha tanto prazer em provocar Duval? – Talvez possamos fazer um pequeno negócio, você e eu – disse D'Albret, soltando meu braço. – Vou lhe devolver sua amante, se você me entregar sua irmã.

– Elas não são cavalos para serem negociadas no mercado – resmungou Duval.

– Não? Não é esse o papel da mulher, ser a égua reprodutora de um garranhão?

A pulsação de Duval estava febrilmente acelerada.

– Temos de concordar em discordar nesse ponto. – Ele fez uma reverência rápida e formal, depois me arrastou para fora do aposento. Senti o olhar gélido de D'Albret em nossas costas até estarmos longe dele.

No corredor, Duval me soltou com um leve empurrão.

– Meu Jesu, não o envenene tão abertamente! O convento não lhe ensinou a ser melhor que isso? Por que não cria simplesmente uma trilha de sangue levando até minha porta?

Eu devolvi o olhar.

– Eu não o estava envenenando.

Toda a cor desapareceu do rosto de Duval.

– Então o que estava planejando?

Quando não respondi, ele me segurou e sacudiu.

– Você não ouviu nada que lhe falei sobre o conde D'Albret? – A voz dele estava baixa, urgente e dominada pelo medo. Medo por mim.

De repente, tudo transbordou. Sua preocupação, meu alívio por ter sido encontrada. Frustração e impotência fervilhavam em meu interior. Estiquei os braços e o empurrei com força. Ele cambaleou para trás.

– Este é *meu* trabalho, *meu* chamado. É por isso que estou aqui. Meu dever é com meu Deus, não com você e suas manobras políticas. Estou aqui para fazer as vontades Dele, não as suas. – Dei as costas para ele. Minha frustração era tão grande que temia derramar lágrimas quentes de raiva, e eu não deixaria Duval me ver chorando.

Quando ele falou, sua voz estava cheia de certeza, e eu o invejei tanto por essa certeza que tive vontade de bater nele novamente.

– Seja lá o que seu santo exige de você, tenho certeza de que não é o que teria acontecido naquele aposento.

Olhei de volta para ele.

– O que você sabe sobre deuses e santos? – perguntei, enchendo minha voz com desprezo.

Ele levou os dedos à folha de carvalho prateada de Saint Camulos em sua capa.

– Sei que o que nossos santos querem nem sempre é claro para nós. Às vezes o desejo deles é de que lutemos, nos esforcemos e tomemos nossas próprias decisões, não que aceitemos as que foram tomadas por nós.

Isso era muito fácil de dizer para alguém que tinha quebrado o próprio juramento.

– Tudo o que sei sobre os santos e os deuses antigos – prosseguiu ele – é que eles e a Bretanha são um. Qualquer coisa que sirva ao nosso reino e, por consequência, à nossa luta para permanecer independentes da França é no serviço deles.

Fiquei extremamente tentada a jogar em sua cara que sabia que ele tinha abandonado seu santo. Mas algo me deteve. Em vez disso, dei as costas e comecei a caminhar na direção da porta principal do castelo.

Lá fora, a noite estava fresca, mas a lua estava cheia, projetando uma luz forte e prateada sobre as ruas de Guérande. Caminhamos em um silêncio raivoso, usando ruas laterais e becos, ambos permanecendo nas sombras, nossas capas negras nos deixando quase invisíveis. Pequenos ramos de névoa tinham começado a rastejar do mar, trazendo o aroma úmido dos pântanos salgados mais próximos.

Quando estávamos quase chegando à sua residência, Duval falou:

– A duquesa está muito satisfeita com a oferta de Nemours. – A voz dele era dura e formal. – Vamos apresentar a proposta diante do conselho privado em alguns dias para obter sua aprovação.

E, embora tivesse jurado a mim mesma nunca mais falar com ele, virei-me para olhá-lo, surpresa.

– Isso é inteligente? Achei que o segredo era de suma importância.

Ele assumiu uma expressão frustrada.

– Não temos muita escolha. Ela ainda não foi coroada duquesa, por isso ainda não pode agir em seu próprio interesse. Precisamos das assinaturas do conselho em qualquer acordo que façamos. Depois disso, vamos agir rápido para preservar a vantagem da surpresa.

Quando chegamos, ele atravessou a porta da frente, apenas acenando com a cabeça para um vigia armado e surpreso. Ele parou ao pé da escadaria e gesticulou para que eu fosse na frente.

– Acho que já compartilhamos o suficiente da companhia um do outro por uma noite. Além disso, tenho muito o que preparar para a reunião do conselho amanhã.

Fiquei muito satisfeita por lhe dar boa-noite. Quando cheguei em meu quarto, não me despi. Em vez disso, fui até a janela e me ajoelhei na poça de luar que se derramava no chão.

Rezei a Mortain pedindo compreensão e clareza para encontrar meu caminho através do espinheiro de lealdades e alianças que me cercava. Rezei por sabedoria para discernir Seu desejo naquela questão. E, acima de tudo, rezei para que não estivesse me apaixonando por Duval.

Não sabia por que me sentia tão atraída por ele. Ele não era tão bonito quanto De Lornay nem tão fácil de convivência quanto Fera. Seu irmão tinha modos mais sedutores, mas, apesar disso...

Era Duval que fazia meu coração acelerar, que confundia meus pensamentos, que me deixava sem fôlego. Pois, mesmo quando ele estava com raiva, era bondoso, e não era mera bondade ou boas maneiras superficiais, mas uma preocupação verdadeira. Ou, pelo menos, era o que parecia, pois eu sabia bem que tudo podia ser uma farsa. Uma farsa criada para ganhar minha confiança. E, como um pobre coelho burro, eu tinha caído em sua armadilha.

Capítulo Vinte e Oito

Não levou mais de três dias para que a duquesa e Nemours se apaixonassem, e quem podia culpá-los? Nemours era jovem, bonito e bondoso, mas também um homem profundo, pois havia conhecido o pesar, assim como nossa duquesa. Não importava que ele tivesse vindo resgatá-la, nem que ela fosse uma verdadeira donzela em perigo, cercada por barões cuspindo fogo. Era tudo tão romântico quanto qualquer história de trovador.

Mas a duquesa não deixou que aquilo lhe subisse à cabeça. Durante aqueles três dias, ela e Duval negociaram os termos de compromisso mais favoráveis possíveis. Se apresentassem um contrato de casamento forte e sólido ao conselho privado, seria bem mais difícil para os conselheiros recusarem.

Todos estavam revoltados com a ameaça de guerra de D'Albret. Houve reuniões após reuniões enquanto o conselho e os barões discutiam a melhor maneira de lidar com aquela mais nova ameaça. Reuniões às quais a duquesa de vez em quando não comparecia, apelando para uma dor de cabeça. Seus guardiões ambiciosos ficavam muito satisfeitos por tê-la fora do caminho enquanto tramavam e planejavam o futuro de seu ducado.

O conselho privado se encontrou nos aposentos particulares da duquesa, longe dos olhos curiosos e dos ouvidos atentos da corte. Havia dois homens armados à porta. Entretanto, por mais que fossem bem treinados, não podiam ver através das paredes, e havia uma antecâmara adjacente ao solário que podia muito bem ser usada para escutar por trás da porta.

Duval me pôs nesse aposento para servir de guarda secundária. Mas não havia regra que dissesse que eu não podia vigiar e ouvir ao mesmo tempo.

Aquela parede era tão grossa quanto a de Duval, por isso segui direto para a janela e me equilibrei no parapeito. O murmúrio de vozes ali era mais forte, embora eu fosse ter problemas para explicar por que eu estava bordando equilibrada na janela, se alguém me descobrisse. Mesmo assim, sabia que a abadessa iria querer um relatório completo das deliberações.

A voz grave e profunda do chanceler Crunard pediu ordem à reunião. Alguém queria saber por que aquela reunião inesperada tinha sido convocada e, pelo modo como sua voz me irritou, tive certeza de que fora o marechal Rieux.

– *Eu* convoquei esta reunião. – A voz de Anne era fácil de identificar. – Mas vou deixar milorde Duval explicar a razão.

Quando Duval terminou de contar a eles sobre a oferta de Nemours, houve uma pequena algazarra entre os membros do conselho.

– Como isso aconteceu? – perguntou madame Dinan, como se fosse um desastre, não uma bênção. – Não houve nenhum enviado de Nemours.

– Não abertamente – disse Duval. Suas palavras provocam outra onda de ultraje entre o conselho.

– Por que Nemours procurou você? – perguntou o marechal Rieux, sua vaidade e pompa tremendamente atingidas por aquela quebra de protocolo. – Você não é o regente. Pare de agir como se fosse. Ou é isso o que ambiciona?

– Se ele desejasse assumir a regência, duvido que estaria expondo tudo isso a nós – observou o capitão Dunois.

– Basta – disse o chanceler Crunard, e todos ficaram em silêncio. – Isso é uma boa notícia para nossa duquesa e nosso país, não vamos nos esquecer disso. Quanto auxílio Nemours vai trazer?

– Três mil homens armados e mil e quinhentos piqueiros.

Houve um silêncio longo e doloroso.

– Sem dúvida você está brincando – disse por fim o marechal Rieux.

– Isso não é nem de perto o oferecido por D’Albret – observou madame Dinan.

– Madame. – Havia um leve tremor na voz de Anne. – Como eu já disse tantas vezes que perdi a conta, não vou me casar com D’Albret. Ele tem mais de cinquenta anos e é avô. – Ela não disse que ele era feio e rude e lhe provocava tanto asco que sua pele quase queria se soltar dos ossos, mas eu sabia que era o caso.

– Mas ele traria um exército, em comparação com essa proposta irrisória de Nemours! – disparou Rieux. – Um exército do qual vamos precisar para lutar contra os franceses.

– Vamos votar – disse Crunard. – Todos a favor?

– Não – disse Rieux, seguido pelo “não” mais suave de madame Dinan.

Houve uma pausa, então o capitão Dunois falou:

– Sinto muito, Sua Graça. Como capitão de seu exército, devo observar que, sem D’Albret lutando ao nosso lado, vamos precisar encontrar novos aliados, e até agora ainda não tivemos sorte em

convencer outros para nossa causa. Mas, como pai, não posso evitar ficar feliz com esse novo desenrolar.

– Chanceler? – disse Anne. – O que o senhor diz? Como vai votar nesta questão?

– Estou muito satisfeito com esse novo fato – disse Crunard –, apesar de ele criar outros problemas. Mesmo assim, eu voto sim.

Suspirei aliviada pela duquesa. No momento em que Duval estava lembrando a todos que não falassem sobre a oferta de Nemours com ninguém, ouvi um leve murmúrio às minhas costas. Girei rapidamente a cabeça a tempo de ver o trinco levantando.

Movendo-me depressa, saquei a faca comprida da bainha de meu tornozelo, atravessei o aposento e parei atrás da porta.

Ela rangeu e se abriu, bloqueando momentaneamente minha visão e me prendendo contra a parede. Madame Hivern outra vez?, perguntei-me. Ou talvez François?

Ou talvez Sybella, pois por que ela estaria em Guérande se não fosse para proteger nossa duquesa?

Quase como se sentisse minha guarda relaxar, o intruso empurrou a porta contra mim. Praguejei quando meu ombro se chocou com as pedras impiedosas, depois saltei para a frente, com a faca pronta.

Tarde demais. O intruso já estava fugindo pelo corredor. Saí da antecâmara e o vi desaparecer depois de fazer uma curva. Determinada a alcançá-lo, comecei a correr.

O labirinto de corredores do palácio funcionou em meu benefício, pois cada vez que ele fazia uma curva, tinha de reduzir o passo o bastante para eu poder avistá-lo. Uma das escadas em caracol assomou à frente, e o espião começou a subi-la dois degraus de cada vez. Amaldiçoei meu traje inconveniente, ergui a saia e o segui. Quando estava quase na metade da escada, ouvi o estalido de uma porta se abrindo e em seguida se fechando.

Quando a escada terminou, fiquei decepcionada ao ver uma dúzia de aposentos se estendendo até onde a vista alcançava. Praguejei de frustração e me aproximei da primeira porta, mas não senti nenhuma centelha de vida por trás dela. A primeira sala à esquerda estava igualmente vazia. Parei em cada uma até a quinta porta, onde senti uma pulsação de vida.

Saquei minhas facas e, em seguida, o mais silenciosamente possível, levantei o trinco, empurrei e abri.

Houve um vislumbre de movimento na janela aberta, depois nada. Corri até lá e espiei para fora, bem a tempo de ver uma figura escura desaparecer por uma arcada ao lado do pátio.

Pelo menos ele estava mancando. Com sorte, tinha quebrado sua maldita perna ao saltar. Embainhei minhas facas e voltei para contar a Duval aquele novo fato.



Dois dias depois de Duval informar ao conselho privado da oferta de Nemours, seu irmão François me convidou para jogar xadrez. Aceitei, perguntando-me se haveria outro motivo por trás do convite.

François estava esperando sentado a uma mesa no grande salão, ocupado em arrumar o tabuleiro, o que me deu um momento para estudá-lo sem ser observada. O fato de trair a irmã fazia com que não fosse honrado. O fato de ser irmão de Duval o tornava fascinante.

Ele ergueu os olhos, e dei um sorriso tímido, como se tivesse sido flagrada admirando-o. Ele ficou de pé e fez uma reverência.

– Bom dia, *demoiselle*.

– Bom dia – respondi enquanto me sentava.

– Duval a deixou sair esta manhã?

– Duval está ocupado com a duquesa e seus conselheiros. – Eu fiz uma careta de desgosto, e François estalou a língua, em solidariedade.

– Quais vai escolher, milady, as brancas ou as pretas?

Olhei para as peças entalhadas e ornamentadas à minha frente.

– Acho que as pretas.

Ele ergueu as sobrancelhas, surpreso.

– Vai abrir mão do primeiro movimento?

– A posição defensiva não é a mais forte? – perguntei com candura.

Ele riu.

– Você tem passado tempo demais com meu irmão e suas estratégias. Muito bem, eu começo. – Ele pegou o peão do rei e o moveu duas casas para a frente. Eu respondi movendo o peão do cavalo uma casa adiante.

François me deu um olhar astuto.

– Sem hesitação. Gosto disso em uma mulher. – Seria difícil não entender o duplo sentido em suas palavras.

– Eu hesito quando necessário, milorde, e seu jogo ainda não exigiu isso.

Ele riu, e fiquei satisfeita ao ver como estava entrando com habilidade em seu flerte.

– Um desafio – disse ele, com os olhos brilhando diante da perspectiva.

Deixei que minha expressão ficasse séria.

– Por falar em desafios, o que o senhor achou da Assembleia dos Estados? Ficou tão chocado quanto todo mundo com a ameaça de guerra do conde D’Albret?

O rosto alegre de François ficou sério.

– Fiquei. Ele não é conhecido por ameaças vazias.

Não soube dizer se ele estava preocupado com a duquesa ou com suas próprias aspirações.

– A pobre de sua irmã já tem problemas demais com a França. Não precisa, além de tudo isso, da rebelião de D’Albret.

– Não mesmo. – Ele deu um leve sorriso. – Mas tenho certeza de que Duval vai cuidar disso. Ele sempre cuida. – Ele moveu o bispo de trás do peão e comeu meu cavalo. Quando levantou a cabeça, nossos olhares se cruzaram.

– Sua vez – disse com delicadeza.

Mantive minha expressão leve e guiei a conversa para outros assuntos.

– Seu irmão serve a Saint Camulos – disse, estudando o tabuleiro. – A que santo o senhor serve, se é que serve a algum? Saint Amourna, talvez? Ou Saint Saloniús? – No momento em que o nome saiu de meus lábios, eu me arrependi. Como François era bastardo, havia grande chance de que tivesse sido dedicado a Saint Saloniús, santo padroeiro dos erros.

Fingindo não perceber minha gafe, ele bateu a mão sobre o coração.

– Você me atingiu, *demoiselle*! Arduinna?

Dei de ombros.

– O senhor é muito charmoso, portanto isso me parece apropriado.

Os olhos castanhos de François ficaram sérios.

– Sou mais que apenas charmoso, *demoiselle*.

– E o que mais, então? – perguntei, colocando apenas um toque de dúvida na voz para que ele fosse incentivado a provar o que dizia.

Apesar da seriedade que se abateu sobre ele, ele sorriu.

– Eu fui dedicado a Saint Mer – disse. – Com a esperança de que tivesse uma carreira naval. – Ele faz uma careta autodepreciativa. – Até descobrirmos que eu sinto enjoos terríveis e não sirvo para absolutamente nada em um barco.

Ri, como ele queria que eu fizesse, mas fiquei mais que um pouco surpresa ao perceber que me sentia triste por ele também. Não era pouca coisa ser dedicado a um santo a quem não se podia servir.

– E sua irmã, a duquesa? – perguntei.

– Ah, Saint Brigantia – disse ele, depois ficou em silêncio.

É claro, a santa padroeira da sabedoria.

– O senhor não é próximo de sua irmã, não é?

Ele ergueu os olhos outra vez para mim, e dessa vez seu olhar normalmente franco estava inescrutável.

– Eu não tive chance. Desde que ela nasceu, Duval foi seu herói. Nunca pude me aproximar.

Eu o estudei. O que me surpreendeu não foi a leve amargura em sua voz, mas um leve eco de desamparo.

– Você sente falta dele – disse eu, surpresa.

François pegou sua torre e a estudou.

– É, sinto falta dele. Passamos a juventude fazendo tudo juntos. Ele era meu irmão mais velho, quem me ensinou a segurar uma espada, como usar um arco e onde pescar o lúcio mais gordo. Quando Anne nasceu, tudo isso desmoronou, e ele se foi, consumido pelo dever. – Ele avançou oito casas com sua torre. – Xeque – disse em voz baixa.

Observei o tabuleiro por um momento, tentando forçar minha mente a voltar ao jogo. Finalmente movi um peão. Foi uma jogada fraca, e François me olhou com ar divertido.

– Falar de meu irmão a distrai tanto assim? – perguntou.

– Não – disse, conseguindo dar um sorriso indiferente. – É só que jogo xadrez muito mal, como tinha avisado ao senhor.

Ele deu um sorriso que não chegou até seus olhos. Algo atrás de mim atraiu sua atenção.

– Gavriel, finalmente resolveu subir para respirar?

Olhei para trás, surpresa ao ver Duval parado com raiva na porta.

– Não – disse ele bruscamente. – Vim porque preciso falar com a *demoiselle* Rienne. Você nos dá licença? – Sua voz estava cheia de gelo, e não consegui entender por quê.

– Mas é claro. – François se levantou.

Assim que cheguei ao lado de Duval, ele segurou meu cotovelo com mão de ferro. Fiz uma careta quando ele começou a me conduzir para a porta. Seu rosto estava ilegível, e tive de apressar o passo ou acabaria sendo arrastada. Mesmo assim, algo me fez olhar para trás para François. Seus olhos estavam fixos e ávidos em Duval, e cheios de saudade.

Quando chegamos ao corredor, eu me soltei dele.

– Fiz alguma coisa errada?

Ele parou, girou-me para ficar de frente para ele, depois me prensou contra a parede. Seus olhos brilhavam de fúria enquanto se inclinava para perto.

– Você recebeu ordens do convento que não compartilhou comigo?

Antes que eu pudesse emitir sequer uma palavra, ele me deu uma leve sacudida.

– Recebeu?

– Não!

– Jura que não? Jura por Mortain, se é isso o que considera mais importante?

Franzi o cenho para ele.

– Sim. Eu juro. Conte-me o que aconteceu.

Ele me encarou por um longo momento.

– Melhor – disse ele por fim. – Vou lhe mostrar.

Capítulo Vinte e Nove

Duval entrelaçou meu braço no dele, sem muita delicadeza, depois me conduziu para as profundezas do castelo. Seu rosto estava vincado com linhas duras, e havia uma preocupação sombria nele pela primeira vez em muitos dias.

- Por quanto tempo estive no grande salão? – ele perguntou.
- Uma hora. Talvez mais.
- François esteve com você o tempo todo?
- Sim, milorde, mas...
- E minha mãe? Você viu algum sinal dela enquanto estava ali?
- Não. O que há de errado?

Ele não respondeu enquanto seguíamos apressados pelo corredor, passando por portas fechadas e aposentos vazios.

- Por que estamos com tanta pressa? – perguntei, sem fôlego.
- Porque não temos muito tempo até que a notícia comece a se espalhar pelo castelo mais rápido que a praga.

Finalmente chegamos a uma porta de madeira fechada. Duval acenou com a cabeça para o sentinela postado, que saiu do caminho para nos deixar entrar. Duval me conduziu para o interior de um aposento bem mobiliado, com uma sacada externa. Uma escada em caracol levava da sacada a um pátio privado. Ele apontou para um corpo imóvel e retorcido sobre as pedras do calçamento abaixo.

- Fedric, duque de Nemours.
- Não! – murmurei, depois ergui a barra da saia e desci correndo as escadas. Amaldiçoei meu sentido de morte, desejando segurar a esperança por mais um momento, mas não havia dúvida de que Nemours estava morto.

Quando cheguei ao corpo, ajoelhei-me ao seu lado.

- Quando isso aconteceu?
- Eu esperava que você pudesse me contar.

Lancei um olhar penetrante para Duval. Ele tinha erguido uma sobrancelha em uma pergunta sardônica que nada escondia a fúria e a decepção que sentia.

- O senhor não pode achar que fiz isso!
- Não posso?

– Não, milorde. Não recebi nenhuma instrução do convento, nem meu Deus revelou a mim Seu desejo. O senhor tem certeza de que ele não caiu?

Duval resmungou.

– Não.

O corpo de Nemours ainda tinha resquícios de calor. Ele não podia estar ali havia muito tempo.

– Quem o encontrou?

– Eu.

Quando ergui as sobrancelhas em interrogação, ele passou a mão pelo cabelo.

– Não me olhe assim. Íamos nos reunir para revisar os termos finais da proposta de casamento.

– Você interrogou os homens dele?

– Sim. Eles confirmaram que ele passou a manhã sozinho e não recebeu visitas. – Duval ergueu os olhos para a janela, dois andares acima de nós. – Quando encontrei seus aposentos vazios, olhei para cá para ver se ele estava esperando no pátio e vi seu corpo caído.

Nossos olhares se cruzaram.

– Mas ele não revelou a ninguém sua verdadeira identidade. Ele se apresentou como um mercador de lã de Castela. Só o conselho privado sabia quem ele era...

– Exatamente. – Seus lábios se retorceram em um sorriso sem um pingo de humor. – Depois da reunião de ontem, todos eles sabiam sobre Nemours, e um deles teve tempo de agir.

– Então um dos conselheiros mais próximos da duquesa deve estar envolvido nisso.

Duval assentiu, concordando.

– Apesar de não ser impossível que Gisors tenha descoberto a identidade de Nemours por meio de um de seus muitos espiões. Ou talvez tenha subornado um dos membros do conselho. Também não está fora de cogitação que D'Albret tenha tramado isso em retaliação, pois posso acreditar com muita facilidade que madame Dinan contou a ele sobre Nemours.

– Não importa qual dessas seja a opção correta, sempre voltamos ao fato de que alguém de seu conselho privado disse alguma coisa. Para alguém. Com más intenções.

Duval cerrou os dentes.

– A alma dele ainda... está próxima? – Ele gesticulou vagamente com a mão. – Você pode falar com ela?

– Vou tentar.

Afastei meus olhos de Duval e abaixei a cabeça. Será que o povo de Nemours adorava os mesmos deuses e santos que nós, na Bretanha? Não tinha ideia, mas valia a pena tentar.

Fechei os olhos e permiti que este mundo desaparecesse, até não sentir mais a pedra sob meus joelhos nem ver através das pálpebras a luz do sol que se esvaía. O leve frio da Morte acariciou minha face, como uma mãe amorosa com muita saudade do filho.

Quando levantei o véu fino entre a vida e a morte, Nemours estava lá, à espera. Seu aborrecimento por ter sido vencido era denso e sólido, um verdadeiro muro de pesar. Mas foi o desespero que ele sentia por deixar a duquesa sem um protetor que tocou meu coração, pois seu último pensamento comprovava o homem honrado que ele tinha sido. Eu também estava tomada pelo desespero. Por que os honrados morriam enquanto tantos sem honra viviam?

Sentindo a vida, a alma de Nemours se moveu em minha direção. Atravessei delicadamente a nuvem de pesar e infelicidade que o cercava, procurando mais de seus últimos pensamentos nesse mundo, em busca de algo que nos ajudasse. Ali: a sensação sólida de uma mão contra suas costas, um empurrão brusco, a queda. A força com que atingiu o chão me fez vacilar. Não percebi que eu mesma quase caí até sentir a mão de Duval em meu ombro, puxando-me de volta para a vida e rompendo a conexão com Nemours. Levei um susto e abri os olhos.

Duval estava parado acima de mim, sua mão quente e sólida me prendendo a este mundo e o rosto cheio de preocupação.

– Você está bem?

– Sim, milorde, estou bem – disse eu.

A mão livre de Duval tocou meu rosto. A sensação era mais quente que a carícia da Morte, porém igualmente suave.

– Então por que está tão pálida? – perguntou, com delicadeza.

– Não estou. – Empurrei a mão dele para longe, e baixei os olhos para evitar que cruzassem com os dele. – Nemours foi empurrado. Pelas costas. Ele não sabe de quem era a mão, pois não chegou a vê-la. – Nós dois ficamos em silêncio enquanto digeríamos todas as implicações daquela notícia.

Alguém no conselho privado de Anne era um assassino.

Capítulo Trinta

Duval ficou até tarde no palácio para informar à duquesa dos acontecimentos e providenciar as cartas e os arranjos exigidos pela morte de Nemours. Eu não dormi nada. Estava furiosa porque a chance de felicidade tinha sido roubada da duquesa e porque um homem honrado como Nemours tinha morrido por uma mão tão desonrada. Queria consertar aquilo, colocar as coisas no lugar, mas isso estava além até das habilidades de Mortain.

Mas talvez eu pudesse garantir ao duque de Nemours alguma misericórdia.

Ao amanhecer, Louyse entrou com uma bacia cheia de água e um bom-dia animado, e fechou a porta atrás de si com seu quadril largo.

– Depois que arrumar suas roupas, vou trazer uma bandeja com seu desjejum. Milorde Duval lhe deixou um bilhete.

– Um bilhete? Ele não está aqui?

– Não, *demoiselle*. Ele e os outros senhores saíram em uma caçada para encher as despensas do castelo.

Ela me entregou o bilhete e se dirigiu para o meu guarda-roupa. Fiquei dividida entre abri-lo imediatamente ou usar o momento para vestir minha *chemise* limpa. A vergonha superou a curiosidade, e minha cicatriz já estava escondida por linho fino quando ela voltou. Depois que me ajudou a colocar um vestido, ela pediu licença para buscar minha bandeja. Rompi o lacre do bilhete, espalhando pedacinhos de cera vermelha pelo chão.

Ismae,

Decidi que vamos nos mudar para o palácio para ficar mais perto da duquesa. Se as atividades da noite passada são um sinal de coisas que estão por vir, eu estarei por perto e à disposição quando ela precisar de mim.

Além disso, após muitas discussões, o conselho decidiu prosseguir com a caçada planejada – na verdade, todas as atividades da corte – como se nada tivesse acontecido. Não há razão para que a morte de um estranho não anunciado altere nosso comportamento, portanto estamos de mãos atadas por nossa própria trama. É melhor que o

menor número de pessoas possível saiba da extensão desse desastre.

Fique bem,

Gavriel

Ele tinha razão. Ninguém além dele e do conselho privado conhecia a identidade de Nemours, por isso não faria sentido prestar-lhe nenhuma homenagem especial. Mas, ao lhe negar isso, sem dúvida estávamos aumentando nosso grave insulto contra o homem.

Fui até a cama e peguei o punhal de osso sagrado debaixo de meu colchão. A madre superiora havia me dado aquela arma com algum objetivo. Talvez aliviar a morte de Nemours fosse exatamente o propósito da *misericorde*. Não sabia se era algum capricho meu ou algum propósito mais elevado do Deus, mas sentia uma urgência em dar a Nemours um pequeno gesto de misericórdia.

Enquanto ajustava a *misericorde* em seu lugar de costume em minha cintura, um plano começou a tomar forma em minha cabeça. Fui até meu baú pequeno, destranquei-o e retirei dali um punhal longo e fino. Eu o pus em uma bainha de couro macio, e depois o amarrei no tornozelo esquerdo. Prendi no pulso o bracelete de garrote mais simples e, por último, peguei a pequena besta e arrumei nela três dardos. A besta fora projetada para ser levada em uma corrente fina em minha cintura, por baixo da sobressaia do vestido. Se alguém se apertasse contra mim, poderia senti-la. Fora isso, era imperceptível.

Não esperava ser interrogada no palácio. Em todo caso, já tinha uma desculpa preparada. Levei uma pequena oferenda para deixar no altar de Saint Arduinna na capela, na esperança de que ela sorrisse para a caçada daquele dia.

O castelo estava quase vazio, já que todos os nobres tinham saído atrás de veados, javalis ou o que quer que lhes chamasse atenção naquele dia. Os criados e acompanhantes estavam ocupados com suas tarefas, aliviados, sem dúvida, por serem poupados de correr sem parar atrás de tantos nobres e cortesãos.

Parei por um instante, perguntando-me onde estaria o corpo de Nemours. Lembrando da maneira estranha e precisa como tinha encontrado o túmulo de Martel, liberei meus sentidos à procura da morte.

Ali era mais difícil, com tantas centelhas de vida tremeluzindo enquanto faziam suas tarefas. Mesmo assim, fui atraída pela morte como uma mariposa é atraída para o fogo. Enquanto seguia a trilha, rapidamente me dei conta de que o caminho levava à pequena capela onde Anne e Nemours tinham se conhecido.

A capela estava vazia, e caminhei até o ataúde. O desespero da alma guiava meus passos com mais certeza que as velas pequenas e hesitantes na nave. Quando cheguei ao corpo, a alma pareceu me

reconhecer, e correu na direção da familiaridade e da vida que eu oferecia.

Eu me abri para ela, deixando que se aquecesse em mim, e me surpreendi quando ela se enroscou e se agarrou a mim como um cachorro desamparado sem outro lugar para ir.

Sentamos juntas por um tempo, a alma e eu. Quando tive certeza de que não apareceria ninguém de luto para rezar nem ninguém para se vangloriar, deixei meus pensamentos se concentrarem totalmente no interior da alma de Nemours.

Trouxe comigo uma maneira de uni-lo com seu Deus imediatamente, se desejar.

A alma se agitou esperançosa com minhas palavras, e levantei e me aproximei do estrado. O pobre corpo retorcido tinha sido esticado, mas a expressão de choque ainda estava estampada em seu rosto. Enfiei a mão na fenda do vestido, e meus dedos se fecharam no cabo da *misericorde*. Minha esperança, meu pequeno pedido a Mortain, era de que, se eu enfiasse aquele punhal no corpo de Nemours, sua alma pudesse partir imediatamente.

Antes que eu conseguisse sacar o punhal de seu esconderijo, um arranhar nas pedras às minhas costas deteve minha mão.

– Que surpresa interessante. – A voz rouca e grave do conde D’Albret destruiu a santidade da capela. – Não imaginei que encontraria a prima de Duval chorando ao lado de um reles mercador de lã de Castela.

Tensa, virei-me para encarar o conde. Eu não o via desde a tentativa de examiná-lo em busca de uma marca, e fiquei na defensiva, sem saber se devia esperar zombaria ou raiva. Não encontrei nenhuma delas. Em vez disso, seus olhos escuros brilhavam com uma malícia profana. Tive de me perguntar se tinha sido sua mão que empurrara Nemours.

– Sem dúvida, não é nenhuma surpresa. – Mantive a cabeça baixa, como se não quisesse parar de rezar. – Fui criada em um convento, e me ensinaram a prestar homenagens aos mortos e a orar por sua misericórdia. – Pisquei, inocente. – O senhor também veio rezar? – Eu sabia muito bem que não. O que quer que ele viera fazer ali, não era rezar.

– Infelizmente eu vim por curiosidade mórbida, *demoiselle* – admitiu D’Albret sem um traço de vergonha. – Confesso estar fascinado por esse pobre mercador que encontrou a morte em nossa bela cidade. Além disso, não acredito muito em acidentes. – Ele olhou diretamente para mim. – Nem em coincidências.

– Ah – disse eu. – Então o senhor e milorde Duval têm algo em comum.

Houve um movimento no fundo, perto da porta, e a duquesa e sua

governanta entraram na capela. Fiz uma grande reverência.

– Sua Graça.

Pelo canto do olho, vi D’Albret inclinar a cabeça brevemente.

– Minha cara duquesa – disse ele. – Também veio rezar por um simples mercador de lã? Com certeza ele está recebendo uma honra além de sua posição.

O olhar da duquesa cruzou com o olhar insolente de D’Albret.

– Eu rezaria por qualquer pobre alma que morresse sob meu teto. – A voz dela estava dura de reprovação. – E o senhor?

D’Albret deu de ombros e abriu os braços.

– Fui descoberto! Meus motivos não são nem de perto tão nobres quanto os seus, miladies.

A duquesa mudou de assunto suavemente.

– Fiquei curiosa, por que razão o senhor preferiu não se juntar aos outros na caçada de hoje?

Os olhos semicerrados de D’Albret capturaram os de Anne, e senti meu pulso se acelerar com a afronta neles.

– Eles não caçam presas que me interessam.

A duquesa empalideceu. Seus dedos, que apertavam o livro de orações, ficaram brancos. Minha mão se apertou também, escondida ao redor do punhal, sob as dobras de meu vestido, e imaginei que a sensação de matar D’Albret seria a de matar um porco.

Talvez ele tenha sentido meus pensamentos, pois fez outra breve reverência.

– Vou deixá-las com suas orações.

Ainda pálida, a duquesa assentiu, e D’Albret foi embora. Anne virou-se para madame Dinan.

– A senhora pode nos deixar também. Sei que não gosta dessa tarefa da qual me incumbi. Vou rezar com *demoiselle* Rienne.

Era óbvio que a governanta não queria estar ali, mas era mais claro ainda que ela não queria deixar a duquesa sob minha influência.

– Mas Sua Graça...

– Deixe-nos. – A voz da duquesa não deu margem para discussão. Após hesitar por um instante, durante o qual uma multidão de ressentimentos passou por seu belo rosto, madame Dinan fez uma reverência e foi embora. Depois que ela partiu, a duquesa virou-se para mim.

– Ela não gosta de você, você sabe.

– Sem dúvida ela acha que Sua Graça não devia estar na companhia da prima duvidosa de Duval.

Um sorriso de satisfação passou por seus lábios, e de repente percebi o quanto ela gostava de contrariar os desejos de sua governanta autoritária. Em seguida, seu sorriso desapareceu.

– Então, por que *você* está aqui?

– Não acredita que vim rezar pela alma do homem?
– Ah, acredito que você reze, mas me pergunto se não há algum outro motivo.

A corte bretã – na verdade, a corte de todos os reinos da Europa – faria muito bem em não subestimar a duquesa.

– Sim, há outra coisa que me traz aqui, Sua Graça. – Baixei os olhos para a forma imóvel de Nemours. – Sabia que ele gostava muito da senhorita? Não apenas de seu ducado ou de seu poder, mas de Sua Graça. Ele sentia um desejo profundo de resgatá-la de um destino desagradável.

A duquesa piscou, depois olhou para o homem que seria seu marido.

– Eu tinha começado a acreditar que sim. – Seu rosto pálido enrubescceu. – Ele parecia se importar. Eu sentia nele uma enorme capacidade para a bondade, e pensei que conseguiria aprender a amá-lo. Isso é uma grande bênção para alguém como eu, que temia que o amor não tivesse lugar em um casamento entre dois reinos.

Eu não disse nada. Desde os quatro anos de idade ela tinha sido oferecida para metade dos reinos e ducados da Europa, como uma isca na ponta de uma vara. Tudo o que esperava era um casamento de respeito mútuo e sem crueldade. Mas ter um potencial amor roubado por uma mão traiçoeira...

Ela ergueu os olhos para mim e disse, mais uma vez:

– Então, por que você está aqui? – A firmeza de seu tom indicava que não toleraria nenhuma mentira ou evasiva.

– Eu tinha pensado em libertar a alma dele do sofrimento da morte. – Tive o cuidado de manter minha voz bem baixa, de modo que ninguém à espreita do lado de fora da capela pudesse ouvi-la. – As almas ficam perto de seus corpos três dias depois da morte antes de seguir adiante. Mas a alma de lorde Nemours está tão atormentada acreditando que falhou em protegê-la que pensei em apressar seu perdão.

Os olhos da duquesa se arregalaram.

– Você pode fazer isso?

Acho que sim.

– Posso.

Ela assentiu.

– Então faça. E que sua alma descanse em paz.

– Seu desejo é uma ordem. – Fiquei satisfeita com a autoridade que ela havia me dado. Nem Duval nem a abadessa poderiam considerar um erro agir sob as ordens dela.

– O que está esperando? – murmurou a duquesa.

Meu olhar cruzou com seus olhos límpidos e castanhos.

– Solidão, Sua Graça. Os rituais de Mortain são muito reservados.

Argumentos e ordens passaram por seu rosto, sua vontade de assistir e conhecer aqueles mistérios em conflito com o desejo de honrar a santidade da morte.

– Muito bem – disse ela por fim. – Vou deixá-la. – Ela estendeu o braço por cima do corpo de Nemours e segurou meu pulso. – Obrigada – murmurou. Após um último olhar para seu prometido, ela deu meia-volta e deixou a capela. – Madame Dinan? – chamou ao chegar à porta.

A governanta apareceu tão depressa que fiquei grata por termos falado baixo. As duas mulheres seguiram pelo corredor, suas vozes ecoando distantes.

Segurei mais uma vez a adaga de osso. Com a outra mão, afastei a gola da camisa de Nemours e as bordas de pele de seu gibão. Era melhor que aquela cicatriz permanecesse oculta.

Após fazer uma prece breve e emocionada para que Mortain guiasse minha mão, ergui o punhal e passei seu fio de leve pelo pescoço de Nemours.

Senti, mais que ouvi, um suspiro. Não de dor ou choque, mas de libertação.

– Vá em paz com nossas orações – murmurei. Algo roçou minha face, como se um bando de pombos tivesse voado por meu rosto, com suas asas pálidas enchendo o ar de uma sensação alegre de liberdade. *Proteja-a*, implorou-me sua alma ao partir.

Protegerei, prometi. Em seguida, não havia mais nada, apenas silêncio, e fui deixada sozinha, encarando um corte fino em sua pele branca, que não sangrava. Com cuidado, pus sua gola de volta no lugar.

Capítulo Trinta e Um

Após deixar a capela, senti-me atraída pelos aposentos de Nemours, quase como se estivesse sendo puxada por uma mão invisível. Não fazia ideia da razão, mas uma coceira insistente na nuca mandava que eu me apressasse. Talvez meu Deus estivesse finalmente entrando em ação.

Em frente aos aposentos de Nemours, a coceira ficou mais forte. Sem me dar ao trabalho de bater, estendi a mão e abri a porta.

Um dos homens armados de Nemours estava atrás da mesa do duque, mexendo em um alforje. Vestia roupas de couro de montaria e um peitoral de armadura, com o capacete enfiado debaixo do braço. Havia uma pequena marca negra no meio de sua testa. Com um sorriso, fechei a porta atrás de mim.

Ele não pareceu culpado, como deveria, mas torceu o nariz, aborrecido.

– Quem é você?

Enfiei a mão na fenda de minha sobressaia, e meus dedos encontraram a madeira dura do arco da besta.

– Vingança – disse com delicadeza.

Seus olhos se arregalaram levemente com minhas palavras, então ele ficou assustado quando saquei a besta de seu esconderijo. No tempo de uma batida do coração, armei o arco, prendi a seta à corda e apontei a arma para sua cabeça, mirando diretamente na marca. Por um instante fiquei dividida, equilibrando a necessidade da duquesa e de Duval por informações e meu desejo de me provar para meu Deus e meu convento. Decidi que não havia mal em perguntar.

– Quem o pagou para empurrar seu senhor para a morte?

O homem empalideceu.

– Não sei do que você está falando.

– Não? Acho que sabe. Você é o homem que traiu o duque de Nemours. Se me contar o que eu preciso saber, vou matá-lo da maneira mais rápida e indolor possível. Se não, vai ser lenta e demorada. A escolha é sua. De qualquer forma, você *vai* morrer. – O sangue estava cantando em minhas veias, de tão feliz que eu estava por realizar a obra de meu Deus.

Sem tirar os olhos dos meus, o homem saiu de trás da mesa.

– Quem disse que eu matei meu senhor Nemours? Não tenho chance de me defender? Ser acusado e julgado?

– Você já foi – disse eu. – Pelo próprio Saint Mortain. E foi considerado culpado. Agora, vou lhe perguntar pela última vez. Por ordens de quem você empurrou o duque?

Vi em seus olhos o momento em que ele decidiu avançar sobre mim. Com um resmungo de irritação, lancei a seta. Ela voou reta e certa e o atingiu na testa, exatamente onde Mortain o havia marcado. Enquanto ele caía, seus olhos viraram de meu rosto para a porta às minhas costas. Praguejei, larguei a besta e me abaixei para pegar a faca.

Esse movimento salvou minha vida.

Senti um sopro de ar às minhas costas, seguido por uma dor abrasadora, então me virei na direção de meu agressor, golpeando para o alto com a faca antes mesmo de botar os olhos nele.

Minha pontaria foi boa, e a faca afundou em sua barriga. Seus olhos castanhos se arregalaram de surpresa e depois de dor quando empurrei a lâmina para cima, apressando sua morte. Apesar do que disse ao outro homem, eu não realizava mortes lentas e arrastadas.

Antes que eu pudesse fazer outra coisa, a alma do primeiro homem escapou de seu corpo. Ela correu em minha direção, um redemoinho de hostilidade fria. Forcei-me a me concentrar na miríade de imagens que tremeluziam por minha mente, desesperada para encontrar algum pequeno fragmento de informação que nos dissesse quem estava por trás daquele desastre. Enquanto estava distraída com essa tarefa, a alma do segundo homem também avançou sobre mim. Tentei respirar – parecia que tinha sido mergulhada em um rio gelado – e cambaleei para trás até encostar na parede, tremendo tanto que mal conseguia ficar de pé. Quando fui invadida pela segunda alma, enchi-me de raiva, dor e arrependimento. Uma sensação dolorosa de perda. Uma sensação de medo tão forte que tomou o fundo de minha língua com seu sabor amargo.

Então, tão rápido quanto vieram, elas foram embora, e relaxei contra a parede. O ruído suave e distante das trompas de caça soaram lá fora. Os caçadores tinham voltado.

Ajoelhei-me no chão ao lado do segundo corpo para recuperar minha faca e limpá-la em seu tabardo. Quando fiquei de pé, virei na direção da porta, então pisquei ao ver a mancha vermelha onde eu me apoiara na parede. Eu estava ferida.

Desesperada para sair dali, agarrei uma coberta de lã rústica sobre a cama e usei uma ponta para limpar a parede o melhor possível. Depois a joguei sobre os ombros e tornei a esconder a besta sob as saias. Podia ouvir as batidas suaves dos cascos dos cavalos nas pedras

do calçamento e os latidos animados dos cães. Satisfeita por tudo estar como deveria, saí do aposento para o corredor e comecei a longa caminhada para longe das provas de meus atos.



Enquanto eu percorria os corredores do palácio, debatia comigo mesma sobre retornar à residência de Duval ou encontrá-lo lá fora. No fim, decidi que ele devia saber o que havia ocorrido o mais rápido possível, e era melhor que fosse de meus próprios lábios do que de um estranho. Além disso, alguém tinha de limpar a sujeira.

A umidade em minhas costas se espalhava, e o ferimento queimava e repuxava. Olhei para trás para me assegurar de que não estava deixando uma trilha de sangue.

Fora, no pátio, havia uma confusão de cavalos empinando e bufando, homens desmontando, cães latindo e abanando a cauda, e gritos de saudações. Aquele fora sem dúvida um bom dia de caça, dentro e fora do palácio. Eu me mantive a distância, à procura de Duval.

Quase como se tivesse chamado seu nome, a cabeça dele se ergueu, e seu olhar se prendeu ao meu. Não gostei nada daquela conexão entre nós.

Duval desmontou e se dirigiu até mim.

– O que está fazendo aqui?

Não disse nada, apenas o olhei fixamente.

– Deus do céu! – disse ele. Eu teria ficado extremamente impressionada por sua habilidade de ler meus pensamentos se isso não fosse tão irritante.

Ele se debruçou para perto de mim, inclinando a cabeça como se fosse me beijar, e precisei lembrar a mim mesma que aquilo era apenas para que ninguém ouvisse.

– Quem?

– Guardas de Nemours.

Uma sobranceira escura se ergueu.

– Mais de um?

– Um era culpado de traição, o outro foi em legítima defesa.

– O convento lhe mandou ordens?

– Não. Fui rezar pela alma de Nemours, então me senti atraída para os aposentos dele. Lá vi um guarda que tinha a marca, por isso agi.

Não pude ler a expressão no rosto de Duval.

– Eu *tentei* interrogá-lo primeiro, milorde, mas ele não revelou nada. Pelo menos, não naquela hora.

Duval pulou com essa informação como um lobo sobre um osso caído.

– Você leu a alma dele?

Assenti, depois engoli em seco antes de continuar.

– Ele recebeu um saco de ducados, e aqueles que lhe pagaram estão com sua mulher e seu filho. Seu último pensamento foi para sua família, uma rápida oração para que, agora que tinha feito o que eles queriam, permitissem que todos vivessem.

– Ele não teve nenhum pensamento sobre quem o mandou?

Sacudi a cabeça, depois fiz uma expressão de dor ao sentir uma fisgada no corte em minhas costas.

– Ele não sabia. O homem com quem lidou usava um capuz grande, e eles sempre se encontravam nas sombras.

Duval deu um suspiro.

– Onde estão os corpos? Suponho que você precise de mim para limpar sua sujeira.

– Estão nos aposentos de Nemours. Se vai cuidar deles, eu vou embora.

Pela primeira vez Duval percebeu a capa desconhecida que eu estava usando.

– De quem é essa capa?

Tentei dar de ombros, então fiz novamente uma careta de dor.

– Um dos homens que eu...

Com um resmungo de impaciência, Duval ergueu a capa de meus ombros, e então perdeu o fôlego. Olhei para trás e vi que o vestido embaixo da capa estava todo ensopado de sangue.

– Precisamos cuidar de você – disse ele, botando a capa de novo onde estava.

– O senhor não devia cuidar primeiro dos corpos, antes que alguém os descubra?

Ele pensou por um instante, depois gentilmente me segurou pelos braços.

– Vamos fazer os dois – disse ele, conduzindo-me na direção do palácio.

– Para onde estamos indo?

– Para meus aposentos. Vamos cuidar de seu ferimento, e eu vou cuidar da limpeza. Mas agora vou ficar devendo um favor a Fera.

Capítulo Trinta e Dois

Quando entramos no palácio, Duval chamou o primeiro pajem que viu.

– Tome. – Ele deu uma moeda ao garoto. – Vá procurar o barão de Waroch, o que eles chamam de Fera. Sabe quem é?

Os olhos do menino brilharam e ele assentiu.

Duval despenteou seu cabelo.

– Diga a ele para vir imediatamente a meus aposentos na torre norte.

O pajem ensaiou uma rápida reverência, depois saiu correndo, desviando com habilidade dos muitos cortesãos e criados, que mal perceberam sua passagem.

Duval ficou quieto enquanto me acompanhava pelo palácio até seus aposentos. Quando chegou lá, seguiu através de um amontoado de baús e móveis nos cômodos externos, onde um valete estava arrumando sua bagagem. Ele dispensou o homem bruscamente com um aceno, e corei quando percebi o que o criado iria pensar.

Duval me colocou sentada na cama de modo que minhas costas ficaram viradas para ele.

– Não sou uma boneca, milorde. Se o senhor me disser o que deseja fazer, eu mesma posso fazer.

Sua única resposta foi um grunhido, depois o colchão afundou quando ele sentou atrás de mim. Seu corpo estava tão próximo que eu podia sentir o calor que emanava dele. Com frio devido ao sangue molhado em meu vestido, tive que me segurar para não me recostar naquele calor.

Ele retirou a capa de meus ombros, e sibilei quando o ar frio fez o corte doer.

Ele ficou tanto tempo em silêncio que quase comecei a me contorcer, mas temia que o movimento pudesse me trazer mais desconforto. Quando senti seus dedos em meu pescoço, afastei-me antes que pudesse evitar.

– O que está fazendo? – Minha voz soou estranhamente aguda.

– Retirando o corpete destruído para que eu possa cuidar de seu ferimento.

– Não, milorde! – Saltei da cama e girei, deixando minhas costas

em segurança, fora de seu alcance. O pânico palpitou em meu peito. *Ele não pode vê-la. Ele não deve vê-la.*

Duval olhou para mim como se eu estivesse louca.

– Você prefere que eu mande chamar um médico?

– Não! – disse eu, começando a me sentir acuada. Não gostava de médicos da corte, e eles fariam perguntas que eu não queria responder. Mas não podia suportar que Duval visse minhas costas arruinadas.

– Se o senhor sair, posso cuidar de mim mesma.

Ele soltou uma exclamação de descrença.

– Isso é mais um milagre de Mortain? Seus acólitos têm a capacidade de se contorcer o suficiente para cuidar das próprias costas? – Sua voz adquiriu um leve toque de repreensão. – Se está preocupada com o vestido, tenho certeza de que a madre superiora vai compreender.

Mas claro que não era o vestido que me preocupava. A sensação de pânico em meu peito cresceu até que eu mal conseguia respirar. Todas as provocações dos meninos do vilarejo, todas as calúnias e insultos dirigidos a mim reverberaram em minha cabeça. Eles eram aldeões e camponeses, pessoas acostumadas com feiura e deformidade. Duval era de sangue nobre, tinha sido criado em meio à beleza e à elegância da corte. Eu não podia suportar ser a coisa mais feia que ele já tinha visto.

– Não. – Dei um passo para trás, determinada a sair de seu alcance.

– Não preciso de sua ajuda.

Ele franziu o cenho diante de minha atitude irracional.

– Se não cuidarmos de seu ferimento, você pode muito bem perder o uso do ombro e do braço, e de que maneira isso serviria a seu Deus e à sua duquesa?

Bufei de frustração. Claro que Duval tinha que encontrar o único argumento que me lembraria de meu verdadeiro propósito ali. Meu único propósito ali. Meu serviço a Mortain vinha acima de todo o resto. Não havia lugar para modéstia nem vergonha. Talvez o Deus estivesse me testando até naquele momento, para ver se minha vaidade era mais forte que meus deveres com Ele. Sentindo-me ferida e exposta, não consegui evitar um resmungo.

– O que um homem sabe de costura, afinal?

Duval deu uma gargalhada ao ouvir isso, e uma covinha oculta apareceu brevemente no canto de sua boca.

– Se um homem espera sobreviver em batalha ou ajudar seus companheiros de armas, tem que aprender a costurar, e a costurar bem, mesmo que não seja de um jeito bonito. Agora, pare de adiar.

Voltei lentamente para a cama, sentei e virei as costas para ele. Eu me sentia vazia por dentro e me lembrei de que a opinião de Duval

sobre mim ou minha cicatriz não tinha importância. Na verdade, talvez sua aversão e nojo ajudassem a reerguer a barreira que antes havia entre nós. As palavras que ele tinha falado quando deixamos o convento ecoaram através de mim: *Ser gerada por um dos santos antigos coloca sua linhagem em uma classe própria, uma classe tão intocável pela nobreza quanto a nobreza pelos plantadores de nabos.*

Ele podia declarar tais ideais elevados, mas era outra coisa ver com os próprios olhos as marcas que tal linhagem deixava.

Fiquei tensa enquanto ele desamarrava meu corpete. A peça começou a cair para a frente, e eu a apanhei e apertei contra mim como se fosse um escudo.

Houve um ruído de movimento quando ele tirou sua faca do cinto. O som de tecido sendo rasgado soou alto no quarto silencioso quando ele cortou minha *chemise* destruída, e a lufada de vento contra minhas costas úmidas me fez tremer. Agarrei com força a parte da frente do vestido e me preparei para o que sem dúvida aconteceria em seguida.

O silêncio se estendeu por um longo tempo, e fui dolorosamente lembrada do silêncio de Guillo ao ver minhas costas. De seu medo, sua raiva e sua repulsa. Eu me forcei a respirar.

– Ah – disse Duval. – Então era isso que você não queria que eu visse. Pobre Ismae. – A voz dele era tão delicada e suave quanto uma carícia. Endireitei os ombros e olhei para a frente.

– Como a conseguiu? – perguntou ele.

– Foi onde o veneno da curandeira me queimou quando minha mãe tentou me expulsar de seu útero.

Quando ele tocou meu ombro outra vez, segurei uma exclamação de surpresa, e minha pele se retorceu sob seu toque. Ele passou o dedo lentamente pela cicatriz. Era estranhamente sensível, e o prazer se espalhou por minha pele, tão intenso e inesperado que parecia que eu tinha sido acariciada pela asa de um anjo.

Tive de me controlar para não pular da cama e sair correndo.

Talvez sentindo isso, Duval falou em voz baixa:

– Não há nenhuma vergonha em cicatrizes, Ismae.

Quis rir de suas palavras gentis, jogá-las de volta em sua cara e dizer que não me importava com o que ele pensava. Mas eu me importava. Muito mais do que tinha direito, e sua aceitação minou todas as defesas que eu possuía.

– Vamos precisar lavar isso – ele murmurou. Apesar de eu ficar contente por ter essa tarefa prática, fiquei dividida entre alívio e decepção quando ele se levantou da cama.

Ele virou a água de um jarro grande em uma bacia rasa, depois a levou até a cama. Após acomodar a bacia em seu colo, enfiou um pedaço de linho na água e lavou o sangue do ferimento com movimentos delicados e eficientes. Era um toque prático, trivial,

muito parecido com o que a irmã Serafina usaria se estivesse cuidando de mim. Mesmo assim, meu corpo estava vivo com a consciência daquilo. Cada centímetro de minha pele, cada vértebra de minha espinha e até minha cicatriz pareciam obter prazer de seu toque. Na verdade, o mundo inteiro se estreitou, de modo que eu só conseguia pensar nisso.

Fechei os olhos e tentei quebrar o feitiço que ele estava tecendo.

– O senhor tem cicatrizes, milorde?

– Ah, sim. – Ele retirou o pano de minhas costas e o torceu na bacia. – Uma ganhei a serviço do senhor meu pai, e outra a serviço de minha irmã. – Ele levou o linho novamente molhado às minhas costas, e eu estremei. Queria me apoiar naquele toque, me apoiar *nele*, sentir seu calor me envolver. Em vez disso, me forcei a me afastar.

– Tenho certeza de que já está limpo.

Sua mão segurou meu ombro bom. Uma alegria indesejada palpitou nas profundezas de meu estômago.

– Sim, está limpo, porém é fundo e precisa de costura. Mas não cortou o músculo, por isso não deve levar muito tempo para cicatrizar. Você não tem medo de alguns pontos, tem?

– Claro que não. – Sua provocação funcionou, e me mantive firme.

Recebi bem a picada da agulha penetrando na minha carne. A dor, pelo menos, era familiar para mim. Cada pequena espetada e queimação ajudava a dissipar a intoxicação inebriante dos toques delicados de Duval.

– É o último – disse ele. Senti um puxão mais forte quando ele deu um nó na extremidade. Depois, aproximou o rosto, seu hálito quente sobre minha pele, e mordeu a linha com os dentes. – Pronto. Feito. Levante o braço devagar. Quero ver se vai saltar.

Ainda agarrada à frente do vestido, ergui o braço. Os pontos doíam e queimavam, mas não de modo insuportável. Só o suficiente para me lembrar de ser cautelosa até sarar.

– Vai servir – disse ele com irritação. – Mas evitarei bordados complexos por um bom tempo.

– E eu que imaginei o senhor bordando toalhas de altar com a duquesa e suas damas à tarde.

Duval deu um resmungo de desprezo.

– Dificilmente, mas seria algo sábio para você fazer por alguns dias enquanto isso cicatriza.

– Acho que não. Caso não tenha percebido, as tramas e armações por aqui estão começando a piorar.

– Cheguei a notar, sim – disse Duval secamente.

– Posso levantar agora?

– Se quiser.

Fiquei de pé, tomando cuidado para segurar o corpete solto com

firmeza no lugar, depois girei, ansiosa para remover minhas costas nuas de sua vista.

Mas percebi que encará-lo era pior, pois sua expressão estava tranquila, relaxada, e havia nela uma ternura que eu só tinha visto quando ele estava com a duquesa. Nossos olhares se cruzaram e, nesse momento, tudo mudou. Foi como se ele tivesse se dado conta naquele exato segundo de que estávamos sozinhos em seu quarto, e que eu estava seminua. A ternura em seu rosto se transformou em outra coisa, algo que me deixou consciente do ar frio em minhas costas nuas e do meu corpete rasgado. Ele deu um passo em minha direção, depois outro e, de repente, estávamos quase nos tocando. Seus olhos não deixavam os meus, mas sua mão se ergueu e retirou uma mecha de cabelo de minha clavícula. Sem perceber o que estava fazendo, inclinei-me em sua direção.

Sua mão subiu até meu rosto. Lentamente, ele me puxou para perto e baixou a cabeça. Seu toque era cuidadoso, como se eu fosse frágil e preciosa. E então seus lábios estavam sobre os meus, firmes e quentes e absurdamente macios.

Um calor febril queimou em meu interior, tão cortante e intenso quanto uma lâmina. Movi meus lábios contra os dele, querendo mais – mais o quê, não sabia dizer. Ele se aproximou até nossos corpos se tocarem, então ergueu a outra mão, seus dedos quentes segurando minha cintura, puxando-me ainda mais para perto. Estava perdida em seu beijo, e todas as minhas defesas cederam diante daquele mistério quente e faminto que havia entre nós.

Então ele se afastou, lentamente, como se estivesse relutante em fazer isso. Nesse instante, ouvi uma batida na porta. Pisquei. A realidade desmoronava ao meu redor. Dei três passos gigantescos para trás até alcançar a parede fria de pedra, os lábios ainda formigando com o beijo de Duval.

– Já vai – gritou Duval, a voz um pouco rouca. Como uma ponte levadiça sendo erguida e fechada com força, ele se recompôs, e o Duval seguro e prático estava de volta. Ele tirou os olhos de mim e foi atender a porta. Encostei na parede e tentei fingir que meu mundo não tinha acabado de estremecer nas bases.

Ele ficou lá conversando com quem quer que fosse, bloqueando a visão do quarto com o corpo. Após alguns segundos, fechou a porta e voltou até onde eu estava. Eu não conseguia olhá-lo nos olhos.

– Era Fera – disse. – Ele encontrou os corpos e os removeu. Segundo ele, eram apenas dois guardas de Nemours, um dos quais responsável pela traição.

Assenti, mas ainda não confiava em minha voz, por isso não disse nada. Ele ficou um bom tempo em silêncio. Arrisquei olhar para ele. Ele encarava a *chemise* ensanguentada em sua cama com olhos

vidrados, e passava a mão pelo cabelo enquanto pensava.

Limpei a garganta.

– Milorde, o que gostaria que eu fizesse? – Ele deixou seus pensamentos distantes e se voltou para o presente. – Podemos remendar minha roupa juntos, para que eu possa voltar para sua residência? Talvez com uma capa jogada por cima?

Ele olhou com tristeza para o linho destruído.

– Acho que não. Mas talvez eles tenham começado a trazer seus baús para o palácio. Vou conferir. Sente-se, antes que caia – ordenou.

Firmei os joelhos e pressionei as costas contra a parede, recebendo com prazer seu frio estimulante.

– Mas os criados... – protestei.

– Posso ter nascido bastardo, mas também sou filho de um duque. Não cabe a meus criados questionar o que peço a eles.

Aborrecida com essa repreensão, simplesmente assenti e me despedi dele com um aceno. Depois que ele saiu do quarto, realmente me sentei, embora não na cama. Eu me acomodei sobre um dos baús ainda fechados.

Eu devia fazer algo. Revistar as coisas dele, ou tentar escapar para meu próprio quarto, ou... Na verdade, meu raciocínio me abandonara, pois não conseguia pensar no que devia fazer. Minhas costas estavam queimando, e meu coração ainda estava acelerado. No fim, resolvi ficar sentada e tentar me recompor. Sem dúvida voltar a raciocinar era a prioridade.

Duval retornou pouco tempo depois, com uma expressão de triunfo no rosto. Ele carregava um monte de roupas em um braço – minhas roupas, percebi.

– Um de seus baús foi entregue – disse ele. – Vamos vestir você, depois preciso ver o que foi feito dos guardas de Nemours e informar a duquesa desses novos acontecimentos.

– Certamente o senhor não pretende me ajudar com isso, não é, milorde?

Ele deu de ombros.

– Nem Agnez nem Louyse estão aqui agora. O que você sugere? A quem devemos arriscar dar explicações?

– Eu mesma posso fazer isso. – Mesmo enquanto pronunciava as palavras, eu sabia que não podia.

No fim, não tive escolha além de deixá-lo me ajudar. A tarefa mais difícil foi vestir uma *chemise* limpa sem me expor totalmente para ele. Finalmente mandei que a pusesse na cama e se virasse para o canto dos fundos do quarto. Apesar de ele não poder me ver, agi com rapidez, sem me preocupar se arrebitaria os pontos que ele tinha dado com tanto cuidado. Soltei meu corpete, que caiu no chão. Dei a volta, enfiei o braço bom na *chemise*, depois me agitei para entrar

nela, fazendo uma careta quando mexi o ombro ruim para passar o braço pela manga.

– Muito bem – disse eu quando a *chemise* estava no lugar.

– Aqui. – Sua voz e modos eram naturais enquanto me estendia o corpete de modo muito parecido com um escudeiro que estendia um peitoral de armadura. Enfiei os braços e me virei para que ele pudesse amarrar as costas. Em seguida, soltei a saia, deixei que caísse no chão, e saí dela. Ele pegou a saia nova que tinha trazido, sacudiu-a, depois a seguiu aberta para que eu entrasse nela.

Com a maior parte de minha roupa no lugar, ficamos menos desajeitados, e nossos movimentos pararam de lutar um contra o outro. O resto correu tranquilamente até que ele puxou minha última manga sobre meu braço, e os nós de seus dedos esbarraram em meu seio. Encolhi diante do toque inesperado, arrancando a manga de seus dedos. Ele cerrou os dentes, pegou a manga outra vez e a amarrou no lugar.

Quando terminou, fez uma pequena cortesia formal.

– Vou deixá-la para que se recomponha. – Ao mesmo tempo que sofri com essa formalidade, ela também foi bem-vinda. – Encontre-me em meu escritório quando estiver pronta.

Dei um aceno, pois ainda não confiava em minha voz, e ele se foi. Fiquei abençoadamente sozinha. Apesar de estar vestida, sentia como se minha pele estivesse sensível, exposta e fina, como a pele nova sob uma bolha que arrebentou. Mesmo enquanto um riso ameaçava subir por minha garganta, lágrimas se formaram em meus olhos. Que loucura era aquela? Alguma coisa tinha mudado: agora havia algo sombrio e assustador entre nós.

Quando finalmente me acalmei o bastante, deixei os aposentos pessoais de Duval e saí em busca de seu escritório. Não foi difícil encontrá-lo, pois ele tinha apenas alguns aposentos ali no palácio. Parei na porta. Ele estava sentado pensativo diante de seu tabuleiro de xadrez.

– Milorde? – chamei em voz baixa.

Ele ergueu a cabeça, e seu rosto relaxou um pouco.

– Aí está você.

Enrubesci e tentei fingir que não havia precisado de quase uma hora para recuperar a compostura. Sentindo-me desconfortável, fiquei mexendo nos fios de prata bordados em minha saia enquanto me juntava a ele no tabuleiro.

– Qual a situação? – Eu estava ansiosa para discutir estratégias, táticas, quantidade de tropas, qualquer coisa que não fosse o que tinha acabado de acontecer entre nós.

– É o que estou tentando descobrir.

A rainha branca tinha apenas algumas peças ao seu redor enquanto

encarava um tabuleiro cheio de peças pretas.

– Alguém no conselho subornou o guarda de Nemours ou contou a verdade a outra pessoa, que então fez isso. – Os dedos de Duval estavam pousados de leve em cima da rainha. Estremeci ao lembrar da sensação daqueles dedos em meu rosto, o peso de sua mão em meu pescoço. Eram dedos fortes e capazes, mas mesmo assim seguraram meu rosto com delicadeza. Irritada, afastei aquela mortalha que havia se abatido sobre mim.

– Madame Dinan poderia facilmente ter revelado a identidade do duque para D’Albret – observei.

– Verdade, mas eles são nossos inimigos conhecidos. São os que não conhecemos que mais me preocupam. Será que a França tem um infiltrado no conselho privado? E se fez isso, quem?

– Por que alguém do conselho iria querer que os franceses soubessem disso?

– Essa é a questão, não é? Essa e qual vai ser o próximo movimento deles.

– Qual é o *nosso* próximo movimento? – perguntei. – Qual a segunda melhor opção da duquesa, agora que Nemours se foi?

Duval respondeu sem hesitar:

– O Sacro Imperador Romano.

– Então talvez esteja na hora de encontrar seu enviado – sugeri.

– Sem dúvida. – Duval pensou por mais alguns instantes. Quando tirou os olhos do tabuleiro, vi como ele estava cansado. – Fera precisa de ajuda para terminar a limpeza. Tomei a liberdade de pedir que levassem uma bandeja com seu jantar até seu quarto, para que esta noite você não tenha de jantar no grande salão com os outros.

– Isso seria muito bom, milorde.

Ele assentiu brevemente.

– Precisa de algo antes que eu vá?

Quero que me devolva meu raciocínio, quis dizer. Em vez disso, apenas perguntei se podia usar a mesa e as penas para escrever à abadessa sobre os acontecimentos recentes.

– É claro – disse ele, e então saiu.

Depois que ele foi embora, pude respirar outra vez. Em um esforço para provar que ele não tinha qualquer poder sobre mim, fiz uma busca rápida em seus aposentos, mas não descobri nada interessante. Nenhuma correspondência secreta, nenhuma arma escondida, nada que indicasse que ele era algo além do que afirmava ser: o dedicado meio-irmão de Anne.

Quando terminei, voltei-me com um peso no coração para a carta que tinha de escrever. Havia muita coisa que eu precisava contar à abadessa, mas muito mais que eu desejava perguntar. Ela tinha alguma ideia sobre quem teria assassinado Nemours? O nome de

Duval já estava limpo de qualquer suspeita? Eu podia trabalhar com ele em prol de nossa duquesa? E o amor? Amar alguém era um pecado contra nosso Deus? Sem dúvida, não, pois, segundo De Lornay, houvera uma espécie de amor entre ele e alguém do convento.

Ou talvez tivesse sido apenas luxúria. Eu desconfiava que o convento não se importava se tivéssemos amantes; afinal, as freiras passavam muito tempo nos treinando nessa arte, e certamente desejavam que nós a praticássemos. Mas se apaixonar? Isso, eu temia, era uma ofensa grave. Um coração não podia servir dois mestres.

Claro que não pus nada disso em minha carta. Em vez disso, expliquei tudo o que tinha acontecido durante os últimos dias: a declaração de D'Albret de que obrigaria Anne a cumprir sua promessa de casamento, e o surgimento do duque de Nemours com uma nova oferta. Infelizmente, também tive de informá-la sobre o assassinato subsequente de Nemours e sobre como Mortain me guiou até o guarda que o havia traído. Quando terminei, a carta estava pesada e cheia de notícias terríveis.

Depois que terminei, e sem obrigações urgentes para cumprir, escrevi sem pressa para Annith. A pena voava sobre o pergaminho. Perguntas e preocupações jorravam de mim. Perguntei a ela se sabia da *misericorde* e da graça que ela levava às vítimas de Mortain. Contei sobre o broto de amor que surgira entre a duquesa e Nemours, e como ele tinha sido eliminado com crueldade. Por último, perguntei se ela sabia se alguma das iniciadas já teve um amante especial fora do convento.

Quando terminei de escrever, estava quase esgotada pelo esforço. Dobrei e lacrei as duas cartas, depois voltei para meu quarto para esperar que Vanth fosse trazido junto com o resto de minhas coisas.



O resto da tarde e a noite se arrastaram, e os passei dividida entre querer e não querer. Não queria que Duval fosse ao meu quarto naquela noite. Estava esgotada e sem energia, e mais confusa do que jamais estivera. E mesmo assim... e mesmo assim eu temia que ele não fosse. A verdade era que eu não conseguia mais imaginar minhas noites sem ele.

Entretanto, eu não precisava ter me preocupado, pois Duval era tão regular e confiável quanto as marés. Ele até chegou cedo, para ver como eu estava.

– Você não está dormindo – disse ele, entrando em silêncio.

– Não. – Comecei a me sentar, mas fiz uma expressão de dor.

– Não levante – disse ele rápido, e correu até o lado da cama.

A lareira tinha sido acesa para me manter aquecida, e pude vê-lo com clareza sob a fraca luz alaranjada das chamas. Sua barba estava

por fazer, e desejei tocá-la, senti-la. Em vez disso, rapidamente ocupei meus dedos com a seda fina da colcha.

– Precisa de alguma coisa para a dor? Para ajudá-la a dormir?

– Não, milorde.

Ele ficou em silêncio por um instante, e pude senti-lo olhando para mim.

– Eu preciso verificar o ferimento para me assegurar de que não está infeccionando.

Isso me chocou, e ergui os olhos para seu rosto.

– Não! Eu saberia se estivesse. Tenho certeza de que está bem.

Ele deu um sorriso malicioso.

– Desconfiava de que você fosse dizer isso. – Ele estendeu a mão em minha direção, e eu congelei. Um único dedo tocou meu rosto, com a delicadeza de um floco de neve caindo.

– Não acho que seja sábio eu ficar aqui. – Sua voz estava cheia de desejo e arrependimento. – Não esta noite – disse ele, e então saiu.

O sono demorou muito a chegar.

Capítulo Trinta e Três

Pela manhã, Duval e a maioria dos outros nobres e cortesãos saíram em outra caçada. Apesar de estarmos no Advento e termos de jejuar três dias por semana, os suprimentos do castelo estavam se esgotando rapidamente. Os nobres estavam mal-humorados e tensos, e esperava-se que uma caçada aliviasse um pouco seus humores reprimidos, além de encher a despensa.

Mandaram-me encontrar a duquesa em seu solário. Eu estava contrariada por ter de passar o dia sob o olhar crítico de madame Dinan, mas não podia fazer muito mais. Pensei em circular pelo palácio e espionar quem pudesse, mas Duval observou que quase todo mundo estaria na caçada.

A duquesa estava sentada sob o frio sol de inverno que penetrava pelas janelas do solário. Sua irmã, Isabeau, estava deitada em um sofá que tinha sido colocado ao seu lado. O resto das damas de companhia estava espalhado pelo aposento. O estado de espírito era sombrio, e a duquesa estava pálida e esgotada. Só madame Dinan parecia alegre. Olhei para ela com mais atenção. Será que ela havia ordenado a morte de Nemours? Será que estava tão comprometida em colocar seu meio-irmão D'Albret no trono bretão?

A jovem Isabeau me viu primeiro. Ela acenou timidamente, e a duquesa virou a cabeça para seguir o movimento.

– Entre, *demoiselle* Rienne! – ela chamou em sua voz aguda e musical. Fiz uma breve reverência e entrei no solário. As damas mais novas olhavam para mim com grande curiosidade, enquanto os olhos de madame Dinan brilhavam desafiadores.

– O que a traz aqui, *demoiselle*? – Sua voz era distante e fria, com a intenção de me fazer sair correndo em busca de proteção.

Segurei com firmeza minha cesta de costura e empinei o nariz.

– Estou aqui por ordens de minha duquesa – disse para ela.

Madame Dinan virou-se para a duquesa e ergueu uma sobrancelha elegante e questionadora.

– Eu a convidei para se juntar a nós. – A impaciência da duquesa me fez pensar que nem tudo ia bem entre ela e a governanta.

– Sua Graça – madame Dinan baixou a voz, fingindo não querer

que eu a ouvisse –, sei que ela é uma amiga especial de seu irmão, mas não é apropriado para alguém em sua posição incluí-la em seus passatempos. Sua Graça tem que levar em conta seu título. Além disso, a senhorita não tem amigas suficientes aqui para lhe fazer companhia? – Suas mãos graciosas fizeram um gesto que incluiu todas as outras damas, e me perguntei quantas delas estavam sob alguma influência de madame Dinan. Talvez fossem até abertamente leais a ela.

A duquesa continuou a bordar e ignorou a governanta, não se dignando a comentar seus protestos. Conforme o longo silêncio se prolongava, uma das damas de companhia limpou a garganta, nervosa.

– Será que já descobriram quem era o homem que encontrou a morte? – perguntou ela para todas no aposento. – Disseram que ele era muito bonito.

A pouca cor que restava no rosto da duquesa desapareceu, e ela se concentrou cuidadosamente em sua costura. Madame Dinan estalou a língua.

– Nada dessa conversa mórbida hoje, senhoras. O que desejam que eles tragam da caçada? Veado ou javali?

Quando as damas de companhia se voltaram para discutir a caçada, eu sentei junto da jovem Isabeau.

Ela sorriu, e eu devolvi o sorriso. Ela estava pálida e melancólica, e me pareceu que sua centelha de vida queimava com pouca força. Mexi em minha cesta e encontrei a toalha de altar na qual tinha trabalhado da última vez. Peguei a agulha já com linha de seda vermelho-sangue e jurei me esforçar mais dessa vez. Eu queria ser capaz de costurar qualquer ferimento em mim mesma. Resmunguei e enfiei a agulha no linho.

As damas conversavam sobre as festividades do Advento, que se aproximavam, e debatiam sobre o último verso romântico do poeta da corte. Ignorei suas vozes e me concentrei em meu bordado, satisfeita ao ver que meus pontos estavam ficando corretos e regulares.

Depois de terem discutido exaustivamente todas as diversões do feriado vindouro, madame Dinan falou, com uma malícia despreocupada e astuta, que arrepiou os pelos em minha nuca:

– Sua Graça, milorde D’Albret não saiu a cavalo para a caçada nesta manhã. Ele achou que esta tarde seria um bom momento para vocês dois discutirem algumas coisas. Sozinhos – disse ela, olhando para o resto de nós.

Lembrando de como ela tinha reclamado quando Duval exigira a mesma privacidade, tive de implicar com sua hipocrisia.

– Sozinha? – Levei a mão aos lábios, como se estivesse escandalizada. – A senhora a deixaria sozinha com ele, madame?

– Não, sua tola – praticamente rosnou madame Dinan. – Eu

permaneceria como sua acompanhante.

– Não importa – disse a duquesa rigidamente –, porque não o receberei.

– Mas Sua Graça deve isso a ele, deixá-lo defender seu ca...

– Ele já fez isso – disse Anne, ríspida. – Diante de todos os barões da Bretanha, talvez a senhora recorde. Eu o recusei então, e o recuso agora.

Madame Dinan parou de costurar e se inclinou para a frente.

– Sua Graça precisa se casar com alguém. Ele é meio bretão, e tem as tropas de que precisa.

– Ele também é velho, gordo e grosseiro. Tem sete filhos e é avô!

As narinas de madame Dinan se dilataram de irritação.

– Seu casamento precisa reforçar o ducado.

A duquesa não tirou os olhos de seu bordado, mas estava costurando às cegas.

– Embora saiba que devo me casar por dever, não acho que precise suportá-lo.

Ao meu lado, Isabeau começou a respirar com dificuldade. Ela tinha ficado ainda mais pálida, e seus olhos estavam fixos nas duas mulheres que discutiam. Rapidamente bordei um pequeno rosto enfezado em meu quadrado de linho. Eu a cutuquei com o cotovelo e ela olhou para mim, depois para meu bordado. A cara engraçada, ou talvez meu bordado horrível, conseguiu arrancar um sorriso de seus lábios.

Madame Dinan se debruçou ainda mais para a frente, os olhos brilhando de intensidade.

– Sua Graça tem um dever, *um dever*, com nosso país e com o conde D'Albret de honrar o acordo feito por seu pai.

O feitiço de meu truque com Isabeau se quebrou, e a criança começou a tossir. Com um ruído de frustração, madame Dinan largou seu bordado.

– Chamem os médicos da corte – disse ela.

Isabeau se encolheu de volta em seu sofá.

– Não, por favor, não – murmurou ela. – Vou parar de tossir.

A madame correu até ela e acariciou a testa da criança.

– Não é um castigo, filha. Eles só querem que você fique boa.

– Mas odeio as sanguessugas – gemeu Isabeau. – Viu? – disse ela, o rosto se iluminando. – Eu já parei. Não preciso ver os médicos.

Anne se debruçou para perto e tirou alguns fios de cabelo do rosto da irmã.

– Ela não está febril – disse para madame Dinan.

A governanta apertou os lábios.

– Muito bem, mas, se acontecer outra vez, ela vai precisar vê-los.

Dinan voltou à sua cadeira, e o resto de nós continuou bordando

em silêncio. Ninguém queria ser responsável por provocar outro acesso de tosse em Isabeau que pusesse os médicos da corte em cima dela.

O silêncio se prolongou tanto que a garotinha dormiu. Anne sorriu aliviada, e seus ombros relaxaram um pouco.

Madame Dinan ficou de pé.

– Se me dá licença, Sua Graça, há algo que preciso fazer. – Ela falou baixo, para não despertar Isabeau.

Com um aceno, Anne autorizou a saída da governanta. Enquanto Dinan saía do solário, olhei para a duquesa e ergui as sobrancelhas em uma pergunta silenciosa.

Um canto de sua boca se ergueu.

– Você viu a marca de seu santo nela? – ela perguntou tão baixo que levei um momento para ter certeza do que ouvi.

Eu pisquei, surpresa.

– Não, Sua Graça.

– Uma pena – murmurou ela, depois gesticulou com a cabeça, indicando que eu seguisse Dinan. Fiz uma reverência rápida e corri atrás da governanta.

Tive o cuidado de ficar bem atrás da mulher. Como ela saía antes, isso não foi difícil. A ausência de cortesãos também trabalhava a meu favor, pois, com poucas pessoas circulando, os passos dela ecoavam baixo, tornando-os fáceis de serem seguidos mesmo quando ela saía de vista.

Na torre leste do palácio, ela parou para olhar para trás, e rapidamente me escondi antes de uma curva. Eu a ouvi bater em uma porta. Uma voz masculina a cumprimentou, e então ela sumiu ao entrar em um aposento. Enfiei minha cabeça no corredor bem a tempo de ver a porta se fechar.

Agradecendo mais uma vez pelos corredores desertos, corri até a porta e me inclinei.

– Como assim ela se recusa a me ver? – Era a voz rouca e bruta de D’Albret.

– Ela não passa de uma menina tola, milorde. Não leve isso tão a sério.

– Achei que você e o marechal Rieux fossem seus guardiões oficiais. Quanta influência você tem se ela acha apropriado ignorar seu conselho?

– É aquele irmão dela. Acredito que ele estimule sua teimosia.

– Precisa que eu cuide dele? – O jeito natural como D’Albret perguntou aquilo me deu um calafrio na espinha.

– Não, não. Não se preocupe. Na próxima reunião do conselho, vou deixar claro que ela não tem opção.

– Bem, faça isso antes que os franceses devorem todo o interior do

país, está bem? Estou ficando entediado esperando que essa menina mimada concorde em fazer aquilo que já prometeu. Se ela tem idade suficiente para governar, sem dúvida tem idade suficiente para se casar. – Houve um momento de silêncio, depois D’Albret tornou a falar: – E Rieux? Ele ainda é favorável ao casamento?

– Sem dúvida, milorde. Ele acredita que juntar suas forças com as de Anne é a única maneira de proteger o ducado dos franceses. Quando for a hora de agir, Rieux vai nos apoiar. Pode ter certeza disso.

A voz de D’Albret, então, ficou mais baixa, e eu não consegui mais identificar as palavras. Tremendo de raiva, afastei-me da porta e saí rapidamente pelo corredor.

Era pior do que eu temia. Madame Dinan não apenas queria que Anne se casasse com D’Albret, mas estava totalmente comprometida com sua causa. Na verdade, ela prometera ao irmão que ele se casaria com a duquesa. E o que ela poderia dizer na reunião do conselho para provar que Anne não tinha escolha? Estava tão imersa em meus pensamentos enquanto voltava da torre leste para o solário que quase esbarrei em Sybella antes de vê-la.

Ela estava mais magra, esgotada e pálida que antes. Seus traços estavam mais marcados, como se tivesse ficado frágil desde que eu a vira entrar pelos portões da cidade. Ela tinha uma cicatriz recente no rosto, e eu vi a loucura à espreita em seus olhos. Era difícil acreditar que era a mesma pessoa que arrastava Annith e eu para todo tipo de travessura no convento, desde roubar jarros de vinho até nos ensinar a beijar quando a irmã Beatriz não falava o suficiente sobre o assunto.

– Ismae? – murmurou ela, como se tivesse visto um fantasma.

– Sybella! – De repente, temi por ela, apesar de não saber por quê. Sem pensar, joguei meus braços ao seu redor e a abracei forte, não sei ao certo se para conforto dela ou meu próprio.

Por um breve instante, ela relaxou e retribuiu o abraço, como se tivesse extraído forças dele, mas então, rápido demais, ela se soltou, seus olhos estranhamente brilhantes. Mil perguntas e preocupações tomaram minha mente, mas, antes que eu pudesse enunciar qualquer uma delas, ouvimos o eco de botas sobre pedra. Sybella olhou freneticamente na direção do som, com medo verdadeiro reluzindo em seus olhos.

– Não confie em ninguém – murmurou. – Ninguém.

Então ela foi embora, desaparecendo de vista com passos leves e apressados pouco antes de o chanceler Crunard aparecer no corredor.

– Milorde chanceler! – disse eu com uma reverência.

Por um instante, ele franziu o cenho, como se não conseguisse exatamente me identificar.

– *Demoiselle Rienne* – disse ele por fim. Ele olhou para o corredor

vazio. – O que está fazendo nesta parte do castelo?

Perguntei-me o quanto dizer a ele.

– Assuntos de meu convento, milorde.

– É mesmo? Minha correspondência com sua abadessa não indicava que você devesse tomar qualquer atitude contra o conde D’Albret.

Pisquei, imaginando até que ponto ele era da confiança da abadessa. E como ele sabia que eu estava espionando D’Albret?

– Não devo apenas agir, milorde, mas ser os olhos e ouvidos do convento também.

Ele franziu os lábios.

– Verdade. E seus olhos e ouvidos lhe deram alguma resposta sobre esse desastre de Nemours?

– O que o senhor quer dizer com isso, milorde?

O chanceler estendeu as mãos, e seus anéis brilharam.

– Quero dizer que Duval lidou muito mal com essa questão. O duque de Nemours está morto, não está? Além disso, acabei de ouvir um boato extremamente perturbador. – Ele se inclinou para perto de mim, seu mau hálito contra meu rosto. – A mãe dele, neste exato momento, está tramando para botar o irmão no trono em vez de Anne. Será que há alguma conexão? – Ele inclinou a cabeça para o lado, como um pássaro, e me examinou com olhos penetrantes. – E como você já está aqui há quinze dias e não sabia disso?

Meu coração começou a bater acelerado. Ele sabia!

– Eu mesma acabei de descobrir isso, milorde, mas ouvi apenas rumores. Tenho procurado avaliar o envolvimento de Duval na trama, mas ele e a mãe não se dão bem. Não acredito que ela lhe conte sobre seus planos. Na verdade, eles mal se falam.

Os olhos de Crunard brilharam friamente.

– Que você saiba. E se esse afastamento for fingido? Talvez Duval esteja apenas esperando que Hivern reúna barões suficientes em apoio a François para agir, tomando o lugar do irmão e pleiteando o trono para si.

– Por que o senhor pensa isso, milorde?

– Por que não? Que indícios você tem de que ele é de confiança?

Nenhum, exceto meu próprio coração, e isso estava longe de ser suficiente.

– Alguém próximo da duquesa está trabalhando para os franceses. Pode muito bem ser Duval. Não deixe que sua juventude e ingenuidade turvem sua visão, *demoiselle*.

– Eu lhe garanto que minha visão está clara, milorde.

– Bom! Assegure-se de que permaneça assim. Esteja vigilante, *demoiselle*. Não deixe que o charme nem as boas maneiras dele a atraiam para sua causa. A abadessa não ficaria satisfeita em saber disso. – E, com esse aviso final, ele se foi.



Quando fui para a cama naquela noite, não me deitei. Em vez disso, recostei-me nos travesseiros e esperei por Duval. Mais uma vez, eu não estava certa de meus próprios desejos. Não gostava daquela estranheza que havia surgido entre nós, mesmo sabendo que devia usá-la em meu benefício e cortar as ligações frágeis que estávamos começando a formar. Isso parecia especialmente prudente, considerando o aviso de Crunard mais cedo naquele dia. Minha vontade de confiar em Duval não fazia com que ele fosse de confiança.

E, mesmo assim, sentia em meu coração que era.

Tentei ser honesta comigo mesma e lembrar de quando comecei a confiar nele. Foi antes de sentir algo por ele? Ou depois?

Estava claro que o chanceler queria que eu mantivesse Duval sob suspeita, o que por si só me fez hesitar. Não havia uma boa justificativa para minha relutância, e eu teria dificuldades para me explicar para a madre superiora. Mas a verdade era que, como eu tinha grande orgulho por servir Mortain e o convento, não desejava ser um peão no jogo político do chanceler.

Uma leve fresta na porta afastou meus pensamentos de Crunard, e meu pulso se acelerou quando Duval entrou no quarto.

– Ismae – disse ele, fechando a porta atrás de si. Em vez de ir para sua cadeira habitual, ele se dirigiu para mim. Fui atravessada por pânico e expectativa. Será que ele pensava em me beijar de novo? Em tentar algo mais que um beijo? Eu mal ousava respirar, esperando para saber quais eram suas intenções.

Quando ele chegou à cama, olhou para mim, e sua expressão tranquila me deixou sem fôlego.

– Como está se sentindo?

– Bem. – A palavra saiu em um sussurro. Eu limpei a garganta. – Os pontos quase não incomodam.

– Excelente. – Ele deu um aceno curto, e me perguntei se pediria outra vez para ver como a ferida estava cicatrizando, mas não pediu. Em vez disso, sentou-se no pequeno tapete grosso no chão e se encostou na cama. Todo meu corpo ficou imóvel, e meu coração acelerou ainda mais. A cabeça dele estava tão perto que eu podia estender a mão e tocar seu cabelo. Qual seria a sensação de tê-lo sob meus dedos? Eu cerrei os punhos.

– Como foi a caçada? – consegui perguntar.

Então ele sorriu.

– Produtiva. Mandeí uma mensagem para o enviado do Sacro Imperador Romano ontem à noite, sugerindo que seria interessante ele participar da caçada. Ele foi, e conseguimos ter alguns minutos juntos para combinar uma reunião mais formal. Assim, escapamos dos

espiões e lacaios de Gisors.

– Nenhum deles foi à caçada?

– Tenho certeza que sim, mas, como tive alguns momentos em particular com vários homens hoje, minha discussão com o enviado do imperador não vai parecer muito significativa.

– Isso é bom.

– O conselho privado convocou outra reunião para amanhã. Isabeau pediu que você ficasse com ela enquanto Anne e madame Dinan estão ocupadas com isso.

Eu o estudei com olhos estreitos.

– Você deu essa ideia a ela como um modo de me ter por perto?

– Não. Aparentemente, ela gostou de você por conta própria. Parece que você está crescendo no conceito dela – disse secamente, depois mudou de assunto. – E você? O que descobriu hoje?

– Nada de bom, infelizmente. Madame Dinan foi ver D’Albret e passou a maior parte do encontro garantindo a ele que o marechal Rieux vai apoiá-lo no momento certo.

Ele deu um suspiro.

– Temo que seus deveres como marechal estejam ofuscando seus deveres como guardião de Anne. Tudo o que ele consegue ver é o poderio militar de D’Albret.

– Também encontrei o chanceler hoje. Ele estava muito irritado comigo por eu perder meu tempo com D’Albret. Queria que, em vez disso, eu me concentrasse em sua mãe e seu irmão.

– E em mim – ele disse.

– E no senhor – concordei.

– Você disse a ele que nós decidimos trabalhar juntos?

– Não, não disse. Não pareceu... inteligente, apesar de não saber dizer por que acho isso.

– Seu instinto é bom. Melhor não revelarmos muito até resolvermos esta confusão. – Ele começou a esfregar a testa, e fui tomada pelo desejo de passar as mãos por seu cabelo e aliviar a dor em sua fronte. Em vez disso, eu as enfiei em segurança debaixo da colcha, longe de tais tentações.

Quando ele voltou a falar, havia um toque de diversão em sua voz.

– Você não pode querer que isso suma, sabia? Fingir que nunca aconteceu.

Abri a boca para perguntar o que ele queria dizer, para fingir de fato que nunca tinha acontecido. Em vez disso, me surpreendi ao dizer:

– Mas não sei o que mais fazer com isso. – Minha voz soou pequena e perdida, e eu agradei pela escuridão do quarto.

– Também não é conveniente para mim. – A voz dele era seca, e ele dirigiu suas palavras para a lareira.

– Imagino que não – concordei.

– Entretanto, parece que nós dois fomos atingidos pela flecha de Saint Arduinna.

Saint Arduinna, a santa padroeira do amor. Era isso o que ele acreditava haver entre nós? E o frio em meu estômago era de pânico ou de alegria? Desconfortável, eu me lembrei da falsa oferenda que fizera para ela alguns dias antes em Saint-Lyphard.

– Nós dois estamos presos a outros deveres, outros santos – lembrei.

– Nosso coração não é nosso.

Ele virou a cabeça e olhou para mim.

– É isso o que elas ensinam a vocês no convento? Que os deuses exigem o seu coração?

– Temo que seja isso o que meu convento espera – disse a ele. – Elas podem nos treinar nas artes do amor, mas nossa mente e nosso coração pertencem firmemente a Mortain.

– Eu discordo de seu convento – disse. – Por que temos coração, então?

Lentamente, como se estivesse com medo de que eu saísse correndo, ele tomou minha mão, que de algum modo tinha escapado das cobertas. Quando entrelaçou os dedos nos meus, meu coração acelerou de modo familiar, batendo dolorosamente contra minhas costelas. Meu ombro se retorceu, como se quisesse puxar a mão de volta, mas meu coração o impediu.

A mão dele era quente, e sua pele, firme. Ficamos sentados juntos em silêncio. Eu não sabia o que se passava em sua cabeça, mas minha mente era incapaz de formar um único pensamento. Pelo menos, não um pensamento coerente. Após um longo tempo, ele apertou minha mão, depois baixou a cabeça para beijá-la. Seus lábios eram quentes e macios, e fui tomada pela lembrança deles em minha boca, em meu pescoço. Lentamente, como se com grande relutância, ele se afastou, e eu estremeci.

– Talvez – disse ele – quando tudo isso terminar.

– Talvez, milorde.

Ele tornou a apertar minha mão, depois levantou graciosamente.

– Até amanhã – disse ele, e saiu. Fiquei sozinha na escuridão.

Saber que tinha feito exatamente o que o convento desejava me deu pouco conforto.

Capítulo Trinta e Quatro

Quando cheguei ao solário da duquesa na manhã seguinte, uma das damas de companhia mais velhas me conduziu até o quartinho de Isabeau. A jovem princesa estava na cama, recostada nos travesseiros e abraçada a uma boneca. Perto dela havia uma xícara de leite morno com mel. Sua face tinha duas manchas rosadas, e seus olhos escuros estavam vidrados de febre.

– Olá, *demoiselle* – disse ela timidamente.

– Olá, milady. – Fiz uma reverência, depois me aproximei dela. – Milorde Duval disse que eu devia lhe fazer companhia enquanto os outros estão em reunião. – A tarefa era boa para mim, pois, apesar de meu ferimento estar cicatrizando, eu ainda não estava totalmente recuperada.

– Sim, por favor, *demoiselle*.

Sentei no banco ao lado de sua cama e tentei pensar em algo a dizer.

– Está ansiosa pela chegada do Natal? – perguntei, depois tive vontade de engolir as palavras. Seria seu primeiro Natal sem o pai.

– Minha irmã diz que vamos ter um banquete e um desfile de mascarados. – Seu rosto se iluminou de animação.

– Verdade?

Ela assentiu.

– Você estará lá?

– Se a duquesa quiser, sim.

– Tenho certeza de que ela vai querer. Ela gosta bastante de você. – Então ela foi tomada por um acesso de tosse, e seus ombros franzinos se encolheram com o esforço. Quando terminou, havia um leve brilho de suor em sua testa. – Não chame os médicos – implorou.

– Não, não, eu não vou chamar – disse, alisando seu cabelo para trás. Os médicos da corte pouco podiam fazer por ela. Sua centelha da vida tremeluzia muito fraca. – Na verdade, eu lhe trouxe um remédio especial, do convento onde fui criada. É muito bom para acalmar tosses, mas pode deixá-la sonolenta.

– Eu sofrerei feliz de sonolência se não precisar de médicos, *demoiselle*.

– Muito bem. – Saquei o pequeno frasco de Carícia de Mortain de meu bolso. Era um veneno, verdade, mas a irmã Serafina o usava nas garotas mais novas quando estavam doentes. Era bom para tosse e febre pneumática, pois permitia ao paciente descansar e obter o sono tão necessário, mas só se administrado em pequenas doses. Pinguei cuidadosamente duas gotas, não mais, em seu leite, depois girei a xícara para misturar o conteúdo.

– Aqui. – Eu lhe entreguei a xícara. – Beba tudo.

Ela pegou a xícara e fez o que eu mandei, sorvendo até a última gota, depois a devolveu para mim.

– O gosto não é ruim. Só um pouco mais doce.

– Isso porque eu não acredito em remédios com gosto ruim – eu disse. Ela sorriu, o que me agradou mais do que devia. As vozes abafadas que vinham do outro lado da parede grossa chamaram minha atenção. Eu adoraria ouvir o que estavam discutindo, julgar as inflexões e os timbres de suas vozes. Mas, quando olhei nos olhos cansados de Isabeau, percebi que não podia deixá-la sozinha em sua luta para respirar.

– Você sabe alguma história? – perguntou ela quando me acomodei novamente no banco.

Odiei desapontá-la, mas não sabia nenhuma. Ninguém as contava em minha casa quando eu estava crescendo, e as histórias do convento não eram feitas para ouvidos tão jovens e inocentes. Quando comecei a sacudir a cabeça, lembrei de uma. Uma das favoritas de Annith. Talvez Isabeau encontrasse nela algum conforto.

– Já ouviu a história de como Saint Amourna capturou o coração de Saint Mortain?

Os olhos de Isabeau se arregalaram.

– O santo padroeiro da morte? – sussurrou.

– Não é uma história assustadora, prometo, mas de amor verdadeiro.

– Oh. – Seu rosto relaxou. – Então tudo bem. Eu gostaria de ouvi-la, por favor.

– Em uma bela noite enluarada, Mortain e seus caçadores das florestas estavam cavalgando pelo campo quando viram as duas jovens mais lindas que já tinham visto antes. Elas estavam colhendo prímulas noturnas, que só florescem ao luar.

“As duas jovens eram, na verdade, Amourna e Arduinna, filhas gêmeas de Dea Matrona. Quando Mortain viu a bela Amourna, apaixonou-se imediatamente, pois ela não era apenas bonita, mas tinha bom coração e também era muito alegre, e sem dúvida o Deus da Morte precisa de leveza em seu mundo.

“Mas as duas irmãs não podiam ser mais diferentes. Amourna era alegre e generosa, mas sua irmã, Arduinna, era cruel, ciumenta e

desconfiada, pois assim é a natureza dupla do amor. Arduinna era feroz e protetora, e não gostava do modo como Mortain olhava para sua amada irmã. Para alertá-lo, ela pegou seu arco e disparou uma de suas flechas de prata. Ela nunca errava, e não errou naquele momento. A flecha perfurou o coração de Mortain, mas ninguém, nem mesmo uma deusa, pode matar o Deus da Morte.

“Mortain arrancou a flecha de seu peito e fez uma reverência para Arduinna. ‘Obrigado’, disse ele, ‘por me lembrar que o amor sempre tem um preço.’

“O galanteio surpreendeu Arduinna e, no fim, ela deixou que a irmã cavalgasse com o Deus da Morte até sua casa, mas só depois de Amourna prometer que voltaria para visitar sua irmã gêmea uma vez por ano.”

– Ela não ficou com medo? – perguntou Isabeau, a voz pouco mais que um sussurro. – De ir embora com a morte?

– Não. – Estendi a mão e prendi seu cabelo atrás da orelha. – Pois a morte não é assustadora, nem má, nem impiedosa, é simplesmente a morte. Além disso, os domínios de Mortain têm grande beleza. Não há fome, frio, nem dor. Nem sanguessugas nojentas. – Isso fez Isabeau sorrir.

– Ela está feliz lá, você acha?

– Está. – Não contei a Isabeau o resto da história, como Arduinna ficou com tanto ciúme que determinou que o amor sempre traria dor. Nem como, entristecida por perder a filha, Dea Matrona mandou um vento gélido para nossa terra.

Ao final da história, o remédio tinha começado a fazer efeito, e os olhos da menina aos poucos se fecharam. Seu peito subia e descia com facilidade, e sua respiração não estava mais pesada. Talvez eu estivesse me enganando, mas ela parecia mais em paz. Se eu confiasse em madame Dinan, deixaria um pouco do remédio com ela, mas não deixei. Como eu queria ter tussilagem ou hissopo. Até confei ou bálsamo ajudariam, mas tudo o que eu tinha era veneno, e não quis deixá-lo com a governanta.

No silêncio do quarto, ouvi o som abafado de vozes altercadas no aposento contíguo cessando de repente, em seguida o som de uma porta se abrindo bruscamente. Levantei e fui até o solário, fechando a porta do quarto de Isabeau ao passar.

Anne entrou com passos firmes em sua antecâmara, o rosto pálido. Duval apareceu apressado atrás dela.

– Como ela ousa? – explodiu ele.

Àquela demonstração de mau humor, adiantei-me e levei o indicador aos lábios.

– Isabeau finalmente dormiu – disse. – Não vamos acordá-la.

Isso controlou Duval um pouco, mas eu ainda podia ver sua

pulsação, furiosa e irregular, abaixo do pomo de Adão.

– Não posso acreditar que ela fez isso. – O tom de tristeza na voz de Anne era mais difícil de suportar que a raiva de Duval. – Ela devia servir aos *meus* interesses, não a seus próprios.

Uma expressão de dor passou pelo rosto de Duval, como se estivesse entristecido por ela ter de aprender aquela lição desagradável tão cedo.

– Sua Graça tem experiência suficiente com a corte bretã para saber bem como há pouca verdade nesta noção.

– Mas ela era minha governanta – disse Anne. – Ela deveria me proteger. Não o tesouro, os exércitos nem a casa real.

– Pelo amor de Mortain, alguém pode me contar o que aconteceu?

Duval virou bruscamente a cabeça e me atingiu com seu olhar penetrante.

– Você não recebeu nenhuma ordem do convento? – perguntou.

– Não. Por quê?

– Talvez seu corvo não esteja trabalhando direito – resmungou ele.

Ignorei sua implicância com o convento e me virei para a duquesa.

– O que aconteceu?

– Minha governanta, madame Dinan, sacou da manga um acordo de casamento entre meu pai e o conde D’Albret. Um acordo que, aparentemente, eu assinei.

Aquilo era realmente desastroso. Olhei rapidamente para Duval, que acenou em confirmação. Até então, todos os acordos de casamento tinham sido verbais, o que dava a todos eles o mesmo peso aos olhos da lei. Mas, se havia um acordo assinado com D’Albret, ele poderia muito bem ser legalmente obrigatório. A duquesa não teria escolha além de se casar com o bruto.

– Sua Graça teve chance de falar com eles sobre seus planos com o Sacro Imperador Romano?

Duval e a duquesa trocaram um olhar, um olhar que não gostei nem um pouco.

– Não quiseram nem ouvir falar – ele disse. Então ergueu o indicador e o agitou em minha direção. – “Não tão rápido”, disseram. “Você estava errado sobre os ingleses mandarem ajuda, e nos deu falsas esperanças com Nemours. Nós tomaremos a decisão agora, e você vai simplesmente cumpri-la.”

– Fica ainda pior – disse a duquesa, acompanhando os passos de Duval com um olhar preocupado. – Eles atacaram Gavriel com suas línguas mentirosas e distorcidas, e o culparam pela morte de Nemours.

– O quê?

Duval baixou a cabeça e esfregou os olhos com a palma das mãos.

– Disseram que foi minha culpa por ter mantido Nemours em segredo, por não ter enviado um corpo de guarda maior para ele.

– O senhor observou que Nemours estava perfeitamente seguro até o conselho descobrir sua existência?

– Ah, sim, e você pode imaginar como isso caiu bem. O marechal Rieux quase voou por cima da mesa para me atacar. E teria atacado, se Crunard não o tivesse impedido.

Ficamos todos em silêncio enquanto refletíamos sobre a magnitude daquele desastre. Quando a duquesa finalmente falou, sua voz estava cheia de desespero.

– Deve haver alguma coisa que possamos fazer.

– Ah, há muito que podemos fazer – disse Duval com amargura. – Mas cada ação terá um custo. Podemos começar a negociar com o Sacro Imperador Romano, e que se dane o conselho privado, mas isso vai virá-los de modo ainda mais firme contra mim. Podemos enviar uma carta para o conselho eclesiástico observando que o acordo foi feito sem seu consentimento, e que você não tinha ideia do que estava assinando.

Anne parou de andar de um lado para o outro e se virou para encarar Duval, com determinação clara em seu rosto.

– Sim! – disse ela. – Sim para as duas coisas.

– O resto do conselho privado não vai ficar satisfeito. Eles já acham que conspiramos demais e que estou abusando de minha posição. Eles podem concretizar a ameaça de me barrar de suas reuniões.

A duquesa empinou o nariz.

– Então vou me consultar com você em particular.

Duval escondeu um sorriso.

– Muito bem. Vou organizar um encontro preliminar com o enviado do Sacro Imperador Romano amanhã, e, se você me mostrar onde guarda pena e tinta, podemos rascunhar sua carta para o conselho eclesiástico. D’Albret não vai ter você. Não enquanto eu ainda respirar.

A essas palavras, um frio correu por meus ombros, e desejei que Duval não tivesse feito essa promessa. Nunca era sábio provocar os deuses.

Capítulo Trinta e Cinco

Naquela manhã, eu deveria fazer companhia à duquesa, mas, quando cheguei ao solário, madame Dinan não me deixou entrar. Ela me informou que Isabeau tinha piorado durante a noite, e Anne estava com ela. Sua recusa em permitir meu acesso foi ríspida, direta e com a intenção de deixar claro que eu não era bem-vinda. Nunca.

A velha e familiar vergonha me deixou sem fôlego enquanto voltava para meu quarto. Duval tinha saído para se encontrar com o enviado do imperador, por isso eu não podia descarregar minha raiva e frustração com ele. Em vez disso, passei a manhã cuidando de minhas armas: lubrificando e afiando as lâminas, substituindo as pérolas envenenadas em minha rede de cabelo, e me preparando para o que quer que viesse. Meu ombro coçava terrivelmente ao cicatrizar. Talvez essa fosse a causa daquela sensação de desconforto que me assolava. Sentia como se estivesse em um barco seguindo inexoravelmente para algum destino desconhecido. Não havia ninguém no leme nem cuidando das velas; só as ondas e correntes escuras que nos levavam para seu destino preordenado. Não era uma sensação agradável, e havia pouco que eu pudesse fazer para me preparar.

Quando estava guardando minha última faca, ouvi uma batida na porta. Meu coração se animou. Estaria Isabeau se sentindo melhor? Quando abri a porta, um pajem pôs um pergaminho lacrado em minha mão, fez uma breve reverência e saiu apressado. Intrigada, fechei a porta e virei o verso da mensagem.

O lacre de cera era negro, a letra era de Sybella. Eu o arranquei, abri o pergaminho, e li na caligrafia leve e floreada dela:

Encontre-me onde nos falamos na última vez, ao meio-dia.

S.

Imediatamente lembrei-me de seu rosto pálido e cansado e seus modos fragilizados. Será que ela estava com problemas? Como já era quase meio-dia, peguei minha capa e segui para a torre leste.



O sino da igreja bateu meio-dia assim que entrei no salão principal do palácio, e acelerei o passo, mantendo os olhos abertos à procura de sinais de Sybella enquanto corria na direção da ala leste.

No alto de uma escadaria larga, quase esbarrei com madame Dinan.

– Madame – disse eu, fazendo uma reverência e amaldiçoando meu azar. Entretanto, ela também estava com pressa, e mal parou para falar comigo.

– *Demoiselle Rienne*. A duquesa pediu que eu buscasse seu bordado – disse ela ao passar.

Eu franzi o cenho. Ela nunca tinha se explicado para mim antes, e não consegui imaginar por que o tinha feito agora.

– Muito bem – disse, e continuei a descer as escadas.

Ela parou.

– Você está fazendo alguma tarefa para Duval? – perguntou ela.

Decidi que era uma desculpa tão boa quanto qualquer outra.

– Sim, madame – disse eu, e fiz menção de sair, mas ela tornou a falar.

– Onde está ele? Eu não o vi o dia inteiro – disse a mulher que havia me ignorado durante a maior parte de meu tempo na corte. Foi quando percebi que ela estava tentando me deter.

Sem me dar ao trabalho de responder, virei e desci correndo as escadas, com uma sensação de temor crescendo dentro de mim. Estava quase lá, faltava só mais um corredor. Quando entrei no último, ouvi uma voz masculina, um trovejar profundo e dissimulado que deslizou sobre minha pele. D’Albret. Todos os meus instintos ficaram em alerta. Então ouvi outra voz, a voz de uma mulher. Não era Sybella.

Anne.

Sacando as facas de minhas mangas, corri em frente, o pânico pulsando em meu peito. Quando fiz a última curva, vi a duquesa prensada contra a parede, e D’Albret assomando-se sobre ela. Uma de suas mãos estava apoiada na parede, prendendo-a. A outra agarrava sua saia, enquanto ela se debatia furiosamente para se livrar.

Ao ver as mãos imundas dele sobre a duquesa, a fúria explodiu em meu coração, e uma névoa vermelha se ergueu à minha frente. Eu devo ter feito barulho, pois D’Albret levantou a cabeça e praguejou. Ele tirou a mão de Anne como se tivesse se queimado. Ela relaxou aliviada contra a parede, seu rosto pálido como a morte.

Os olhos de D’Albret se arregalaram ao ver minhas adagas, e ele estendeu os braços, afastando-os de sua espada.

– Todas as amantes de Duval andam por aí armadas até os dentes?

Não tirei os olhos de seu rosto.

– Sem dúvida não o surpreende que Duval não se interesse por

moças afetadas.

A voz dele assumiu um tom persuasivo.

– Agora, *demoiselle*, minha prometida e eu estávamos tendo um momento em particular. Não é tão incomum. Não há necessidade de tamanha reação.

– Não sou sua prometida – disse-lhe friamente Anne. Seu rosto estava pálido, mas a voz estava forte e firme, e eu nunca tive tanto orgulho dela. – Não me lembro de ter assinado aquele acordo, e escrevi tanto para o papa como para o conselho eclesiástico pedindo sua anulação.

D’Albret virou bruscamente a cabeça de volta para Anne. Algo assustador brilhou em seus olhos.

– Cuidado, pequena duquesa, pois não vou lhe dar muitas outras chances de me desprezar.

– Nunca vou me casar com você. – A voz dela era baixa e furiosa.

Eu dei um passo à frente.

– O senhor ouviu Sua Graça. Ela lhe deu sua resposta. Agora, afaste-se.

Com um último olhar furioso para Anne, D’Albret voltou sua atenção outra vez para mim.

– Você está cometendo um grave erro.

– Estou? – Eu me aproximei ainda mais. Meus olhos procuravam desesperadamente a marca de Mortain. Sem dúvida atacar a governante de nosso ducado contava como traição. Mas não havia marca em sua testa, nem em seu pescoço nem acima da gola forrada de pele. Talvez esse não fosse o local de seu golpe fatal. Talvez Mortain desejasse que ele fosse estripado como um peixe.

Antes que eu pudesse pensar direito sobre aquilo, estendi o braço e o esfaqueei. Seu gibão escarlate se abriu como uma ferida, expondo sua barriga gorda e branca. Era pálida e coberta de grossos pelos negros, mas não havia marca. Uma fina linha vermelha se formou onde a ponta de minha faca arranhou sua carne.

Sua expressão ficou nublada com descrença e raiva, e seus olhos queimaram com algo que parecia loucura. Ele tentou pegar a espada, mas encostei minha faca em sua mão.

– Acho que não.

Ele estreitou os olhos, e a raiva que vi neles quase arrancou meus ossos.

– Você vai pagar caro por isso. – A inexpressividade gelada de sua voz de algum modo era mais apavorante que sua fúria.

Passos soaram às nossas costas, e D’Albret ergueu o olhar. Temendo algum truque, não tirei os olhos de seu rosto, mas meus ombros coçaram em alerta.

– Madame Dinan! – chamou Anne, sua voz cheia de alívio.

A governanta ignorou Anne e correu na direção de D'Albret.

– O que você fez, garota idiota? – perguntou ela.

– Preservei a segurança de nossa duquesa. E o que *a senhora* fez, madame? – Nossos olhares se cruzaram, e ela sabia que eu via exatamente como aquela traição tinha sido odiosa. A duquesa percebeu a acusação em meus olhos e se afastou de sua governanta, com uma expressão de absoluta incredulidade.

Eu não podia agir contra nenhum daqueles traidores, e meu temperamento se inflamou.

– Saiam daqui. – Gesticulei com minhas facas. – Os dois. – Não fiz nenhum esforço para ocultar o desprezo que sentia por eles.

– Mas a duquesa... – começou a dizer madame Dinan, mas parou.

Naquele instante, o equilíbrio de poder mudou. Eu a tinha flagrado em um ato de grande traição, e ela sabia que eu podia usar aquilo contra ela.

– Vou cuidar da duquesa. A senhora, milady, perdeu esse privilégio.

As narinas de Dinan se dilataram. Ela empinou o nariz e olhou para sua protegida.

– Se Sua Graça tivesse simplesmente dado ouvidos a seus conselheiros e não agido como uma criança teimosa, tudo isso poderia ter sido evitado.

– E se a senhora tivesse apenas honrado a confiança sagrada que lhe foi depositada pelo duque – observei –, isso poderia ter sido evitado. – Gesticulei com minhas facas como se estivesse prestes a perder a paciência, como de fato estava. – Saia.

D'Albret puxou sua túnica para cobrir a barriga e segurou o tecido no lugar com o braço.

– Você acabou de cometer o maior erro de sua curta vida – disse ele. – Vocês duas. – Ele se virou e saiu andando irritado pelo corredor. Com um último olhar de reprovação para a duquesa, Dinan seguiu o conde, com passos rápidos e agitados.

Quando saíram de vista, voltei-me para Anne. Lentamente, ela deslizou pela parede até se sentar no chão. Uma única lágrima escapou de seus olhos brilhantes, e ela a limpou com raiva, com uma mão trêmula. A orgulhosa e corajosa duquesa tinha desaparecido, e em seu lugar havia uma garota assustada, usando a raiva da melhor maneira possível para se proteger do que tinha acabado de acontecer. Sem parar para pensar em posições e hierarquias, ajoelhei-me ao lado dela no chão e passei o braço em torno de seus ombros, abraçando-a. Não tinha palavras bonitas nem elegantes para confortá-la, por isso disse a única coisa que podia:

– Sua Graça é muito corajosa, e ele vai pensar duas vezes antes de tentar isso outra vez. Com qualquer pessoa, espero.

Anne respirou trêmula, com um soluço preso na garganta.

– Madame Dinan disse que precisava buscar um pajem, e que tinha de enviar uma mensagem. Achei estranho, mas ela anda muito distraída ultimamente, e nós temos discordado muito. Nunca pensei... nunca desconfiei de tamanha... – Sua voz vacilou quando sua garganta apertou e cortou suas palavras.

– Venha – disse eu com delicadeza. – Precisamos levá-la de volta a seus aposentos. Acha que consegue andar? – Eu não sabia o que faria se ela dissesse não. Não podia carregá-la e não ousava deixá-la para buscar ajuda.

– Eu consigo andar – disse ela, com uma determinação férrea no rosto. Levantei primeiro, depois a ajudei a ficar de pé. Voltamos lentamente até seu solário. Passamos por alguns cortesãos e nobres; quando isso acontecia, Anne fazia um esforço para se apurar e erguer a cabeça com orgulho. Seu porte régio afastava qualquer olhar curioso.



Quando finalmente chegamos ao solário, fiquei aliviada ao ver que madame Dinan não havia regressado. Algumas damas de companhia estavam presentes.

– Deixem-nos – ordenou Anne. Eu nunca a vira falar com tanta dureza. Suas damas também não, pois pareceram espantadas, mas fizeram o que ela mandou. – Esperem! – exclamou. Elas pararam como cães que alcançaram o fim de suas guias. – Mandem trazer água para um banho. Água quente.

As damas de companhia se entreolharam. Uma alma corajosa finalmente falou:

– Não devíamos ficar aqui para ajudá-la, Sua Graça?

Anne olhou para mim, com uma pergunta silenciosa nos olhos. Dei um aceno de concordância.

– Não. *Demoiselle Rienne* vai cuidar de mim. Agora vão.

Agitadas como um bando de pombos espantados de seu abrigo, elas deixaram o aposento apressadamente. Assim que se foram e a porta estava bem fechada, a duquesa começou a rasgar suas roupas elegantes. No início, achei que ela estivesse tendo um ataque, até que ouvi as palavras:

– Ainda posso sentir os dedos dele em mim. – Sua voz engasgou, e me aproximei depressa para ajudá-la.

Ela segurou a gola e rasgou as mangas, tirando o vestido antes que eu terminasse de desamarrá-lo. O tecido rasgou, e houve barulhinhos agudos quando uma dúzia de pequenas pérolas caíram e se espalharam pelo chão.

– Sua Graça vai destruir o vestido – murmurei.

– É essa a ideia – ela respondeu, olhando para os farrapos aos seus

pés. Ela lhes deu um chute.

– Não vou usá-lo de novo. Nunca mais. – Ela estava tremendo em sua combinação, parecendo mais nova e mais vulnerável até mesmo que a pobre Isabeau.

Ouvimos uma batida na porta. Tirei minha capa e a joguei sobre os ombros da duquesa, depois permiti a entrada das criadas para que pudessem preparar seu banho. Elas silenciosamente encheram a banheira de cobre com água quente, avivaram o fogo, deixaram novas toalhas limpas de linho, depois ficaram por perto sem saber o que fazer.

– Saíam – disse Anne, com uma voz cansada.

Quando elas se foram, eu me virei para lhe dar um momento de privacidade para entrar no banho. Como uma pessoa de posição, ela sempre tivera damas para a ajudar, esfregar suas costas, entregar-lhe uma toalha, escovar seu cabelo. Menos quando mais precisava delas, pensei, a raiva crescendo de novo dentro de mim.

– Quer que eu lave seu cabelo, Sua Graça?

Um canto de sua boca se ergueu em uma tentativa corajosa de sorrir.

– É parte de seu treinamento de assassina?

Eu devolvi o sorriso.

– Não, apenas algo que minhas irmãs de armas e eu costumávamos fazer umas pelas outras.

Seus olhos castanhos cruzaram com os meus.

– Hoje sinto como se fôssemos irmãs de armas, e ficaria honrada se você fizesse por mim o que já fez por suas amigas.

Fiz uma grande reverência, tocada com aquele gesto.

– É claro, Sua Graça.

Peguei o jarro e o enchi de água quente, depois a derramei sobre seu longo cabelo castanho. Eu nunca a havia visto sem touca, e seu cabelo era tão farto e sedoso como pele de marta. Esfreguei e enxaguei em silêncio; o sabonete dela cheirava a rosas.

Quando tornou a falar, sua voz estava mais firme.

– Quando eu estiver limpa e vestida, preciso chamar Gavriel.

– É com ele que quer falar primeiro? – A confiança que ela tinha nele me agradou.

Ela virou para me olhar.

– Antes de todos os outros – respondeu, com a expressão e os olhos graves. Ela virou de costas outra vez, e derramei outro jarro de água em seu cabelo para enxaguar o sabão.

– Quando nasci, meu pai chamou Gavriel e explicou a ele que eu deveria ser sua maior responsabilidade dali por diante. Era ele quem devia preservar minha felicidade e segurança.

– Ele tinha quantos anos na época?

– Doze ou treze, acho.

Não muito mais velho do que ela era agora.

– Tanta responsabilidade para alguém tão jovem.

– Ah, mas ele gostou. Deu um propósito para sua vida. Ele passou a ter um motivo para ser o melhor em suas lições, derrotar seus tutores no xadrez, praticar por horas no pátio de armas. – A voz dela mudou, ficando mais terna. – E ele me mimava. Disse-me uma vez que, no momento em que me pegou no colo pela primeira vez, ficou encantado. Eu não exigia dele inteligência nem vitórias, só pedia que me amasse e protegesse. E é isso que ele faz desde então.

– Havia tantas exigências sobre ele naquela idade?

– Você não conheceu a mãe dele, *demoiselle*?

Isso me fez dar uma gargalhada.

– Sim, conheci, Sua Graça.

– Ela está tecendo esquemas e tramas desde o nascimento dele, e ele está envolvido na maioria. Até eu vir a este mundo, ele a tolerou. Depois que fui posta sob seus cuidados, ele não quis ter mais nada a ver com suas armações. Mesmo na época, sua honra brilhava mais forte que a da maioria dos homens. Acredito que ela me odeie bastante por isso.

– Sem dúvida – murmurei, cativada por esse vislumbre do jovem Duval.

– Se algum dia eu tive alguma dúvida, coisa que não tinha, apesar de outros terem, ela foi apagada quando eu estava com cinco anos. Você sabia que fui prometida para o príncipe herdeiro da Inglaterra?

– Sim, Sua Graça. No convento estudamos os atos de sua família, pois sua segurança e seu bem-estar são nossa maior prioridade.

Ela olhou para trás e deu um sorriso com covinhas ao ouvir isso.

– Verdade?

– Verdade.

– Não espanta que você e Gavriel se deem tão bem – disse ela, virando-se outra vez para que eu continuasse a enxaguar seu cabelo. Franzi o cenho com isso, mas, antes que pudesse protestar, ela voltou a falar, e não quis interrompê-la.

“Enfim, o compromisso enfureceu o rei francês, que tinha passado anos combatendo os ingleses e não queria ver a Bretanha sob governo inglês. Por isso ele armou uma trama e mandou seus agentes a Nantes para me sequestrar, de modo que eu me transformasse em seu peão em vez de em um problema.

“Tivemos notícias disso quando eles estavam entrando na cidade. Enquanto os conselheiros de meu pai discutiam sobre qual atitude tomar e a melhor maneira de responder, Gavriel ficou impaciente, temendo que os franceses batessem em nossa porta a qualquer momento. Em vez de ouvir suas discussões, ele foi até o quarto das

crianças e nos tirou, Isabeau e eu, de nossas camas. Ele enfiou cada uma de nós embaixo de um braço e, acompanhado por seu leal companheiro De Lornay, nos levou em segurança. No momento em que saía a galope dos estábulos, os responsáveis pela armação francesa entraram em nosso quarto. Nunca vou me esquecer do terror daquela noite, da sensação de que o meu mundo tinha sido virado de cabeça para baixo. Tampouco vou me esquecer da segurança dos braços de Gavriel enquanto nos levava para fora de perigo.”

Olhei fixamente para sua nuca, boquiaberta de surpresa. E, mesmo assim, uma pequena parte de mim não estava tão surpresa assim. Tudo se encaixava com o Duval que eu via, e não com o visto por Crunard e pela abadessa.

Anne sacudiu a cabeça.

– Ainda não sei como ele conseguiu levar duas meninas naquele cavalo. – Ela se virou para me olhar. – Como eu não confiaria em um homem como esse, *demoiselle* Rienne?

– Realmente, como não? – sussurrei.

– Sei que alguns dizem que ele não respeita juramentos, pois o juramento que fez a Saint Camulos exigia que ficasse e lutasse, mas ele deu as costas para a luta para me proteger. E, como ele me explicou depois, qual o motivo de lutar se aquilo por que se está lutando já está perdido?

– Verdade, Sua Graça. – Então nós duas ficamos em silêncio, consumidas por nossos próprios pensamentos, enquanto ela terminava seu banho. Meu coração naquele momento estava mais leve, agora que eu sabia das circunstâncias por trás da quebra do juramento de Duval. Pelo que estava descobrindo, parecia exatamente o tipo de teste espinhoso com que os deuses adoram nos atormentar.

Após esfregar de sua pele todos os traços de D’Albret, já vestida, aquecida e calma, a duquesa enviou um pajem à procura de Duval.

Ele chegou logo em seguida, tirando as luvas de montaria. Estava um pouco desarrumado, como se o vento estivesse soprando com força lá fora. Seu olhar ia dela para mim e voltava.

– O que aconteceu?

A duquesa entrelaçou os dedos e apertou as mãos.

– Houve um incidente – disse ela, então hesitou e olhou para mim em busca de ajuda.

– D’Albret a atacou no corredor.

Duval ficou absolutamente imóvel, o que me fez pensar em uma víbora antes de atacar.

– O que você quer dizer com *atacar*? – A voz dele estava enganosamente baixa.

– Quero dizer que ele a apertou contra a parede e agarrou sua saia.

– A raiva da lembrança fez com que as palavras saíssem mais ásperas

do que era minha intenção.

Duval empalideceu.

– Murmurando o tempo inteiro como eu iria gostar se apenas lhe desse uma oportunidade – acrescentou a duquesa.

Olhei para ela horrorizada.

– Eu não sabia disso.

– Você estava longe demais para ouvir.

O corpo inteiro de Duval estava tenso como um arco esticado. Seus olhos estavam cheios de raiva, mas ele tentou se acalmar por causa da irmã, a preocupação brigando com a fúria.

– Você está bem?

– Estou. Ismae chegou a tempo.

Então ele se virou e fez uma grande reverência para mim, deixando-

-me completamente chocada.

– Nossa dívida com você é incomensurável – disse ele. Quando se endireitou, seu rosto estava calmo e inalterado. – Vamos matá-lo – anunciou, e em seguida me olhou pensativo. – A menos que você já tenha feito isso...

– Infelizmente, não, milorde. Ele interrompeu o ataque quando me aproximei, e não tinha a marca.

– Que os santos levem essa marca! Procure melhor. – Ele começou a andar de um lado para o outro.

Um leve vislumbre de divertimento passou pelos traços da duquesa.

– Ela quase o estripou procurando – disse ela.

Fiquei envergonhada com suas palavras.

– Reconheço que não parei para pensar em manter o disfarce que inventamos.

– Bom – disse Duval. – Talvez outros pensem melhor antes de tentar algo parecido.

Limpei a garganta.

– Tem mais.

Duval parou de andar e olhou fixamente para mim.

– Mais? – Até a duquesa me olhou com curiosidade.

– Madame Dinan armou para a duquesa. Ela arranjou uma desculpa para deixá-la sozinha no corredor quando sabia que D'Albret estaria lá.

– Como sabe disso?

– Encontrei-a na escada. Eu estava vindo ver a duquesa, e ela estava indo embora. Ela tentou me deter.

Duval explodiu.

– Aquela porca traidora!

A duquesa pareceu desconfortável diante daquela rara demonstração de raiva. Tentei mudar o assunto para algo estratégico

em vez de raivoso, embora Mortain soubesse que eu também estava cheia de ódio.

– Sabíamos que ela favorecia o meio-irmão, mas nunca achei que fosse tão longe para garantir a reivindicação dele.

– Nenhum de nós achava – disse Duval. – Temos de bani-lo da corte. Ela também.

A duquesa concordou prontamente, mas aquele plano me preocupou.

– Com licença, Sua Graça, mas acho que precisamos agir com muito cuidado.

Duval levantou a cabeça bruscamente.

– O que quer dizer com isso?

– Não podemos arriscar que as pessoas saibam que a duquesa foi agredida. Neste mundo, não importa o que ocorreu de verdade. A mera sugestão de que ela foi exposta a essa situação pode ser suficiente para colocar sua virtude em questão. O que isso faria com suas chances de casamento?

Todo o sangue se esvaiu do rosto da duquesa. Duval soltou uma praga sombria e voltou a andar de um lado para o outro.

– Não vou me casar com o barão, nem que ele seja o último homem da cristandade!

– Nem nós permitiríamos isso, Sua Graça. – O andar de Duval estava me deixando tonta. Eu fiquei esperando que ele interviesse e sugerisse alguma estratégia que nos apontasse uma saída. Em vez disso, ele estava se permitindo ter um acesso de raiva.

– Já sei – disse ele de repente, e deu um suspiro de alívio. – Vamos proclamar um édito declarando que você repudia o acordo de casamento com D’Albret e não tem intenção de se casar com ele. Se fizermos isso publicamente, ele não terá opção além de aceitar.

Balancei a cabeça.

– Isso não o deixará simplesmente mais encurralado e fará com que tome medidas ainda mais drásticas?

Duval me dirigiu um olhar feroz.

– Tem uma sugestão melhor?

Nesse momento, ele me pegou. Eu não tinha uma estratégia brilhante nem táticas inteligentes. Esse era o dom de Duval, não o meu.

– Não tenho, milorde. Na verdade, estou extremamente desapontada com a justiça de meu Deus.

Duval continuou a me encarar por um longo instante, seus olhos brilhando como se estivessem febris.

– Talvez seja porque você confunde morte com justiça, e uma coisa não tem nada a ver com a outra.

Capítulo Trinta e Seis

Vanth chegou logo de manhã cedo, batendo na janela animadamente antes mesmo que Louyse chegasse para atizar o fogo. Livrei-me das cobertas e corri até lá na ponta dos pés, evitando o chão frio de pedra. Quando abri o postigo, Vanth saltou para dentro e ergueu a cabeça como se perguntasse por que eu tinha demorado tanto.

– Eu estava dormindo – disse a ele, pegando o bilhete em sua perna antes que ele conseguisse me bicar.

Ele grasnou irritado quando recuperei a missiva, depois voou para sua gaiola e enfiou a cabeça sob a asa.

Para minha grande frustração, não eram instruções da abadessa, mas, em vez disso, um bilhete de Annith. Verifiquei o lacre, depois o rompi e li a carta.

Annith dizia que nunca tinha ouvido nenhum boato ou fofoca sobre iniciadas de Mortain que tivessem amantes permanentes, e implorou para que eu lhe contasse por que eu queria saber isso. Por sorte, não me pressionou muito sobre essa questão. Estava mais preocupada com a própria situação.

A irmã Vereda ficou doente, escreveu ela. E está há uma semana sem ter Visões.

Seria por isso que eu não tinha recebido ordens do convento? Porque a irmã Vereda estava doente? Se fosse o caso, então sem dúvida eu precisava ficar ainda mais atenta à marca de Mortain.

As freiras têm se reunido a portas fechadas mais do que o normal, por isso, claro que tive de descobrir sobre o que falavam. Ismae, eu entreouvi a própria madre superiora dizer à irmã Thomine que acha que eu serei capaz de servir como vidente do convento depois que a irmã Vereda passar para os domínios da Morte! Vidente! Depois de tudo o que treinei, estudei e pratiquei. Passei minha vida inteira me preparando para sair deste convento a serviço de Mortain – e agora ela pensa em me trancar para sempre dentro destes muros grossos de pedra. Não vou fazer isso. Não posso fazer isso. Essa ideia não me deixou dormir nas últimas quatro noites. Só de pensar já me sinto sufocada. Então, por favor, em seus momentos

livres, reze para que a irmã Vereda se recupere e que eu não seja designada ao refúgio sagrado mais recôndito do convento para o resto dos meus dias.

*Sua, mas infeliz,
Annith*

Pobre Annith! Será que a madre superiora estava falando sério? Será que ela pretendia nunca deixar Annith sair do convento? A situação dela era tão desesperadora que me fez esquecer de minha própria infelicidade, mas, por fim, tive de me vestir para a reunião especial com todos os barões, convocada pela duquesa.

Quando os sinos da igreja bateram meio-dia, nobres bretões, cortesões, barões e o conselho privado entraram no grande salão. Duval tomou um cuidado especial para assegurar a presença de Gisors.

– Deixe que ele interprete como um gesto de boa vontade, mesmo que não seja nada disso – disse ele.

Examinei os rostos da multidão reunida. Havia muita fofoca e especulação sobre o motivo daquela convocação. Muitos olharam para D’Albret, sem dúvida se perguntando se a reunião estaria de algum modo relacionada com a proposta de casamento da qual ele vinha falando tanto nos últimos dois dias.

A porta dos fundos do salão se abriu, e dois cavaleiros armados entraram a passos largos. A duquesa veio logo depois, seguida por seu conselho privado. Os conselheiros estavam nitidamente aborrecidos por uma reunião como aquela ter sido convocada sem a aprovação deles. Meu olhar se dirigiu para madame Dinan, que estava com uma expressão presunçosa e irritante. Será que ela achava ter vencido? Será que sabia tão pouco sobre a garota que ajudara a criar? Mais uma vez, lembrei das palavras da irmã Beatriz: *As pessoas ouvem e veem aquilo que esperam ouvir e ver.*

Madame Dinan sorriu para D’Albret, que devolveu o sorriso. Eu estava ansiosa para ver quanto tempo aqueles sorrisos iriam durar.

A duquesa tomou seu assento e gesticulou para que Duval lhe entregasse o pergaminho. Enquanto o desenrolava, o salão caiu em silêncio. Tive que admirar sua coragem. Não era uma coisa fácil repudiar um homem diante de seus pares.

– Eu, Anne da Bretanha, venho por meio desta declarar que o acordo matrimonial estabelecido entre mim e o conde D’Albret é nulo e inválido, pois eu o assinei sem ter conhecimento do compromisso que estava assumindo. Apreciamos os valentes serviços do conde durante o reinado de meu pai, e continuamos a valorizá-lo como aliado, mas não irei, agora ou nunca, entrar em um acordo de casamento com lorde D’Albret.

Quando ela terminou, todas as cabeças no salão se viraram para o

conde D'Albret. Em seu rosto havia manchas de um vermelho profundo. Seus dentes estavam tão cerrados que achei que pudessem quebrar. A seu lado, madame Dinan balançava um pouco. O marechal Rieux ergueu-

-se e abriu a boca, mas o chanceler Crunard pôs a mão em seu braço e o deteve com uma leve sacudidela de cabeça.

Consciente de que a atenção de todos estava sobre ele, D'Albret fez uma leve reverência irônica para a duquesa, depois deu meia-volta e foi embora. A multidão se abriu à sua passagem como manteiga sob uma faca quente. Madame Dinan ficou de pé, levantou a saia e saiu apressada atrás dele, com dois pontos corados queimando em sua face normalmente pálida. Movendo-se como se estivesse sentindo grande dor, Anne levantou e se virou para deixar o salão.

Capítulo Trinta e Sete

Dois dias depois que a duquesa leu o édito contra D'Albret, ela, Duval e eu estávamos parados junto à sua janela e observávamos o conde ir embora a cavalo. Ele tinha tantos criados e serventes que parecia que metade do castelo estava partindo com ele. Temi que Sybella estivesse entre eles. De que outra maneira ela teria sido capaz de me alertar sobre a trapaça planejada no corredor?

A ideia de que a abadessa tivesse posto Sybella na residência de D'Albret era tão repugnante que procurei afastá-la e rezei a Mortain para estar errada.

Se D'Albret tinha levado grande parte dos cortesãos com ele, também tinha levado boa parte da atmosfera pesada da corte. As criadas, em particular, andavam com um ritmo mais alegre agora que não tinham mais de suportar seus beliscões. Até a saúde da jovem Isabeau pareceu melhorar, como se fosse a presença de D'Albret que estivesse turvando seus pulmões.



A uma semana do Natal, a duquesa organizou um jantar completo na corte, acompanhado de atrações. Na noite da véspera, Isabeau estava tão excitada que quase passou mal. A pedido da duquesa, dei à menina outra tisana para que ela pudesse dormir.

O mordomo do castelo não tinha poupado luxo para a festa daquela noite. As mesas estavam cobertas com um rico tecido de damasco bordado com fios de prata. Criados de libré estavam parados junto das paredes, e utensílios de ouro e prata enfeitavam as mesas. Como um toque especialmente elegante, notas de uma trompa nos convocaram para o grande salão. Estávamos todos, como ordenado, vestidos com nossas roupas mais alegres e ornamentadas. Capas compridas com golas de pele se misturavam com corpetes bordados e mangas vazadas coloridas. Sapatos claros de couro cru ou de veludo elegante espiavam por debaixo de grossas saias de cetim.

A duquesa e Isabeau tomaram seus lugares na mesa principal sobre uma plataforma elevada, e os conselheiros privados se juntaram a elas.

E, embora parecesse que eu não tinha feito nada nas duas semanas anteriores além de ficar com os olhos grudados em Duval, naquela noite ele parecia diferente. Estava mais magro, e havia sombras profundas sob seus olhos. As negociações com o Sacro Imperador Romano estavam sendo difíceis. A duquesa e Duval sabiam que barganhavam pela vida de seu próprio país. O enviado do Sacro Imperador Romano também sabia, e tentava se aproveitar disso. Eu me preocupei que a tensão estivesse afetando Duval. Ele estava nervoso e passara a verificar portas e janelas, certo de haver alguém ouvindo.

Muito provavelmente, havia alguém.

Indicaram-me uma cadeira em uma das mesas mais baixas com as damas menos importantes, mas não me importei. Na verdade, precisei me beliscar, pois temia que tudo aquilo fosse um sonho. Mal podia acreditar que alguém como eu fora recebida em uma celebração tão elegante.

Depois que tomamos nossos lugares, criados nos trouxeram bacias de água quente aromatizada com verbena para lavarmos as mãos antes de comer. Enquanto as secávamos nas toalhas de linho macio, a comida chegou em travessas. Trinchadores começaram a fatiar veado e javali assados, pavão e faisão. Também havia coelho na brasa e ganso assado, pastelão de porco e polenta.

Estava satisfeita por me ver sentada ao lado de Fera e me perguntei se Duval tinha alguma coisa a ver com aquilo.

– Não tenho visto muito o senhor ultimamente – disse eu.

Seu rosto se vincou em um sorriso grotesco.

– Duval me mantém ocupado supervisionando grupos de batedores. Saímos todos os dias à procura de sinais de que D’Albret esteja cumprindo sua ameaça, ou da chegada dos franceses.

– Qual é o maior perigo?

Fera ergueu os ombros largos.

– Não sei. Se D’Albret voltou para seus domínios no centro da Bretanha, tudo o que precisa fazer é impedir barões leais e seus homens de responder ao chamado da duquesa por tropas. Isso vai causar estrago suficiente em nossa defesa.

Peguei uma pitada de sal do saleiro e a salpiquei sobre meu veado.

– E os franceses? De onde o senhor espera que eles venham?

– Do norte e do leste. Eles ainda controlam Saint-Malo e Fougères, de acordo com o Tratado de Verger. Vão usar as duas como fortalezas e atacar de lá. Mas chega desta conversa deprimente, *demoiselle*. Sem dúvida você passou seus dias de maneira mais agradável que eu.

Fiz uma careta.

– Na verdade, não. Não gosto muito de bordar nem de conversar com as damas de companhia.

– O que você gostaria de estar fazendo? – Os olhos de Fera brilharam com malícia.

– Algo útil – resmunguei, tomando um gole de vinho para lavar a sensação de impotência de minha língua. Não era uma sensação que eu apreciava.

O rosto dele ficou sombrio.

– Não é útil ficar perto de nossa duquesa e lhe oferecer paz de espírito?

– É claro que, se minha presença lhe traz paz de espírito, fico contente. Na verdade, ela me parece muito vulnerável desde a traição da governanta.

– E a jovem Isabeau? – Os olhos de Fera se voltaram para a mesa principal. – Ela me parece frágil.

– Sua saúde não é boa. Seus pulmões são fracos e, desconfio, seu coração também.

Fera me deu um olhar estranho.

– Seu treinamento de assassina lhe diz isso?

A pergunta ousada me fez cuspir o vinho que tinha acabado de beber. Olhei ao redor para me certificar de que ninguém tinha escutado.

– Não, milorde. Mas trabalhei muito com a herborista de nosso convento, e era ela quem cuidava de nossas doenças.

– Eu esperava que a esta altura ela já estivesse recuperada. O fato de ainda não estar é má notícia – disse ele, depois virou o conteúdo de seu cálice.

O lorde à sua direita lhe fez uma pergunta, e Fera começou a conversar com ele. Lembrando da farsa social que eu tinha de preservar, virei para o cavaleiro à minha esquerda, mas ele estava tão debruçado sobre a dama ao seu lado que achei que fosse cair na sopa dela. Muito satisfeita por poder ignorá-lo, olhei para os outros convivas, seus queixos gordurosos de carne, seus olhos turvos de vinho. Aquela celebração tinha o ar trágico de tentar erguer um mastro em meio a uma tempestade. Eu podia apenas esperar a chegada de uma ordem do convento. Todo o salão fedia a desespero e traição.

Madame Hivern estava sentada entre dois barões da costa, e perguntei-me se ela estaria próxima de fazer seu lance. Ela estava jogando suas cartas brilhantemente; esperou que D’Albret abandonasse o campo, e agora sua oposição tinha se reduzido à metade.

Então meu olhar se voltou para François, que sempre estava no centro de todas as festividades. Duas vezes ele tentou me arrastar para sua diversão, mas eu recusei educadamente. Não tinha disposição para seus flertes.

O trombetear de sacabuxas anunciou o início da diversão da noite, e um desfile de artistas mascarados adentrou o grande salão. O líder usava uma máscara de burro e era seguido por um macaco, um leão e um urso. O urso era real e me lembrou estranhamente o capitão Dunois.

Um homem velho e encarquilhado empurrava um carrinho que levava dois bobos. Outro bobo surgiu dando uma pirueta, com uma bexiga de porco pendurada em uma vara apoiada no ombro. Foi uma confusão enquanto eles saltavam e dançavam, ao mesmo tempo engraçados e grotescos. Os bobos se aproximaram das mesas e começaram a brincar com os convivas.

A duquesa tinha olhos apenas para Isabeau, que ria e batia palmas, encantada. Outro mascarado entrou rolando um barril grande. Houve um rápido rufar de tambores, um som sombrio e primitivo. Um homem com cabeça de veado saltou do barril e pulou sobre o tablado; representava o santo padroeiro das criaturas com chifres, o consorte de Dea Matrona. Ele era morto todos os anos no final da colheita, para renascer quando Dea Matrona desse à luz um novo ano.

A música mudou de novo, e um homem vestido como uma moça, segurando um buquê de flores, começou a saltitar entre as mesas. Em seguida, a música se aprofundou, ficando mais aterrorizante. A figura esquelética da própria Morte surgiu das sombras em sua túnica negra. Todos levaram um susto.

A moça tentou correr, mas quatro homens mascarados saltaram das sombras montados em quatro cavalos de pau. Suas máscaras vermelhas e pretas escondiam seus rostos, e senti um calafrio. Eram arlequins, caçadores da floresta que tinham vindo pela filha de Dea Matrona para levá-la para o submundo da Morte, fazendo com que ela tornasse nosso mundo austero e desolado em seu pesar.

A donzela escapou deles. Uma. Duas vezes. Mas, na terceira vez, o arlequim a cercou. Meu coração acelerou. Aquilo não era assustador demais para a pequena Isabeau?

Olhei para ela para ver como estava reagindo, e perdi o fôlego quando percebi o quanto os arlequins tinham se aproximado da mesa principal. Algum alarme interno, talvez o sussurro do próprio Mortain, soou em minha cabeça. Fiquei de pé e fui abrindo caminho entre os mascarados saltitantes, levando a mão à besta escondida sob minha sobressaia.

Toda a corte levou um susto quando um arlequim saltou sobre a mesa diante da duquesa e sacou uma faca. A maioria pensou que fosse parte da peça. Duval e Dunois sabiam que não e sacaram suas espadas, mas estavam longe demais. Com uma prece sincera ao meu Deus, encaixei a seta no lugar e puxei o gatilho.

A seta acertou o arlequim na nuca, bem abaixo da proteção de sua

máscara. Ele congelou. A faca caiu de seus dedos, que estavam se contorcendo em espasmos, e ele tombou para a frente.

A duquesa mal conseguiu sair do caminho a tempo de não ser esmagada pelo corpo em queda. Sangue vermelho-escuro respingou sobre seu rosto pálido.

O pandemônio foi instantâneo.

Damas gritavam, cortesões berravam e saíam correndo. Soldados vindos do corredor cercaram os mascarados, que olhavam em um silêncio chocado para o arlequim morto.

Os olhos do capitão Dunois se arregalaram de admiração.

– Tiro excelente.

Inclinei a cabeça em agradecimento.

– Pegue Isabeau – disse eu a Duval pouco antes que ela desabasse. Os reflexos de Duval foram rápidos, e ele a segurou antes que ela atingisse o chão.

– Waroch! De Lornay! Interroguem-nos. – Ele apontou a cabeça na direção dos mascarados estupefatos. – Sua Graça, acho que devíamos levá-la de volta a seus aposentos.

Pálida e trêmula, a duquesa concordou e seguiu Duval, que carregava Isabeau de volta para o solário. O marechal Rieux olhava fixamente para mim como se temesse que eu também tivesse surgido do barril do mascarado.

– Qual o significado disso? – Rieux bateu a mão na mesa.

O chanceler Crunard interveio para acalmar as coisas.

– Acho melhor dar explicações em particular. Talvez devêssemos todos sair daqui e ir para os aposentos da duquesa. – Os olhos dele procuraram os meus. – Você também, *demoiselle* – disse.

Depois que o momento passou e não havia mais perigo, comecei a tremer. Foi por pouco. *Muito* pouco. Ignorando os sussurros e as pessoas apontando para mim, eu os segui para o corredor. Seria o assassino um presente de despedida de D’Albret? Ou um primeiro tiro disparado por um novo inimigo?

Capítulo Trinta e Oito

– Quem é essa mulher? – perguntou o marechal Rieux.

Ignorei a pergunta, fui até o jarro grande perto da cama de dossel da duquesa e derramei água em uma bacia. Peguei um pano de linho do aparador próximo e o levei até ela.

– Posso?

Ela olhou para mim, confusa.

– Sua Graça tem sangue no rosto – expliquei.

Seus olhos se arregalaram de horror, e ela assentiu freneticamente. Com delicadeza, comecei a esfregar os respingos. Agora que ela estava em segurança, eu estava calma. O Deus tinha realmente guiado minha mão; caso contrário, eu jamais teria conseguido acertar aquele disparo. Os outros podiam dizer o que quisessem, mas não podiam tirar aquilo de mim.

– Quem é ela, Duval? Nós sabíamos que não era sua sobrinha. Pessoalmente, eu não o invejava por causa dessa rameira...

– Cuidado. – A voz de Duval era um rosnado raivoso.

– ...mas sem dúvida ela é muito mais do que qualquer um de nós imaginava.

– Alguns sabiam. – Duval lançou um olhar na direção de Crunard. Foi uma estratégia excelente. Tudo aquilo tinha sido tramado entre o chanceler e a abadessa, então que Crunard respondesse a seus furiosos colegas do conselho.

– Chanceler Crunard? O senhor sabia disso? Quem é ela, e o que acabou de acontecer lá fora?

Pelo canto do olho, vi os anéis de sinete de Crunard brilharem quando ele esticou os dedos longos.

– Ela foi enviada à corte pela abadessa de St. Mortain.

Senti todos os olhos do aposento mirarem fixamente minhas costas.

– Achei que elas eram como pesadelos – murmurou Rieux.

– Não – disse eu, com inocência. – Fui enviada pelo santo para ajudar nossa duquesa e nosso país, marechal Rieux. A menos que o triunfo da duquesa seja seu pesadelo, o senhor nada tem a temer.

Ele se virou acusadoramente para Anne.

– Sua Graça conhecia a identidade dela?

A duquesa empinou o nariz.

– Eu sabia que ela servia Saint Mortain e que ele a havia enviado para mim em minha hora de necessidade.

– Por que o resto de nós não foi informado? – perguntou o marechal.

Crunard deu de ombros.

– Achamos que, quanto menos soubessem, mais fácil seria manter a identidade dela em segredo. Sem dúvida, marechal, o senhor não me conta todos os detalhes de sua estratégia militar, não é?

Rieux ficou vermelho, mas não podia negar a verdade das palavras de Crunard.

– Não sei por que estão com tanta raiva. – Foi a própria duquesa quem falou. – Se não fossem as ações rápidas de *demoiselle* Rienne, eu estaria agora mesmo deitada em uma poça de sangue.

Houve um silêncio retumbante, em seguida o marechal Rieux se apressou a falar.

– Sua Graça nos entendeu mal. Estamos muito felizes por não ter se ferido. Mas será que temos tanta certeza de que o pobre homem não era apenas parte da diversão?

– Temos certeza – disse eu.

Rieux virou bruscamente a cabeça para mim.

– Como?

Meu olhar cruzou com o dele.

– Porque Saint Mortain guiou minha mão.

Os lábios de Rieux se estreitaram em uma linha fina, e ele deu um passo em minha direção. Não sabia quais eram suas intenções, mas o chanceler Crunard o deteve.

– Marechal Rieux!

Com as narinas dilatadas de irritação, Rieux se controlou.

– Quem quer que seja essa mulher – disse ele –, ela não deve participar de uma reunião do conselho. Você está dispensada, *demoiselle*.

Demonstrei claramente que o ignorava e olhei para a duquesa. Era a ela quem eu servia, não a ele.

– Espero seu comando, Sua Graça.

Pude ouvir os dentes de Rieux rangerem de frustração. Eu via claramente no rosto dela que estava relutante em me dispensar só porque Rieux lhe ordenara que o fizesse.

– Se Sua Graça permitir – expliquei com delicadeza –, tenho de cumprir certas tarefas em relação a seu agressor.

Ela assentiu graciosamente.

– Sem dúvida, *demoiselle*. Vá cuidar de suas tarefas.

– Para onde o corpo foi levado? – perguntei a Duval.

Seus olhos se estreitaram quando ele se deu conta do que eu estava

planejando.

– Eu mesmo vou lhe mostrar – disse ele. – Nós já terminamos.

– Não terminamos, Duval! – disse o marechal Rieux, frustrado.

– Eu terminei – disse Duval. Em seguida, tomou-me pelo braço com uma pegada de ferro e me conduziu para fora do salão. Quando ficamos sozinhos no corredor, puxei o braço. Ele imediatamente afrouxou seu aperto e resmungou desculpas. Seguimos o resto do caminho até as masmorras em silêncio. As contrações sob o olho esquerdo de Duval desencorajavam qualquer pergunta. Havia um único guarda diante de uma fileira de celas.

– Onde está o corpo? – perguntou Duval.

Ele apontou para uma cela maior.

– Ali, milorde.

Duval conduziu-me para dentro. Se o guarda achou aquilo estranho, foi sábio o suficiente para não fazer qualquer comentário.

O corpo do arlequim estava deitado no chão. A seta da besta tinha sido extraída de seu pescoço. Ninguém havia pensado em remover a feia máscara vermelha e preta. Ajoelhei-me no chão duro de pedra e a retirei com delicadeza. O que mais me impressionou no homem foi seu aspecto comum. Não era bonito nem feio, não parecia nobre nem plebeu. Era como se fosse uma tela em branco, esperando que um artista e suas tintas lhe dessem vida.

Duval veio, parou de pé ao meu lado e olhou fixamente para o corpo.

– Você o conhece?

– Não, milorde. Nunca o vi antes.

Duval franziu a testa enquanto pensava sobre aquilo.

– Então de onde ele veio?

– Vou fazer o possível para descobrir.

Ele levou um instante para se dar conta de minha intenção.

– Acha que é seguro? Com alguém tão perigoso assim?

Apesar de sua preocupação me agradar, encolhi os ombros, fingindo uma confiança que eu não sentia.

– Qualquer um pode tê-lo mandado. Não estamos mais perto de saber quem age contra a duquesa do que estávamos uma semana atrás. Que outro caminho está aberto para nós? Além disso, agora que está morto, que perigo pode oferecer?

– Mesmo assim – disse ele, sério. – Tome cuidado, Ismae.

– Sempre, milorde. – Eu lhe dei um sorriso tranquilizador, depois virei para o arlequim morto. Fechei os olhos e respirei para me acalmar. Em seguida, lentamente, ergui a barreira entre a vida e a morte. No início, não havia nada, por isso entrei mais profundamente na morte. Ainda assim, não havia nada além de um grande abismo negro, então percebi que o arlequim não tinha alma com a qual eu

pudesse me comunicar: eu senti apenas um grande vazio. Seria aquele o preço de agir sem a bênção de Mortain? Ter nossa centelha divina eliminada?

Senti um puxão lento e profundo daquele nada. Para meu horror, a escuridão avançou sobre mim, abraçando e puxando para seu vazio. Lutei para resistir, mas ela era firme, determinada – como a noite caindo, porém mais escura, mais negra, mais absoluta. E extremamente fria. Tal como a pele de uma pessoa gruda no gelo sobre um lago, minha alma se prendeu àquela vastidão gelada. Imediatamente, todo o frio normal da morte desapareceu, e em seu lugar senti dormência. Vazio.

Havia mãos em meu rosto, dando tapas delicados enquanto uma voz murmurava. Senti um leve tremeluzir de calor começar a se inflamar dentro de meu corpo. Com grande esforço, abri os olhos.

Duval estava ao meu lado, os olhos arregalados de preocupação. Eu tremia descontroladamente.

– Louvado seja Deus! – disse ele, levantando-me em seus braços e apertando-me forte em seu peito.

Seu coração batia forte contra minhas costelas, a velocidade quase se equiparando à do meu próprio coração. Calor emanava de seu corpo para o meu.

– Seu rosto está ganhando cor outra vez – disse ele. Era verdade, eu podia sentir o sangue circulando sob minha pele novamente. Ele pôs a mão em minha face e virou meu rosto para ele, tentando se certificar de que eu estava bem.

Eu lhe dei um sorriso tranquilizador que nada fez para aliviar meu próprio medo. Eu tinha acabado de ver meu destino, e sabia exatamente o que aconteceria comigo se saísse das graças de Mortain.



Os corredores estavam vazios quando Duval me acompanhou até seus aposentos; todos os convivas e convidados tinham voltado para suas casas. Quando chegamos a seus aposentos, ele me pôs em uma cadeira perto do fogo e pediu vinho quente com especiarias para me aquecer. Com o fogo e a capa de Duval, finalmente parei de tremer e consegui segurar o vinho quando ele chegou. Tomei um gole, saboreando o paladar doce e delicioso em minha língua.

– O que faremos agora?

– Temos de finalizar o acordo de casamento com o Sacro Imperador Romano e encontrar um modo de fazer com que todo o conselho concorde.

Minha mente foi imediatamente para madame Dinan e o marechal Rieux.

– E se não concordarem?

– Então precisaremos coroar Anne para que ela possa agir em seu próprio interesse soberano.

– O senhor tem um plano para expulsar Gisors do palácio para que ele não interfira na coroação?

Duval bufou de desprezo.

– Ainda estou resolvendo essa parte – disse ele, tomando um gole de vinho.

– Por que o senhor não pode simplesmente expulsá-lo? Escoltá-lo para fora e trancar a porta depois que ele sair? Pelo menos o tempo suficiente para coroar Anne?

– A regente francesa tem vários outros espões que a informariam imediatamente, e eles sem dúvida usariam isso como desculpa para invadir.

Nesse momento, ouvimos uma batida na porta do quarto. Duval e eu trocamos olhares, então ele foi atendê-la.

Era o capitão Dunois, parecendo desconfortável ao acenar com a cabeça para Duval.

– Preciso falar com o senhor. Sozinho – acrescentou ele, lançando-me um olhar.

Duval deu de ombros.

– Ela vai ouvir atrás da porta.

Os lábios do capitão Dunois se retorceram muito de leve.

– O conselho continuou a reunião depois que o senhor partiu – explicou ele. – As notícias não são boas. Eles acham que, por acidente ou intencionalmente, seus conselhos puseram a vida da duquesa em grave perigo.

Se Duval sentiu alguma dor por ter sido esfaqueado pelas costas pelo conselho, não demonstrou. Pousei meu vinho, com medo de derramá-lo ou jogá-lo na lareira de raiva.

– Em que eles baseiam essa acusação?

Dunois pareceu ainda mais desconfortável.

– No atentado contra a vida da duquesa, esta noite.

– Como isso pode ser culpa de Duval? – perguntei.

– Eu posso falar por mim mesmo – murmurou Duval.

Dunois nos ignorou.

– Eles acreditam que foi o resultado inevitável de todas as decisões e atitudes tomadas por Duval e Anne até agora. Confabular com traidores como Runnion e Martel, trazer uma assassina para a corte sem informar ninguém, negociar um acordo de casamento com Nemours sem autorização, o que acabou na morte dele... E, finalmente, encorajar a duquesa a repudiar publicamente um de nossos barões mais poderosos. Sem falar no plano de traição de sua mãe. Eles ainda não estão convencidos de que você não está envolvido nisso.

Duval não reagiu a essa longa lista de crimes até ouvir o último.

– Quem levantou isso? – perguntou bruscamente.

– O marechal Rieux.

Duval afundou a cabeça entre as mãos, mas eu não soube dizer se sentia derrota ou frustração.

– Sem dúvida a duquesa ou o chanceler falaram a favor de Duval, não? – perguntei. – Explicaram a verdadeira natureza de suas ações?

– A duquesa, sim – respondeu Dunois. – Mas, como a questão diante do conselho era se Duval estava exercendo influência indevida sobre ela, ninguém lhe deu ouvidos.

– Mas e o chanceler Crunard? – perguntei. – Foi basicamente ideia dele me instalar na casa de Duval. Ele também sabe por que Duval estava se reunindo com Runnion e Martel. E votou a favor da aliança com Nemours, em vez de uma com D’Albret. Ele não explicou nada disso?

– Não em detalhes. Ele defendeu Duval vigorosamente, mas os outros não foram demovidos.

– O que eles planejam fazer? – perguntou Duval.

– A intenção é prendê-lo pela manhã. Por sugestão do chanceler, estão considerando mantê-lo em prisão domiciliar em vez de mandá-lo para uma cela. Vamos nos encontrar logo no início da manhã e votar.

A injustiça flagrante daquilo me deixou boquiaberta, e encarei Dunois.

– Como eles podem ignorar todos aqueles que agiram tão abertamente contra a duquesa e trancafiar Duval com base em uma teia frágil de acusações falsas?

Dunois olhou para Duval, desconfortável.

– Porque eles se sentem impotentes e desejam tomar *alguma* atitude, mesmo que não seja a certa.

Quando Duval tornou a falar, foi como se estivesse extraindo as palavras de algum poço profundo em seu interior.

– E esse é o verdadeiro perigo – disse ele. – Vão achar que cuidaram da ameaça, quando não cuidaram. Quem quer que tenha planejado o ataque ficará livre para agir de novo. – Ele ergueu os olhos para Dunois. – Obrigado pelo aviso. – Algo sólido e amargo se passou entre eles.

Quando Dunois foi embora, Duval se pôs de pé e começou a andar de um lado para o outro em frente à lareira. Eu esperei que ele falasse. Como não fez isso, não consegui ficar em silêncio.

– Por que o chanceler não explicou ao conselho as razões por trás de seus atos?

Duval deu de ombros.

– Ele é uma raposa velha e astuta, e joga um jogo complexo. Talvez não quisesse que os outros vissem a mão dele nisso tudo e dirigissem

suas acusações e desconfianças em sua direção. Quem sobraria para cuidar da segurança de Anne nesse caso? Ou talvez ele simplesmente soubesse que estava em grande inferioridade numérica e não quis lutar por uma causa perdida.

– Foi ele quem me contou que o senhor quebrou seu juramento – disparei.

Duval parou e virou a cabeça bruscamente.

– Ele contou isso a você? Quando?

Dei de ombros.

– Quando eu estava no gabinete dele depois da Assembleia dos Estados.

– E, mesmo assim, você não disse nada.

Tornei a dar de ombros, sem saber se conseguiria explicar meu raciocínio. Sequer para mim mesma.

– Não perguntei ao senhor porque estava claro que ele queria que eu fizesse isso.

Duval deu uma gargalhada.

– Minha pequena rebelde.

Ignorei a discreta onda de prazer provocada por suas palavras.

– Mas também me pareceu que eu não tinha o direito de lhe perguntar sobre seu santo depois de me recusar a lhe contar qualquer coisa sobre o meu.

Ele me deu um olhar longo e reflexivo.

– E – fui forçada a acrescentar – a própria duquesa me falou sobre o incidente. Mas depois.

– Falou?

– Sim, quando eu estava fazendo companhia a ela após o ataque de D’Albret.

Os olhos de Duval permaneceram sobre mim por um longo instante, então ele se afastou e se dirigiu ao tabuleiro de xadrez. Eu me juntei a ele, e juntos olhamos para as poucas forças ainda protegendo a rainha branca.

– O que vai acontecer se eles removerem o senhor? – perguntei.

Duval estudou o tabuleiro com atenção, como se estivesse tentando extrair segredos dele.

– Aí não vai restar ninguém para falar em favor de Anne. Fera não pode fazer isso, nem De Lornay. Eles não têm posição o suficiente para influenciar o conselho.

– E Dunois?

– O capitão Dunois é o homem mais sólido e leal que você poderia querer, mas políticas, tratados e os jogos dos reinos não são seus dons. Sua força está em liderar homens em batalhas e compreender as táticas e estratégias da guerra.

Olhei para o tabuleiro, pensando na pobre duquesa, cercada por um

conselho inteiro com tão pouco interesse em seu bem-estar.

– Então o senhor não pode ser preso – disse eu.

– Mesmo se eu for, eles terão o mesmo resultado, não? Eles conceberam um plano brilhante. Talvez até queriam que Dunois falasse comigo. Se eu for preso ou for embora por minha própria conta, o efeito é o mesmo: fico impossibilitado de ajudar Anne. A menos que... – Duval começou a tamborilar os dedos no queixo.

– A menos que o quê? – perguntei com impaciência.

Ele se virou para olhar para mim, o rosto iluminado por um toque de alegria maliciosa.

– A menos que haja um jeito de eu sair sem me afastar. E se eles acharem que eu parti, mas eu não tiver partido?

– Está querendo se disfarçar? Sem dúvida seu rosto é conhecido demais para...

– Não. Vou me esconder bem debaixo do nariz deles. – Duval se virou e olhou para a lareira. Mais precisamente, para a parede ao lado da lareira. – O castelo possui várias passagens secretas. Com nosso país em guerra com tanta frequência, os palácios ducais sempre tiveram rotas de fuga para fora do castelo.

– Você pretende viver em túneis e passagens?

Ele deu de ombros.

– Não pode ser pior do que ser preso. E vai me dar uma chance de finalizar o acordo com o representante do Sacro Imperador Romano, Herr Dortmund, e enviá-lo daqui com um contrato assinado. Temo que esta seja a última chance de Anne, se ela não quiser acabar nos braços dos franceses ou de D'Albret.

– Mas o senhor não vai precisar das assinaturas do conselho privado?

– Vou falsificá-las. Este é apenas um acordo preliminar. Com sorte, quando o documento final estiver pronto, Anne terá sido coroada e poderá agir por conta própria.

Era um plano desesperado, mas o único que tínhamos. Passamos as horas seguintes organizando os detalhes, tentando antecipar todos os obstáculos que poderiam jogar nossa estratégia por terra.

Duval continuaria a visitar meu quarto toda noite. Ele não achava que o conselho chegaria ao ponto de colocar sentinelas na porta de meus aposentos. Eu não tinha tanta certeza.

Enquanto ele estivesse escondido, eu fingiria estar triste, e pediria minhas refeições em meu quarto, de modo a guardar comida para ele.

– O que devo dizer aos outros quando perguntarem aonde você foi? Crunard, pelo menos, com certeza vai me interrogar.

– Diga a eles a verdade. Você não sabe onde estou. Pois não vai saber. Eu posso estar em qualquer lugar do castelo, posso até sair, e ninguém, nem mesmo você, vai saber aonde eu fui.

– E a duquesa? O que ela vai pensar quando o senhor desaparecer?
– As passagens dão nos aposentos reais. Devo conseguir entrar em contato com ela. Mas não atrapalharia se você também tentasse lhe mandar uma mensagem.

– O que devo dizer a ela?

Ele tornou a olhar para o tabuleiro de xadrez.

– Diga a ela que não sabemos mais em quem ela pode confiar, que vamos mantê-la informada à medida que descobrirmos mais. – Ele olhou para a janela, depois de volta para mim. – Tenho de fazer alguns preparativos antes de partir.

Estávamos perto o suficiente para nos beijar e, por um longo momento, tão cheio de suspense que quase fez meu coração parar, achei que ele fosse fazer exatamente isso. Entretanto, apenas tocou meu rosto com os nós dos dedos.

– Então, até amanhã à noite.

Eu estremeci.

– Até amanhã.

Ele se virou para sair, mas antes parou e pegou a rainha branca do tabuleiro, envolvendo-a com os dedos como que para mantê-la em segurança.

Não me surpreendi por não conseguir dormir naquela noite. Fiquei acordada e pensei em Duval rastejando pelos túneis ocultos do castelo como um rato preso em uma parede. Pensei na duquesa, abandonada por todos os guardiões que o pai nomeara para ela. Mas, principalmente, pensei no conselho, no chanceler Crunard e no marechal Rieux, e fiquei me perguntando quem estava dizendo a verdade e quem estava mentindo.

Capítulo Trinta e Nove

Na manhã seguinte, quando abri as cortinas, os dedos congelados do inverno atravessaram o vidro e me despertaram. A verdadeira estação de Mortain estava sobre nós, e tudo estava frio, desolado e cinza.

A porta se abriu às minhas costas e Louyse entrou.

– Milady! Saia daí antes que pegue sua morte!

Suas palavras levaram um sorriso aos meus lábios. Será que ela pensava que a Morte era um passarinho com meu nome escrito, batendo na janela na esperança de que eu o apanhasse?

– Algo me aborreceu – disse para Louyse enquanto ela seguia na direção do guarda-roupa. – Hoje estou me sentindo melancólica.

– A senhorita e todo o palácio – murmurou ela, sombria.

Virei-me da janela e esfreguei um pouco meus braços, para trazer o calor de volta.

Depois que ela separou o vestido, eu a mandei buscar uma bandeja com o desjejum e corri para me vestir, com um plano se formando em minha cabeça. Minha primeira tarefa era escrever para a abadessa e lhe informar da tentativa contra a vida da duquesa.

Parei no meio da carta quando me dei conta de que o conselho privado nem tinha discutido quem poderia estar por trás da tentativa de assassinato. Pelo menos, não que eu tivesse ouvido.

Não podia ter sido D’Albret, pois, se Anne morresse, ele não teria como se tornar duque. A França, então? Será que os franceses supunham que Isabeau seria fraca demais para manter a coroa?

Até onde eu podia ver, apenas a França ganharia com a morte de Anne. E, por mais que eu pensasse nisso, não conseguia conciliar esse fato com o apoio morno do chanceler Crunard a Duval. Na esperança de que a abadessa pudesse lançar alguma luz sobre as possibilidades, encerrei a carta e mandei Vanth ao convento.

Após terminar, voltei minha atenção para o resto do dia e tentei pensar no que eu mesma podia fazer. Já tinha limpado todas as minhas armas, e madame Dinan não iria me admitir no solário. Além disso, naquela manhã o conselho privado estava se reunindo...

E então meu plano se formou.



Com todos no conselho privado, foi bem fácil entrar nos aposentos de madame Dinan e do marechal Rieux sem ser vista. Só precisei de um momento bem escolhido e do giro de uma lâmina fina como agulha para entrar. Os aposentos de Dinan eram bem parecidos com ela: tinham uma beleza fria, sem nenhum calor ou coração. Os aposentos de marechal Rieux eram grandiosos e suntuosos, o que não foi uma surpresa. Ele parecia o tipo que exigia luxos, não tanto pelo próprio prazer, mas por ser apropriado a um homem de sua posição. Mesmo assim, seu quarto não continha nenhuma prova ou indício de qualquer plano traiçoeiro.

Isso deixava apenas Crunard.

Senti o medo percorrer meus ombros quando pensei em revistar seu quarto. Ele era minha ligação com o convento, afinal de contas, e parecia ser de inteira confiança da abadessa. Eu duvidava muito que ela fosse me agradecer se eu o expusesse como traidor.

Mas ela estava a centenas de quilômetros de distância, e a jovem duquesa estava ficando sem opções. Suas necessidades pareciam mais urgentes do que a sensibilidade delicada da abadessa.

Voltei pelos corredores até o gabinete do chanceler. Era início de tarde, e eu temia que a reunião do conselho já tivesse terminado. Sem falar que, àquela altura, eles já teriam descoberto a ausência de Duval. Mesmo assim, eu precisava tentar.

Quando cheguei à porta do chanceler, projetei meus sentidos e percebi que ele estava lá. E não estava sozinho. Como não havia mais ninguém no corredor, encostei o ouvido na porta. Duas vozes masculinas soaram próximas. Com um susto, percebi que estavam junto da porta. Menos de um segundo depois, ela se abriu. Tentei parecer surpresa, com a mão erguida como se estivesse prestes a bater.

– Chanceler Crunard – disse eu.

Ele franziu a testa.

– *Demoiselle* Rienne. O que está fazendo aqui?

Foi muito difícil não olhar para o homem que Crunard acompanhava na saída de seu gabinete.

– Vim ver se o senhor sabe onde está milorde Duval. – Foi uma aposta ousada, mas não consegui pensar em outro motivo para explicar minha presença lá.

– Não, não sei aonde ele foi – disse o chanceler Crunard. – Eu ia mandar procurá-la para fazer a mesma pergunta.

Sem conseguir mais me segurar, olhei para o visitante de Crunard. Era Gisors, o enviado francês. Seus olhos verdes cintilantes me estudaram com atenção.

Crunard seguiu meu olhar e acenou bruscamente com a cabeça

para Gisors.

– Acho que eu já disse tudo o que havia para ser dito. – O calor de sua raiva estava evidente em sua voz. As narinas de Gisors se dilataram, então ele fez uma reverência rígida e foi embora. Quando estava fora de vista, Crunard se voltou para mim.

– Você não viu mesmo Duval hoje?

– Não, milorde. – Como não era mentira, estava segura de que ele ouviu um tom de confiança em minha voz. – Não o vejo desde ontem à noite, depois que deixamos o solário da duquesa. O senhor não o encontrou em seus aposentos?

Crunard sacudiu a cabeça.

– Ele sumiu. Seu mordomo disse que, hoje de manhã, quando foi despertá-lo, ele não estava lá. Se encontrá-lo, diga a ele que estou à sua procura, está bem? Lembre-o de que fugir só faz com que pareça mais culpado. – Seus olhos estavam frios e duros, e me lembraram uma ave de rapina.

Inclinei a cabeça para o lado e franzi as sobrancelhas, intrigada.

– Culpado, milorde? Fugir? Não tenho certeza se compreendo o senhor.

O rosto dele relaxou e pareceu um pouco menos violento.

– Não é nada, *demoiselle*. Apenas discussões da reunião do conselho. Só isso.

– Está bem. – Fiz uma cortesia, em seguida virei-me e segui direto pelo corredor, com cuidado para não acelerar nem aumentar meus passos, como se não tivesse nada a esconder.

Quando cheguei ao meu quarto, fechei rapidamente a porta, apoiando-me nela. Aquela foi por pouco.

Um arranhão na janela me deu um susto. Quando vi que era um corvo, meu pulso se acelerou em antecipação. Abri o vidro e o animal aguardou pacientemente que eu pegasse a mensagem que ele trazia.

Caríssima filha,

Recebi muitas informações do chanceler Crunard, mas poucas suas. Talvez sua mensagem esteja a caminho daqui neste exato momento.

O chanceler me informou sobre a trama da prostituta francesa para colocar o filho mais jovem no trono bretão. Não há dúvida de que isso é traição aberta, e ela deve morrer.

Providencie isso imediatamente.

Fazia tanto tempo que eu não usava aquele epíteto que levei um momento para me dar conta de que o bilhete se referia à madame Hivern.

O convento estava me mandando matar a mãe de Duval.

Capítulo Quarenta

Por mais que eu olhasse para o bilhete, a ordem simplesmente não fazia sentido. A ameaça apresentada por Hivern e François era pequena em comparação a todas as outras enfrentadas pela duquesa. E eles não tinham feito nenhum movimento aberto.

Será que a irmã Vereda havia se recuperado e visto isso? Ou a decisão era baseada totalmente nas informações do chanceler Crunard? Minha cabeça estava tão cheia de perguntas que parecia prestes a explodir.

Quando Louyse chegou com a bandeja do jantar, nem olhei para a comida. Em vez disso, sentei-me de frente para o fogo pensando profundamente sobre o problema que não devia ser problema nenhum. O convento tinha me dado uma missão, que era ainda mais fácil pelo fato de eu não gostar nada de madame Hivern. Eu a achava irritante e pretensiosa. Mesmo assim... matar a mãe de Duval? Ele podia ser violentamente contra os planos dela, mas amava sua família.

E por que Hivern? Por que Mortain decidiu que eu devia agir contra ela e deixou que D'Albret continuasse sem marca nenhuma? Seria porque ela era totalmente francesa? Mas, se essa fosse a razão, por que ele não tinha marcado Gisors?

E como eu contaria isso a Duval?

Na verdade, eu não podia. Fui covarde, o pior tipo de covarde, e fingi estar dormindo quando ele chegou. Quando a pesada porta de madeira ao lado da lareira rangeu e abriu, permaneci deitada, tão imóvel quanto a morte, forçando minha respiração a ficar devagar e regular, desejando que o sangue circulasse mais lentamente em minhas veias.

Senti Duval se aproximar da cama e me olhar por uma, duas, três respirações, e depois se afastar. Então se serviu uma taça de vinho, bebeu de um gole só, e depois se serviu outra. Ele estava irrequieto, e eu, cheia de remorso. Ele tinha passado o dia inteiro oculto entre as pedras das paredes do palácio e, sem dúvida, estava ansioso por notícias, mas eu não sabia como falar com ele sem lhe contar sobre as ordens do convento. Temi ter esquecido como mentir para ele, o que me perturbava quase tanto quanto minha nova missão.

Quando ele finalmente parou de andar de um lado para o outro por tempo suficiente para comer o jantar que eu tinha deixado perto do fogo, comecei a relaxar. Minha covardia havia sido premiada, e eu não teria de contar a Duval que devia matar sua mãe. Pelo menos, não naquela noite.



Na manhã seguinte, disse a Louyse que não estava me sentindo bem e que não queria ser incomodada. A primeira coisa que fiz foi escrever à abadessa explicando que eu estava aguardando provas concretas antes de lhe enviar relatórios sobre a trama de Hivern. Assegurei a ela que tinha aprendido a lição, e que a informaria sobre os acontecimentos com maior presteza a partir de então. Em seguida, escrevi a Annith e perguntei se a abadessa estava com muita raiva de mim. Era melhor saber o tamanho da encrenca em que tinha me enfiado.

Passei o resto do dia planejando como matar madame Hivern.

Normalmente, não nos preocupávamos muito em esconder nossas mortes. A principal razão da farsa de posar como amante de Duval era me permitir acesso mais fácil à corte. Se os barões e nobres soubessem que eu era do convento, teriam ficado cautelosos e desconfiados perto de mim. Normalmente, o convento preferia anunciar a justiça de Mortain como forma de alerta e dissuasão. Mesmo assim, naquele caso, eu achei melhor ser discreta.

Veneno, então. Eu tinha certeza de que essa seria a escolha de Hivern, se ela tivesse escolha.

Tirei a corrente dourada do pescoço e usei a chave para abrir o pequeno baú. Houve um leve tilintar de vidro quando ergui a tampa. As pérolas seriam mais fáceis, mas elas deixavam sinais de veneno. O Abraço do Mártir e o Flagelo eram dolorosos demais. A Angústia de Amourna, chamada assim por conta dos amantes proibidos de se casar, podia funcionar. Assim como o Laço de Arduinna.

Olhei para o potinho de cerâmica com uma pasta grossa cor de mel guardado no canto do baú. O Laço de Arduinna era sutil e facilmente absorvido pela pele, mas imprevisível demais para o meu gosto. Era impossível saber quem iria tocar o objeto envenenado ou se ele seria absorvido o suficiente para matar a vítima.

Infortúnio Noturno. Hivern iria simplesmente dormir e nunca mais acordar, desaparecendo no nada, mas ela odiaria que sua aparência tão bem cuidada murchasse desse jeito.

Franzi o cenho. Por que estava me preocupando com os sentimentos dela em relação à sua morte? Era isso que acontecia com traidores.

Peguei o frasco de Infortúnio Noturno, mas minha mão ficou imóvel quando vi as finas velas brancas abaixo dele. Murmúrio da

Noite. Morte indolor por um perfume intoxicante, a escolha perfeita para madame Hivern.

Só para não ficar cheia de remorso quando contasse a Duval como sua mãe tinha morrido.

Capítulo Quarenta e Um

Já tinha escurecido havia muito tempo quando me dirigi para os aposentos de madame Hivern. A sorte estava comigo: ela não estava lá, por isso entrei. Eu me fortifiquei com a ideia de que ela provavelmente estaria tramando uma traição. Escolhi um esconderijo atrás de uma tapeçaria grossa pendurada em sua parede e me preparei para esperar.

Não demorou muito. Ela entrou no aposento conversando com sua criada sobre o colar charmoso que um admirador tinha lhe dado e calculando seu valor. Esperei que a criada a despisse e escovasse seu cabelo. Bloqueei o som de seus murmúrios baixos enquanto falavam sobre as recentes comemorações de Natal e o que madame Hivern daria a François. Em vez disso, concentrei-me no desprezo de Hivern por mim desde que nos conhecemos, e em como ela era cruel com Duval.

Finalmente a criada se foi, e ouvi o farfalhar de cobertas quando Hivern deitou-se na cama. *Agora*, pensei, com tanta certeza como se Mortain tivesse posto Sua mão em minhas costas e me empurrado. Saí de trás da tapeçaria, tirei a vela cheia de Murmúrio da Noite das dobras de minha saia e me aproximei da cama.

Quando minha sombra se projetou sobre ela, madame Hivern levou um susto e se sentou.

– O que você está fazendo aqui? – A voz dela soou aguda devido à surpresa, talvez até medo. Ignorei sua pergunta e levei a vela mortal até a pequena chama da lamparina a óleo em sua mesa de cabeceira, até acender. Lentamente, virei-me para encará-la. Na meia-luz do quarto, pude ver a marca de Mortain sobre ela: um leve toque de escuridão que começava logo abaixo do queixo e descia para a garganta. A marca se espalhava pelo pescoço como um hematoma começando a se formar, chegando até seu peito exposto pela *chemise* decotada. Aquilo foi um grande conforto, pois, se Mortain a havia marcado, a ordem do convento não podia ser resultado de alguma trapaça de Crunard.

– Você é uma espiã, não é? – A voz de madame Hivern tinha um tom de alarme. Ela parecia mais jovem, mais vulnerável, sem todas as suas joias finas e redes de cabelo elegantes.

– Alguns poderiam dizer que sim, mas não é o que sou.

Ela deu uma gargalhada.

– Eu devia saber que Duval não se interessaria por uma simples criada.

– Milorde Duval não está interessado em mim – disse eu bruscamente. – Nós apenas trabalhamos juntos. Nosso amor e dever com a duquesa é a única coisa que temos em comum. – Percebi que devia me aproximar para que a fumaça da vela agisse com mais rapidez, mas meus pés estavam pesados e relutavam em se mover.

– Quem quer que você seja, está muito equivocada se acha que Duval não está interessado em você. Se há uma coisa que conheço são os homens. E sem dúvida conheço meu próprio filho. Ele está apaixonado.

– Não é verdade! – Discutir daquela maneira com uma vítima enquanto aguardava que a morte a levasse era humilhante, e minha voz saiu mais aguda do que era minha intenção.

Ela inclinou a cabeça para o lado e me estudou, como se estivéssemos simplesmente tendo uma conversa enquanto tomávamos vinho com especiarias.

– Ah – disse ela, a voz cheia de uma sabedoria quase tão antiga quanto a de Mortain. – Você também o ama.

Cerrei os dentes, mas não disse nada.

– Não a culpo por ficar aborrecida, Ismae. Não é algo confortável ter seu coração nas mãos de um homem, especialmente um homem como Duval.

Não consegui me segurar.

– O que quer dizer com isso?

– Ele é um que põe a honra e o dever acima de tudo, não importa o custo que isso tenha para ele. Nem para você.

Suas palavras me agradaram, pois, apesar de serem um aviso, confirmavam aquilo em que eu mesma passara a acreditar: que ele era leal e sincero com a duquesa.

– Infelizmente a senhora não tem sua própria honra em tão alta estima, madame.

Ela franziu a fronte de leve.

– O que quer dizer?

– Quero dizer que a senhora é uma traidora da coroa da Bretanha, e por isso deve morrer. Foi um comando de Mortain.

Ela levou a mão à testa.

– É por isso que está ficando quente aqui dentro?

Fiquei impressionada por ela não desmaiar, gritar nem pedir ajuda.

– Sim, milady. Isso é o veneno começando a funcionar.

– Veneno? – Seu rosto relaxou um pouco. – Obrigada por isso. Não gosto muito de coisas pontiagudas. Nem de dor.

Sua compostura me surpreendeu, pois sempre a imaginei tensa e agitada.

– Quem, além de François, está envolvido em suas tramas e conspirações?

Ao ouvir o nome do filho, ela ficou rígida de medo.

– Não! Não François! Não erga sua mão contra ele! – Ela se levantou da cama, percorreu a distância entre nós e segurou meus ombros. Fiz uma expressão de dor quando seus dedos magros se cravaram na minha ferida ainda sensível.

– Fui eu, tudo eu. François não queria ter nada a ver com isso. Você não deve matá-lo. Prometa-me!

– Não posso fazer tal promessa. Se meu santo me mandar agir, deverei agir, mas, se François é inocente, Mortain não vai erguer a mão contra ele.

Ela me empurrou e se afastou, com o rosto corado.

– Não queira nos julgar, menina idiota. Você não sabe como é ter sua vida controlada por homens. Homens que não se importam nem um pouco com você além do prazer que você pode lhes proporcionar na cama ou de como você pode funcionar como um belo enfeite decorando seus braços. – Ela cerrou os punhos. – Você não tem ideia do que é não ter escolhas, nada que possa chamar de seu, nem mesmo seus filhos.

– Mas eu sei, madame – disse com tranquilidade. – Eu lhe asseguro, nenhuma mulher tem as escolhas que a senhora está dizendo. Nenhuma mulher pode escolher com quem vai se casar, nem em que família nascer, nem mesmo qual vai ser seu papel neste mundo. Não sou diferente da senhora nesse ponto, só no que eu fiz com meu quinhão.

– O que eu podia fazer quando tinha apenas catorze anos, e o rei da França decidiu me levar para sua cama a qualquer custo? Que escolha eu tive quando ele morreu? Por isso escolhi o duque. Ele era jovem, bonito e bom. E, acima de tudo, apaixonado por mim. Esse poder, o poder de atrair os homens, era a única arma que eu tinha.

Para meu horror, eu senti simpatia por ela.

– E depois de ter filhos, tentei de tudo ao meu alcance para garantir a eles algum nível de respeito e segurança. Você sabe como pode ser difícil a vida de um bastardo? Como eles são dispensáveis?

Suas palavras me fizeram pensar em minha mãe pela primeira vez em anos. Se ela tinha tentado me proteger assim como madame Hivern protegia seus filhos.

Ela afastou o cabelo dourado do rosto e me lançou um olhar de desprezo.

– Esse amor que você sente por Duval não é nada em relação ao amor que você sentiria por seu filho. Acredite em mim, pelo menos

nisso.

Um filho. Algo em que eu nunca tinha sequer me permitido pensar. A compreensão veio de meu âmagô. Se eu tivesse um filho, eu o protegeria e lhe serviria com tudo o que estivesse a meu alcance.

A compreensão me atingiu com a força de uma seta de besta: nós éramos iguais, Hivern e eu. Duas mulheres, ambas impotentes em relação a nosso próprio destino. Quem poderia dizer que eu não teria feito exatamente o mesmo que ela se tivesse nascido nas mesmas circunstâncias? A vida que eu teria levado com Guillo se descortinou à minha frente, sua prole pendurada em minha saia. Será que eu teria conseguido amá-los? Protegê-los? Será que eu teria agido de modo diferente de Hivern?

Ela cambaleou e desabou sobre a cama, toda sua energia e resistência se esvaindo de uma vez.

– Quanto tempo isso vai levar? – ela perguntou, e percebi que eu estava quase me afogando em minha relutância. Sem entender minhas intenções totalmente e com um movimento rápido que eu não soube se tinha sido meu mesmo, meus dedos se ergueram e apagaram a chama. Fui até a janela e a abri, deixando que o ar frio e purificante entrasse e expulsasse o aroma forte e doce.

Os dentes de Hivern começaram a bater.

– O qu-que você est-tá fazendo? Est-tá frio.

Quis gritar para ela que não sabia o que estava fazendo, que talvez eu tivesse enlouquecido. Em vez disso, fui até a cama.

– Levante. – Eu a segurei pelo braço e a ergui. – Ande.

Ela olhou para mim como se eu estivesse louca, e talvez estivesse.

– Não quero andar. Quero dormir. Não é isso o que você quer?

– Ande! – ordenei. – Tenho uma ideia, um plano para proteger a senhora e François. – Isso fez com que os pés dela se mexessem.

Seu olhar turvo tentou focar o meu, com urgência.

– O que é?

– A senhora disse que não tem escolhas na vida, mas eu vou lhe dar uma escolha. Só que precisamos andar enquanto faço isso, para expulsar o veneno de seu corpo. Do contrário não restará nenhuma opção para a senhora.

Ela olhou para mim, com seus lindos olhos azuis confusos e esperançosos. Eu a sacudi.

– Mexa-se. Preciso que esteja raciocinando direito quando fizer sua escolha. – Mas isso era apenas parcialmente verdade. Eu também precisava de tempo para organizar meus pensamentos.

Não podia acreditar que estava me recusando a executar uma ordem do convento. Olhei para a marca no rosto de Hivern. Uma coisa era trabalhar com Duval pelo bem da duquesa, ou não contar a Crunard sobre o paradeiro de Duval. Mas aquilo... aquilo era agir

exatamente em oposição às ordens do convento. E de Mortain.

Minha mente se fixou em minha primeira morte, Runnion, que também apresentara a marca. Duval insistia que Runnion estava trabalhando para a duquesa para purificar a alma. Essa informação me assombrava desde então, a ideia de ter roubado dele sua oportunidade de perdão.

E se eu pudesse dar a madame Hivern a escolha que havia tirado de Runnion?

E se eu conseguisse convencer Hivern a renunciar a seus pecados e, assim, obter o perdão? Sem dúvida isso não era agir contra o convento, nem contra o santo. Não seria apenas outro modo de realizar Seu desejo?

Se Ele não removesse a marca dela, seria fácil armar uma segunda morte. E então eu também saberia que minhas ações contra Runnion não tinham custado a ele seu perdão.

Após dar três voltas no quarto, Hivern ainda estava tremendo, mas agora era apenas de frio, e não dos efeitos do Murmúrio da Noite. Só então apresentei a ela minha oferta de salvação.

– Milady, se a senhora e François se apresentarem diante de toda a corte e fizerem um juramento de fidelidade à duquesa, talvez eu possa poupar a vida de vocês. Mas só se o juramento for de coração e vocês tiverem a intenção de cumpri-lo. Eu posso não saber se estão mentindo, mas Mortain sem dúvida saberá, e ele guia minha mão em todas as minhas ações.

– Se poupar meu filho, eu lhe prometo qualquer coisa – jurou ela.

– Se François for inocente, ele não hesitará em jurar fidelidade à irmã.

Ela agarrou meu braço e caiu de joelhos, suplicante.

– Ele não terá problemas com uma coisa dessas – disse ela. – Na verdade, ficará feliz em fazê-lo. Assim como eu.

Eu a observei de perto, mas a marca não havia desaparecido. Torcendo para não estar cometendo o maior erro de minha vida, eu a segurei pelo braço e a pus de pé.

– Então, muito bem. Eis o que vamos fazer.

Capítulo Quarenta e Dois

Naquela noite, a duquesa jantou em seus aposentos outra vez, por isso o resto da corte fez o mesmo. Eu não estava com fome, o que era bom, pois Duval precisaria de toda a comida que Louyse me trouxesse.

Dispensei a mulher mais cedo com a desculpa de estar com dor de cabeça e tomei a precaução de trancar a porta. Então sentei perto do fogo e esperei. Repassei minhas ações da tarde pela centésima vez, torcendo – rezando – para ter tomado a decisão certa.

Quando Duval chegou, seu gibão estava desamarrado, e as mangas de sua camisa, enroladas. Seu cabelo estava todo em pé, como se tivesse ficado o dia inteiro passando os dedos por ele. Quando me viu totalmente vestida e sentada junto ao fogo, sua mão foi para o cabo da espada e seus olhos percorreram o quarto.

– Muita coisa aconteceu desde a última vez que conversamos – eu disse rapidamente para tranquilizá-lo. – Não queria correr o risco de dormir nem deixar de vê-lo.

Contente por não haver nenhuma armadilha à espera, Duval entrou no quarto e sentou na cadeira ao meu lado. Ele me lançou um olhar astuto, depois tirou a rainha branca do saco de couro preso a seu cinto e a pôs no braço da cadeira.

– Está feito – disse ele.

– O que está feito?

Um sorriso surgiu nos cantos de sua boca enquanto ele enchia uma taça de vinho.

– Fechamos os termos do acordo de casamento entre o Sacro Imperador Romano e a duquesa. – Ele levou o cálice aos lábios animadamente e o bebeu inteiro.

– Mas isso são boas notícias!

Um sorriso irônico passou brevemente por seu rosto.

– Você estava esperando más notícias?

– Na verdade, estava. As coisas parecem ir contra a duquesa o tempo inteiro.

Ele virou a cabeça bruscamente.

– Ocorreu algum novo desastre com a duquesa?

– Não, milorde. Na verdade, eu também tenho boas notícias.

Ele ergueu o jarro e tornou a encher sua taça.

– Sua mãe e seu irmão concordaram em jurar fidelidade à duquesa diante do conselho privado e todos os barões da corte.

Ele deixou o jarro cair na mesa com um ruído surdo.

– Concordaram?

– Concordaram.

Observando-me com atenção, ele perguntou:

– E como, explique-me, esse milagre aconteceu?

Afastei o olhar de seus olhos penetrantes e virei-me para as chamas que dançavam na lareira. Embora tivesse toda intenção de contar a verdade, temi que ele enxergasse mais do que eu desejava que visse.

– Recebi ordens do convento.

Não houve nenhum som, apenas o crepitar suave do fogo.

– Entendo – disse ele por fim. – Ou melhor, não entendo, pois, se você recebeu ordens do convento, eles deveriam estar mortos, não?

– A ordem foi apenas para sua mãe, e quando fui... visitá-la, outra opção se apresentou.

– Continue.

– O senhor não parece muito surpreso, milorde.

– Não estou surpreso, não. Eu sabia que isso era uma possibilidade desde o momento em que a trouxe para cá. Lembre-se, eu sempre soube dos planos dela.

Talvez por isso ele tivesse se oposto à minha vinda com tanta veemência.

– Ocorreu-me que, se ela tinha sido marcada para morrer devido a suas tramas contra a duquesa, talvez se renunciasse a essas tramas poderia obter perdão, e o santo tiraria a marca dela.

– E tirou?

Limpei a garganta.

– Ainda não. Mas não acho que ele vá rever seu julgamento até que o juramento saia dos lábios dela. – Arrisquei olhá-lo de relance. Seu rosto estava corado, mas eu não sabia se era por causa de minhas palavras ou do calor do fogo, ou talvez do vinho que ele havia bebido com tanta rapidez. – Assim como a marca de Runnion não o havia deixado antes que realizasse seu ato de contrição, é o gesto de expiação que remove a marca, não apenas o desejo. Pelo menos, é nisso em que acredito.

– O convento sabe que você tomou as rédeas da situação dessa maneira?

– Não. – Dei um sorriso torto. – Ainda não.

– E Crunard?

Sacudi a cabeça.

– As ações que o convento toma ou deixa de tomar não são assunto dele. Ou não deveriam ser. Mas desconfio que Crunard vai descobrir

bem rápido, já que foi ele quem informou o convento sobre as armações de sua mãe.

Duval me observou com curiosidade.

– Não foi você?

Subitamente constrangida, levantei para pegar sua bandeja de jantar.

– Não. Ainda não tinha tido oportunidade de escrever para a abadessa. – Sentindo seus olhos sobre mim, mexi na bandeja, reordenando a comida e os pratos. Só quando ele afastou os olhos me senti confortável o suficiente para me virar. Mesmo assim, tomei cuidado para que nossos olhares não se cruzassem quando pus a bandeja diante dele.

Quando consegui erguer o rosto, ele estava com a rainha branca na mão, estudando-a, com as escuras sobrancelhas franzidas.

– Preciso encontrar um modo de contar à duquesa que madame Hivern e François precisam jurar fidelidade a ela. Eu esperava que você tivesse alguma ideia sobre como fazer isso sem informar a ela toda a extensão da traição deles.

Ele inclinou a cabeça, lembrando-me momentaneamente de Vanth.

– Você quer ocultar isso dela?

– Desejo proteger seu jovem coração de mais sofrimentos. Quantas pessoas mais podem traí-la?

– Quantos outros barões existem? – foi sua resposta inquietante.



E assim, no dia de Natal, madame Hivern e François se ajoelharam diante da duquesa e juraram fidelidade eterna a ela. E com sinceridade.

Madame Hivern passou muito perto de sua própria morte e tinha consciência da misericórdia que foi concedida a ela e ao filho.

Enquanto eu a observava fazer o juramento, a marca roxa como um hematoma lentamente desapareceu de seu pescoço. Perdi o fôlego e meus joelhos fraquejaram de alívio. Mortain tinha realmente concedido a ela sua misericórdia. O que significava que eu não havia falhado com Ele nem subvertido Seu desejo. Meu coração se encheu de alegria quando percebi que não tinha perdido Sua graça.

Quando a cerimônia terminou, saí discretamente e voltei para meu quarto, ansiosa para dar a notícia a Duval. Os criados estavam fazendo a própria festa, e meu quarto estava escuro, exceto pelo brilho vermelho da lareira. Lá fora estava quase totalmente escuro, e pouca luz entrava pelas janelas. Justo quando virei para acender algumas velas, ouvi o som de um arranhado na janela, e um grasnado baixo. Vanth.

Corri até o postigo. Quando o abri, o corvo voou para dentro, um

amontoado de penas negras e asas agitadas. Pelo menos ele não tentava mais bicar meus dedos.

Vanth pousou perto da gaiola e inclinou a cabeça. Ele grasnou e ajeitou as penas antes de entrar. Não me apressei para tirar o bilhete dele, sem saber se queria ler a repreensão que, eu tinha certeza, a madre superiora havia me enviado. Finalmente peguei a mensagem da pata de Vanth, rompi o lacre e desenrolei o pergaminho.

Filha,

Outra vez não recebi notícias suas sobre os acontecimentos mais recentes na corte e preciso confiar no chanceler Crunard para me guiar. O que ele me contou é tão chocante que mal posso acreditar. Não só a prostituta francesa ainda vive, mas você deixou de me informar sobre a verdadeira lealdade de Duval. O chanceler expôs o caso contra Duval e não há qualquer dúvida de que ele é culpado. Ele afastou todos os aliados da duquesa, um por um, e quando isso falhou, tramou uma tentativa de assassinato contra ela. Você sabia o tempo todo que ele estava espionando para a regente francesa? Ou ficou cega para seu verdadeiro objetivo? Na verdade, a única razão para que eu não a considere cúmplice dele foi o chanceler ter me informado que foi você quem salvou a vida da duquesa.

Duval deve pagar por seus crimes, e você deve pagar por sua negligência. Elimine-o imediatamente, depois faça suas malas e volte de uma vez para o convento, para que eu decida o que deve ser feito com você.

Meu coração quase parou, e o bilhete caiu de meus dedos dormentes e flutuou até o chão. Apertei as palmas sobre os olhos, na esperança de expulsar as palavras de minha mente. Mas não adiantou. Eu havia recebido a ordem de matar Duval.

Os desejos de meu convento tinham colidido com os caminhos de meu coração.

Capítulo Quarenta e Três

Lentamente, como se cada osso em meu corpo tivesse se transformado em cera derretida, escorreguei até o chão. Como aquilo era possível? Será que a abadessa não tinha recebido minha carta mais recente? E Crunard? Será que ele realmente acreditava em seus próprios argumentos, ou tinha algum propósito mais sombrio? Pois tudo de que ele acusava Duval podia muito bem ser trabalho dele mesmo.

Comecei a relembrar cada conversa que tive com o chanceler, à procura de furos na capa de lealdade que ele usava com tanta sinceridade. Tinha sido ele o primeiro a sugerir a culpa de Duval? Ou a abadessa? Ele insistiu muito para que eu desviasse o foco de minha atenção de D'Albret para Duval. E foi ele quem informou o convento tanto sobre Runnion como sobre Martel. Será que ele havia deliberadamente provocado aquelas duas mortes com o objetivo de agir contra a duquesa? Mas por quê?

E, mais importante, a irmã Vereda estava bem o suficiente para ter visto aquilo? Com certeza não, pois Mortain não teria enviado uma visão falsa, e eu sabia que essas acusações eram falsas. Mesmo ouvi-las da abadessa não me convenceu do contrário.

Quando meu cérebro se exauriu de tantas perguntas sem respostas, decidi rezar. Abri meu coração para Mortain e rezei como nunca tinha rezado antes. Mas, enquanto tentava escutar Sua voz, tudo o que consegui ouvir eram o chanceler Crunard e a abadessa.

Após algum tempo, um bom tempo, levantei e alisei a saia. Estava tão vazia por dentro que parecia ter deixado no chão alguma parte vital de mim. Eu sabia, *sabia* que o convento estava enganado. Eles tinham recebido informações falsas ou chegado à conclusão errada. Ou os dois. Minha própria arrogância me chocou; mesmo assim, eu tinha certeza de que eles estavam errados. O fato de o convento ser capaz de cometer tamanho erro me deixou nervosa. Freiras não deveriam cometer erros.

Ouvi um arranhar perto da lareira quando a pesada porta começou a se abrir. Duval! Sem pensar, amassei o bilhete e o joguei no fogo. Observei as ordens do convento se transformarem em cinzas enquanto Duval entrava no quarto. Para minha grande surpresa, ele seguiu

direto em minha direção, abraçou-me pela cintura e girou comigo pelo aposento como se estivéssemos dançando.

– A maré está virando! – disse ele, com os olhos brilhando. – D’Albret se foi, o acordo com o Sacro Imperador Romano está finalizado, o rei inglês está mais perto de concordar com nossos termos, e as tramas de minha família terminaram!

Fiquei sem fôlego com seus giros e tentei sorrir também, agir como se nada tivesse mudado, mas meu rosto parecia congelado. Empurrei suas mãos, mas elas não se moveram de minha cintura.

– Realmente – disse ele, reduzindo a velocidade –, seu santo faz milagres. – Quando olhou em meus olhos, seu sorriso desapareceu e seus olhos ficaram sombrios de emoção. Lentamente, ele se inclinou em minha direção.

Seus lábios estavam quentes e macios ao tocarem os meus. Sua boca se movia com urgência, como se ele estivesse tentando experimentar toda nuance e curva da minha. Fui tomada por uma certeza absoluta; sentia como se tivesse esperado minha vida inteira só por aquele momento.

A boca dele se abriu um pouco, e ele mudou o ângulo do beijo, levando-me a fazer o mesmo, e me perdi em um mundo novo de sensações. Seus lábios eram macios se comparados às mãos fortes e calejadas que seguravam minha cintura. Ele tinha um leve sabor de vinho e vitória, e algo amargo e adstringente.

De repente, percebi que meus lábios começaram a formigar, e então ficaram dormentes.

– Milorde! – exclamei, assustada, e afastei-me.

Ele olhou para mim com olhos cheios de desejo, as pupilas tão dilatadas que tinham engolido todo o cinza de seus olhos. Não podia ser! Aproximei-me outra vez e apertei meus lábios contra os dele, passando a língua de leve por seus lábios e pelo interior de sua boca. Enquanto ele respondia, puxando-me mais para perto, o aroma acre encheu meus sentidos.

Recuei e tirei suas mãos de minha cintura.

– Milorde! – repeti, na esperança de que ele percebesse a urgência em meu tom. – Pare. Pense. O que o senhor comeu hoje?

Ele me encarou com a testa franzida, tentando compreender minhas palavras, como se eu estivesse falando uma língua estranha de uma terra distante.

– Nada além do que você me deu ontem à noite. Por quê?

Debrucei-me para perto dele e dei outro beijo suave em seus lábios. Para ter certeza, disse a mim mesma.

– O senhor foi envenenado. Posso sentir o gosto.

Percebi sua pulsação acelerar abaixo de seu pomo de adão.

– Envenenado? – repetiu, como se a palavra fosse nova para ele.

Levei o indicador aos lábios e os provei outra vez.

– Sim – murmurei.

Seus olhos se encheram de uma tristeza indescritível.

– Você...

– Não! – Eu segurei seu rosto, sua barba por fazer áspera na palma de minhas mãos. – Não fui eu quem o envenenou. Eu juro! – Torci para que ele não insistisse e não perguntasse se o convento estava por trás daquilo, pois eu não sabia a resposta. Será que a madre superiora não confiava em mim para fazer o que ordenara? Ou outra pessoa tinha tomado o problema nas próprias mãos?

Então ele sorriu, um sorriso rápido e misterioso, que expôs a covinha que eu tinha visto apenas duas vezes antes. Quase caindo de alívio por ele acreditar em mim, sorri de volta. Ele estendeu as mãos e segurou meu rosto.

– Eu não devia ter desconfiado de você – sussurrou, baixando sua boca até a minha.

O sabor do veneno estava forte em meus lábios e me puxou de volta para a questão imediata.

– Tem certeza de que não comeu nada nem bebeu nenhum vinho além do que eu lhe dei? Percebeu algum gosto estranho?

Ela bufou com desprezo.

– Não e não. Se tivesse, eu não teria comido.

Mas havia centenas de venenos, muitos deles sutis demais para serem detectados pela língua. Outros eram ministrados por meios diferentes.

– Então talvez tenha passado através de sua pele.

Ele abriu os braços.

– Como pode ver, tudo o que me restou foram minhas roupas.

– Eu sei, e são elas que eu gostaria de examinar.

– O quê?

– O veneno pode ter sido posto em suas luvas, em seu gibão, sua camisa, seu chapéu, qualquer coisa que toque sua pele.

Ele piscou, finalmente compreendendo o que eu estava dizendo. Com um movimento brusco, levou as mãos ao cinto, arrancou as luvas presas ali e as jogou no chão. Agora nervoso, como se suas roupas estivessem cobertas de urtiga venenosa, ele tirou o cinto, depois arrancou o gibão por cima da cabeça e o jogou na cadeira.

Corri para examinar cada peça, todas elas ainda com o calor de seu corpo, mas não havia resquícios de veneno. Nenhum resíduo ceroso, nenhum traço de aroma.

– Não há nada aqui – disse a ele. – Posso ver suas botas?

Ele recuou, horrorizado.

– Você não vai cheirar minhas botas – disse bruscamente. Ele foi até a cadeira, se jogou nela e tirou as botas. – Como seria esse cheiro?

– perguntou.

Dei de ombros, odiando aquele sentimento de impotência.

– Depende do veneno. Pode ter um cheiro doce como o mel, ou como laranjas azedas. Alguns têm um cheiro de metal. – Meu coração vacilou diante de todas as possibilidades, pois como poderia curá-lo se não soubesse o que fora usado?

Ele enfiou o nariz na bota.

– Elas não cheiram a nada assim – disse ele.

Não tinha certeza se devia aceitar sua palavra, mas ele parecia disposto a brigar por causa daquilo.

– Aqui, deixe-me segurar esta enquanto o senhor verifica a outra. – Eu me preparei para outra discussão, mas ele apenas resmungou e enfiou a bota em minha mão. Enquanto estava ocupado com o outro pé, esfreguei o dedo no interior da bota. Não houve formigamento, nenhuma dormência, nada.

– Nada nessa, também – disse ele, enfiando o pé de volta na bota. Ele estendeu a mão para pegar a outra, e eu a devolvi.

– Agora a camisa, milorde.

Ele olhou para mim, espantado.

– Você quer examinar minha camisa?

Deixei que a impaciência transparecesse em minhas palavras.

– Não acabou de me ouvir dizer que pode estar em qualquer coisa que toque sua pele? Não há limites para os modos de se envenenar um homem. Precisa confiar que eu sei mais sobre isso que o senhor.

Entretanto, havia outra razão para eu querer que ele tirasse a camisa: eu queria ver se ele tinha a marca.

Com os olhos nos meus, Duval ficou de pé, desfez os laços da camisa e puxou a cambraia fina por cima da cabeça.

Engoli uma expressão de surpresa. Meus olhos se fixaram no mapa de cicatrizes brancas e prateadas que riscavam o lado esquerdo de seu torso. Havia uma cicatriz profunda e enrugada a centímetros de seu coração. Sem pensar, aproximei-me e estendi os dedos para tocar as linhas pálidas deixadas por alguma lâmina afiada. Ele recuou, como se estivesse sentindo dor.

– Elas ainda doem? – Minha voz saiu como um sussurro.

– Não. – A voz dele pareceu tensa.

Passei o dedo pela cicatriz mais longa que atravessava seu peito.

– Como você passou perto. Muito, muito perto. – Estremeci, com a sensação insuportável de calor e frio ao mesmo tempo. Sem dúvida Mortain não o havia poupado daquela vez só para que eu o matasse agora.

Sua pele se retorceu sob meus dedos, e de repente eu não via mais as cicatrizes, apenas o feixe de músculos rígidos e a largura de seus ombros. Meu rosto ficou quente e, sem conseguir evitar, olhei nos

olhos. Ele levantou minha mão e a beijou.

– Querida e doce Ismae.

A vontade e o desejo que cresceram dentro de mim eram mais fortes que qualquer lâmina, e cortavam igualmente fundo. Também eram mais aterrorizantes. Retirei minha mão da sua e virei-me para pegar a camisa que ele tão descuidadamente deixara cair no chão.

Ocupei-me virando-a do avesso. Podia sentir seus olhos sobre mim no quarto cheio de sonhos e desejos não pronunciados. Eu me concentrei na camisa, conferindo cuidadosamente bainhas, punhos, qualquer lugar que pudesse ocultar um traço de veneno. Mas, se ele estava sendo envenenado, não era por meio de suas roupas.

– Está limpa – disse eu, então virei-me lentamente para lhe devolver a camisa.

Duval estava sério quando a vestiu pela cabeça. Aproveitei o momento para examiná-lo em busca de uma marca. Além de suas cicatrizes, não havia nada em seu peito nem em sua garganta, o que confirmava que ele não havia comido nem bebido nenhum veneno. Mas o quarto estava iluminado apenas pelo fogo e algumas velas, por isso eu não podia dizer se o tom acinzentado de sua pele se devia à luz, aos efeitos do veneno ou à marca de Mortain. Mas claro que não importava. Eu não conseguiria matá-lo, com ou sem marca.

– Se não é você quem está me envenenando, quem é? – perguntou ele enquanto puxava as mangas de volta para o lugar.

– Há tantas pessoas que desejam seu mal, milorde, é difícil dizer.

Ele fez uma careta amarga, depois enfiou os braços no gibão.

– Qual é o antídoto? – perguntou.

– Não posso saber até determinarmos que veneno foi usado. – Mesmo assim, talvez eu não soubesse. Eu não tinha sido ensinada a remover os efeitos de veneno, só as melhores maneiras de administrá-los. Também dependeria de quanto ele havia tomado e quanto dano já havia sido feito a seu corpo.

– Quanto tempo eu tenho? – ele perguntou.

Eu me envolvi em meus braços e mantive a voz calma.

– É um bom sinal que o senhor ainda não esteja morto. Muitos venenos matam se tomados em grandes quantidades, mas apenas o deixam doente se ingeridos em pequenas doses. – Não disse a ele que essas pequenas doses podiam ter efeitos duradouros.

As linhas amargas em torno de sua boca me fizeram crer que ele sabia que eu estava suavizando minhas palavras.

– O melhor que podemos fazer agora é mantê-lo forte. Coma e durma, milorde, pois, quanto mais forte estiver, melhor vai conseguir combater os efeitos.

Quando ele sentou diante da bandeja, atacou o jantar como se fosse um exército invasor que precisasse vencer. Depois, deitou diante do

fogo e dormiu imediatamente. Mas eu não. Passei as longas e escuras horas da noite lutando contra o desespero e repassando os últimos dias, tentando encontrar sintomas que eu pudesse ter deixado passar.

O que eu tinha dito a ele era verdade. Havia centenas de possibilidades. Muitos nobres na França e na Itália tinham seus próprios envenenadores entre os criados, cada um com uma receita ou fórmula secreta. Havia dezenas de venenos que podiam ser absorvidos apenas pela pele. Como eu poderia descobrir qual desses estava sendo usado contra ele?

E, se eu não descobrisse, ele iria morrer.

Capítulo Quarenta e Quatro

Ao amanhecer, Duval não estava mais lá. Disse a mim mesma que ele estar bem o suficiente para ir embora sem dúvida era um bom sinal.

A noite me trouxe alguma clareza, mas nenhuma solução. Não achava que as irmãs estivessem por trás do envenenamento de Duval, pois quem elas usariam para fazer isso? Não via nem tinha notícias de Sybella desde a partida de D'Albret. Além disso, o bilhete da abadessa deixava bem claro que aquela tarefa era minha última chance de provar ao convento que eu levava a sério meus deveres e meu juramento.

O que significava que havia outra pessoa por trás do envenenamento.

Pensei no tabuleiro de xadrez de Duval e em como a rainha branca estava cercada por cada vez menos aliados. A resposta, claro, tinha de ser um dos últimos que restavam: o marechal Rieux, o capitão Dunois ou o chanceler Crunard.

Desses, apenas Crunard tinha acesso livre ao convento, e apenas Crunard acusara Duval de espionar para a regente francesa. Mesmo que estivesse com raiva, o marechal Rieux só desconfiava que Duval estivesse agindo por interesse próprio, e não da Bretanha. E obviamente não havia maneira melhor de evitar suspeitas sobre suas ações do que jogando a culpa em outra pessoa.

Como os pinos internos de uma fechadura, minha mente se agitava. Sabendo o que eu sabia agora, via traços de Crunard por todo lado, escondidos profundamente, sob camadas de mentiras. Ele era um dos poucos que sabiam que eu estava viajando com Duval para Guérande e que agressores extras seriam necessários. O único capturado no ataque foi morto imediatamente após a volta de Crunard à cidade. Eu cheguei a ver Crunard se encontrando com o embaixador francês. E, embora Crunard falasse bruscamente com Gisors, ele mesmo observara como era fácil fingir aquilo.

Se tudo isso fosse verdade, então ele também devia estar por trás do envenenamento de Duval. Imaginei que venenos pudessem ser encontrados em uma cidade do tamanho de Guérande. Ou talvez ele tivesse obtido algum diretamente do convento. Ou...

Corri até meu pequeno baú, peguei a chave em meu pescoço e a enfiei na fechadura. Removi a bandeja de armas e olhei para os venenos escondidos em baixo. Freneticamente, examinei os frascos e vidros. Todos estavam cheios, menos um: o frasco com o Laço de Arduinna. Esse estava pela metade.

Todos os sintomas se encaixavam: pulsação acelerada, pupilas dilatadas, febre, ressecamento, desorientação, paranoia, dormência nas extremidades e, no fim, morte.

Crunard tinha usado meu próprio veneno para destruir Duval.

Ele teve acesso àquele mesmo baú quando viajou com minhas coisas do convento até Guérande. Era bem fácil abrir uma fechadura.

Com mãos trêmulas, devolvi os frascos e tranquei o baú. Fiquei de pé e tentei pensar. Se fosse Crunard, então qual era seu objetivo? Ele achava que o convento não me daria a ordem? Ou era mais que isso? Era possível que ele estivesse alimentando o convento com informações falsas o tempo todo – mas, novamente, com que objetivo? E embora eu não entendesse completamente como as marcas funcionavam, sabia que eram mais complexas do que eu, e talvez até o convento, pensava originalmente. Seria bem fácil para ele nos passar informações que confirmassem suas acusações, e omitir as que não as confirmassem. Quando meus próprios relatórios contradissem os dele, seria muito fácil desprezá-los como o trabalho de uma noviça sem habilidade.

Mas como eu diria isso à madre superiora?

Ela não iria gostar da sugestão de que ele a havia usado para seus próprios fins. Eu nem tinha certeza se acreditaria em mim. Mesmo assim, peguei um pergaminho e uma pena e fiz o impensável. Escrevi uma carta para a abadessa para lhe contar que ela estava errada e que seu contato havia lhe passado informações falsas.

Depois de despejar todas as minhas suspeitas em relação a Crunard, lacrei a missiva e em seguida comecei outra. Essa mensagem era para Annith, implorando que ela me mandasse o antídoto para o Laço de Arduinna. A irmã Serafina devia ter alguma coisa que pudesse enviar. Se tivesse, Annith com certeza descobriria. Também perguntei sobre a saúde da irmã Vereda, querendo saber se ela ainda estava tendo visões.

Quando terminei, fui até a gaiola de Vanth. Ele estava dormindo com a cabeça enfiada embaixo da asa, e foi bruscamente despertado. Murmurei desculpas e prendi os bilhetes, depois o levei até a janela. Ele abriu as asas e alçou voo no céu cinzento, e eu o observei até desaparecer.

Em seguida, vesti-me rapidamente. Eu conhecia um possível antídoto: uma pedra bezoar. Não tinha certeza se funcionaria contra um veneno absorvido pela pele, mas valia a pena tentar. E havia

apenas uma pessoa que talvez tivesse uma.



Era quase um dia de cavalgada até a cabana da curandeira, e, apesar de eu nunca ter ido por aquele caminho, não tive problemas para encontrá-la. Eu temi aquela velha por quase toda minha vida. Quando era pequena e mamãe me mandou pela primeira vez buscar tanaceto para tratar uma febre de minha irmã, fiquei escondida ali perto, chorando por horas. Eu tinha certeza de que a mulher olharia para mim e saberia que seu veneno tinha falhado, e que ela terminaria o trabalho ali mesmo.

Claro que ela não fez isso. Ela simplesmente me chamou das sombras, atraindo-me com um favo de mel escorrendo o líquido dourado, uma iguaria rara à qual não pude resistir. Quando finalmente acreditei que não ia me machucar, consegui gaguejar o que tinha ido buscar, e ela me deu o tanaceto e me mandou embora. Pensei que não havia me reconhecido, e por isso não tive mais medo.

Mas sem dúvida estava errada, pois foi ela quem, anos mais tarde, mandou-me para minha nova vida.

Quando cheguei à cabana pequena e baixa cercada por um jardim verdejante, desmontei, amarrei o cavalo a um mourão da cerca e abri o portão. Um sininho alegre soou e me deu um susto. Segui um caminho sinuoso entre a cerca viva de espinheiros e arbustos de lavanda da altura da minha cintura até chegar à porta da frente. Ela se abriu antes que eu batesse, e a própria curandeira me espiou com seus olhos reumosos.

– Ainda por aí, depois de todos esses anos? – perguntou ela. – Entre antes que deixe todo o ar quente sair.

A cabana não havia mudado muito, nem ela. Seus cabelos ainda eram fios brancos esparsos como franjas de cardo. Os olhos talvez estivessem um pouco mais baços; a pele, mais enrugada. Ervas estavam penduradas no teto, e seus aromas penetrantes, pungentes e adocicados invadiram meus sentidos. Três caldeirões pequenos borbulhavam na lareira, e todo tipo de vasilhames de cerâmica, potes e pratos de cobre espalhavam-se nas mesas. O lugar era surpreendentemente parecido com a oficina da irmã Serafina.

– O que traz a serva da morte à minha humilde porta? – ela perguntou, sem parecer nem um pouco humilde. Talvez até com certa satisfação perversa.

Abri a boca, então hesitei. Foi ela quem tinha me mandado para o convento três anos antes. Será que, se eu pedisse um antídoto, ela saberia que eu estava agindo contra seus desígnios? Será que se importaria?

Ela ignorou meu silêncio aparvalhado e começou a falar:

– Sempre esperei tornar a vê-la um dia. Em busca de sua mãe, sem dúvida.

Minha mãe. Só quando ela disse as palavras eu percebi que estava ávida por aquela informação. Por que minha mãe deitou com a Morte, em primeiro lugar? Ela foi forçada? Ou Ele a tomou pela mão e a levou para longe de sua vida difícil por alguns momentos roubados de... o quê? Prazer? Amor? Alívio? O que Mortain poderia oferecer a alguém como minha mãe? E, se tivesse sido amor, por que ela tentou me expulsar de seu útero?

A velha sentou perto da lareira e gesticulou com a mão encarquilhada para que eu a seguisse.

– A primeira vez que vi sua mãe foi quando seu pai... não, não seu verdadeiro pai, mas aquele bruto com quem ela se casou, trouxe-a até mim. Ele a arrastou até minha porta, segurando seu braço com tanta força que depois ela ficou duas semanas com manchas roxas. Aliás, dei a ela raiz de arnica para o machucado.

– E?

Ela se recostou na cadeira, saboreando ter uma plateia ávida. Imaginei que não tivesse aquilo com frequência.

– E ele exigiu que eu lhe desse alguma coisa para expulsar o bebê do útero dela.

Minha mãe não quis se livrar de mim, então. Não foi sua escolha. Um peso enorme e sombrio saiu de cima de mim.

A curandeira deu de ombros.

– Pensei em dar alguma coisa falsa, mas ele ficou lá parado me observando preparar a mistura, fazendo perguntas depois que eu acrescentava cada ingrediente. Logo percebi que, se lhe desse uma poção falsa, ele provavelmente iria voltar. Era melhor para todo mundo resolver aquilo o mais rápido possível.

“Mas, apesar dos meus maiores esforços, não funcionou. Foi aí que soube que você tinha sido gerada por um deus. Duas semanas depois, ele voltou, batendo em minha porta e pedindo outra dose. Mas a Maldição de Matrona é forte, e já tinha feito sua mãe adoecer. Ela estava quase à beira da morte. Eu disse a ele que não queria levar a culpa pela morte dela, e que, considerando quem foi seu amante, ele devia pensar duas vezes antes de invocá-Lo. – Ela virou os olhos aquosos para o fogo, e pude ver as chamas refletidas neles. – Sua mãe fez tudo o que pôde para proteger você da ira daquele homem. Ela sempre o lembrava quem era seu verdadeiro pai. Mesmo assim, você não teve uma vida fácil.”

Nós duas ficamos encarando as chamas em silêncio, mas, sem dúvida, víamos coisas bem diferentes. Eu lutei para me ajustar a um mundo transformado. Saber que minha mãe não tinha me odiado mudava tudo. Era como se eu tivesse passado a vida inteira vendo o

mundo através de um vidro grosso e distorcido, que agora tinha se estilhaçado. Agora, eu podia ver com clareza.

– Como a senhora conseguiu me achar no dia... – Não consegui dizer *no dia de meu casamento*. – No dia em que meu pai me vendeu para Guillo?

– Eu tinha prometido à sua mãe que ficaria de olho em você. Apesar de ser injusto ela me pedir isso, pois eu era a única curandeira num raio de quilômetros, e muito ocupada. Mas fiz o que pude.

– Foi a senhora que fez com que me mandassem para o convento.

– Sim.

– O que é o convento para a senhora?

Ela virou a cabeça para mim bruscamente.

– Você acha que aquelas freiras são as únicas pessoas que conhecem a Morte? O que acha que eu faço o dia inteiro além de dançar com Ele, negociando uma vida aqui, alguns meses a mais lá? Expulsando-o dos pulmões de um velho ou do cérebro febril de um menino? Não, o convento não é o único parceiro da Morte.

Eu nunca havia considerado que o jogo tinha outros lados.

– Então a senhora também é uma serva da Morte – murmurei.

Ela pareceu surpresa, então riu de alegria.

– Sou – disse ela, aprumando-se um pouco. – Acho que sou.

– Mas a senhora não serve ao convento? – perguntei, só para ter certeza.

– Não, mas foi o único lugar em que achei que você fosse ficar em segurança.

Avaliei cuidadosamente o risco, mas não tinha nenhuma escolha. Querendo evitar seu olhar penetrante, olhei para as minhas mãos.

– A senhora tem uma pedra de bezoar?

A curandeira me lançou um olhar malicioso.

– Sem dúvida o convento tem antídotos para seus venenos.

– Dispendemos nossas energias na criação de venenos, não de antídotos, e, apesar de termos pedras de bezoar para o caso de uma das meninas ingerir algo, agora não tenho uma comigo.

Pelo canto do olho, eu a vi franzir o cenho.

– Então agora você sai do círculo do convento e começa sua própria dança com a Morte – disse ela, e amaldiçoei aqueles velhos olhos que viam demais. Ela se balançou na cadeira. – Infelizmente, eu não tenho tal pedra. Nunca vi uma, verdade seja dita.

Perguntei se ela conhecia algum antídoto para o Laço de Arduinna, mas ela nunca tinha ouvido falar do veneno. Também não tinha nenhum antídoto para poções absorvidas pela pele, pois purgantes não funcionavam nesses casos. Meus ombros se curvaram quando minha última esperança se desfez em cinzas. Vendo minha preocupação, a velha me deu um tapinha no braço ao se despedir.

– Você serve a um Deus sombrio, filha, mas lembre-se: Ele não é desprovido de misericórdia.



Enquanto viajava de volta para Guérande, as palavras da curandeira giravam em minha cabeça como seixos soltos, chacoalhando, batendo, tomando forma e suavizando. Quando entrei na cabana, eu era uma pessoa, mas saí outra. Agora havia um cobertor fino entre mim e o abandono duro e frio que sentia desde que tinha idade suficiente para entender o que minha mãe fizera comigo quando eu estava em sua barriga.

Minha mente se voltou para memórias antigas. Com aquela nova informação, muitos dos pequenos gestos e confortos de minha mãe ficaram subitamente claros. Eles eram a expressão do amor que eu achava que ela me negava. Não eram o cumprimento de simples deveres, mas pequenas rebeliões pessoais, enquanto ela contrariava o marido do único jeito que podia.

Apesar de um fardo ter sido tirado de minhas costas, voltei ao palácio exausta, derrotada e sem ideias. Rezei para não encontrar ninguém no caminho até meus aposentos, e não encontrei. Quando estava em meu quarto, vi um corvo parado do lado de fora da janela. Meu coração se apertou. Minha mensagem daquela manhã ainda não devia ter chegado ao convento. Seriam novas ordens da abadessa? Outra repreensão?

Quando abri o postigo, o corvo entrou voando. Era um animal grande com a asa esquerda torta. O corvo de Sybella. Ele só era manso com ela, por isso levei um momento para tirar à força a mensagem de sua pata. Quando consegui, vi que era mesmo a letra de Sybella, e fui tomada por um mau pressentimento.

Rasguei o lacre e abri a mensagem, então li as palavras rabiscadas em seu interior.

Rieux e D'Albret tomaram Nantes. Eles entraram na cidade com soldados, tomaram o palácio da duquesa e guarneceram as defesas. Estamos cercados por dentro.

Meu coração parou de bater acelerado e pulsou uma vez, lenta e dolorosamente. Os próprios homens que deviam apoiar e guiar a duquesa tinham se sublevado em rebelião aberta.

As implicações daquilo eram enormes. Nantes era o refúgio da duquesa, a maior e mais fortificada cidade da Bretanha. A casa dela. Na verdade, ela só estava esperando que a praga deixasse a região para poder voltar.

Mas, agora, a cidade lhe tinha sido tomada. E sem que se erguesse

uma espada ou se disparasse um tiro. A única boa notícia que consegui extrair do desastre foi que, com Rieux em Nantes, não havia mais nenhuma dúvida de que Crunard era o traidor.

Capítulo Quarenta e Cinco

Crunard estava sozinho quando o guarda me introduziu em seus aposentos. Fiz uma reverência respeitosa.

– Milorde, recebi notícias urgentes que preciso transmitir à duquesa, e gostaria que o senhor me acompanhasse, pois ela vai precisar de seu conselho ao ouvir o que tenho para dizer. – Eu tinha pensado em esperar para discutir a notícia com Duval antes de informar a duquesa ou o conselho, mas não sabia a rapidez com que precisaríamos agir. Além disso, era difícil dizer em que condições Duval estaria naquela noite.

– Teve notícias de Duval? – Crunard perguntou bruscamente.

Encarei seu olhar com firmeza.

– Não, milorde. Infelizmente.

Seu rosto foi atravessado por um espasmo de irritação.

– Bem, você despertou meu interesse. Claro que vou acompanhá-la até o solário.

– Devíamos pedir que o capitão Dunois nos encontre lá, milorde.

Crunard ergueu uma sobrancelha grisalha, mas enviou um pajem para buscar o capitão dos exércitos.

O capitão Dunois chegou ao solário ao mesmo momento que nós. A duquesa olhou longamente para nossas expressões carrancudas e dispensou suas damas.

– O que foi? – perguntou ela, entrelaçando as mãos como se estivesse torcendo para que as coisas não fossem tão ruins quanto ela temia.

O chanceler Crunard deu um sorriso irônico e deu de ombros.

– Não fui eu quem convocou esta reunião, mas *demoiselle* Rienne.

Todos os olhos se voltaram para mim, e tive de fazer grande esforço para não me contorcer. Eu era treinada em subterfúgios e esconderijos, não para ficar parada em campo aberto como um pregoeiro no meio da cidade. Para me acalmar, dirigi minhas palavras à duquesa.

– Recebi notícias graves, Sua Graça. O marechal Rieux e o conde D’Albret tomaram Nantes.

Houve um momento de silêncio surpreso, em seguida o capitão

Dunois perguntou:

– Tem certeza?

– Como você soube disso? – quis saber Crunard, e me perguntei se ele estava por trás daquele novo desastre.

– Os desígnios de Mortain são ao mesmo tempo gloriosos e misteriosos. Não posso revelar como sei, mas não há a menor dúvida. Se não acreditam em mim, mandem um batedor verificar o que digo.

Crunard olhou para Dunois, que fez uma reverência brusca.

– Considere feito.

– Se isso aconteceu – disse Crunard –, é um desastre completo. – Ele estava visivelmente abalado. Ou era um grande mentiroso, ou aquilo não fazia parte de nenhuma de suas jogadas.

– Marechal Rieux? – perguntou a duquesa, seus olhos castanhos cheios de tristeza. – Você tem certeza? – murmurou.

Meu olhar encontrou o dela. Assenti com gravidade. O homem que havia sido indicado por seu pai para protegê-la tinha acabado de traí-la. Ela se esvaziou com uma longa e trêmula expiração.

– O que isso representa para nossa posição? – ela perguntou.

Crunard e Dunois trocaram um olhar gélido.

– Não é bom – disse o capitão Dunois. – Como marechal, ele comanda as tropas. Vai ser difícil levantar os barões para lutar contra ele. Se Rieux e D’Albret juntarem suas tropas... bem, nossa única esperança vai ser nos proteger e nos preparar para o cerco que virá.

A duquesa olhou alarmada de Dunois para Crunard.

– Sem dúvida não é nossa última esperança, é?

– Infelizmente, sim, Sua Graça – respondeu o chanceler Crunard, e, apesar de ele não deixar de concordar com Dunois, eu ainda não conseguia confiar em suas palavras. – É como diz o capitão Dunois: o marechal comanda nossas tropas. Vai ser difícil reuni-las contra ele. Na verdade, vai ser difícil até mesmo reuni-las sem a ajuda dele.

– E o barão de Waroch? – Só quando todos viraram para mim, percebi que tinha falado em voz alta. Envergonhada, segui em frente. – Ele não atravessou os campos convocando camponeses e fazendeiros a se revoltarem contra os franceses na Guerra Louca? Por que não poderia fazer isso de novo?

O chanceler Crunard me olhou com desdém.

– Vai ser preciso mais que camponeses e fazendeiros para expulsar os franceses, *demoiselle*.

– De fato – disse o capitão Dunois, pensativo. – Mas talvez eles consigam segurar as forças francesas por tempo suficiente até que consigamos ajuda.

– Que ajuda? – Crunard perguntou asperamente.

Foi então que percebi que Duval, o querido e sempre desconfiado Duval, não tinha contado a ninguém sobre os preparativos em que

estivera trabalhando.

– Neste exato momento – disse a duquesa –, mil e quinhentas tropas da Espanha estão a caminho, e outras mil e quinhentas vêm de Navarra.

Crunard ficou surpreso e confuso, mas ocultou isso com uma expressão de escárnio.

– Elas não serão suficientes.

– Mas se combinadas aos camponeses – observou o capitão Dunois –, talvez tenham uma chance.

A esperança brilhou no rosto da duquesa.

– Será que isso pode funcionar?

– Será muito difícil, Sua Graça, mas é possível – Dunois disse a ela.

Crunard sacudiu a cabeça.

– Acho que não passa de um sonho, Sua Graça.

Com aquelas novas desconfianças enchendo minha cabeça, tive que me segurar para não gritar que devíamos fazer o oposto de qualquer coisa que Crunard aconselhasse. Fui salva quando a duquesa levou a mão à cabeça, como se estivesse sentindo dor.

– Basta. Vou pensar sobre isso, e tornamos a nos reunir amanhã.

Enquanto saíamos do solário, a duquesa captou meu olhar. Assenti, indicando que discutiria aquilo com Duval antes do dia seguinte.



Passei a noite andando de um lado para o outro, revirando toda ideia possível à procura da menor abertura ou fenda nas muralhas que prendiam a duquesa em sua masmorra. Mas não havia nada. Nada que eu conseguisse encontrar. E tinha ficado claro na reunião daquele dia que nenhum dos outros conselheiros podia pensar além dos limites bem demarcados de seus próprios pensamentos.

Ouvi um arranharr atrás da parede às minhas costas e virei para ver Duval quase cair da passagem para dentro do quarto. Seu cabelo estava despenteado; o rosto, escuro devido à barba por fazer; os olhos, selvagens.

– Milorde! – Corri em sua direção, com medo de que ele tombasse no chão. – O que aconteceu?

– Nada, querida Ismae. – Ele fez um gesto exagerado e expansivo, depois cambaleou. Fiquei muito preocupada enquanto o ajudava a sentar em uma cadeira. Senti o medo percorrer toda minha pele. Seus sintomas estavam piores, o que significava que ele devia ter intensificado o contato com o veneno. Se não fosse removido de seu corpo, ele sem dúvida iria morrer.

Depois de sentar na cadeira, ele se debruçou e apoiou o rosto entre as mãos.

– Minha cabeça parece estar girando como uma roda.

– Esse é um dos efeitos do veneno, milorde.

Ele ergueu os olhos para mim, com uma expressão confusa.

– Veneno?

Não sua memória, doce Mortain, isso não. Ajoelhei-me aos seus pés e aproximei meu rosto do dele.

– Lembra? Falamos sobre isso na noite passada. O senhor está sendo envenenado.

Ele segurou minhas mãos nas dele como se fossem uma corda que o conduziria de volta à sanidade. Após um instante, seu rosto se iluminou quando a lembrança retornou a ele, e dei um suspiro de alívio.

– O senhor lembra do que mais conversamos?

Suas mãos apertaram as minhas com mais força.

– Sim. É claro.

Aproximei dele a bandeja de comida.

– O senhor precisa comer. Seu corpo e sua mente necessitam de alimento, milorde. O senhor precisa se manter forte para combater os efeitos do veneno. – Os dias nos túneis já o haviam emagrecido. Para me agradar, ele pegou a tigela de caldo morno que lhe entreguei e a remexeu com um pedaço de queijo. Não contei as últimas novidades até que tivesse terminado de comer, para não arriscar destruir seu apetite já reduzido.

Depois que ele terminou, porém, não pude mais adiar.

– Tenho muitas notícias, e nenhuma delas boa. – Duval se encostou de leve na cadeira, como se estivesse se preparando para um golpe físico. – Nantes foi tomada pelo marechal Rieux e pelo lorde d’Albret.

– Tomada?

Assenti e contei sobre a mensagem que tinha recebido. Fúria e frustração o arrancaram da cadeira, mas ele cambaleou, olhou para baixo e franziu o cenho, cabisbaixo.

– O que o conselho privado recomendou? – perguntou ele.

– Dunois e Crunard acham que devíamos fechar os portões da cidade e nos preparar para um cerco.

– Eles estão errados. – Guérande não vai aguentar um cerco por muito tempo.

– Dunois espera que tropas da Espanha e de Navarra cheguem a tempo.

Ele ficou um longo momento em silêncio.

– Ismae. Sinto muito...

– Não, milorde. O senhor estava certo em manter segredo. Não o culpo por isso. Além disso, há outras más notícias que precisa saber. Acredito que Crunard tem trabalhado contra a duquesa este tempo todo. Não acho que possamos confiar nele.

Duval olhou para mim como se fosse eu quem estivesse flertando

com a loucura.

– O chanceler? Mas por quê, e com que objetivo? O homem é um herói que lutou em três guerras e perdeu todos os seus quatro filhos pela causa. Ele e o falecido duque eram amigos íntimos. Por que ele faria algo que anularia todo seu sacrifício?

– Ainda não entendi o motivo, mas tenho provas. Ele era um dos poucos que sabiam de nossa viagem e que poderiam ter enviado bandidos para nos atacar quando chegamos pela primeira vez a Guérande. Também foi logo depois da chegada dele que o único agressor restante desapareceu. – Cruzei os braços para me impedir de retorcer as mãos. – Além disso, é meu próprio veneno que está sendo usado no senhor, e Crunard é o único que teve acesso a ele.

Duval piscou, como se meus argumentos o estivessem finalmente alcançando. Então sacudiu a cabeça, tentando desanuviá-la, e esfregou as mãos no rosto.

– Mas veja como ele apoiou Anne esse tempo todo. Apoiou sua recusa a D’Albret, votou pela aliança com Nemours. Não vejo qual pode ser o objetivo por trás de suas ações.

Senti a frustração fervilhar em meu interior. Não sabia dizer se minha própria lógica tinha falhas, ou se a mente de Duval estava afetada demais.

– Milorde, ele disse ao convento que o senhor estava envolvido na trama de traição de sua mãe, ele disse que o senhor era um traidor.

A cabeça dele se ergueu bruscamente, e seu rosto foi tomado por uma expressão de incredulidade.

– Ele fez isso?

– Fez.

– Então por que eles não ordenaram minha execução?

Eu não disse nada, mas seu raciocínio ainda não estava *tão* afetado.

– Ah. – Ele olhou para baixo. – É por isso que meus pés estão dormentes?

– Não, milorde, eu juro. Eu ignorei a ordem. Venha, o senhor precisa descansar. – Eu pulei de pé para segurá-lo quando ele se levantou e cambaleou. Ele caiu sobre mim, e eu o conduzi até minha cama. Joguei suas pernas sobre o colchão, tirei suas botas e, depois de conferi-las novamente em busca de traços de veneno, deixei que caíssem no chão. Em seguida, empurrei suas pernas para baixo das grossas colchas bordadas. Ele tentou se levantar apoiando-se sobre os cotovelos para discutir comigo, mas pus a mão com delicadeza em seu peito e o empurrei de volta para baixo. Foi necessário um esforço assustadoramente pequeno para isso. Seus olhos piscaram e fecharam, e meu coração quase saiu pela boca. Debrucei-me sobre ele para verificar sua respiração.

– Está tentando roubar meu fôlego? – perguntou Duval.

– Não, milorde. Só tentando...
– Me beijar? – O desejo em sua voz me abalou completamente.
– Sim, milorde. É isso. – E me abaixei e o beije, um beijo longo e lento, como se eu pudesse beber o veneno de seu corpo. Seus olhos tornaram a se fechar, e sua respiração ficou mais regular. As rugas de tensão relaxaram um pouco, mas não completamente. As sombras sob seus olhos estavam mais escuras; suas bochechas, mais magras. Ele precisava se barbear, e seu rosto estava muito corado. Meu coração estava tão cheio – cheio de amor e cheio de pesar – que achei que fosse explodir.

Sua mão se retorceu e tremeu, por isso estendi o braço e a cobri com a minha. Então ele ficou calmo, e a virou para cima, de modo que nossas palmas ficaram se tocando; nossos dedos, entrelaçados.

– Não vá embora.

– Não vou – disse para ele. *E nem você*, tive vontade de dizer, de fazê-lo prometer que não morreria. Mas não podia insistir para que fizesse uma promessa que não poderia cumprir. Em vez disso, sentei-me no chão e passei a noite de vigília ao seu lado.



Despertei com um beijo leve nas costas da mão. Abri os olhos e vi a cabeça de Duval apoiada na mão enquanto ele me observava.

– Bom dia.

– Bom dia – murmurei, envergonhada. – Tentei separar nossos dedos entrelaçados, mas ele segurou minha mão por tempo suficiente para dar um último aperto, e só então me soltou.

Fiquei de pé e ignorei as várias dores causadas por uma noite passada em uma posição tão ruim. Enquanto alisava as saias e tentava recuperar a compostura, Duval saiu da cama e caminhou até o jarro e a bacia, onde jogou água fria no rosto. Suas pernas estavam mais firmes que no dia anterior, e eu só podia torcer para que aquilo fosse um sinal de que uma boa noite de sono tinha feito bem a ele. Quando se virou, ainda com gotas de água escorrendo do rosto, vi que seus olhos tinham se desanuviado um pouco.

Entreguei a ele uma toalha de linho. Enquanto se enxugava, fui até a bandeja de comida.

– O senhor devia mesmo tentar comer um pouco mais antes de ir.

– Comerei. – Ele largou a toalha e foi pegar uma fatia de queijo, olhando para a janela para saber quanto tempo faltava para o amanhecer.

Muito pouco.

Enquanto enchia os bolsos com o resto da comida, eu franzi o cenho, intrigada. Naquela manhã, ele parecia muito melhor. Sem dúvida era um bom sinal.

Quando estava com os bolsos cheios, ele se aproximou e pôs as mãos em meus ombros, seus olhos brilhando com urgência.

– Eles precisam levar Anne para Rennes. Guérande não é forte o suficiente para resistir a um cerco longo, mas os cidadãos de Rennes vão apoiá-la, e a cidade tem meios para se defender. É o melhor lugar para ela até chegar ajuda. Convença-os, Ismae.

– Vou tentar, milorde.

– E cuidado se for denunciar Crunard na frente dos outros. Eles o conhecem há muito mais tempo que você e provavelmente vão ficar do lado dele. Você vai precisar de provas concretas para convencê-los de suas acusações.

Houve um barulho do lado de fora de minha porta. Louyse. Ele deu um beijo rápido em minha testa, em seguida desapareceu pela passagem na parede. No instante seguinte, Louyse entrou no quarto, com sua animação matinal de costume. Ela fez uma breve pausa e pareceu confusa quando viu que eu estava usando minha capa por cima da camisola. Esfreguei os braços e tremi de leve.

– Está frio esta manhã.

– Está mesmo, *demoiselle*! – Enquanto ela arrumava minhas roupas, um plano se formou em minha cabeça. Os membros restantes do conselho privado iriam se reunir no início da manhã. Seria a hora perfeita para revistar os aposentos de Crunard. Sem dúvida eu encontraria algo que convencesse os outros de sua culpa.

Capítulo Quarenta e Seis

Quando cheguei aos aposentos de Crunard, a porta estava fechada, e não havia nenhum guarda do lado de fora. Bati e chamei:

– Chanceler Crunard? – Não houve resposta. Olhei para o corredor nas duas direções. Estava vazio. Na verdade, o palácio estava muito silencioso naquele dia, e me perguntei quantos cortesãos souberam do que acontecera em Nantes. Após me assegurar de que não seria vista por ninguém, tentei abrir a porta. Estava trancada, mas isso não me deteve.

Saquei um dos punhais finos como agulha de meu pulso e enfiei a ponta dentro da fechadura, como a irmã Eonette nos havia ensinado. Pressionei delicadamente os metais do interior, levando o ferro a fazer o que eu queria. Quando ouvi um estalido satisfatório, fiquei ereta, conferi se havia testemunhas, então entrei em silêncio no gabinete do chanceler Crunard.

Eu não sabia quanto tempo tinha, nem o que estava procurando. Alguma coisa – qualquer coisa – que confirmasse minhas suspeitas.

Os papéis em sua mesa eram o que eu esperava: correspondência com os barões, mapas da Bretanha e da França, tudo o que um chanceler necessitava para desempenhar suas funções. Abri o armário atrás de sua mesa e folheei rapidamente as páginas dos livros ali guardados, mas nenhum deles guardava cartas escondidas nem possuía compartimentos ocultos. Nem havia qualquer correspondência incriminadora enrolada com o resto dos mapas. Ajudaria se eu soubesse o que estava procurando.

Frustrada, voltei para a mesa, e meus olhos pousaram em seu estojo de escrever. Quando tentei abri-lo, vi que estava trancado. Por que ele trancaria seu material de escrita?

Meu pulso se acelerou quando saquei novamente o punhal e abri a fechadura. Essa era menor e mais complicada que a da porta, mas no fim cedeu. Levantei a tampa de madeira e olhei no interior. Penas, tinteiros, uma faca pequena de apontar, cera de lacre vermelha, um grande anel de sinete de ouro...

Peguei o anel e o examinei com cuidado. Crunard usava tantos anéis, por que trancaria aquele? Alguma coisa nele me incomodava no

fundo de minha cabeça. Levei um momento para identificar o que era.

Era o mesmo anel que tinha visto quando a alma de Martel passou através de mim. Isso significava... o quê?

Que o espião francês tinha visto o anel de Crunard, fosse no dedo do chanceler em um encontro cara a cara ou enviado a ele com algum mensageiro de menor importância. Se tivesse sido enviado como assinatura, então Martel sabia que podia confiar em Crunard.

Não era Duval quem estava trabalhando com a regente francesa, mas Crunard.

Fechei a mão em torno do pesado anel de ouro, saboreando a sensação de ter uma prova concreta em minha mão. Mas a única pessoa que entenderia a importância daquilo era a abadesa, e até isso era duvidoso. Nenhum dos membros restantes do conselho privado entenderia como eu sabia aquilo. Eles não acreditariam em minha palavra contra a de Crunard.

Mesmo assim, coloquei o anel no bolso. Sem dúvida uma prova fraca era melhor que prova nenhuma.



Como estava atrasada para a reunião do conselho privado, tive de suportar a carranca de desaprovação de Crunard, mas sorri tranquilamente para ele. Agora que sabia que ele era um traidor, não me importava com o que pensasse de mim.

Nem Dunois nem Crunard tinham mudado de ideia durante a noite. Enquanto apresentavam seus argumentos para a duquesa, estudei Crunard com atenção, à procura de qualquer sinal de uma marca, mas sua maldita gola de pele chegava até as orelhas, e escondia qualquer marca que ele pudesse ter.

– Que conselho você tem para nós esta manhã, *demoiselle*?

Pisquei e vi a duquesa me olhando com educação. Crunard também estava me observando com seus olhos azuis e frios, e percebi que precisaria fazer minha sugestão com muito cuidado.

– Não seria melhor aproveitar este momento antes que nossos inimigos se abatam sobre nós para levar Sua Graça até um local mais seguro? Rennes, talvez? Os habitantes de lá são leais. Eles têm uma posição defensável e tropas para defendê-la, além de um bispo que pode providenciar que Sua Graça seja coroada duquesa em segurança.

Crunard olhou para mim com o rosto cuidadosamente inexpressivo.

– O que a faz pensar que Rennes é assim tão leal, *demoiselle*? – Havia um tom desafiador em sua voz, e temi que tivesse falado demais ou com muita ousadia e deixado clara para ele a mão de Duval nessa estratégia.

Eu o olhei nos olhos.

– O convento sempre a teve em alta estima, milorde chanceler. –

Pronto. Que ele pensasse o que quisesse daquilo.

– Não é uma má ideia – disse pensativamente o capitão Dunois.

O chanceler Crunard abriu a boca para discutir, o que me deixou ainda mais favorável à ideia, mas, antes que ele pudesse dar início a seu argumento, bateram na porta.

– Sim? – respondeu ele, sem fazer qualquer tentativa de ocultar sua irritação.

De Lornay abriu a porta, fez uma grande reverência, e entrou na sala. Todos os sinais do cortesão sedutor tinham desaparecido. Ele estava com manchas de suor e cansado de viagem. Ele se ajoelhou diante da duquesa e baixou a cabeça.

– Sua Graça. Imploro perdão por interromper, mas trago notícias graves que não podem esperar.

O rosto da duquesa empalideceu.

– Continue.

– Os franceses tomaram Guingamp, no norte. A cidade caiu.

Atrás de mim, o capitão Dunois praguejou em voz baixa, mas De Lornay prosseguiu.

– Isso não é o pior. O exército francês também cruzou nossas fronteiras a norte e a leste. Eles tomaram três de nossas cidades: Ancenis, Vitre e Fougères.

Apesar de todos estarmos à espera daquela notícia, era estranho realmente escutá-la. Fez-se um silêncio longo, atônito, enquanto nos dávamos conta de que nosso país tinha sido invadido outra vez. A duquesa estava branca como neve, mas inclinou a cabeça com graça.

– Obrigada por nos trazer notícias desses acontecimentos, barão De Lornay. Por favor, vá se refrescar.

Ele se levantou e deixou a sala.

Crunard foi o primeiro a falar.

– Parece que, de repente, ficamos sem tempo.

A duquesa olhou para o capitão Dunois, com olhos arregalados de medo, que tentava desesperadamente esconder.

– Por quanto tempo podemos suportar um cerco, se tivermos que chegar a esse ponto?

– Três semanas, quatro, no máximo.

– Isso é tempo suficiente para alguma ajuda chegar até nós?

– Não, não é – disse ele, com o peso da derrota em sua voz.

Ela assentiu bruscamente.

– Então ficar aqui não nos garante nada, nem tempo suficiente.

O capitão Dunois ia começar a falar, mas ela o silenciou.

– Quanto tempo levaria para chegarmos a Rennes?

– Quatro ou cinco dias, Sua Graça.

– Na melhor das hipóteses – observou o chanceler Crunard. – Vamos ser muito atrasados pelas carroças de bagagem e os criados que

não puderem viajar a cavalo. Nosso grupo vai se estender por quase um quilômetro, um belo alvo para nossos inimigos.

O capitão Dunois balançou a cabeça, concordando com a observação.

– Além disso, Rennes fica perto de Fougères. Os franceses poderiam facilmente cruzar conosco em nosso caminho e até estarem marchando sobre a cidade agora mesmo. Entretanto, essas más notícias também trazem uma coisa boa.

A duquesa franziu a testa.

– Como assim, capitão?

Ele estendeu as mãos.

– Ancenis é propriedade do marechal Rieux. Se os franceses tomaram suas terras, que melhor grito de guerra poderia haver para chamá-lo de volta para nosso lado? Sem dúvida ele vai suspender sua aliança com D'Albret para proteger as próprias terras.

Um pequeno raio de esperança cruzou o rosto da duquesa, mas Crunard lançou para ele um olhar duro como uma rocha.

– Você está querendo se reconciliar com o marechal Rieux?

Dunois assentiu.

– Acha isso possível? – perguntou a duquesa.

O capitão deu de ombros.

– No fundo, ele é um bom homem, Sua Graça, e sem dúvida está fazendo o que acha melhor para seu país.

– Mantendo minha própria cidade contra mim? – perguntou a duquesa com sarcasmo.

– Se aliando com seu pretendente mais forte. Entretanto, agora que os franceses estão em marcha, ele sem dúvida vai ver a necessidade de enfrentá-los com uma frente unida, e vai abandonar o caminho que tomou.

Com o rosto vincado de preocupação, a duquesa começou a andar de um lado para o outro.

– Como faríamos isso?

– Formaríamos um pequeno grupo e partiríamos para Nantes para negociar com ele.

Crunard deu um passo na direção da duquesa.

– Não acho que seja seguro deixar a cidade, Sua Graça.

Ela olhou para o capitão Dunois, com as sobrancelhas arqueadas em uma pergunta silenciosa.

– Acho que vale a tentativa. O que quer que Rieux espere obter com sua rebelião, ele não vai querer isso à custa de seus próprios domínios.

O chanceler deu um suspiro profundo, como se estivesse extremamente preocupado.

– Acho que estão cometendo um erro terrível.

Mas ele era um único voto de três, e foi vencido tanto pelo capitão

Dunois como pela própria duquesa. Por isso, ficou decidido. A duquesa e um pequeno grupo partiriam para Nantes no dia seguinte.

Capítulo Quarenta e Sete

Duval estava atrasado. Ou isso, ou ele não vinha. Eu andava de um lado para o outro diante da lareira, tentando não ficar ansiosa demais, mas a explicação mais provável era que ele tinha piorado. Que estava encolhido em algum canto à beira da morte.

A ideia me preocupou tanto que peguei minha capa e segui para a porta. Se os corredores e túneis ocultos se estendiam por toda a dimensão do castelo, eu precisaria de ajuda para revistá-los. Além disso, não conseguiria carregá-lo de volta sozinha.

O sargento não quis me deixar entrar na guarnição, mas enviou um laçao para buscar Fera para mim. Pouco depois, ele e De Lornay apareceram. Eu tinha interrompido um jogo de dados. De Lornay ainda segurava um par na mão, e os esfregava juntos animadamente. Quando viram que era eu, os sorrisos despreocupados sumiram de seus rostos, e eles se apressaram em minha direção.

– O que foi? – perguntou Fera.

Olhei para o sargento próximo, e Fera me tomou pelo braço e me levou para fora. Quando estávamos parados no meio do pátio de treinamento, longe de qualquer canto ou soleira que pudesse ocultar alguém ouvindo, De Lornay perguntou:

– Aconteceu alguma coisa com Duval?

– Ele devia ter ido ao meu quarto esta noite e não foi. Ele disse a vocês onde está ficando, não disse?

Fera assentiu lentamente.

– Bem, temo que ele esteja jogado em algum lugar lá dentro. Vocês o viram nos últimos dias? Ele está muito mal. Ele... – Minha garganta se apertou tanto que foi difícil pronunciar as palavras. No fim, não consegui contar a eles que estava com medo de que Duval estivesse morrendo. Em vez disso, falei: – Acho que ele está fraco demais para andar.

Todo o comportamento de De Lornay se alterou, e seu olhar ficou mais aguçado.

– Não tenho nada a ver com isso – disse eu, mas não achei que ele tivesse acreditado em mim.

– Vamos ajudar – disse Fera antes que De Lornay e eu

começassemos a brigar. – Leve-nos até lá.

Era tarde da noite e a corte estava calma; havia poucas pessoas circulando que pudessem nos ver. Quando chegamos aos aposentos de Duval, hesitei. Não seria bom se a leal Louyse me visse levando dois homens para meu quarto. Ela jamais perdoaria tal traição a seu mestre.

Mas não havia ninguém no aposento principal, por isso gesticulei para Fera e De Lornay, e eles entraram por lá, silenciosos como sombras. Quando chegaram aos meus aposentos, Duval ainda não estava lá.

– A porta que ele usa é aqui – disse eu, mostrando a eles a parede ao lado da lareira. – Mas não conheço o mecanismo para abri-la.

Nem eles, aparentemente, pois apertaram, cutucaram e resmungaram por longos e frustrantes minutos até que finalmente houve um ruído surdo, sólido, e em seguida a parede cedeu. Fera encostou o ombro nela e a empurrou. Uma corrente de ar frio entrou no quarto.

– Vamos precisar de luz – disse De Lornay.

Corri até a mesa e usei a única vela acesa para acender outras três menores. Entreguei uma a De Lornay e outra a Fera. Eles olharam para a que eu segurava, mas não tentaram me impedir de acompanhá-los.

A escuridão dentro dos corredores era absoluta, e a iluminação suave de meu quarto foi engolida em questão de segundos. Não havia janelas, portas nem qualquer tipo de abertura. Só pedras cinzentas e enormes nos comprimindo por todos os lados. Aquilo me lembrou a cripta do convento, e eu não sabia como Duval suportou ficar ali por tanto tempo.

O corredor principal se dividia em várias direções. Exploramos cada uma delas metódica e cuidadosamente. No escuro, era um processo lento, com poucos pontos de referência para nos guiar. Não ousávamos chamar o nome dele por medo de sermos ouvidos nos quartos e salas do outro lado das paredes.

O corredor fazia voltas e curvas sinuosas como uma serpente, e, quando comecei a temer que jamais encontraríamos o caminho de volta, ouvi um “uff” de Fera, seguido por uma voz na escuridão:

– Acho que prefiro morrer envenenado a ser pisoteado por um palerma do seu tamanho.

– Duval! – Perdi o fôlego, e contornei De Lornay e Fera, correndo. Duval estava apoiado na parede de pedra, com o rosto assustadoramente pálido. – O senhor está vivo – disse eu, e quase acrescentei *mas por pouco*. Foi uma das maiores tolices que eu já disse, mas o alívio corria tão forte em minhas veias que obscureceu meu raciocínio.

– Vivo – disse ele, e fez uma careta. – Mas incapaz de mexer as

pernas.

Olhei para suas pernas sem vida para que ele não pudesse observar meu rosto. O veneno tinha penetrado mais em seu corpo e havia começado a paralisar seus membros. Seus pulmões e coração viriam em seguida.

Fera me afastou para o lado e passou por mim, sacudindo a cabeça e repreendendo-o como uma ama-seca.

– Você nunca soube beber. – De Lornay foi até o outro lado de Duval e vi que eles pretendiam erguê-lo e carregá-lo. Sabia que ele não gostaria que eu assistisse à cena, por isso peguei as velas com os homens e virei-me na direção do corredor, pronta para iluminar o caminho assim que eles o tivessem segurado com firmeza.

Aproveitei o momento para me recompor. Por que eu não tinha recebido notícias de Annith? Será que a abadessa tinha interceptado meu bilhete? Ou meu pedido era tão contrário aos ensinamentos do convento que Annith não iria atendê-lo? Quase soltei uma risada histórica. Eu, uma senhora dos venenos, estava disposta a trocar minha alma por um antídoto – desde que encontrasse um.

Agora que tínhamos localizado Duval, as passagens não pareciam nem tão impossivelmente longas nem absolutamente escuras. Em questão de minutos, estávamos de volta a meu quarto. Deixei as velas e fui me ocupar atizando o fogo, dando a Fera e a De Lornay uma oportunidade para pôr Duval na cama.

Os homens murmuravam baixo entre si enquanto eu tirava uma tigela de sopa do fogo. Estava perto de me jogar sobre o corpo arruinado de Duval e chorar. Em vez disso, firmei os ombros, pus o caldo quente em uma bandeja e a levei até a cama.

– Tenho muitas notícias – eu disse.

Ele tentou afastar a bandeja, mas olhei fixamente para ele.

– E não vou contar uma palavra ao senhor a menos que coma alguma coisa.

Ele trocou um olhar com Fera, e vi que ele achava aquilo um exercício sem sentido. Duval aceitava estar morrendo. Não só aceitava, mas preferia. Não queria ser carregado como um espantalho pelo resto de seus dias. Mas *eu* não aceitava, por isso lhe passei a colher.

– Conte-me – disse ele, levando-a à boca.

– Os franceses cruzaram a fronteira, entraram na Bretanha e tomaram Ancenis, Fougères e Vitré.

A colher parou em pleno ar.

– Os próprios domínios do marechal Rieux?

– É – disse eu.

Do meu lado, Fera soltou um assovio.

– Continue comendo. – Depois que ele pôs outra colher de sopa na

boca, prossegui: – O capitão Dunois acha que temos uma chance de usar isso para nos reconciliarmos com o marechal Rieux.

– Ela não deve se reconciliar com Rieux – disse Duval, com voz firme. – Deve exigir que Rieux venha implorar perdão. Ela não deve ir até ele.

Fiquei pensando se aquilo não era o veneno falando, pois sem dúvida a duquesa não estava em posição de exigir nada.

– Por mais que eu deteste o marechal Rieux e o que ele fez, se há uma chance de recuperar um aliado, ela não deve ao menos considerá-la?

– Como eles sugerem efetivar essa reconciliação? – perguntou ele.

– Eles vão a Nantes tentar convencê-lo a voltar para o lado de Anne e liderar os exércitos dela contra os franceses.

– O que Crunard diz? – perguntou Duval, comendo um pedaço de pão.

– Ele queria permanecer na segurança de Guérande, mas Dunois e a duquesa foram contra.

– Quando eles partem?

– Amanhã, ao amanhecer – eu disse. – Eles querem estar a caminho antes que seus planos vazem para Nantes ou para a regente francesa.

Duval praguejou.

– Eles não percebem que estão provavelmente seguindo direto para uma armadilha?

– Sem falar que os franceses estão dentro de nossas fronteiras, e não há como saber quantos batedores ou incursões eles enviaram – acrescentou Fera. – Qual o tamanho do grupo que vão levar?

– Pequeno. Não mais que vinte.

– Facilmente dominado, então, por um grande grupo de batedores – disse Fera.

Duval jogou a cabeça para trás e a bateu contra a parede em frustração. A pancada alta me causou uma expressão de dor, mas ele praticamente nem registrou o golpe.

– Pelas cinco chagas de Cristo, que momento horrível para ter sido envenenado!

– Veneno! – O punho de De Lornay se fechou em torno dos dados com os quais estava brincando, e ele avançou um passo em minha direção. Mas foi a reação de Fera que mais me machucou. Ele levantou a cabeça grande e olhou para mim com olhos magoados, como se eu o tivesse traído, assim como a Duval.

– Não foi por minha mão – respondi. Como eles não disseram nada, fiquei agitada. – Pensem! Eu teria ido buscá-los se quisesse que ele morresse?

Isso pareceu convencê-los um pouco, apesar de De Lornay continuar lançando olhares carrancudos e sinistros em minha direção

enquanto levava a bandeja de volta à mesa junto ao fogo. Às minhas costas, Duval começou a arquitetar um plano.

– Fera, De Lornay, quando saírem daqui esta noite, procurem Dunois. Digam a ele que querem estar no grupo que vai para Nantes. Não deixem que ele recuse. Ismael! – chamou ele.

Parei o que estava fazendo e me virei na direção da cama.

– Quero que vá também. Fique junto da duquesa como se fosse seu escudo, pois, na verdade, você pode ser. Não saia do lado dela.

Minhas mãos agarraram minha saia e corri de volta até ele.

– Milorde, não foi isso que meu convento ordenou. – Não me permiti pensar no que meu convento na verdade queria que eu fizesse. As palavras da curandeira surgiram em minha mente, e não soube se elas tinham a intenção de provocar ou confortar: *Você serve a um Deus sombrio, filha, mas lembre-se: ele não é desprovido de misericórdia*. Seria aquela, então, a Sua misericórdia? Que eu não tivesse de matar Duval com minhas próprias mãos porque ele já estava morrendo envenenado? Mortain era mesmo um Deus sombrio.

– Talvez não – disse ele. – Mas, sem dúvida, é o que iriam querer que você fizesse se soubessem os planos dela. – Como não falei, ele se voltou para Fera. – Faça com que ela vá com você. Não importa o quanto eu esteja mal ou o que Crunard ou Dunois digam: garanta que ela esteja no grupo. Carregue-a se necessário. Jure.

– Eu juro. – A voz grave de Fera trovejou pelo quarto.

Duval se virou para mim, agora com um tom mais gentil.

– Foi por isso que trabalhei minha vida inteira, Ismael, pela segurança da duquesa. Não posso terminar esta tarefa, por isso peço que a faça por mim.

E, claro, eu não podia dizer não. Não a seu último desejo.

– Está bem – sussurrei.

Um leve tremor atravessou o corpo de Duval, como se o que o segurasse fosse apenas sua determinação em fazer aqueles últimos preparativos para a irmã. Nossos olhares se cruzaram.

– Obrigado.

Quando Fera e De Lornay saíram, Duval se encostou nos travesseiros. Seu rosto começava a assumir uma palidez cinzenta. Eu tinha passado o dia ansiosa para dividir minhas notícias sobre o anel de sinete de Crunard com ele, mas ele estava tão doente que não tive coragem de acrescentar aquilo à suas preocupações.

– O senhor precisa muito dormir, milorde. Pode nos dar mais instruções quando despertar.

Ele disse algo que não consegui entender.

– O quê? – perguntei, aproximando-me da cama.

– Se – disse ele. – Se eu despertar.

Estendi a mão para acariciar seu rosto, sua barba de uma semana

áspera e eriçada contra a palma da minha mão. Ele estava queimando como se tivesse febre.

– Não chore – disse ele.

Esfreguei o rosto com minha mão livre.

– Não estou chorando, milorde.

– Deite comigo – disse ele, e eu não sabia se ele queria dizer deitar ao lado dele ou deitar com ele como uma mulher se deita com um homem. – Dizem que é o modo mais glorioso de morrer, deitando-se com uma serva da Morte.

Havia um toque do velho Duval em seu sorriso, e isso me fez desmoronar por dentro de novo. Queria dizer que ele não estava morrendo, mas minha garganta estava tão apertada de tristeza que não conseguia reunir força suficiente para pronunciar as palavras. Mesmo que conseguisse, ele sem dúvida saberia que eram mentira. Eu me ajoelhei ao lado da cama.

– Milorde – murmurei –, o senhor está doente demais.

Ele ficou em silêncio, e o arrependimento me tocou tão profundamente que mal consegui me segurar para não gritar.

Tarde demais, tarde demais. Tudo era tarde demais. Eu queria levantar a voz e reclamar com todos os deuses e santos nos céus. Em vez disso, tirei o vestido e deixei que se amontoasse no chão. Tirei as bainhas em meus pulsos, depois a de meu tornozelo. Quando estava apenas de combinação, levantei as cobertas e entrei na cama ao lado dele.

Seus braços estavam à espera, e quando entrei me acomodei neles, o resto do mundo desapareceu. A pele e os músculos de seus braços se retorciam e se contraíam involuntariamente, afetados pelo veneno, mas ele me puxou para perto até minha cabeça se apoiar em seu ombro e nossos peitos se tocarem através do linho fino de minha combinação.

Seu coração estava absurdamente acelerado, como se tivesse acabado de terminar uma grande corrida. Desejando poder desacelerá-lo com meu toque, pus a mão sobre seu peito, sentindo a aspereza dos sulcos e relevos de suas cicatrizes sob meus dedos. Ele sorriu e capturou minha mão. Tentou levá-la a seus lábios, mas estava sem força, e deixou-a cair. Eu me aninhei junto dele, envolvendo seu pescoço e seus ombros com os braços, determinada a ficar o mais humanamente possível perto dele.

Era tudo o que nos restava. E se era mais do que eu jamais ousara sonhar, não era nem de perto o suficiente.

Capítulo Quarenta e Oito

Não dormi nada naquela noite, com medo de perder um único momento com Duval. Pouco antes do amanhecer, afastei-me dele, um centímetro de cada vez, para que ele não acordasse. Segurei a respiração enquanto botava todo meu peso sobre o colchão, com medo de que o movimento fosse incomodá-lo, mas não incomodou. Na verdade, ele dormia profundamente, com a respiração entrecortada. Senti sua pulsação no pescoço bem fraca, quase imperceptível. De fato, aquela era uma pequena misericórdia que meu Deus me havia concedido. Eu nem teria de erguer a mão, e Duval estaria morto antes do anoitecer.

Talvez Mortain soubesse que eu não poderia matá-lo nem que ele tivesse a marca. Não poderia matar o único homem que eu soube amar em meu coração.

Mas não importava o quanto eu quisesse ficar do seu lado. Eu não tinha opções, estava absolutamente comprometida – com o convento, com a duquesa e com o próprio Duval. Estava presa em uma teia tecida por mim mesma, e minhas promessas cruzadas me prendiam tão bem quanto qualquer armadilha. Só restava o dever, que antes me proporcionava tanta alegria. Agora eu o sentia forte e amargo em minha boca, como bile.

Estava vestida e pronta antes que Fera aparecesse para me buscar. Eu não queria ser arrastada da cabeceira de Duval e não tinha dúvida de que Fera faria exatamente o que havia prometido. Deixar Duval era tão doloroso quanto cortar meu próprio coração e alimentar os corvos com ele. Não olhei para Fera quando ele chegou. Não ousei encontrar seu olhar, pois, se visse uma gota de compaixão ali, temia me desfazer em mil pedaços, como cristal se estilhaçando.

Apesar de Duval não ter sido visto no palácio nos últimos dias, apenas a duquesa e o conselho privado sabiam que ele estava escondido. Com o resto de nós a caminho de Nantes, ele devia estar razoavelmente seguro em meu quarto. Meus olhos estavam tão secos quanto ossos, meu rosto tão rígido quanto o chão frio de mármore sob meus pés enquanto eu seguia atônita pelo palácio. Fera me lançou vários olhares preocupados, pequenos vislumbres de preocupação que

pinicavam minha pele. Eu mal registrava a existência deles.

Quanto Duval tinha contado a Fera? Será que ele acreditaria em mim se eu revelasse minha desconfiança sobre Crunard? No fim, decidi que valia o risco. Se alguma coisa acontecesse comigo, ninguém saberia onde estava o verdadeiro perigo.

– Não podemos confiar em Crunard – eu disse sem olhar para ele.

Sua cabeça não se moveu, mas senti seus olhos virarem em minha direção.

– Como assim, *demoiselle*?

– Acredito que é ele quem está envenenando Duval, e que está por trás de grande parte das desgraças que se abateram sobre a duquesa. Temo que ele esteja em conluio com a regente francesa.

Ele ficou quieto por um bom tempo, depois fez a mesma pergunta que Duval:

– Com que objetivo?

– Não entendo suas razões, só sei que suas ações indicam sua culpa, e queria que outra pessoa, além de mim, soubesse disso. Talvez o senhor possa ajudar a ficar de olho nele nessa viagem a Nantes.

Fera se virou e me olhou nos olhos.

– Ele não vai conosco.

Eu parei de andar.

– O quê? – A apreensão fez com que minha voz saísse aguda.

– Isabeau está doente demais para viajar, e a duquesa estava relutante em deixá-la. Crunard se ofereceu para ficar com ela.

– Duval! – Eu me virei para ele, mas Fera segurou meu braço.

– Crunard pode fazer pouca coisa mais com Duval – disse ele com delicadeza, e lembrei de sua promessa de me carregar, se necessário.

Após avaliar minhas opções por um longo momento, assenti, e ele soltou meu braço. Continuamos a andar.

– O senhor acha que Isabeau estará em segurança? – perguntei.

Fera franziu o cenho.

– Não posso acreditar que ele faria mal a uma pobre criança doente.

Eu só podia torcer para que ele estivesse certo. Tentar garantir a segurança de Isabeau era mais uma coisa que ia contra minha promessa a Duval.

No pátio, havia um grupo de homens de armas montados. Quatro cavalos aguardavam ao lado deles. Crunard estava lá, vestido em seu traje de trabalho e não de viagem.

– A duquesa não estava à vontade deixando Isabeau sozinha, e minha idade apenas vai retardar seu avanço – explicou ele, o que por si só era suspeito, pois ele não me devia nenhuma explicação. Tive de me perguntar o que ele ganharia ficando. Não importava o quanto eu refletisse sobre a pergunta, não conseguia encontrar nenhuma

resposta.

– Vamos sentir falta de sua sabedoria e seus conselhos na estrada, chanceler Crunard – disse eu com simpatia. – Tenho certeza de que Isabeau vai ficar satisfeita com sua companhia.

– Serei de pouco conforto na ausência de sua irmã. Mas é uma pequena maneira de ajudar.

Fera me ajudou a montar em meu cavalo, depois subiu na própria sela. A duquesa montaria com o capitão Dunois, cujos braços grossos e musculosos manteriam-na em segurança enquanto ele conduzia o cavalo.

Enquanto saíamos do pátio, fiquei olhando para a frente, com medo de me virar para Crunard e deixar que algo em minha expressão me entregasse. Quando ouvi os portões da cidade se fecharem atrás de nós, finalmente ousei olhar para trás. Crunard tinha subido nas muralhas para nos ver partir. A distância, nossos olhos se cruzaram.

– *Demoiselle*? A senhorita está bem?

Percebi que o capitão Dunois e a duquesa tinham chegado ao lado do meu cavalo. Os olhos dela estavam sobre mim. Eram de um castanho líquido e profundo e tão, mas tão jovens. Eu me perguntei como poderia lhe dizer que tínhamos acabado de deixar as duas pessoas que nos eram mais caras com um traidor. Covarde como eu era, não consegui. Não tinha provas para convencê-los. E mesmo se Dunois acreditasse em mim, que atitude ele poderia tomar? Como eu não sabia o propósito de Crunard, não podia ter certeza de que ele não nos mataria enquanto estivéssemos discutindo a questão. Além disso, estava presa pela promessa feita a Duval de levar a duquesa até Nantes em segurança. Se eu contasse a ela sobre minhas desconfianças, ela nunca deixaria Isabeau.

– Estou bem, Sua Graça, apenas pensando no que nos aguarda ao fim desta jornada.

Ela franziu a testa.

– Nada agradável, isso é certo.

– É como diz, Sua Graça.

Ela parecia inclinada a permanecer no lugar, e senti algo se agitar em meu peito, uma pequeno passarinho de pânico que ameaçava sair voando. Não conseguiria manter aquela farsa a manhã inteira se ela decidisse cavalgar ao meu lado.

O capitão Dunois me lançou um olhar amigável e deu alguma desculpa para seguir na frente. Enquanto eles se afastavam, Fera se aproximou e emparelhou comigo, como se tivesse medo de que mesmo então eu pudesse dar meia-volta e galopar de volta para o palácio.

– Pode ir – disse bruscamente para ele. – Não vou me esquecer de minha promessa.

Aquilo pareceu satisfazê-lo. Ele se virou e seguiu até seu lugar no fim do grupo, e fui deixada em paz.

Capítulo Quarenta e Nove

Estávamos na estrada havia dois dias, uma tropa sombria e desanimada, cada um de nós perdido em infelicidade, exceto, talvez, Fera, que mantinha um leve sorriso maníaco. Quando perguntei o motivo, ele disse que estava imaginando o que faria quando pusesse as mãos nas pessoas que tinham traído a duquesa. Pela primeira vez, tive um vislumbre do lado selvagem e brutal que lhe valera o apelido de Fera, e era assustador.

Sempre que pensava em contar ao capitão Dunois minhas desconfianças em relação à Crunard, ele estava ocupado dando ordens, cuidando da segurança da duquesa ou reunido com seus batedores. Não havia um momento em que não estivesse atarefado e sob a pressão do tempo, nenhum momento para ouvir meus argumentos com calma e me dar uma chance de convencê-lo, por isso fiquei em silêncio.

No fim da tarde do segundo dia, chegamos à aldeia de Paquelaie. Os dias de inverno eram curtos, e a escuridão havia começado a se abater sobre nós. Dunois nos conduziu a uma cabana de caça de pedra que pertencera ao falecido duque, parando apenas tempo suficiente para enviar um soldado à aldeia para buscar uma mulher que cozinhasse para nós.

Apesar de sermos um grupo pequeno, levamos um bom tempo para alojar todos os soldados e instalar a duquesa confortavelmente em seus aposentos. Como eu era a única outra mulher no grupo, coube a mim cuidar dela.

Ela estava cansada e pálida, não acostumada a uma cavalgada tão dura nem tão longa, mas tinha uma expressão determinada. Não havia criados, por isso Dunois mandou soldados subirem com água quente até seus aposentos.

Não conversamos muito enquanto eu a ajudava em sua toalete noturna, pois eu tinha medo de que, se abrisse a boca, despejaria todos os segredos que estava guardando. Depois que ela tinha se lavado dos dois dias de viagem, uma refeição foi levada até o quarto. Eu lhe fiz companhia enquanto ela beliscava sua comida, depois a ajudei a ir para a cama, e ela me dispensou pela noite. Mas o tempo

que passei com ela fez com que todos os meus segredos começassem a fervilhar. Agora teria de fazer o possível para convencer o capitão Dunois de minhas suspeitas.

Eu o encontrei no grande salão com Fera e De Lornay, terminando uma refeição. Os homens ergueram os olhos do pato e do capão destroçados.

– Imaginamos que a senhorita fosse jantar com a duquesa – disse o capitão Dunois, envergonhado.

Fiz um aceno, deixando que pensassem que eu tinha jantado com ela. Não importava, pois eu estava sem apetite e não tinha certeza se conseguiria engolir sequer um bocado.

– Preciso falar com o senhor.

Dunois olhou para Fera e De Lornay.

– Sozinho?

– Não, eles já sabem em parte do que se trata. – Enfiei a mão no bolso e a fechei em torno do pesado anel de sinete. – Acredito que o chanceler Crunard traiu todos nós.

– Crunard? – Os olhos dele se arregalaram com surpresa e descrença, mas fiquei aliviada por ele não descartar a ideia logo de cara.

– Sim, milorde. É uma história longa e complicada. Duval achava que o senhor não aceitaria essa traição sem provas.

– E você tem provas?

– De certa forma. – Eu tive dois dias na estrada para tentar organizar meus pensamentos, por isso fiquei extremamente frustrada quando me vi balbuciando as palavras. – Primeiro, fiquei desconfiada do chanceler quando o senhor nos contou que ele não defendeu Duval muito bem na noite em que o conselho decidiu prendê-lo, pois ele estava por trás de muitas das ações de Duval. Desconfiei ainda mais quando recebi uma mensagem de meu convento dizendo que as freiras tinham sido informadas por Crunard de que Duval estava envolvido nas tramas de sua mãe, o que era absolutamente falso.

As sobranceiras grossas de Dunois se franziram.

– O chanceler disse isso a elas?

– Sim, mas tem mais. – Passei a hora seguinte expondo todas as minhas provas contra o chanceler Crunard: os bandidos que nos atacaram, o anel de sinete, a morte de Nemours e as mentiras completas que ele contou ao convento.

Quando terminei, Dunois ficou sentado em silêncio e refletiu por um bom tempo. Finalmente, sacudiu a cabeça.

– Ao mesmo tempo que posso ver como seu raciocínio a levou a essa conclusão, não posso deixar de crer que há outra explicação que não estamos encontrando.

– Mas e o anel de sinete? Sem dúvida, é uma prova.

Dunois ficou de pé.

– É estranho, concordo com você, mas prova de traição? E em tão grande escala? – Ele sacudiu a cabeça outra vez. – Não consigo acreditar que o chanceler faria uma coisa dessas. O que Duval acha?

– A mente de Duval estava tão consumida pelo veneno que lhe foi dado por Crunard que não está podendo usar a razão.

Ele virou a cabeça bruscamente ao ouvir isso.

– Veneno? Duval foi envenenado?

– Sim, milorde. Mais uma traição para recair sobre as costas do chanceler.

O rosto dele ficou branco como giz.

– Achei que ele tinha apenas se escondido.

– Está bem avançado – disse a ele com delicadeza. – Ele não consegue mover as pernas. A paralisia vai subir para seus pulmões, depois para o coração. Talvez já tenha subido.

O silêncio era preenchido pelo crepitar do fogo.

– Meu Jesu! – disse Dunois, esfregando o rosto. – Se o que você diz é verdade, não poderemos voltar para Guérande se esta jogada falhar. E Isabeau... – Ele olhou para mim com uma expressão apavorada.

– Garanta que esta jogada não falhe – disse a ele. – Vou pensar em algo para libertar Isabeau depois que terminarmos aqui.

Capítulo Cinquenta

O dia seguinte era domingo, e a duquesa passou a manhã em oração, mas eu estava inquieta demais para tais ocupações. Fui até a janela e olhei para fora, para a floresta verdejante que cercava a cabana de caça, perguntando-me se minha carta tinha chegado ao convento e, se tivesse, se a abadessa havia acreditado em mim. Desejava amargamente que Annith tivesse escrito para mim antes de minha partida. Mesmo que ela descobrisse as respostas que eu buscava, Vanth nunca me encontraria ali.

Como uma língua tocando um dente dolorido, minha mente se voltou para Duval. Para nossa despedida – será que eu devia ter feito algo diferente? E em relação a Crunard? Ele sempre tinha desconfiado do desaparecimento de Duval. Será que iria procurá-lo assim que eu tivesse ido embora?

Ou talvez Duval morresse do veneno antes que Crunard o encontrasse.

Pensar nisso foi como jogar sal em uma ferida aberta, e me fez pegar a capa e sair. Le Palais ficava no alto de um morro de onde se via o rio Loire e o vale abaixo. O vento frio fustigava meus cabelos e agitava minha capa enquanto eu olhava para as muralhas da cidade. O que aqueles traidores estavam tramando? Eu não confiava neles, e não gostava que Anne estivesse tão perto do que quer que eles tivessem planejado.

Ouvi um passo às minhas costas, e me virei para encontrar a duquesa toda enrolada em sua capa de forro de pele, caminhando pela trilha.

– Sua Graça não devia estar descansando?

– Não consigo. Minha mente não para quieta. – Ela se aproximou e parou do meu lado, e juntas olhamos para o vale abaixo, as muralhas altas de Nantes, e os estandartes azuis e amarelos tremulando de suas defesas.

– Eu nasci aí, sabia? – disse a duquesa. – Na noite em que cheguei a este mundo, meu pai me carregou até o alto dessas mesmas muralhas e me ergueu no ar, para que eu pudesse ver meu reino, e seus súditos também pudessem ver sua próxima governante. – Ela parecia

distraída, como se não conseguisse entender direito como podia estar ali, enquanto seus inimigos estavam lá.

– Aquele portão – disse ela. – Está vendo? O mais distante? Foi exatamente por ele que Duval nos levou, Isabeau e eu, para a segurança há oito anos. – Sua voz ficou embargada. – Queria que ele estivesse aqui – murmurou com raiva. – Se alguma vez precisei de seu conselho, é agora. – Ela me lançou um olhar triste. – Eu achava que ele ia sair a cavalo e nos encontrar na estrada. Dunois não vai honrar sua ordem de prisão; ele tem que saber isso. Por que ele não veio, Ismae?

Enquanto encarava seus olhos castanhos, vi que não era mais capaz de guardar segredos dela. Era exatamente o que seus outros conselheiros faziam, e eu não queria repetir os erros deles.

– Ele está doente, Sua Graça. Muito doente.

Ela levou a mão à boca.

– A praga?

Sacudi a cabeça.

– Ele foi envenenado.

Seus olhos se arregalaram de horror, e ela deu um passo para trás.

– Veneno? – repetiu, em voz baixa.

– Sim, mas não por minha mão – apressei-me a tranquilizá-la.

– Por que ninguém me contou isso antes? – perguntou.

– Porque ele não queria que Sua Graça soubesse, e eu tinha esperança de encontrar um antídoto ou cura antes de ter que lhe dar essa má notícia.

– Mas vejo que você não encontrou nenhuma cura.

– Não.

Ela ficou em silêncio enquanto observava a cidade abaixo de nós, reunindo coragem para fazer a pergunta seguinte.

– Ele está morto?

– A esta altura, é muito provável, pois estava às portas da morte quando deixamos Guérande. – Lembrar-me de como eu o deixei me encheu de uma necessidade devastadora de pegar o cavalo mais próximo, voltar para Guérande e proteger seu corpo inconsciente de novas maquinacões de Crunard.

Ela se virou para mim, com a voz dura de raiva.

– Quem faria uma coisa dessas?

Eu respirei fundo.

– O chanceler Crunard, Sua Graça. – E então contei a ela todas as maneiras pelas quais seu guardião a traía.



No dia seguinte, Anne mandou um representante oficial a Nantes para requisitar permissão de entrar em sua própria cidade e poder

conversar com o marechal Rieux. Ela escolheu De Lornay para levar sua mensagem. Ele era benquisto por sua beleza e modos elegantes, e ela esperava que ele trouxesse o povo de Nantes para sua causa.

Acompanhamos De Lornay até o alto de uma pequena colina de onde se via Nantes. Daquele ponto elevado, nós o observamos descer a cavalo até os portões da cidade.

– O senhor não acha que vão matá-lo sem ouvi-lo, acha? – perguntei a Fera.

Suas sobrancelhas se ergueram, fingindo surpresa.

– Não me diga que você começou a gostar do nosso lorde dândi.

– De jeito nenhum – respondi calmamente. – Só quero ter certeza de que a mensagem da duquesa tem chance de ser ouvida.

– Ah – disse Fera sem se deixar enganar por minha resposta. – Como Rieux e D’Albret esperam usar Nantes para pressionar a duquesa a aceitar seus termos, acho que eles estarão mais que dispostos a conversar com De Lornay.

Assim como Fera havia previsto, um dos portões da cidade se abriu, e um pequeno grupo saiu a cavalo para encontrar De Lornay e os dois arqueiros que o acompanhavam. Foi um encontro preocupantemente curto.

Quando De Lornay retornou, seus olhos estavam furiosos, e meu coração se apertou.

– O marechal Rieux não vai discutir termos comigo. Ele insiste em encontrar a duquesa cara a cara e diz que só vai falar com ela. Ele sugere amanhã, ao meio-dia. Devemos encontrá-lo no campo, fora das muralhas. Podemos escoltá-la até lá, mas só a duquesa e dez arqueiros terão permissão de entrar na cidade. Nem o capitão Dunois, nem o barão de Waroch, nem eu poderemos acompanhá-la. Nem a assassina.

Levei um instante para me dar conta de que ele estava se referindo a mim.

– Não gosto disso – disse imediatamente o capitão Dunois. – Cheira demais a armadilha.

– Então vamos ter de garantir que ele não nos pegue desprevenidos – disse a duquesa. – Diga ao marechal Rieux que vou me encontrar com ele.



O amanhecer foi frio e claro. O capitão Dunois estava com medo de que a névoa baixasse e obscurecesse nossa visão da cidade, escondendo assim qualquer traição que Rieux ou D’Albret tivessem planejado – Dunois tinha certeza de que eles estavam tramando algo. Mas os deuses sorriram sobre nós em sua escolha do tempo para aquele dia.

A duquesa estava determinada a conversar com o marechal Rieux.

Ela tinha até decidido se desculpar com ele por ter dispensado seus conselhos. Era um grande passo, mas ela queria que ele visse que estava disposta a ceder em algumas coisas.

Todo nosso grupo cavalgou com ela pelo vale. Paramos a uma curta distância das muralhas da cidade e esperamos. Exatamente ao meio-dia, os portões se abriram, e o marechal Rieux saiu a cavalo com uma escolta de quatro cavaleiros armados. Todos cercamos a duquesa, querendo nos certificar de que não era uma armadilha. Quando não surgiram outros cavaleiros no portão, abrimos caminho para que Anne e o marechal pudessem conversar.

O marechal Rieux freou seu cavalo a pouco mais de um metro da duquesa.

– Sua Graça.

– Marechal Rieux.

– Se Sua Graça deixar para trás todos, menos dez arqueiros, ficarei feliz em conduzi-la até a cidade.

Dunois queria que ela promettesse.

– Mas é minha cidade, marechal, meus homens, meu lar. Serei recebida de maneira apropriada a uma duquesa, não levada às escuras como um ladrão, à noite.

– Então temos um impasse, Sua Graça. – Ele começou a se virar para ir embora, mas a voz clara e jovem da duquesa o deteve.

– O senhor sabia que os franceses cruzaram nossas fronteiras?

Ele virou a cabeça para o lado.

– Tenho esperança de que isso faça Sua Graça recuperar a razão e se reconciliar com o conde D’Albret.

O capitão Dunois soltou um resmungo de desprezo, mas a duquesa gesticulou para silenciá-lo.

– O senhor sabia que eles tomaram Ancenis?

O marechal Rieux lentamente virou o cavalo.

– Ancenis?

A duquesa assentiu.

– Neste momento, eles ocupam seus próprios domínios.

O anúncio teve o efeito desejado. A surpresa ficou evidente no rosto do marechal Rieux e, então, a desconfiança.

– É mentira.

– Marechal Rieux! Lembre-se de com quem o senhor está falando – recordou-o o capitão Dunois.

– Por que eu deveria acreditar nessa afirmação? – perguntou o marechal.

– Por que nós mentiríamos? – questionou a duquesa. – É fácil para o senhor confirmar. Mande um cavaleiro, se desejar.

Rieux hesitou por um instante, depois gesticulou com a cabeça para dois de seus homens. Eles abandonaram o grupo e voltaram seus

cavalos na direção da estrada para Ancenis.

– Isso ainda não vai lhe valer nada – disse ele, mas sua voz demonstrava menos certeza agora.

O capitão Dunois esporeou seu cavalo adiante.

– Jean! – disse ele. – Sem dúvida não vai deixar que os franceses se beneficiem dessa desavença entre você e a duquesa.

O marechal disse alguma coisa que não pude ouvir, pois os dois homens tinham se aproximado e falavam com voz baixa e urgente. Não podia dizer o que me levou a afastar os olhos daquela negociação feroz, mas algo fez isso – uma pequena premonição, ou talvez o próprio Mortain sussurrando ao meu ouvido, dizendo *Ei. Veja, ali*. Seja lá o que fosse, meu olhar foi atraído para as muralhas da fortaleza e vi uma sombra magra se afastar da parede de pedra. A figura caminhou até a beira das defesas, tão perto que temi que fosse se jogar das ameias para a morte.

Mas não, ela parou bem perto da pedra e olhou além do rio e dos campos para os homens armados. E para mim.

Mesmo a distância, senti nossos olhares se encontrarem, e naquele momento eu soube que era Sybella. A descrição de seus movimentos me disse que ela tinha se colocado em sério perigo para ir até ali. Quando teve certeza de haver captado minha atenção, levou um braço ao lado do corpo e depois começou a movê-lo, como se estivesse jogando alguma coisa. Espalhando sementes ao vento, talvez? Ou jogando migalhas na água do fosso? Olhei para baixo para ver se havia alguma pista. Foi quando vi o portão lateral se abrir e duas colunas de tropas saírem por ali. Tropas vestidas com tabardos azuis e amarelos. As cores de D’Albret.

Tornei a olhar para Sybella, que repetiu o gesto.

Ela não estava jogando nada. Estava nos mandando fugir.

Capítulo Cinquenta e Um

Doze homens, depois duas dúzias. Parei de contar ao chegar perto de cinquenta.

– Capitão Dunois! – exclamei.

Ao meu alerta, o marechal Rieux levantou a cabeça. Seus olhos registraram os reforços, então ele e o resto de seu grupo se viraram e galoparam de volta para a cidade. O trabalho deles estava feito; eles haviam nos distraído por tempo suficiente para D’Albret pôr sua armadilha em ação. O rosto normalmente corado de Dunois empalideceu ao ver as tropas jorrando do portão.

– Sua Graça, precisamos levá-la para segurança. – Ele começou a gritar ordens. – Waroch! De Lornay! Levem os homens para enfrentar a linha mais avançada. Vocês três... – Ele apontou para seus dois guardas maiores e para mim. – Venham comigo. Vamos proteger a retirada da duquesa.

Quando viramos nossos cavalos, o portão lateral sul se abriu, e de lá saiu uma segunda coluna de soldados montados. Eles pretendiam nos cercar.

Nesse momento, o cavalo de Fera emparelhou com o meu. Havia um brilho selvagem em seus olhos, e me perguntei se ele já estava inebriado com a perspectiva da batalha.

– Um beijo de boa sorte, *demoiselle*?

Olhei em seu rosto feio e simpático. Ele não iria voltar. Nem De Lornay. Eles ganhariam algum tempo para a duquesa, e era tudo o que poderiam fazer contra os duzentos soldados que cavalgavam em nossa direção. Se ele queria um beijo meu antes de partir, eu o daria de boa vontade. Assenti, e ele passou seu braço grosso como um tronco de árvore ao meu redor, puxou-me para perto e plantou os lábios sobre os meus. A força do beijo me inclinou para trás sobre a sela, seu braço musculoso quase me arrancando de meu cavalo.

Foi um beijo magnífico e vigoroso, e senti apenas uma tristeza profunda por talvez ser seu último.

Pouco antes de se afastar, ele sussurrou em meu ouvido.

– Duval me disse para lhe dar isso se eu tivesse chance. É dele.

Ele esporeou o cavalo e seguiu até o pequeno grupo de homens que

deveria conduzir a suas mortes. De Lornay se aproximou em seguida. Ele não disse nada, mas desamarrou uma das duas bestas penduradas em sua sela e a entregou a mim.

– Isso tem mais alcance que esse estilingue que você está carregando. – Ele piscou, então se virou e galopou até alcançar Fera.

O capitão Dunois já estava se afastando, abaixado na sela e protegendo o corpo da duquesa com seu próprio corpo. Os dois soldados da retaguarda tinham tomado posição atrás dele. Enquanto me aproximava deles, dei uma última olhada para trás.

O calor da batalha agora queimava vivo dentro de Fera. Ele gritou uma ordem para dividir seus homens em dois grupos, para que pudessem retardar as duas vanguardas das forças que se aproximavam.

– Ao meu sinal – disse ele, mas, antes que pudesse dá-lo, um som longo de clarim o deteve. Minha cabeça virou na direção do som.

Soldados a cavalo estavam vindo a toda velocidade em nossa direção. De Lornay foi o primeiro a reconhecer suas cores.

– A guarnição de Rennes!

Ele e Fera trocaram um sorriso exultante, depois Fera deu a ordem de atacar. Fera olhou para trás e viu que eu hesitava.

– Vá! – gritou.

E, claro, eu deveria ir. Não podia perder aquela chance que ele tinha nos dado. Esporeei meu cavalo e galopei atrás dos outros.

Quando cheguei ao emaranhado de árvores, permiti-me olhar para trás, bem a tempo de ver Fera se colocar de pé nos estribos, com um machado de batalha em uma mão e uma espada na outra. Então as forças de D’Albret caíram sobre ele. O som quando eles se encontraram foi ensurdecedor, o choque de armas, o grito de metal, o relinchar aterrorizado dos cavalos.

Toquei minha montaria adiante e segui em frente, com o som da luta terrível ecoando em meus ouvidos.



Menos de meia légua depois, alcançamos o corpo principal das forças de Rennes. Dunois mal teve tempo de frear seu cavalo para não bater contra eles. Os reforços nos cercaram como um rio de segurança, protegendo a duquesa em fuga e sua pequena guarda. Mesmo que os soldados de D’Albret a alcançassem, jamais poderiam chegar a ela enfrentando a tropa de Rennes. Esfreguei os olhos por um momento, surpresa ao ver que meu rosto estava molhado. Enquanto o secava rapidamente na manga, fiquei surpresa ao ver uma figura familiar cavalgando em nossa direção.

– François! – A voz da duquesa se encheu de alegria ao ver o irmão. Eu também fiquei feliz. François fez muito mais do que simplesmente

jurar lealdade a ela: ele a auxiliou no que com certeza foi uma de suas horas de maior necessidade.

– Foi você quem trouxe esses homens em nosso resgate? – ela perguntou.

Ela fez uma reverência de sua sela.

– Apenas em parte. Foi ideia de Gavriel chamá-los. Eu fui apenas seu enviado.

Não tive certeza de ouvi-lo corretamente.

– Duval? – repeti de modo estúpido enquanto a duquesa olhava para mim com esperança.

Ele faz outra reverência.

– Duval, milady.

– Mas ele estava tão doente quando eu... quando partimos. Ele não conseguia nem se mexer na cama!

François deu de ombros.

– Ele realmente parecia doente, mas posso jurar que conseguia se mover. Na noite em que seu grupo partiu, ele veio ao meu quarto e me deu instruções urgentes para partir para Rennes como se a vida de minha irmã dependesse daquilo, pois, sem dúvida, dependia.

Eu ainda mal conseguia acreditar no que ele estava dizendo, mas o comandante de Rennes já estava reagrupando os soldados para que pudessem cavalgar de volta para a cidade e levar a duquesa para a segurança de suas muralhas. Todos concordavam que a prioridade era levá-la para a segurança.

Antes que partissem em seus cavalos, Anne mandou Dunois guiar o grupo até mim.

– Vá – disse-me ela em um sussurro urgente e determinado. – Encontre De Lornay e Waroch. Se estiverem feridos, traga-os de volta assim que for possível.

Sabia muito bem que, àquela altura, eles estavam todos mortos, sangrando com cem cortes diferentes, mas disse:

– Farei o que me ordena, Sua Graça, de todo coração.



Abaixei-me na sela e esporeei meu cavalo. Cada momento em que aqueles que eu amava sofriam, com seus corpos feridos e alquebrados, era um sacrilégio para mim. Pois percebi que amava não apenas Duval, mas também Fera e De Lornay, cada um de um jeito diferente. Não sabia como os alcançaria, nem como evitaria qualquer inimigo que ainda permanecesse no campo. Sabia apenas que faria o que minha duquesa ordenou, se necessário, com meu último suspiro.

Quando saí das árvores no alto do morro, fiquei surpresa com o silêncio. Não havia som de batalha, nem de espadas se cruzando, nem relinchos de cavalos. Tudo estava completa e assustadoramente

silencioso. Puxei as rédeas para que o cavalo não descesse a encosta em um salto de quebrar os ossos, e ele parou bruscamente.

A força de combate de D'Albret já tinha se retirado para a proteção dos muros da cidade. Quando viram que sua armadilha havia sido arruinada, recuaram. Restavam apenas corpos no campo. Desci do cavalo e o amarrei a uma árvore. Minha mão foi até a *misericorde* na minha cintura enquanto percorri o resto do caminho a pé, segurando com firmeza o punhal do próprio Mortain.

Caminhei com dificuldade em meio a um mar de membros esmagados e feridas sangrando. Tentei não deixar que meu olhar se fixasse por tempo demais, pois doía. Apesar de metade deles ter traído seu país, na morte não eram nada além de homens moribundos, cuja vida escorria deles para molhar a grama. Fiquei surpresa ao descobrir que não tinha deixado todo o meu coração em Guérande, e que não era forte o suficiente para fazer com que o pedacinho que restava dele resistisse a seu sofrimento.

Nem a suas súplicas. Lamentos baixos pairavam acima do mar dos caídos. Eu me envolvi em minha capa, desejando cera para tampar meus ouvidos e não ter de escutar os gemidos baixos e tristes que eles emitiam. Examinei seus rostos, feridos e ensanguentados, com caretas provocadas pelo esgar da morte. À medida que me aproximava das muralhas de Nantes, reconheci alguns homens nossos, todos mortos. Até que, finalmente, vi um rosto familiar.

Ergui as saias e corri até De Lornay. Ele jazia no chão, com o corpo coberto de cortes. Duas flechas se projetavam de suas costelas. Temi que já estivesse morto até que cheguei perto o suficiente para ouvir sua respiração difícil.

Caí de joelhos na lama ensopada de sangue.

– De Lornay?

Ao som de minha voz, ele piscou e abriu os olhos. Eles se encheram de surpresa quando ele viu que era eu.

– Ismae? – disse com dificuldade.

Segurei sua mão.

– Estou aqui.

– Ela escapou?

– Sim, milorde. Ela está em segurança com o capitão Dunois e duzentos homens de Rennes.

Ele fechou os olhos, e pude sentir um tremor de alívio percorrer seu corpo.

– O senhor viu Fera? – perguntei.

Ele começou a sacudir a cabeça, mas parou ao ser tomado por um acesso de tosse. Sangue escorria de seus lábios.

– Ele não resistiu. Mandaram doze homens sobre ele. – Ele parou para recuperar o fôlego. Quando tornou a falar, foi mais baixo. – Eles

o mataram e o arrastaram para a cidade.

Bile subiu em minha garganta quando pensei na Fera de Waroch, arrastado pela lama para ser pendurado nas muralhas da cidade como um traidor.

– Sinto muito – murmurou ele. – Sinto muito por tratá-la tão mal. Eu só pensava em proteger Duval.

– Não era eu quem o estava envenenando – eu disse.

– Não, mas você roubou seu coração, e eu temia que você o arrancasse de seu peito quando partisse.

Todos os sentimentos desagradáveis que eu nutria por aquele homem desapareceram, e me enchi de pesar. Pesar por só descobrir sua verdadeira natureza naquele momento. Pesar por não termos resolvido nossas diferenças antes. Pesar por não ter permitido que nos tornássemos amigos.

– Eu gostaria de lhe pedir perdão, Ismae. Assim terei um pecado a menos para pagar.

– O senhor o tem, milorde. – E tinha. Eu esperava que seu coração se aliviasse com isso.

– Bom. – Sua boca se retorceu em uma tentativa de sorrir. – Então também vou lhe pedir um favor.

– Peça, e será concedido.

– Mate-me.

O terrível pedido me fez perder o fôlego.

– Por favor – implorou ele. – Eu preferia não ficar aqui um dia inteiro enquanto os corvos bicom minhas entranhas.

Olhei para baixo e vi que sua outra mão, a que eu não estava segurando, mantinha seu estômago no lugar.

– Qualquer golpe fatal serve.

– Não, milorde – disse eu.

A esperança deixou seu rosto.

– Pedi demais.

Levei o indicador a seus lábios e os silencieei.

– Não foi isso o que eu quis dizer. Um herói como o senhor merece a *misericorde*, assim como todos os nossos agradecimentos. Sei que a duquesa também desejaria isso.

Ele deu um sorriso fraco e apertou minha mão, mas foi um aperto sem forças.

Sem vontade de vê-lo sofrer mais, saquei a *misericorde* da cintura. Debrucei-me sobre ele e levei os lábios até seu rosto ferido e ensanguentado, em um beijo tão delicado quanto uma mãe daria em seu filho, depois encostei a ponta da *misericorde* em seu pescoço.

Sua alma transbordou de seu corpo, uma exultação alegre ao passar por mim, e senti como se tivesse sido banhada por uma luz sagrada. O corpo no chão não era mais que uma casca, uma concha, e fui tomada

por uma sensação de paz. Sim, pensei. *Sim*. Era isso o que eu queria ser. Um instrumento de misericórdia, não de vingança.

Levantei e examinei todos os moribundos a minha volta. Eu sabia o que devia fazer.

Fui até o soldado caído mais perto do corpo agora vazio de De Lornay. Debrucei-me sobre ele e levei a ponta da *misericorde* a seu ombro. Em uma onda de graça e gratidão, seu espírito deixou seu corpo. Mais uma vez, senti o toque daquela luz sagrada.

– Paz – murmurei enquanto sua alma partia.

Fui até o seguinte, e depois até mais um. Enquanto circulava entre os caídos, percebi uma coisa: todos eles tinham uma marca. A morte os havia encontrado mesmo sem minha ajuda.

Só depois de libertar a última alma do campo de batalha vi uma figura alta e escura parada sob as árvores próximas. Tentei enxergar melhor, mas a luz estava desaparecendo, e não podia ter certeza se tinha visto algo ou se era apenas uma das sombras que se alongavam. Mas não. Havia alguma coisa – *alguém* – ali, a me observar indo de um corpo para o outro.

Ele era alto e estava todo vestido de negro, com uma capa. E imóvel. Ele estava absolutamente imóvel. Minha mão não se dirigiu para minha faca, pois reconheci Sua presença, um frio suave e envolvente e o leve aroma de terra recém-revirada. Com o coração batendo forte e dolorosamente em meu peito, fiquei de pé, meu olhar firme enquanto eu caminhava na direção da Morte.

– Filha. – Sua voz era como o farfalhar de folhas de outono caindo de árvores moribundas.

– Pai? – sussurrei, caindo de joelhos e baixando a cabeça. Cada partícula de meu ser tremia. Estava com medo de olhar para o rosto Dele, temendo Sua ira, Sua vingança por todos os erros que eu tinha cometido, por amar Duval, por desobedecer o convento e por libertar as almas daqueles homens caídos.

E, mesmo assim, naquele bosque, com a sombra da Morte tão perto, eu não senti nem ira nem vingança. Eu senti graça. Quente e correndo como um rio, ela se derramava sobre mim. Fui banhada em graça, e não pude evitar erguer o rosto para ela, assim como faria para o sol. Queria rir enquanto ela chovia sobre mim, percorria meus membros, limpava-os do cansaço e da autoaversão. Eu renasci em sua graça e, de repente, podia fazer qualquer coisa.

Eu O senti beijar minha testa, uma pressão gelada em minha fronte. Naquele beijo havia absolvição, sim, mas também compreensão. A compreensão de que era *Ele* a quem eu servia, não ao convento. Sua centelha divina vivia em meu interior, uma presença que jamais me deixaria. E eu era apenas uma das muitas ferramentas que Ele tinha à Sua disposição. Se eu não pudesse agir, se me recusasse a agir, era

uma escolha que eu tinha a permissão de fazer. Ele me deu vida, e tudo o que eu precisava fazer para servi-Lo era *viver*. Intensamente, e com todo meu coração. Com essa descoberta, veio uma compreensão completa de todos os dons que Ele me havia concedido.

E então eu soube. Soube por que Duval tinha conseguido se levantar do leito de morte por tempo suficiente para mandar François a Rennes, e soube como salvá-lo do veneno.

Se não fosse tarde demais.

Capítulo Cinquenta e Dois

Galopei como o vento. Era como se Mortain tivesse abençoado meu cavalo e dado asas a suas patas. Não tinha ideia do que iria encontrar, que outra vilania o chanceler Crunard teria armado, mas, mesmo se estivesse errada sobre Duval, teria a oportunidade de enfrentar Crunard, e isso valia muito.

Minha montaria podia cavalgar como se fosse uma mensageira alada da Morte, mas não era, e precisei parar à noite para que nós dois pudéssemos descansar. Escolhi uma clareira perto de um riacho à vista de uma pequena cabana de pedra. Levei o cavalo para se refrescar, deixando que bebesse do córrego.

Tentei descansar enquanto ele fazia isso, mas não pude. Mal conseguia aceitar aquele dom que recebera, apesar de não ousar questioná-lo por medo de que minhas dúvidas o fizessem se evaporar. Em vez disso, concentrei-me na sensação de possibilidades infinitas que senti na presença da Morte, e aferrei-me a ela.

De manhã, acordei com os passarinhos e partimos outra vez. Eu era uma carga leve para o cavalo, acostumado a marchas longas com cavaleiros pesadamente armados, por isso chegamos a Guérande em um tempo excelente.

Parei diante da cidade. Os portões estavam abertos, e as pessoas entravam e saíam. Ninguém parecia ser objeto de nenhum exame especial. Mesmo assim, eu não podia passar com um cavalo de batalha pelos portões. Isso levantaria questões indesejadas. No fim, deixei-o com o morador de uma cabana fora da cidade, dando a ele um punhado de moedas para mantê-lo em segurança para mim.

E lhe prometendo problemas se não o fizesse.

Enquanto completávamos nossa transação, a mulher dele ficou parada no canto do quintal, onde havia começado a tirar a roupa do varal. Dei duas moedas a mais e meu elegante vestido em troca do vestido feito em casa que ela tinha pendurado ali.

Tirei minhas próprias roupas, ávida para me livrar dos trajes elegantes do convento. Quando pus o vestido marrom e grosseiro, algo mudou em meu interior. Eu não era mais uma criatura do convento, mas meu verdadeiro eu, nada além de uma filha de Mortain.

Ao deixar as finas roupas para trás, deixei a cabana a pé, vestida como a camponesa que era. Só mantive as armas.

Os guardas no portão mal me olharam quando entrei na cidade. Eu nunca vira aqueles guardas antes, mas, como só tinha passado pelos portões algumas vezes, isso não significava nada. Eles pareciam estar prestando mais atenção em quem saía do que em quem entrava.

Meu coração se acelerou enquanto eu caminhava pela cidade. Tinha vontade de correr e ir direto para Duval, mas isso chamaria atenção demais. Em vez disso, obriguei-me a caminhar lentamente e mantive a cabeça baixa, como faria uma criada modesta. Mas era difícil. Muito difícil.

Aproximei-me do palácio pelos fundos, onde eram feitas as entregas da cozinha. Fiz uma pausa para pegar um cesto de repolhos de uma carroça e então levá-lo para dentro. Ninguém prestou a menor atenção em mim. Na verdade, todas as minhas ações pareciam abençoadas, e entrei no palácio sem ser notada.

Foi uma caminhada longa e tensa da ala oeste até a torre norte, onde ficavam meus antigos aposentos, mas aquela era a única entrada que eu conhecia para os túneis ocultos.

Mantive a cabeça baixa enquanto seguia pelo corredor, mas mesmo assim podia ver que muita coisa havia mudado. Os pajens estavam rígidos e atentos, não mais alegres e bem-humorados. Os criados agilizavam seus serviços, todos eles com expressões fechadas.

Eu me enchi de alívio quando finalmente cheguei aos aposentos de Duval, especialmente ao ver que estavam desertos. Não havia criados, Duval, nada.

Entreí no cômodo principal, depois fui direto para meu próprio quarto. Lá dentro, fechei e travei a porta pesada.

Minha cama estava vazia, mas desarrumada, como se não tivesse sido feita desde o dia em que eu parti para Nantes. Havia velas, mas não havia fogo na lareira para acendê-las. Desperdicei minutos preciosos batendo em uma pederneira para ter alguma luz nos corredores escuros à frente. Minhas mãos estavam tremendo tanto que precisei de cinco tentativas para conseguir acender o pavio. Quando uma pequena chama finalmente queimava sobre a grelha, acendi uma vela, depois segui para a parede perto da lareira.

Olhei para ela fixamente, desejando ter perguntado a Fera como ele a abria. Empurrei os tijolos, um de cada vez, até um deles ceder só um pouco, o suficiente para liberar a mola que prendia a porta de pedra tão bem fechada. Encostei o ombro contra a porta revelada e empurrei. Ela cedeu talvez alguns centímetros. Gemendo com o esforço, tornei a empurrar, firmando os pés no solo e jogando todo o meu peso contra ela até que se moveu o suficiente para que eu passasse.

Não sabia por onde começar minha busca, pois, se Duval estivesse de pé e caminhando, poderia estar em qualquer lugar. Podia mesmo, percebi, ter ido embora dali. No entanto, se tivesse sido apanhado por Crunard, sem dúvida eu teria visto sua cabeça na ponta de uma lança nas muralhas da cidade.

O pensamento fez meu coração bater forte, como se fosse de pedra. Afastei-me da porta e projetei os sentidos à procura da Morte, com medo de encontrá-la. Quando não encontrei, permiti-me respirar fundo pela primeira vez desde que chegara a meu quarto. Com esse estímulo, comecei a seguir o caminho até onde De Lornay e Fera encontraram Duval. Senti uma forte pontada de dor ao pensar nos dois, mas expulsei-a. Salvar Duval era meu objetivo agora.

Eu me perdi duas vezes, até que, finalmente, a luz fraca de minha vela mostrou-me a ponta de um cobertor. Com medo de ter esperanças, mas sem conseguir me deter, caí de joelhos ao lado dele. Ele ainda respirava, mas sua respiração estava entrecortada e difícil. Senti seu pulso. Estava fraco e mais acelerado que as asas de um colibri.

– Milorde – murmurei.

A cabeça dele virou em minha direção, e suas pálpebras piscaram sem forças.

Não é tarde demais, não é tarde demais, as palavras batiam em meu peito e latejavam por minhas veias. Não sabia se eram uma oração, uma súplica ou um pedido.

Segurei seu rosto com as mãos, saboreando o arranhar áspero de sua barba por fazer. Eu me abaixei, levei os lábios aos dele e o beijei.

Seus lábios estavam secos e rachados, mas não me importei. Pude sentir o sabor do veneno. Cobri sua boca com a minha, aprofundando o beijo, beijando-o como Fera havia me beijado, profundamente, com entrega, como se estivesse bebendo um vinho fino de um cálice de prata. Meu coração se encheu de alegria quando o senti se mover sob mim.

Então ele abriu a boca e nossas línguas se encontraram. Foi uma sensação chocante permiti-lo entrar. Minhas mãos sobre sua face ficaram dormentes, assim como meu rosto. Eu continuei a beijá-lo, querendo extrair cada gota de veneno de seu corpo para o meu. Quando seus olhos finalmente se abriram e ele murmurou meu nome contra meus próprios lábios, eu ri, e a felicidade que senti transbordou de minha boca para a dele. Precisando olhá-lo, ver seu rosto, eu me afastei um pouco.

Seus olhos estavam nublados de desejo e alegria. Sua pele já parecia menos pálida. Ele ergueu a mão e pôs uma mecha solta de meu cabelo por trás de minha orelha.

– Não esperava encontrá-la aqui – disse ele.

Levei um bom minuto para me dar conta de que *aqui* não significava Guérande, mas que ele achava ter viajado para os domínios da Morte.

– O senhor está vivo, milorde. – Não consegui me segurar. Ri em triunfo ao dizer as palavras.

Ele franziu o cenho, depois tentou sentar enquanto se lembrava.

– A duquesa está em segurança – disse a ele. – Está em segurança e bem protegida por metade da guarnição de Rennes. O senhor conseguiu, milorde. François nos alcançou a tempo. O senhor a salvou.

Ele fechou os olhos e respirou fundo.

– Então posso morrer em paz.

– O senhor não está morrendo. Estava, mas não está mais. – Diante de seu olhar intrigado, debrucei-me outra vez para perto dele. – Vou salvá-lo – murmurei contra seus lábios.

Ao tirar o vestido pesado e escuro, percebi que tinha apenas uma vaga ideia de como uma mulher se deitava com um homem. Mesmo assim, joguei minha combinação para o lado e empurrei Duval com delicadeza. Não foi necessário nenhum esforço. Coloquei-me sobre ele de modo que cada parte de nossos corpos se tocasse. Minha cabeça repousava sobre seu peito, e meus pés se apoiavam sobre suas canelas. Ele estava quente, quente demais, e sua pele se contraía e tremia por toda parte. Meus dedos percorreram as cicatrizes em seu peito, até aquela que ficava exatamente sobre seu coração. Pus a mão ali, saboreando a pulsação mais firme.

Soube que ele estava ficando mais forte quando conseguiu me puxar para perto de si.

Suas mãos tatearam minhas costas, delineando minha cicatriz. Comecei a me afastar, mas percebi que não me importava. Conforme seus braços ganhavam força, seus dedos viajavam em trilhas deliciosas por minhas costas. Em toda parte que minha pele tocava a dele, ela vibrava e formigava, mas, se era do veneno saindo de seu corpo para o meu ou apenas minha reação a ele, eu não sabia dizer.



Algum tempo depois, fui a primeira a acordar. Fiquei ali deitada, saboreando o ritmo lento e firme de seu coração enquanto pulsava contra meu peito. Quando abri os olhos, vi que a pele dele não tinha mais a tonalidade acinzentada que anunciava a morte. Eu me sentia úmida, como se tivesse caminhado por uma névoa densa. Gotículas do veneno agora inofensivo cobriam minha pele como suor. Tal como uma pedra de bezoar, eu havia neutralizado seus efeitos negativos.

À medida que a névoa de nossa união passava, ela abriu caminho para pensamentos além de Duval. Eu me sentei.

– Isabeau! – Fui tomada por pânico, mas a mão de Duval me

segurou pela cintura e me puxou de volta.

– Ela está em segurança – murmurou.

Olhei fixamente para ele no chão.

– Como o senhor pode saber? Creio que Crunard...

Ele levou o indicador aos meus lábios para me silenciar.

– Ela não está mais aqui.

Meu coração quase saiu pela boca.

– Quer dizer que ela morreu?

Ele riu e sacudiu a cabeça, bem-humorado.

– Não, minha querida assassina. Ela foi retirada do palácio enquanto Crunard dormia.

Empurrei-o, saí de seus braços e me sentei.

– Como? Como o senhor conseguiu isso?

Ele juntou as mãos atrás da cabeça e olhou para mim.

– Na manhã em que você foi embora, acordei me sentindo melhor. Sabia que Crunard devia estar planejando alguma armadilha e que eu tinha pouco tempo antes que ele a pusesse em ação. Procurei François e o mandei buscar a guarnição de Rennes e levá-la até Anne em Nantes.

– Ele fez isso, milorde. Ele nos alcançou exatamente na hora em que necessitávamos.

Duval sorriu.

– Bom – disse ele. – É bom tê-lo como aliado outra vez. A segunda maior necessidade era levar Isabeau para um lugar seguro. – Seu rosto ficou sério. – Ela não está bem, nada bem.

– O senhor não precisa me dizer isso. – Nossos olhares se cruzaram.

– Anne sabe?

– Não da gravidade da situação, eu acho.

Ele suspirou e esfregou o rosto.

– Para levá-la, utilizei os talentos da fiel Louyse, que daria a vida por qualquer um dos filhos do duque, e da senhora minha mãe, que devia a vida à sua misericórdia e ao novo juramento que fizera. Levou um tempo para convencer minha mãe que jurar lealdade a Anne também significava arriscar a vida por Isabeau, mas, assim que ela viu a fragilidade da menina e soubemos que Crunard havia tramado contra ela, ela ficou mais que disposta a arruinar os últimos planos dele.

– Então você as tirou daqui pelos túneis?

– Exatamente. – Ele deu um sorriso merecidamente convencido.

– E depois? – perguntei, socando o ombro dele. – Protegeu todo o ducado enquanto eu achei que estava morrendo?

– Não – disse ele, ficando sério. – Crunard ainda está livre.

– Você consegue adivinhar qual é o objetivo dele?

– Não sei. Mas planejo descobrir. – Nossos olhares tornaram a se

cruzar e, desta vez, nossos sentimentos carinhosos deram lugar ao desejo de fazer Crunard pagar. – Mas, primeiro, conte-me suas novidades. Que milagre você fez para me salvar desse veneno?

– É um dos presentes de Mortain. – Fiz uma expressão sem graça. – Um que o convento não conhece, ou sobre o qual preferiu não me informar.

– E Fera e De Lornay? – perguntou ele. O tom preocupado em sua voz indicava que esperava o pior. Conte sobre nossa batalha diante de Rennes, a queda de De Lornay e a derrubada de Fera. À medida que falava, sua tristeza cresceu até um ponto que ameaçava engolir nós dois. Então sua boca se estreitou em uma linha dura.

– Eu preciso levantar.

Quando se pôs de pé, fiquei satisfeita ao ver que não cambaleou. Mesmo assim, não estava firme como antes. Seu corpo precisaria de tempo para se curar completamente.

– O senhor não pode estar pensando em entrar nos aposentos de Crunard e desafiá-lo para um combate – disse eu.

– Não posso?

– Mal consegue se manter de pé.

– Mesmo assim, vou enfrentá-lo. Estou farto de me ocultar nas sombras enquanto ele destrói tudo por que lutamos.

Permanecemos em silêncio enquanto voltamos pelos túneis até meu quarto, cada um consumido pelos próprios pensamentos. Crunard tinha nos prejudicado muito. Apesar de ainda estar fraco, Duval ia na frente, pois estava mais familiarizado com aqueles túneis que eu. Mais uma vez, fiquei impressionada ao pensar em como ele aguentou ficar ali aquele tempo todo. As paredes de pedra próximas me pressionavam, tirando meu fôlego e arrepiando os pelos de minha nuca.

Finalmente, vi uma fresta de luz adiante e apertei o passo, quase tropeçando nos calcanhares de Duval. Ele resmungou, cambaleando para a frente. Quando chegou à porta, congelou, depois estendeu o braço e me empurrou de volta para o túnel.

– Crunard! – ele exclamou, e cada nervo em meu corpo ficou alerta.

Capítulo Cinquenta e Três

– Ah, você ainda *ESTÁ* vivo. Eu achava que sim. Era a única explicação que fazia sentido.

Com o cuidado de ficar fora de vista, encostei na parede de pedra. Meu coração pulsava contra meu peito enquanto a voz fria e dura do chanceler enchia meus ouvidos.

– Entre, entre, não fique parado na porta. – No início, achei que ele estivesse falando comigo, depois vi Duval sair do túnel e entrar no quarto. – Além disso, você e eu temos um jogo de xadrez que precisamos terminar – disse ele com um tom malicioso, e foi então que eu soube.

Soube exatamente onde Duval tinha sido pego pelo Laço de Arduinna. Quis bater a cabeça contra a parede em frustração.

– É isso o que estamos fazendo, Crunard? Jogando uma partida de xadrez? Se é isso, confesso que não percebi que era contra você que estava jogando, não até Ismae expressar suas suspeitas. – Duval parecia forte e firme, mas eu não sabia se era por que tinha se recuperado plenamente ou porque estava simplesmente determinado a não demonstrar fraqueza diante de Crunard.

– A garota percebeu antes de você, não é? Isso deve doer, mas o convento não é conhecido por produzir tolos.

– Ela também não tinha uma vida inteira de lembranças e lealdades familiares para nublar sua visão. Eu o defendi contra as acusações dela. – A voz de Duval agora estava trêmula, mais pela dor devido à falsidade de Crunard que por fraqueza. – Eu disse a ela que um dos maiores heróis de nosso país e o aliado mais próximo de meu pai jamais trairia minha irmã dessa maneira.

Crunard ficou um bom tempo em silêncio. Quando falou, sua voz estava tão baixa que precisei me aproximar para ouvir as palavras.

– Quatro filhos, Gavriel. Perdi quatro filhos para essa guerra sem fim contra os franceses. E por quê? Para que eles possam dar meia-volta e tornar a invadir nossas fronteiras? No fundo, você acha mesmo que faz diferença para as pessoas quem as governa? Acha mesmo que manter a independência da Bretanha é mais importante para suas vidas e para sua prosperidade do que terminar com essas guerras

constantes?

– Como você pode ignorar aquilo por que lutamos pelos últimos vinte anos? Como pode desonrar a memória de seus próprios filhos desse jeito?

– *Você não pode falar comigo de meus filhos* – disse Crunard, com a voz tensa de raiva. – Não quando você viveu, e eles morreram. – Ele ficou em silêncio e, quando tornou a falar, estava mais calmo. – Não espero que você entenda como é difícil ver seus próprios filhos morrerem, caídos em batalha por uma causa que pouco vale em comparação ao que você perdeu. Além do mais, não espero que você entenda como é descobrir que um desses filhos ainda vive...

– Anton? – Havia alegria na voz de Duval, e lembrei que o filho mais jovem do chanceler e Duval tinham a mesma idade. Provavelmente, tinham sido amigos.

– Anton – disse Crunard. – Eu o vi ser atingido no campo de batalha em Saint-Aubin-du-Cormier. Então você não pode nem imaginar minha alegria quando recebi a notícia de que ele ainda vivia. Tudo o que eu precisava fazer era entregar Anne nas mãos da regente francesa, algo que era claramente inevitável, e meu filho me seria devolvido.

De repente, tudo ficou claro. Todos os movimentos que Crunard tinha feito, todas as pessoas que ele traíra: tudo tinha sido feito na esperança de resgatar seu filho.

– Então você pensou em trocar a vida de minha irmã pela de seu filho?

– Pareceu-me uma troca justa, já que, se não fosse pelo sangue derramado por meus filhos no campo de batalha, nada disso seria dela. Além do mais, eu não estava trocando a vida dela, apenas seu ducado. São coisas bem diferentes.

“No início, foi fácil. Eu trabalhei em silêncio, nos bastidores, pendendo suavemente a balança da guerra em favor da França sem fazer mal a uma alma. Então você entrou em cena. Você e suas malditas estratégias, táticas e teimosia obstinada. Se tivesse deixado as coisas se desenrolarem como deveriam, nada disso teria acontecido. Mas você não fez isso. Estava determinado a entregar sozinho para sua irmã um ducado independente, junto com os meios de mantê-lo. Pode ter certeza de que eu não valorizava *sua* vida acima da dos meus filhos, por isso não tive escolha além de eliminá-lo. Agora, sente-se, para que possamos terminar o jogo.”

– Você sempre joga xadrez com uma besta carregada no colo? – perguntou Duval, e finalmente entendi por que ele tinha me empurrado de volta para o túnel.

– Só contra adversários especialmente desafiadores – retrucou Crunard.

Mas aquilo podia ser resolvido facilmente. Peguei minha própria besta da corrente em minha cintura. Ela era menor que a de Crunard, mas era igualmente mortal. Armei uma seta e me movi em silêncio na direção da porta.

– Você pode começar, acho – disse Crunard a Duval.

– Não! – gritei, entrando no quarto e apontando a besta para a testa de Crunard. – Era assim que ele estava envenenando você: cobrindo as peças de xadrez com o Laço de Arduinna.

– *Demoiselle Rienne*, eu mal a reconheci em seu vestido novo. O que o convento estava pensando ao enviá-la em tais trajes? Ou você jogou fora seu futuro lá por Duval, aqui? – Apesar de sua voz estar seca e cheia de escárnio, ele empalideceu, e seus olhos estavam cautelosos.

Enquanto eu olhava fixamente para ele, minha raiva por tudo o que aquele homem roubou de mim fervilhava, quase me sufocando. Sua traição havia manchado a pureza do convento e nos arrastado para disputas mundanas. Ele tinha me usado, e a abadessa também, como peões em seus jogos. Ele quase havia matado Duval e chegou perto de impedir que Anne reivindicasse seu trono. E, embora eu tivesse simpatia por seu filho, essa simpatia não era maior do que tudo o que eu valorizava.

Mas, mesmo enquanto o encarava com morte no coração, hesitei. Depois de estar cara a cara com a misericórdia de Mortain, eu a via em tudo. Pois, embora Crunard tivesse enganado muitos, as sementes de sua traição tinham origem no amor por seu filho.

Matá-lo naquele momento traria um tipo de justiça, mas também seria resultado da raiva em meu coração. E, quando me movi pelo campo de batalha, jurei a mim mesma que não me envolveria mais em nenhum tipo de vingança.

Tomada por partes iguais de espanto e repulsa, percebi que não poderia matar aquela raposa velha, por mais que ele merecesse.

Soltei um suspiro de frustração, baixei o braço que segurava a besta e o golpeei na cabeça. Seus olhos tiveram tempo apenas para registrar a surpresa antes de se revirarem e ele cair na cadeira.

Duval virou-se para mim, seus olhos inescrutáveis.

– Seu Deus guiou sua mão agora?

– Não – eu disse, olhando para o corpo inerte de Crunard. – Isso foi ideia minha. Você tinha alguma melhor?

– Além de segurar seu pescoço e apertar até matá-lo, não.

Houve um momento longo enquanto eu o senti me observar, por isso tomei cuidado para que nossos olhares não se encontrassem.

– Essa opção também passou por minha cabeça, mas precisamos dele vivo para podermos limpar seu nome com o resto do conselho – eu disse, mas não achei que ele tivesse sido enganado pela desculpa.

Eu o teria xingado por enxergar demais, se não estivesse feliz

demais por ele estar vivo para enxergar qualquer coisa.



Eram dois dias a cavalo até Rennes, mas, devido ao estado enfraquecido de Duval, levamos três.

Não reclamei do ritmo lento. Na verdade, era a primeira vez que estávamos sozinhos, com apenas nós mesmos e nosso prazer a ser levado em conta. Assim que deixamos Guérande, a névoa se dissipou, e os dias ficaram frios e límpidos. Era o verão de Mortain, como o chamávamos, e parecia certamente ser um presente do próprio Deus.

O ar limpo e frio expulsou os últimos vestígios de veneno dos pulmões de Duval, e sua cabeça melhorou rapidamente. Conversávamos e ríamos enquanto cavalgávamos. Na verdade, eu nunca tinha rido tanto assim. Duval me mostrou os domínios de seu pai, e eu parava e dava graças a cada menir por que passávamos.

As noites eram nossas. Sentávamos diante do fogo aceso por ele com nossos corpos se tocando das coxas aos ombros, e compartilhávamos vinho de um odre e carne assada em um espeto. Conversávamos sobre coisas corriqueiras, coisas pessoais. Eram momentos ternos e gloriosos, e eu sabia que terminariam rápido demais.

Em nossa última noite na estrada, Duval estava mais quieto que de costume. Ele tirara uma fita de meu cabelo e estava sentado brincando com ela.

– Qual o problema? – perguntei por fim.

Ele olhou para mim. Seus olhos negros refletiam as chamas do fogo.

– Temos decisões a tomar quando chegarmos a Rennes.

Afastei o olhar, aborrecida por o mundo real se intrometer naquela última noite.

– Eu sei. – Peguei um graveto próximo e aticei o fogo.

– Ismae, eu lhe proporia casamento se você me aceitasse.

Meu corpo inteiro ficou imóvel, chocado com a honra que ele me oferecia, uma honra que eu jamais ousei imaginar.

Ele sorriu.

– Acho que Saint Camulos e Saint Mortain poderiam facilmente chegar a um acordo. Eles trabalham de mãos dadas com grande frequência no mundo mortal.

Não consegui conter um sorriso, pois aquilo era algo muito prático, uma observação típica de Duval.

– Talvez, milorde. Guerra e Morte são conhecidas por estarem intimamente ligadas. Mas, primeiro, preciso conversar com minha abadessa. – Havia ainda muitas perguntas sem resposta sobre o convento e meu serviço a ele.

– Então você planeja permanecer no convento?

– Ainda não sei. Tudo o que sei é que, se ficar, vai ser diferente, especialmente agora que sei que não posso mais acreditar na integridade de suas ordens.

Capítulo Cinquenta e Quatro

Alcançamos a duquesa e os outros bem perto das muralhas de Rennes, na velha abadia de St. Brigantia. Isabeau já estava lá, acompanhada por madame Hivern e pela fiel Louyse. Quando Anne e Isabeau viram o irmão, deram gritos de alegria e correram para ele. Por um breve momento, não eram princesa, duquesa e bastardo, mas uma família reunida.

Fiquei surpresa ao me ver envolta nos braços fortes de Louyse quando ela me abraçou contra seu peito, aliviada por me ver inteira. Sem saber ao certo o que fazer com tal afeição, dei um tapinha desajeitado em suas costas.

As irmãs de Brigantia nos deram alguns momentos para festejarmos nossa reunião, depois nos conduziram aos aposentos que haviam preparado para nós. Elas supunham, com razão, que precisávamos descansar e nos refrescar depois de nossas viagens. Na verdade, eu estava com saudades da viagem e já sentia falta do tempo que Duval e eu tínhamos compartilhado na estrada. Uma noviça abriu a porta para mim, depois se retirou em silêncio. Finalmente sozinha, fechei os olhos e me apoiei contra a grossa porta de madeira.

Um leve farfalhar de tecido me assustou e me fez abrir os olhos. A abadessa de St. Mortain estava sentada em uma cadeira perto da lareira, vestida em seu hábito cerimonial negro. Seu rosto pálido nada revelava de seus pensamentos.

Fui tomada de medo, arrependimento e remorso – sentimentos feios e vergonhosos que me fizeram cair de joelhos.

– Madre superiora – disse eu, sem raciocinar direito enquanto minha fronte tocava o chão frio e duro.

– Filha. – A voz dela estava gelada, e minha mente ficou vazia de pânico. Eu achava que teria tempo de pensar em tudo o que diria a ela. E que o faria por carta, que ela leria atrás dos muros grossos do convento, não sentada à minha frente como a própria vingança encarnada.

Houve um farfalhar de pergaminho. Olhei para cima e a vi abrir uma mensagem sobre o colo. Minha mensagem para ela.

– Parece que temos muito sobre o que conversar.

– Sim, santa madre. Temos. – Fiquei satisfeita ao notar que minha voz não tremia demais.

Então lembrei de minha decisão e me levantei, apesar de ela não ter me convidado a fazer isso. Levei um momento para ajeitar a saia e me recompor, depois olhei-a nos olhos com firmeza.

– O chanceler Crunard traiu todos nós.

O rosto dela estava imóvel como mármore.

– Explique.

Então eu expliquei. Contei sobre sua falsidade e astúcia e como ele ficava nos bastidores manobrando as pessoas como se fossem peões e destruindo vidas. Quando terminei, não sabia dizer se ela tinha ou não acreditado em mim. Finalmente, ela falou:

– Se isso for mesmo verdade, o chanceler Crunard vai ter de responder por muita coisa.

Assenti, aceitando que o que eu lhe contara devia ter sido um grande choque.

– Ele está em segurança nas masmorras de Guérande, aguardando qualquer justiça que a duquesa e seu conselho decidam aplicar. – Apertei as mãos com força na minha frente. – Tem outra coisa, madre superiora. Algo sobre o qual preciso alertá-la. – Ela ergueu as sobrancelhas, mas não interrompeu, por isso continuei. – Comecei a acreditar que as marcas que Mortain usa para nos guiar são muito mais complexas do que imaginávamos. Temo que elas nem sempre surjam para direcionar nossas ações, mas sejam mais um reflexo do que vai acontecer...

– Silêncio! – A abadessa se levantou abruptamente, interrompendo minhas palavras com um aceno de mão. – Você quer educar seus superiores? Não está me dizendo nada de novo. Depois que servir Mortain e estudar Seus desígnios por vários anos ou mais, então pode ter a presunção de me ensinar sobre Seus princípios. Mas nunca antes disso. – Com os olhos azuis frios cheios de raiva, ela foi até a janela e olhou para o jardim interno do convento. – E Duval? Você o ama? – O tom zombeteiro em sua voz sugeria que eu queria rolar nua na lama com porcos.

Fechei os olhos e procurei em meu interior uma centelha da presença que eu agora carregava, na esperança de que me desse forças.

– Amo.

Quando ela se virou outra vez para mim, seu rosto estava vincado de fúria.

– Você jogaria fora tudo o que demos a você pelo amor de um homem?

– Não pelo amor de um homem – disse delicadamente. – O de Duval. E eu encontraria uma maneira de servir tanto meu Deus quanto

meu coração. Sem dúvida Ele não nos dá um coração para ser ignorado por toda a nossa vida.

Ela recuou como se tivesse sido atingida.

– Então agora você é uma especialista nos desígnios de Mortain?

Não pisquei.

– Fiquei cara a cara com Ele no campo de batalha em frente a Nantes. Ele não era como eu achei que seria.

Ela deu um meio sorriso de desdém.

– Você viu Mortain? Ele surgiu para você em uma visão?

– Não, madre superiora. Em carne, ou na carne que têm os santos. Ele falou comigo e me chamou de filha, e eu encontrei paz com Ele. Quero servir em honra de Sua misericórdia em vez de Sua ira.

Percebi que ela queria me punir. No início, achei que fosse por tê-la desafiado, depois percebi que era por eu ter visto Mortain, e ela não.

– Você não pode esperar fazer seus votos definitivos agora.

– Não quero fazer meus votos definitivos, madre superiora. – Na verdade, estava surpresa com tudo o que eu *não* queria fazer. Pensei em Annith encarando o resto de sua vida enclausurada no convento sem jamais sair de seus muros. Pensei em Sybella presa em uma missão infernal que sem dúvida a estava deixando louca. Seria realmente isso o que Mortain desejava para elas?

Além disso, agora que eu finalmente tinha algumas opções na vida, não tinha intenção de devolvê-las todas ao convento.

– O convento se concentra apenas em um aspecto da glória de Mortain, madre superiora. Quero entender melhor as outras partes d'Ele antes de me dedicar a tal caminho.

– Vejo que eu estava errada sobre sua devoção a seus deveres e obrigações. – A abadessa olhou para mim como se eu fosse algum tipo de verme, e tive de me esforçar para me aferrar à minha força recém-descoberta.

– A senhora não me entendeu bem. Estou dedicada a servir Mortain. É sobre o convento que tenho dúvidas.

Suas narinas se dilataram e seus lábios ficaram brancos. Ela respirou fundo por um instante, depois, cerrando os dentes, levantou a saia e saiu do quarto.



Exatamente quinze dias após seu aniversário de treze anos, Anne da Bretanha foi vestida cuidadosamente em trajes adequados para uma duquesa. Quando terminou, Isabeau a beijou nas duas faces, depois Anne se virou e deixou a abadia de St. Brigantia. Uma pequena procissão seguia com ela: eu, Duval, Dunois e François. A abadessa de St. Brigantia veio conosco, assim como a abadessa de St. Mortain. A noite tinha caído, e nosso caminho era iluminado por tochas,

enquanto seguíamos para a entrada principal da cidade, onde a porta levadiça estava fechada para nós. Quando chegou ao fosso, Anne se adiantou de nosso pequeno grupo e parou sozinha diante dos portões da cidade. Ela levantou sua voz jovem e clara e falou as palavras antigas que todos os governantes da Bretanha tinham falado, prometendo preservar os privilégios e a liberdade tanto da nobreza como das pessoas comuns de seu país.

Em resposta, a multidão irrompeu em vivas de alegria. Estavam ansiosos para receber sua nova duquesa, e o ruído de correntes pesadas em movimento foi ouvido enquanto a ponte levadiça descia. Um baque surdo soou quando ela tocou o chão, tão triunfante quanto qualquer sino. Com a cidade agora aberta para ela, Anne subiu na ponte levadiça e entrou.

Clarins soaram e crianças gritavam e atiravam punhados de sementes e pétalas secas de flores enquanto a multidão a acompanhava até a grande catedral. Como o costume exigia, Anne passaria a noite em oração antes de ser coroada pela manhã. Nós seis ficaríamos vigiando à distância. Aquela era uma vigília que ela devia manter sozinha. Seu fardo estava mais leve, entretanto, pelo presente de coroação que lhe fora dado por Duval: seis mil tropas inglesas para lutar a seu comando.

Foi uma noite longa, mas isso não foi um problema, pois todos naquela igreja tinham muita coisa em que pensar. Várias vezes durante a madrugada, senti o olhar de minha abadessa sobre mim, intrigada e pensativa. Eu me surpreendi ao perceber que aquilo não me incomodava nem um pouco. Qualquer que fosse o poder que ela tinha sobre mim, ele não existia mais.

Duval, entretanto, era outra questão, e, sempre que ele olhava para mim, eu o sentia com a mesma intensidade, como se tivesse estendido o braço e passado os dedos por minha alma. Tive de me controlar para não sorrir diante da grande maravilha disso.

Apesar de os vitrais multicoloridos ocultarem o céu, eu percebi o momento em que a noite deu lugar à manhã. Ao alvorecer, Duval se aproximou de mim. Quando ergui o rosto, nossos olhares se encontraram, e mesmo naquele lugar solene e naquela mais solene das ocasiões, não pude conter um sorriso. Sua mão se moveu e, quando olhei para ela, vi que ele estava brincando com a fita vermelha que tirara de meu cabelo. Ele havia dado nove nós nela, invocando as bênçãos dos nove santos. Quando pegou minha mão, meu coração começou a bater mais forte. Será que ele queria que nos comprometêssemos naquele instante, diante da duquesa, de Deus e de todos os nossos santos? Apesar de ter certeza do meu amor por ele, eu ainda não sabia se era aquilo o que queria.

Ele segurou minha mão com delicadeza e, antes que eu pudesse

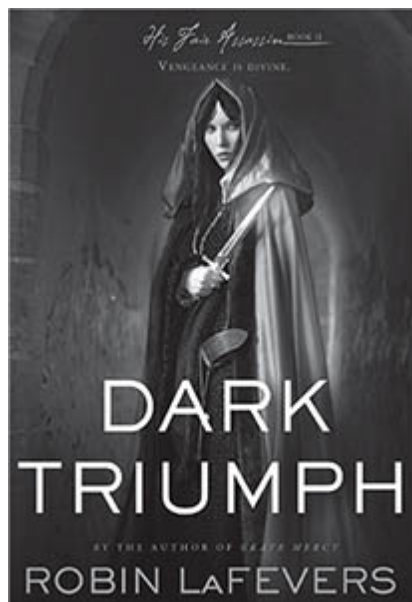
puxá-

-la, envolveu não nossos dois pulsos com a fita, mas só o meu. Então se aproximou e sussurrou tão baixo que mal consegui escutá-lo:

– Quando você estiver pronta, ou mesmo se nunca estiver, meu coração pertencerá a você até que a morte nos separe. O que quer que isso signifique quando você está se comprometendo com uma das servas da Morte.

Uma pequena risada brotou em meu coração. Inclinei-me para a frente e selei seu juramento com um beijo, sem me importar se Deus e os santos e até a abadessa de St. Mortain pudessem estar nos observando. Pois, embora eu fosse a filha da Morte e caminhasse em Suas sombras escuras, às vezes as trevas podiam ceder espaço para a luz.

Não perca!
Em breve o segundo livro da série



[capa original americana]

Sua opinião é muito importante!
Mande um email para opinioao@vreditoras.com.br
com o título deste livro no campo "Assunto"

Conheça-nos melhor em
vreditoras.com.br

 /vreditorasbr
 @vreditorasbr
 VREditorasBR